UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS RURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EXTENSÃO RURAL

RELAÇÕES DE GÊNERO E APROPRIAÇÃO DE TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA AGRICULTURA FAMILIAR DE SANTA MARIA-RS

TESE DE DOUTORADO

Clarissa Schwartz

Santa Maria, RS, Brasil

2012

RELAÇÕES DE GÊNERO E APROPRIAÇÃO DE TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA AGRICULTURA FAMILIAR DE SANTA MARIA - RS

Clarissa Schwartz

Tese apresentada ao Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Doutora em Extensão Rural**.

Orientadora: Profª. Drª. Ada Cristina Machado da Silveira

Santa Maria, RS, Brasil

2012

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

SCHWARTZ, CLARISSA
Relações de gênero e apropriação de tecnologias de informação e comunicação na agricultura familiar de Santa Maria - RS / CLARISSA SCHWARTZ.-2012.
280 p.; 30cm

Orientador: ADA CRISTINA MACHADO DA SILVEIRA
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Rurais, Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, RS, 2012

1. GÊNERO 2. GERAÇÃO 3. MULHER RURAL 4. EXTENSÃO RURAL 5. TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO I. SILVEIRA, ADA CRISTINA MACHADO DA II. Título.

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Rurais
Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Tese de Doutorado

RELAÇÕES DE GÊNERO E APROPRIAÇÃO DE TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA AGRICULTURA FAMILIAR DE SANTA MARIA - RS

elaborada por
Clarissa Schwartz

como requisito parcial para obtenção do grau de
Doutora em Extensão Rural

COMISSÃO EXAMINADORA:

Ada Cristina Machado da Silveira, Drª.
(Presidente/Orientadora)

Anita Brumer, Drª. (UFRGS)

Antônio Luiz Oliveira Heberlê, Dr. (EMBRAPA)

Veneza Mayora Ronsini, Drª. (UFSM)

Albertinho Luiz Gallina, Dr. (UFSM)

Santa Maria, 24 de abril de 2012.

AGRADECIMENTOS

Professora Ada Cristina Machado da Silveira pelo incentivo, pelos esclarecimentos, pela orientação, pela disposição e, principalmente, pelo exemplo;

Leandro Schwarcke do Canto pelo companheirismo nessa caminhada;

Minha mãe Claci, que soube compreender minha ausência em momentos difíceis;

Projeto Esperança/Cooesperança pela receptividade e também pelo empenho em nos auxiliar;

Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santa Maria também pela colaboração;

Informantes qualificados Irmã Lourdes Dill, Joel Orlando Bevilaqua Marin, Lérida Pavanello, Jorge Aristimunha, Delcimar Borin e Gilmar Desconzi que prontamente se dispuseram a compartilhar seus conhecimentos conosco;

Famílias de agricultores familiares que nos receberam com tanta hospitalidade;

Professores Pedro de Hegedus, Adriano Mendonça de Souza e Vicente Celestino Silveira pelas contribuições no esclarecimento de nossas dúvidas;

RBS TV Santa Maria pelo incentivo à qualificação;

Rejane de Oliveira Pozobon pela valiosa amizade;

Odilon e Suzana do Canto pelo carinho e apoio;

Daniela Schwarcke do Canto pelo *abstract*;

Todos aqueles que, de uma forma ou outra, contribuíram para a realização deste trabalho.

RESUMO

Tese de Doutoramento
Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural
Universidade Federal de Santa Maria

RELAÇÕES DE GÊNERO E APROPRIAÇÃO DE TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA AGRICULTURA FAMILIAR DE SANTA MARIA - RS

AUTORA: CLARISSA SCHWARTZ
ORIENTADORA: ADA CRISTINA MACHADO DA SILVEIRA
Data e Local da Defesa: Santa Maria, 24 de abril de 2012.

A tese desenvolveu-se tendo como problema de pesquisa a questão se as tecnologias de informação (TICs) conferem algum tipo de empoderamento às mulheres rurais. Para respondê-la teve-se como objetivo principal analisar a apropriação das TICs na agricultura familiar de Santa Maria, RS, a partir das relações de gênero. Por entender-se que informação a respeito das mulheres é também informação a respeito dos homens (SCOTT, 1995), a pesquisa envolveu mulheres rurais, agricultores familiares e filhos e filhas jovens, tendo a temática da geração como um objeto específico. Para a coleta e análise dos dados a pesquisa utilizou a metodologia Q que tem como características a produção de dados quali-quantitativos, ademais de evitar respostas condicionadas e também minimizar a interferência do pesquisador nos dados coletados. Para a realização da coleta de dados foram cumpridas seis etapas: realização de três grupos de discussão com agricultores familiares, mulheres rurais e jovens rurais; entrevistas com seis informantes qualificados ligados à temática da agricultura familiar; elaboração de 32 assertivas a partir da transcrição e análise das entrevistas com os informantes qualificados; classificação das assertivas por dez famílias de agricultores familiares; obtenção de fatores a partir de *software* específico e análise dos resultados. Os fatores são grupos de pessoas que tem padrões de respostas em comum (HEGEDUS, 2005). Na pesquisa, que contemplou ao todo, dez agricultores, dez mulheres rurais e quinze jovens rurais (sendo dez meninas e cinco meninos), foram feitas cinco análises fatoriais que buscaram identificar supostas diferenças de gênero e geração nos vínculos estabelecidos por meio das TICs. Para compreender como os vínculos afetivos e produtivos são estabelecidos, partimos da abordagem de vinculação social de Muniz Sodré (2002). A tese foi estruturada em três capítulos. O Capítulo 1 *Aspectos Metodológicos da Pesquisa* descreve o percurso metodológico; o Capítulo 2 *Gênero e Geração* aborda os estudos de gênero e geração no meio rural e também traz os resultados das primeiras três fases da pesquisa e o Capítulo 3 *Tecnologias de Informação e Comunicação e Vínculos* contextualiza o avanço das TICs no Brasil, descreve as famílias que participaram da classificação das assertivas e também apresenta e analisa os fatores obtidos por essa classificação. Os fatores foram sintetizados com as denominações de Novos Vínculos, Vínculos em Questão, Vínculos Corretos, Vínculos em Conflito e Vínculos Educativos. A análise dos fatores verificou que as mulheres rurais estão assumindo um novo papel dentro das propriedades rurais familiares e também no núcleo familiar, rejeitando o papel legitimado de subordinação (BOURDIEU, 2002). Esse empoderamento é impulsionado pelo maior acesso à informação por meio das TICs, especialmente o telefone celular. Especificamente no caso das jovens rurais, que na maioria das famílias visitadas possuem acesso à TICs como computador e conexão com a Internet, os parâmetros de empoderamento como autoconfiança e habilidade de tomar decisões (CORDEIRO, 2010) são ainda mais evidentes.

Palavras-chave: Gênero, Geração, Mulher Rural; Extensão Rural, TICs.

ABSTRACT

Doctoral Thesis
Graduate Program in Rural Extension
Federal University of Santa Maria

GENDER RELATIONS AND APPROPRIATION OF INFORMATION AND COMMUNICATION TECHNOLOGIES IN FAMILY FARMING IN SANTA MARIA, RS:

AUTHOR: CLARISSA SCHWARTZ
ADVISOR: ADA CRISTINA MACHADO DA SILVEIRA
DATE AND PLACE OF DEFENSE: Santa Maria, April 24, 2012.

The thesis was developed having as research problem the question of whether the information and communication technologies (ICTs) give rural women some kind of power. To answer this, the main objective was to analyze the appropriation of the ICTs in family farming in Santa Maria-RS from the gender relations. Because we believe that information regarding women is also information regarding men (SCOTT, 1995), the research involved rural women, family farmers and young sons and daughters, having the generation theme as a specific goal. For the collection and analysis of data the research used the Q methodology which has as characteristic the production of quali-quantitative data, it also avoids conditioned answers and minimizes the interference of the researcher in the collected data. For the collection of data six steps were accomplished: realization of three discussion groups with family farmers, rural women and rural youngsters; interview with six qualified informers linked to the thematic of family farming, elaboration of 32 assertions from the transcription and analysis of the interviews with the qualified informers; classification of the assertions by ten families of family farmers; the obtaining of factors from specific software and analysis of the results. The factors are groups of people that share similar answer patterns (HEGEDUS, 2005). In the research, which contemplated in whole, ten farmers, ten rural women and fifteen rural youngsters (ten girls and five boys), five factorial analysis were performed which sought to identify supposed gender and generation differences in the bonds established by ICTs. To understand how these bonds are established, we started from the social bonding approach by Muniz Sodré (2002). The thesis was structured in three chapters. Chapter 1 *Methodological Aspects of the Research* describes the methodological path; Chapter 2 *Gender and Generation* deals with the study on gender and generation in the rural environment and also brings the results of the first three steps of the research and Chapter 3 *Information and Communication Technologies and Bonds* contextualizes the advance of ICTs in Brazil, describes the families that participated in the classification of the assertions and also presents and analyses the factors obtained by this classification. The factors were synthesized with the denomination: New Bonds, Bonds in Question, Correct Bonds, Conflicting Bonds and Educational Bonds. The analysis of the factors verified that rural women are assuming a new role inside the rural family properties and also in the family nucleus, rejecting the legitimate role of subordination (BORDIEU, 2002). This empowerment is driven by the greater access to information by the ICTs, specially the cellular phone. Specifically in the case of rural youth, which in most of the visited families have access to ICTs such as computers and Internet connection, the empowerment parameters such as self-assurance and the ability to make decisions (CORDEIRO, 2010) are even more evident.

Keywords: Gender, Generation, Rural Woman; Rural Extension, ICTs.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Grade de classificação da metodologia Q 29
Figura 2 – Jovens fazem a classificação da metodologia Q 32
Figura 3 – Reprodução do preenchimento da grade de classificação no software PCQ 33
Figura 4 – Esquema do percurso metodológico 35

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Número de propriedades rurais familiares e não familiares e área ocupada pelas propriedades no país, no Rio Grande do Sul e no município gaúcho de Santa Maria 41
Tabela 2 – Elementos que caracterizam o novo rural 47
Tabela 3 – Distribuição da população segundo o sexo e o local de moradia em 2000 e 2010 62
Tabela 4 – Evolução da população residente no Rio Grande de Sul segundo a situação do domicílio 63
Tabela 5 – Números relativos e valores percentuais da população residente em Santa Maria segundo sexo e local de moradia 63
Tabela 6 – Relação de assertivas construídas a partir da metodologia Q 92
Tabela 7 – Número de telefones móveis habilitados no Brasil 98
Tabela 8 – Relação da teledensidade móvel por regiões e unidades da federação 100
Tabela 9 – Percentual de domicílios particulares permanentes com rádio, televisão, telefone, computador e Internet 103
Tabela 10 – Percentual de pessoas com mais de dez anos de idade que têm telefone celular para uso pessoal segundo as regiões do país e o sexo 104
Tabela 11 – Percentual de pessoas com mais de dez anos de idade que usou a Internet no período de referência dos últimos três meses segundo as regiões do país e o sexo 105
Tabela 12 – Percentual de pessoas de 10 anos ou mais de idade que tinham telefone celular para uso pessoal e que utilizaram a Internet no período de referência dos três últimos meses 106
Tabela 13 – Percentual de domicílios particulares permanentes do Brasil com computador e acesso à Internet 106
Tabela 14 – Relação de assertivas construídas a partir da metodologia Q que foram classificadas em consenso pelos fatores A4 e B4 do grupo filhos e filhas 151
Tabela 15 – Classificação das assertivas pelos fatores encontrados na metodologia Q 153

LISTA DE ANEXOS

Anexo A – Reprodução da manchete do Diário de Santa Maria em 13 de agosto de 2007..... 177

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice A – Transcrição da oficina A importância da Comunicação para a mulher rural 181
Apêndice B – Transcrição do grupo de discussão com mulheres rurais 190
Apêndice C – Transcrição do grupo de discussão com agricultores familiares ... 203
Apêndice D – Transcrição do grupo de discussão com jovens rurais 218
Apêndice E – Ficha de identificação das famílias participantes da quarta etapa da metodologia Q 231
Apêndice F – Transcrição das entrevistas com informantes qualificados 232

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 13
1 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA 21
1.1 Caracterização do estudo 21
1.2 Localização do estudo 22
1.3 O público-alvo 23
1.4 Etapas da metodologia Q 24
1.4.1 Grupos de discussão 25
1.4.2 Entrevistas com informantes qualificados 26
1.4.3 Construção e classificação das assertivas 28
1.4.4 Obtenção dos fatores 33
2 GÊNERO E GERAÇÃO NO MEIO RURAL 37
2.1 Os estudos de gênero 37
2.2. O gênero no meio rural 39
2.2.1 Os elementos do novo rural 40
2.2.2. O papel da mulher rural 48
2.2.3 As mudanças na família rural 59
2.3 A juventude rural 61
2.4 Os papéis da mulher e do jovem rural segundo os informantes qualificados 72
2.4.1 A busca da independência 73
2.4.2 A migração 78
2.4.3 O meio rural e as tecnologias de informação e comunicação 84
2.4.4 O futuro da agricultura familiar 88
2.4.5 Relação das assertivas 90
3 TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO E VÍNCULOS 97
3.1 O avanço das telecomunicações 97
3.1.1 A telefonia móvel 97
3.1.2 O acesso à Internet 104
3.1.3 As TICs no meio rural de Santa Maria 108
3.2 Descrição das famílias participantes da terceira etapa da metodologia Q 113
3.2.1Família “A” 113
3.2.2 Família “B” 115
3.2.3 Família “C” 117
3.2.5 Família “D” 118
3.2.5 Família “E” 120
3.2.6 Família “F” 122
3.2.7 Família “G” 123
3.2.8 Família “H” 125
3.2.9 Família “I” 126
3.2.10 Família “J” 127
3.3 A vinculação social 129
3.3.1. Novos vínculos 130
3.3.2 Vínculos em questão 134
3.3.3 Vínculos corretos 137
3.3.4 Vínculos em conflito 140

3.3.5 Vínculos educativos 145
3.4 TICs e empoderamento 158
CONSIDERAÇÕES FINAIS 161
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 167
ANEXOS 175
APÊNDICES 179

INTRODUÇÃO

Indo para o trabalho logo depois do almoço, avisto da janela do ônibus uma carroça. Com uma das mãos, o jovem carroceiro segura as rédeas do cavalo e a outra é usada para carregar um telefone celular. Em seu primitivo meio de transporte, ele conversa tranquilo, com quem está do outro lado da linha. Uma cena que une duas tecnologias criadas em épocas bem distintas, mas com um objetivo em comum: a mobilidade.

Em uma reportagem de televisão sobre o drama de famílias que moram em casebres e sofrem com o frio rigoroso do inverno, a menina Sara emociona os telespectadores ao tentar fechar as frestas de casa com folhas de seus trabalhinhos de escola. Dezenas de pessoas ligam para a emissora onde a reportagem foi exibida para doar material de construção, roupas e alimentos. A família de Sara é muito pobre, mora em um barraco, mas tem um telefone celular, e, é por meio desse aparelho, que o pai da menina atende as dezenas de ligações de pessoas interessadas em ajudar a família.

Os dois episódios que aconteceram em Santa Maria em 2011 são evidências que indicam a popularização da telefonia móvel no Brasil, que, em fevereiro de 2012, chegou a 247,6 milhões de linhas e teledensidade de 126,45 acessos por cada grupo de 100 habitantes (ANATEL, 2012). O aparelho chegou até mesmo aos mais pobres da sociedade, preenchendo uma lacuna nunca antes ocupada pela telefonia fixa. No meio rural não é diferente. Os moradores do campo, tradicionalmente isolados pela distância das cidades e entre as propriedades e também pela precariedade das estradas, começaram a se interligar através dos telefones celulares. Em 2010, os lares da zona rural apresentaram o maior crescimento de posse de telefone móvel, passando de 58 por cento em 2009 para 68 por cento em 2010 (COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL, 2011).

Em 2007, a dissertação de mestrado *A recepção das tecnologias de informação e comunicação entre os agricultores familiares de Santa Maria, Rio Grande do Sul* (SCHWARTZ, 2007) identificou a importância da telefonia móvel para os agricultores familiares, grupo que contempla 84 por cento dos estabelecimentos agrícolas do país (IBGE, 2006) e que tem como características a produção baseada

na diversificação de cultivos e criações e também o trabalho familiar com eventual mão de obra assalariada (MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO, 2002).

A pesquisa, também orientada pela professora Ada Cristina Machado da Silveira, fez um levantamento das tecnologias de informação e comunicação existentes em 157 propriedades rurais familiares do interior de Santa Maria. Entendemos que as tecnologias de informação e comunicação, TICs, são os recursos e suportes tecnológicos que permitem o fluxo de informações e abrangem diversos meios de comunicação, desde os mais antigos como rádio, televisão, jornais, revistas, livros, telefones fixos até mais modernos, como telefones celulares, computadores, *tablets*, equipamentos de gravação de áudio e vídeo, redes e sistemas multimídia, entre outros.

A dissertação constatou que, na época da pesquisa, apenas 11,5 por cento das propriedades rurais familiares do município não tinham telefone celular. Ao todo, foram identificados 11 tipos de equipamentos de comunicação existentes nas propriedades rurais familiares: o rádio foi o único equipamento presente em todas as casas; a televisão estava em 98,7 por cento dos lares; o celular em 88,5 por cento; o aparelho de cd em 59,9 por cento; a antena parabólica em 38,2 por cento; 21,6 por cento possuíam telefone convencional; o videocassete estava em 19,1 por cento das casas; a máquina fotográfica digital em 10,1 por cento; 10,8 por cento tinham rural cel; o microcomputador estava em 6,4 por cento dos lares e aparelho de DVD em 6,4 por cento das casas. O diagnóstico inédito na cidade foi manchete de capa do Jornal Diário de Santa Maria em 13 de agosto de 2007 (Anexo A).

Especificamente sobre o telefone celular, a dissertação diagnosticou que, em 2007, para 26 por cento dos entrevistados a principal utilidade do equipamento era manter o contato com a família e para outros 26 por cento a principal utilidade era resolver problemas do dia a dia e também obter informações para evitar deslocamentos. A pesquisa entrevistou apenas um representante de cada família, sendo que 68,8 por cento eram homens e 31,2 por cento eram mulheres. Apesar de pouco menos de um terço dos entrevistados ser do sexo feminino, chamou a atenção o interesse e a valorização das mulheres em relação às tecnologias de informação e comunicação que, ouvidas em grupos de discussão mistos, tiveram participação ativa e destacaram que a telefonia móvel foi incorporada ao dia a dia das famílias que vivem no meio rural, possibilitando economia de tempo, dinheiro e também maior contato com a família: “Hoje a gente não pode mais ficar sem

telefone. Se tivesse que cortar, de não existir, eu acho que a gente não viveria", descreveu uma agricultora ouvida pela pesquisa.

Foi a partir da observação das mulheres rurais com as tecnologias de informação e comunicação, especialmente com o telefone celular, até mesmo porque em 2007 o computador era um bem raro no meio rural, que começamos a investigar supostas diferenças de gênero no uso e apropriação das TICs. Para investigar o assunto, foi elaborado em 2008 o projeto de pesquisa *TICs e vínculo social: mulheres e relações de gênero na agricultura familiar.* O projeto financiado pelo MDA-CNPq reuniu alunos de doutorado em Extensão Rural e também de graduação em Comunicação Social com o objetivo de identificar os valores associados à atuação das mulheres na gestão das relações de gênero da agricultura familiar tomada como mediadora das relações afetivo-produtivas através do uso das TICs. O projeto foi criado tendo como hipótese que esta articulação pode ser determinante na fixação das jovens no meio rural e pode auxiliar a estreitar os vínculos afetivos e produtivos nas propriedades rurais familiares e teve como resultados o trabalho *TICs e relações afetivo-produtivas na agricultura familiar: enfrentando o isolamento e a exclusão digital* (SILVEIRA; SCHWARTZ, 2011) que integra os anais da II Conferência de Desenvolvimento do Instituto de Economia Aplicada e também a oficina *A importância da Comunicação para a Mulher Rural*[1]*.* Para entendermos as relações afetivo-produtivas na agricultura familiar, partimos da perspectiva de vinculação social de Muniz Sodré (2002) expressa na competência comunicacional das TICs. Para o autor, a vinculação social pressupõe a inserção social do sujeito desde a dimensão da imaginação até sua conduta baseada em seus valores e são os vínculos que aproximam ou diferenciam os seres humanos.

Todos esses elementos contribuíram para a construção e elaboração da tese de doutorado que foi iniciada um semestre após a conclusão da dissertação:

[1] A oficina *A importância da Comunicação para a Mulher Rural* foi desenvolvida no dia 10 de julho de 2011 durante a sétima edição da Feira de Economia Solidária do Mercosul pelas pesquisadoras Clarissa Schwartz, Ada Cristina Machado da Silveira e Claudia Souto e contou com a participação de treze mulheres com atividades ligadas ao meio rural: duas de Santa Maria, quatro do estado do Espírito Santo, duas de Minas Gerais e cinco argentinas das cidades de Bahía Blanca e General Roca. Das treze participantes, duas eram agricultoras, duas trabalhadoras em agroindústrias, três mulheres ligadas a atividades artesanais, uma advogada, uma professora, uma servidora pública, duas assistentes sociais e uma extensionista rural. A oficina resultou no artigo Gênero e TICs: expondo a intimidade das relações de poder na agricultura familiar, submetido para a Revista Latino-americana de Geografia e Gênero. O artigo já foi aceito e tem previsão de publicação para setembro de 2012. A transcrição na íntegra dos relatos das participantes está no Apêndice A.

Relações de gênero e apropriação de tecnologias de informação e comunicação na agricultura familiar de Santa Maria - RS. Consideramos que o gênero é um elemento que constitui as relações sociais, a partir das diferenças percebidas e atribuídas entre os sexos. Ele também constitui uma forma primária de dar significado às relações de poder (SCOTT, 1995). A presente investigação foi iniciada partindo da hipótese de que a apropriação das TICs pode trazer benefícios para as mulheres rurais tradicionalmente vistas em um papel legitimado de subordinação dentro das propriedades, contribuindo para alavancar mudanças nas relações de poder dentro das famílias.

Apesar das TICs serem um tema central nas políticas públicas que têm como objetivo reduzir a pobreza e promover o desenvolvimento, a relação entre TICs e gênero, ainda é pouco explorada, especialmente no meio rural. Os investimentos, que têm como objetivo facilitar o acesso a essas tecnologias, tradicionalmente concentram-se nas áreas com maior densidade populacional. No entanto, as políticas públicas também começam a chegar ao interior, possibilitando alterações significativas no dia a dia da família rural como a aproximação das pessoas tradicionalmente isoladas por longas distâncias e maior acesso à informação. Nesse sentido, a pesquisa justifica-se porque busca analisar o incipiente processo de inclusão digital dos moradores do campo, especialmente dos jovens e mulheres, contribuindo também para embasar políticas públicas que ofereçam oportunidades para esses dois grupos cada vez mais ausentes do campo. Outra justificativa é a necessidade de conhecermos a importância das TICs não só para os aspectos produtivos das propriedades, mas também sua contribuição na manutenção dos vínculos afetivos da família rural.

Diante do exposto, a tese tem como problema central de pesquisa a pergunta: **as TICs conferem algum tipo de empoderamento às mulheres rurais?** Partimos da ideia geral de que o empoderamento é a alteração dos processos e estruturas que reproduzem a posição de subordinação das mulheres (YOUNG, 1997 apud CORDEIRO, 2010) sendo que ele pode ser observado através de indicadores como a construção de uma autoimagem positiva e também autoconfiança, desenvolvimento da habilidade de pensar criticamente e de tomar decisões (CORDEIRO, 2010).

Para resolvermos o nosso problema de pesquisa, o primeiro passo foi uma discussão de diferentes perspectivas de gênero a partir de autores como os

franceses Pierre Bourdieu (2010) e Alain Touraine (2007), os norte-americanos Joan Scott (2005) e Parry Scott (2010) e autores brasileiros como Anita Brumer (2004 e 2007), Vilênia Venâncio Porto Aguiar e Valmir Luiz Stropasolas (2010).

Com isso, o objetivo geral da pesquisa concentrou-se em **analisar a apropriação das TICs na agricultura familiar de Santa Maria, RS, a partir das relações de gênero.** Também elencamos três objetivos específicos:

a) investigar a importância da geração na relação entre as TICs e os vínculos afetivos e produtivos na agricultura familiar;
b) identificar os outros fatores que interferem nos usos das TICs;
c) mapear os reflexos dos usos das TICs nas propriedades rurais familiares.

Por entendermos, assim como Scott (1995), que informação a respeito das mulheres é também informação e respeito dos homens, a pesquisa não se restringiu às mulheres e também ouviu os maridos e filhos e filhas jovens, tendo a temática da geração como um objetivo específico, como já explicamos. Dessa forma buscamos identificar como a família rural identifica hoje o papel da mulher rural, uma vez que é dentro da família que acontecem as primeiras experiências de divisão sexual do trabalho e também onde essa visão adquire legitimação (BOURDIEU, 2010).

No entanto, ao iniciarmos a pesquisa de campo, tivemos a preocupação de evitar qualquer divisão pré-estabelecida acerca dos papéis de cada um dos membros da agricultura familiar. Por esse motivo, na primeira etapa do nosso percurso metodológico foram realizados grupos de discussão com mulheres, homens e jovens rurais para começarmos nossa pesquisa já a partir da visão de nosso público-alvo e nos distanciarmos dos nossos pré-conceitos. Também por termos como objetivo minimizar a influência do pesquisador sobre o objeto estudado foi escolhida a metodologia Q para a coleta de dados e análise dos resultados. A metodologia Q, que tem como característica evitar respostas condicionadas, foi desenvolvida em 1953 pelo físico e psicólogo inglês Willian Stephenson (HEGEDUS, 2005), e tem como finalidade estudar a subjetividade humana. A metodologia também foi escolhida por reunir mais de um tipo de abordagem tanto na coleta como na análise dos dados e, ainda, por ser uma proposta que permite ao público-alvo responder às perguntas de forma lúdica sem a formalidade de uma entrevista estruturada ou semi-estruturada, por exemplo. Uma perspectiva que favorece a aproximação com pessoas pouco familiarizadas com a exposição a situações de coletas de dados. Entre suas limitações, está o fato de que, como não trabalha com

amostras probabilísticas, a metodologia não permite a generalização dos resultados obtidos. Para a aplicação da metodologia foram cumpridas seis etapas:

1. realização de grupos de discussão;
2. entrevistas com informantes qualificados;
3. elaboração de assertivas;
4. classificação de assertivas pelo público-alvo;
5. obtenção de fatores a partir de *software* específico;
6. análise dos resultados.

Para desenvolver os objetivos propostos, a tese foi estruturada em três capítulos, sendo que os aspectos teóricos tiveram sua problematização articulada aos dados empíricos, oriundos de fontes primárias e secundárias.

As informações provenientes de fontes primárias provêm de diversos procedimentos realizados em diferentes momentos (2006, 2011, 2012): de oficina realizada com mulheres, grupos focais realizados com agricultores, mulheres rurais e jovens rurais, entrevistas com informantes qualificados e com famílias de agricultores familiares. Somente os procedimentos de 2011 e 2012 totalizaram 11 horas e 34 minutos de gravações de áudio e vídeo, totalmente transcritos para análise[2].

As informações provenientes de fontes secundárias são oriundas de instituições como Agência Nacional de Telecomunicações, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Ministérios do Governo Federal e também organizações internacionais que pesquisam as tecnologias de informação e comunicação, como o Banco Mundial. Paralelamente, a literatura serviu para construir o nosso entendimento das relações de gênero e de geração.

O primeiro capítulo, intitulado **Aspectos Metodológicos da Pesquisa,** apresenta o percurso metodológico, descreve cada uma das etapas da metodologia Q, nomeia as entidades e informantes qualificados que foram ouvidos durante a pesquisa e também detalha o processo de construção de assertivas e de obtenção de fatores.

[2] A transcrição de todas as entrevistas realizadas para a pesquisa está localizada nos apêndices A, B, C, D e F. Os trechos que foram selecionados para integrar o corpo da tese passaram por uma edição que manteve as palavras dos entrevistados, mas eliminou trechos redundantes com o objetivo de facilitar a compreensão e a leitura (ALBERTI, 2005). Essa edição atendeu a uma recomendação da banca examinadora.

O segundo capítulo, intitulado **Gênero e Geração,** aborda os estudos de gênero e geração no meio rural e também contextualiza elementos que formam o chamado novo rural (GRAZIANO DA SILVA, DEL GROSSI e CAMPANHOLA, 2002). O capítulo ainda traz os resultados das três primeiras etapas da pesquisa: a realização dos grupos de discussão; as entrevistas com os informantes qualificados e a construção das 32 assertivas sobre o tema da pesquisa para posterior classificação por famílias de agricultores familiares. As assertivas contemplaram quatro dimensões: o campo e a cidade, o papel da mulher e do homem rural, o jovens rurais e a família rural e a comunicação.

O terceiro capítulo, intitulado **Tecnologias de Informação e Comunicação e Vínculos** aborda o avanço das telecomunicações no Brasil, descreve as dez famílias que participaram da quarta etapa da metodologia Q e também apresenta os fatores que foram obtidos a partir da classificação das assertivas por parte das famílias. Os fatores que denominamos de Novos Vínculos, Vínculos em Questão, Vínculos Corretos, Vínculos em Conflito e Vínculos Educativos foram sintetizados a partir da abordagem de vinculação social de Muniz Sodré (2002).

Convidamos o leitor para uma lançar um novo olhar sobre o rural e, mais especificamente, sobre o papel atribuído à mulher rural que é um sujeito que está cada vez mais ativo, comunicativo e vinculado nas relações familiares e produtivas.

1 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Neste capítulo iremos apresentar o percurso metodológico realizado para atender aos objetivos da pesquisa. É um capítulo em que detalhamos cada uma das fases da metodologia Q e também os pontos positivos e as dificuldades que foram encontradas durante o período de coleta e sistematização dos dados. Os resultados serão apresentados a partir do Capítulo 2.

1.1 Caracterização do estudo

O trabalho aqui desenvolvido é um estudo de gênero[3] que busca identificar se as tecnologias de informação e comunicação conferem algum tipo de empoderamento às mulheres rurais. Para compreender essa realidade de forma contextualizada, a pesquisa envolve ambos os sexos e, inclusive, filhos e filhas jovens, uma vez que o papel da mulher rural está vinculado culturalmente ao papel de mãe. Com isso, a pesquisa ainda se debruça sobre a temática da geração, buscando compreender o crescente êxodo rural, principalmente por parte das jovens rurais.

A técnica escolhida para coletar e analisar os dados da pesquisa é a metodologia Q, desenvolvida em 1953 pelo físico e psicólogo inglês Willian Stephenson. A metodologia Q reúne aspectos qualitativos e quantitativos e tem como finalidade estudar a subjetividade humana, a qual pode apresentar variáveis de acordo com as relações que envolvem cada pesquisa, mas que, de modo geral, pode ser compreendida "como o campo afetivo, composto pelos sentimentos, as motivações, as atitudes, as crenças e as opiniões que as pessoas desenvolvem" (LAGO, 2004, p. 12). É justamente nessa subjetividade que pretendemos identificar e analisar os vínculos estabelecidos pelas mulheres rurais a partir das TICs.

Entre as vantagens de Q está o fato de que a pesquisa busca minimizar a influência do pesquisador sobre o objeto estudado porque em Q *"las respuestas de los entrevistados emergem libremente, no están condicionadas"* (HEGEDUS, 2009,

[3] O conceito de gênero e sua discussão serão detalhados no Capítulo 2.

p. 105). O autor ainda ressalta que Q não trabalha com amostras probabilísticas e, por isso, não é objetivo da metodologia estender os resultados para todo o universo em que está inserido o público-alvo. No entanto, através da amostra qualitativa o autor considera que é possível levantar a hipótese de que os fatores revelados pela pesquisa coexistem no universo estudado.

1. 2 Localização do estudo

A pesquisa foi realizada nos distritos do interior de Santa Maria[4], cidade localizada na região central do Rio Grande do Sul, que tem 1788 quilômetros quadrados (IBGE, 2012) e a quinta maior população do estado com 261 mil pessoas (IBGE, 2010), sendo que, desse total, 248 mil vivem no meio urbano (95,1 por cento) e 12 mil moram no meio rural (4,9 por cento).

A concentração da população na área urbana reflete no Produto Interno Bruto do município. O setor terciário (comércio e prestação de serviços) representa 84,8 por cento do PIB. Já o setor primário está em segundo lugar, mas com apenas seis por cento do PIB. Para Neumann e Silveira (1996, p. 15) “observa-se tratar-se de um município atípico em relação aos municípios gaúchos, onde a agricultura é um setor marginal e, portanto, sem peso na definição das políticas públicas”. Além disso, Santa Maria está localizada na transição entre a metade norte do estado, onde predominam pequenas e médias propriedades, e a metade sul, onde são comuns estâncias e fazendas com grandes extensões de terra.

[4] De acordo com o diagnóstico geral do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Ambiental (2003), Santa Maria possui dez distritos: o primeiro é o distrito-sede e corresponde à área urbana. Já os rurais são: São Valentim – segundo distrito; Pains – terceiro distrito; Arroio Grande – quarto distrito; Arroio do Só – quinto distrito; Passo do Verde – sexto distrito; Boca do Monte – sétimo distrito; Palma – oitavo distrito; Santa Flora – nono distrito e Santo Antão – décimo distrito.

1.3 O público-alvo

A pesquisa teve como público-alvo famílias de agricultores familiares de Santa Maria, grupo que abrange 77 dos estabelecimentos rurais do município e que ocupa 25 por cento da área total disponível para a atividade agrícola (IBGE, 2006). No entanto, como a pesquisa também se propôs a debater a temática da geração, o estudo foi restringido para famílias de agricultores familiares com filhos ou filhas jovens. Entendendo-se juventude rural como uma etapa que começa com a puberdade e termina quando o jovem assume as responsabilidades e autoridades de adulto com uma unidade familiar que é economicamente independente (DURSTON, 1998 apud PAULO, 2010), foram ouvidos quinze jovens com idades entre 13 e 26 anos, sendo dez do sexo feminino e cinco do sexo masculino. Também participaram da pesquisa dez casais de agricultores familiares. As famílias foram localizadas com o apoio do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santa Maria e também com o auxílio do Projeto Esperança/Cooesperança[5], uma iniciativa da igreja católica que fomenta a economia solidária entre grupos de agricultores da região central do Rio Grande do Sul, da Emater Municipal de Santa Maria e da Secretaria de Desenvolvimento Rural de Santa Maria.

[5] A ideia do Projeto Esperança começou a surgir a partir dos estudos que o bispo diocesano de Santa Maria, Dom Ivo Lorscheiter, fez do livro *A pobreza riqueza dos povos* do autor africano Albert Tèvoèdjeré, que tem como base a solidariedade. Dom Ivo propôs a criação de projetos alternativos comunitários para a Cáritas RS, entidade ligada à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e que atua na defesa dos direitos humanos, da segurança alimentar e também do desenvolvimento sustentável. A discussão desses projetos começou em 1982 em Santa Maria com o apoio da Universidade Federal de Santa Maria e também da Emater. O projeto Esperança foi criado cinco anos mais tarde, em 15 de agosto de 1987, e teve o apoio de recursos da igreja católica na Alemanha, Miserour que financiaram a construção do primeiro terminal de comercialização. A Cooesperança, Cooperativa Mista dos Pequenos Produtores Rurais e Urbanos, que são vinculados ao projeto Esperança, foi fundada em 29 de setembro de 1989 e consiste na organização de grupos e comercialização direta aos consumidores. Além disso, o projeto se destaca pela organização da Feira Estadual do Cooperativismo e Feira de Economia Solidária do MERCOSUL além dos tradicionais feirões coloniais que acontecem todos os sábados há 20 anos. Prestes a completar 25 anos de fundação, o Projeto Esperança/Cooesperança conta com 250 grupos em 34 cidades da região central do estado e atinge cinco mil famílias.

1.4 Etapas da metodologia Q

Segundo Hegedus (2004), para a realização da metodologia Q devem ser cumpridas cinco etapas:

a) realização de entrevistas para obtenção de dados com no mínimo seis e no máximo dez informantes qualificados[6]. O critério de seleção dos entrevistados deve ser a proximidade que eles possuem com o objeto da pesquisa;
b) elaboração de no mínimo trinta e no máximo sessenta afirmações a partir dos dados recolhidos entre os informantes qualificados. As assertivas devem possibilitar que os entrevistados reajam de forma positiva ou negativa às questões e são elaboradas a partir da leitura atenta da transcrição das entrevistas com os informantes qualificados;
c) classificação das afirmações entre o público-alvo em uma grade que demonstra o acordo, desacordo ou neutralidade em relação às sentenças;
d) análise das respostas através de análise fatorial e com uso de software específico;
e) interpretação dos resultados.

Atendendo a uma recomendação da banca de qualificação, a realização de grupos de discussão, que no projeto inicial estava prevista na última etapa da pesquisa de campo como uma espécie de validação de resultados e complementação da metodologia Q, foi a primeira atividade a ser realizada na pesquisa de campo para auxiliar no conhecimento das distintas realidades do público-alvo e também para contribuir na elaboração das questões dirigidas aos informantes qualificados.

Os grupos de discussão envolveram agricultores, mulheres rurais e jovens rurais. Posteriormente aos grupos de discussão, foram realizadas entrevistas com seis informantes qualificados; elaboração de 32 assertivas a partir das afirmações dos informantes qualificados; classificação das assertivas pelos membros de dez famílias de agricultores familiares; identificação dos fatores através do *software PCQ*

[6] O termo informantes qualificados é usado pela metodologia porque esses informantes são representantes de entidades que possuem relação com o objeto da pesquisa e não tem a pretensão de desqualificar os demais que constituem o público-alvo do trabalho.

for Windows e interpretação dos resultados. A seguir vamos detalhar cada uma das fases realizadas.

1.4.1 Grupos de discussão

A primeira etapa da pesquisa foi a realização de três grupos de discussão: com agricultores, mulheres rurais e jovens rurais. Segundo Thornton (2002, p. 20), os grupos de discussão *"están orientados a conocer intenciones, percepciones y conductas sobre determinados problemas y necesidades"*. Apesar de alguns autores recomendarem que os grupos sejam realizados entre pessoas que não se conhecem, Thornton (2002, p. 22) reconhece que "*la técnica muchas veces es utilizada en organizaciones, instituciones o comunidades rurales donde por lógica la gente tiene algún conocimiento de sus pares".* A validade desse aspecto depende da questão que é apresentada aos grupos. No presente estudo, os participantes dos grupos se conheciam e acredita-se que isso não representou empecilho para o trabalho, pelo contrário, até contribuiu para a descontração e o debate entre os participantes.

No dia sete de maio de 2011 foram realizados os grupos de discussão com agricultores e agricultoras. A dinâmica envolveu integrantes do Projeto Esperança/Cooesperança que participam de um feirão colonial todos os sábados em Santa Maria. As reuniões de homens e mulheres aconteceram separadamente e foram realizadas em uma sala do próprio terminal de comercialização localizado na Rua Heitor Campos em Santa Maria. Os participantes dos grupos de discussão de homens e mulheres foram selecionados com o apoio da coordenação do Projeto Esperança.

O grupo feminino teve sete participantes, seis delas da cidade de Santa Maria e uma do município de Jaguari, com idades entre 30 e 57 anos. Já o grupo de discussão masculino também aconteceu no dia sete de maio de 2011 e teve nove participantes, cinco deles de Santa Maria e os outros das cidades de São Pedro do Sul, Pinhal Grande, Itaara e Dona Francisca. No grupo masculino as idades variaram entre 35 e 75 anos de idade. Apesar de a pesquisa ser localizada em Santa Maria, o grupo de discussão foi aberto para participantes de outras cidades

porque o objetivo era justamente levantar as primeiras informações acerca do tema e, com isso, a heterogeneidade dos grupos foi um facilitador.

O grupo com jovens rurais foi realizado no dia 11 de agosto de 2011, na Escola Estadual de Ensino Médio Princesa Isabel, no distrito de Arroio do Só, a única escola do interior de Santa Maria que oferece ensino médio e onde estudam cerca de 150 alunos, 85 por cento no ensino fundamental e 15 por cento no ensino médio. O grupo de discussão com os jovens aconteceu em uma sala de aula da própria escola e teve oito participantes, dois meninos e seis meninas com idades entre 15 e 18 anos. Entre os participantes do grupo de jovens, três deles estavam na primeira série do ensino médio, três na segunda série e dois no terceiro ano do ensino médio. Reunir no grupo estudantes dos três anos do ensino médio foi uma solicitação da pesquisadora feita à direção da escola que indicou os estudantes que participaram do grupo. A escola sugeriu fazer o grupo de discussão com todos os alunos do ensino médio, que eram 23 ao todo, mas, devido à necessidade de discutir os assuntos em profundidade, manteve-se a estrutura de um grupo menor.

Para os três grupos de discussão inicialmente foram explicados os objetivos do trabalho e, em seguida, foram lançados dois assuntos gerais: o papel da mulher e do jovem rural atualmente e a importância das TICs no meio rural. Cada grupo discutiu o assunto por cerca de uma hora, totalizando três horas de gravações de áudio que foram transcritas (ver Apêndices B, C e D) e analisadas como mostraremos no Capítulo 2.

1.4.2 Entrevistas com informantes qualificados

A partir das ideias e informações obtidas durante a realização dos três grupos de discussão, a pesquisa ouviu seis informantes qualificados entre os dias 16 e 26 de agosto de 2011. Os informantes foram escolhidos a partir da relação que eles possuem com o público-alvo do estudo: agricultores, mulheres rurais e jovens rurais. São eles:

a) Irmã Lourdes Dill: coordenadora do Projeto Esperança/Cooesperança da Arquidiocese de Santa Maria, formada em Economia Doméstica com aprimoramento em Extensão Urbana e Rural pela Universidade de Passo

Fundo e especialista em Movimentos Sociais e Democracia Participativa pela Universidade Federal de Minas Gerais;

b) Joel Orlando Bevilaqua Marin: professor do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural da UFSM, mestre em Extensão Rural pela Universidade Federal de Santa Maria, com doutorado sanduíche na *Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales* na França em 2000 e doutorado em Sociologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho em 2001. Seus estudos concentram-se na temática sobre gênero e geração no meio rural e também desenvolvimento rural sustentável;

c) Lérida Pavanello, primeira presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santiago[7] e quadragésima mulher a assumir a direção de um dos 350 Sindicatos dos Trabalhadores Rurais no Rio Grande do Sul. Agricultora familiar, de 45 anos, tem ensino médio incompleto, é casada e mãe de dois filhos, também já atuou por quatro anos na diretoria executiva da Federação dos Trabalhadores na Agricultura no Rio Grande do Sul, Fetag, em Porto Alegre.

d) Jorge Aristimunha: supervisor regional da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural em Santa Maria, médico veterinário formado pela Universidade Federal de Santa Maria e mestre em Extensão Rural pela mesma instituição. Trabalha na Emater há mais de 30 anos, 17 deles em Santa Maria. Sua principal função é orientar metodologicamente o conjunto de extensionistas da Emater Regional de Santa Maria que atende 52 municípios;

e) Delcimar Borin: secretário executivo do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santa Maria desde 2005 e agricultor familiar. Possui 31 anos, ensino médio completo e é casado. Mora no distrito de Boca do Monte onde planta milho, mandioca e também cria alguns animais de corte. No Sindicato é responsável pelos departamentos agrário e de habitação atuando em projetos de financiamento de moradia rural e também para compra de terras, através do programa nacional de crédito fundiário;

f) Gilmar Desconzi: supervisor do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural na região centro do estado, Senar, entidade ligada à Confederação Nacional da

[7] Atualmente, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santiago tem cerca de dois mil associados.

Agricultura que foi criada em dezembro de 1991 com o objetivo de atuar na formação profissional rural e promoção social. Médico veterinário formado pela UFSM, Desconzi atua no Senar desde 1998 e há seis anos está na região central onde atende 16 sindicatos rurais conveniados que abrangem 32 municípios[8].

As entrevistas com os informantes qualificados foram realizadas pessoalmente e no ambiente de trabalho dos entrevistados. Apenas a presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santiago, Lérida Pavanello, foi ouvida durante um intervalo de um encontro da Fetag no Seminário São José em Santa Maria, porque entendemos não ser essencial para a realização da pesquisa uma visita ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santiago.

Aos informantes qualificados também foram lançadas inicialmente as duas questões centrais: o papel da mulher e do jovem rural e a importância das TICs no meio rural. Posteriormente foram lançadas algumas questões específicas que foram abordadas nos grupos de discussão. Todas as entrevistas foram gravadas e resultaram em quatro horas e 44 minutos de áudio. O material foi transcrito (ver Apêndice E), analisado e sistematizado para a obtenção das trinta e duas assertivas necessárias para a realização da quarta etapa da metodologia Q.

1.4.3 Construção e classificação das assertivas

A partir da análise e sistematização das entrevistas com os informantes qualificados, foram selecionados quatro aspectos que ficaram evidenciados nos grupos de discussão com agricultores familiares, mulheres rurais e jovens rurais e também nas entrevistas com os seis informantes qualificados:

a) o campo e a cidade;
b) o papel da mulher rural e também do homem rural;
c) os jovens rurais;

[8] Nesses municípios o Senar realizou 600 cursos em 2011, com uma média de 14 participantes a cada edição. Ao todo, o Senar oferece 170 cursos gratuitos. A entidade é mantida por contribuição compulsória sobre a comercialização de produtos agrossilvipastoris sendo que, dos 2,3 por cento recolhidos pelo Instituto Nacional de Seguridade Social, 0,2 por cento são destinados ao Senar.

d) a família rural e a comunicação.

Com base nas opiniões dos informantes qualificados sobre cada um desses aspectos foram extraídas as 32 assertivas. As frases foram elaboradas a partir de pensamentos em comum, mas também de afirmações únicas que trouxeram diferentes olhares sobre o mesmo tema. As assertivas foram impressas, plastificadas e recortadas em formato de tarjetas que foram numeradas do um ao número 32. A grade de classificação (Figura 1) foi desenhada em folhas de papel pardo para que os participantes fizessem a classificação.

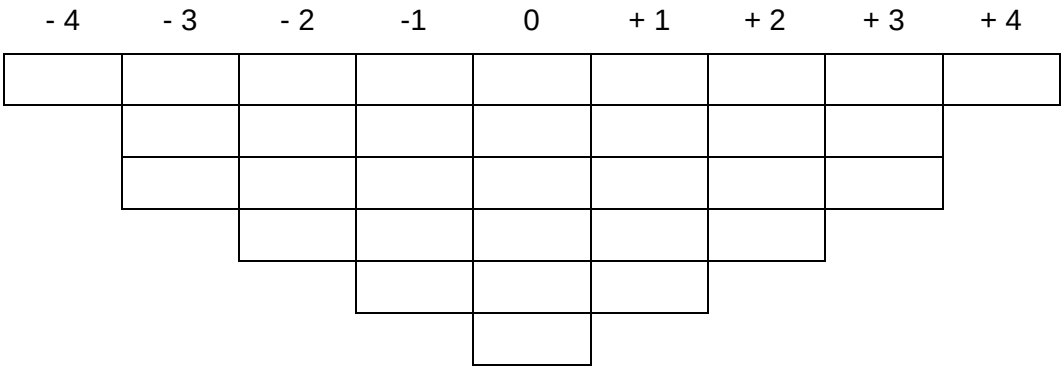


Figura 1 – Grade de classificação da metodologia Q

Fonte: Hegedus, 2004

Com o material de trabalho pronto, começou a ser feito o contato com as famílias para a quarta fase da metodologia Q. Para isso, buscamos mais uma vez o apoio do Projeto Esperança e também do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santa Maria, da Emater de Santa Maria e da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Rural. É importante ressaltar que, apesar de buscarmos quatro entidades diferentes, tivemos dificuldades para obter a indicação de dez famílias com filhos jovens e, para totalizarmos a amostra, buscamos a apoio dos próprios agricultores que também indicaram vizinhos ou parentes. O fato evidencia o pequeno número de jovens no campo e o envelhecimento da população rural. O dado também já havia sido constatado em 2006 quando, ao entrevistarmos 157 agricultores e agricultoras familiares de Santa Maria, identificamos que 56 por cento dos entrevistados tinha mais de 50 anos de idade (SCHWARTZ, 2007).

A ideia inicial da quarta etapa da metodologia Q era totalizar uma amostra de 40 pessoas, sendo dez pais, dez mães, dez filhas e dez filhos. No entanto, nas dez famílias visitadas[9] foram encontrados apenas 15 filhos jovens, dez meninas e cinco meninos. Três famílias tinham apenas um filho, o que demonstra que a redução no número de filhos presente nas famílias urbanas também atinge as famílias rurais[10]. Foi cogitada então a possibilidade de completar a amostra, inicialmente prevista de dez filhos homens, entrevistando jovens de outras famílias. Foram visitadas duas propriedades extras para que apenas o filho homem participasse da pesquisa. No entanto, como a análise da classificação das assertivas busca entender também o contexto das famílias visitadas, utilizando-se principalmente da técnica de observação que busca valorizar as ocorrências espontâneas dos fatos (BARROS; LEHFELD, 2001), considerou-se mais adequado restringir a pesquisa às 35 pessoas integrantes das 10 famílias e, com isso, essas duas visitas não foram consideradas na totalidade da amostra. Aumentar o número de famílias da amostra também foi uma opção descartada porque não resolveria o problema do equilíbrio entre o número de entrevistados homens e mulheres.

As visitas nas propriedades aconteceram entre os dias 13 e 27 de janeiro de 2012. A escolha do período buscou coincidir com as férias escolares e também evitar o período de plantio nas propriedades, quando os agricultores não teriam disponibilidade para participar da pesquisa. A principal dificuldade encontrada foi o calor, porque nesse período as temperaturas máximas passaram dos 37 graus no Rio Grande do Sul. O verão de 2012 teve picos de calor extremo e umidade relativa do ar comparada à observada em desertos. Mais de trezentas cidades gaúchas decretaram situação de emergência em função da estiagem devido ao fenômeno La Niña e muitas enfrentaram racionamento de água (ZERO HORA, 2012). Em Santa Maria não houve racionamento, mas vários distritos do interior enfrentaram a falta de água.

Após um contato telefônico com os proprietários, geralmente por celular, foram explicados os objetivos da pesquisa e depois foi marcada uma data em que pais e filhos pudessem estar juntos. É importante salientar que, mesmo com o calor,

[9] As famílias foram identificadas com letras. A descrição de cada uma delas está no Capítulo 3.

[10] Segundo o Censo 2010 do IBGE, o número de moradores por domicílio caiu 13,2 por cento entre os censos de 2000 e 2010 e passou de 3,8, em 2000, para 3,3, em 2010. Esse comportamento foi verificado tanto na área urbana quanto na área rural (IBGE, 2011).

tivemos boa receptividade e, em nenhum caso, as famílias se negaram a participar da pesquisa. As entrevistas foram marcadas nas próprias propriedades no período da tarde, quando os agricultores evitam ir para a lavoura em decorrência do sol forte.

As dez viagens foram feitas em carro próprio e no total foram percorridos cerca de duzentos quilômetros pelo interior do município, a maior parte em estrada de chão. Na chegada, após conhecermos pessoalmente as famílias, foram novamente explicados os objetivos da pesquisa[11]. Depois disso, os entrevistados responderam a perguntas básicas como idade, escolarização, tipo de cultivo e área da propriedade (Apêndice E) e também foram questionados sobre a rotina de cada um dos membros da família e a relação deles com as tecnologias de informação e comunicação. Essas conversas resultaram em duas horas e 52 minutos de gravações de áudio que depois foram transcritas para serem analisadas. Por último, as famílias receberam as orientações para a classificação das assertivas, que prevê que:

a) as assertivas que os participantes mais concordam são colocadas no lado positivo (+4, +3, +2, +1);
b) as assertivas que os participantes menos concordam são colocadas no lado negativo (-4, -3, -2, -1);
c) as assertivas que os participantes demonstram neutralidade são colocadas na coluna central (0).

Para iniciar a classificação, buscou-se o apoio de uma mesa, geralmente na cozinha, para que os participantes tivessem um espaço adequado para ler as tarjetas e escolher qual seria a classificação de cada uma de acordo com a importância de cada frase. A classificação foi feita de forma individual, mas para agilizar o processo, foram feitos dois conjuntos de tarjetas e grades de classificação. Assim, geralmente, a classificação começava pelos filhos e depois era feita pelos pais (ver Figura 2).

Para ajudar os pais na classificação, as assertivas foram lidas em voz alta pela entrevistadora, já que a maioria dos pais tinha ensino fundamental incompleto e, em um caso, o pai era analfabeto. Apesar das dificuldades de leitura, observou-se

[11] Das dez famílias entrevistadas, a pesquisadora já conhecia apenas o casal da família F, o pai da família A e a mãe da família D. Essas quatro pessoas participaram da fase inicial dos grupos de discussão. Já a maioria das famílias reconheceu o rosto da pesquisadora, que também é jornalista da RBS TV Santa Maria há 14 anos, porque assistem aos telejornais locais. Acreditamos que esse reconhecimento, que foi feito de forma natural, uma vez que em nenhum momento foi ressaltado pela pesquisadora, contribuiu também para aproximar entrevistador e entrevistados.

a identificação das famílias com as assertivas e, inclusive, o momento da classificação gerou discussões e troca de experiências entre pais e filhos e também entre maridos e esposas. Apenas em um caso, a esposa não revelava opinião própria e buscava a constante aprovação do marido no momento de classificar as assertivas, o que provocava a indignação do filho: “Mãe, ela quer saber o que a senhora acha”, observava o jovem.

Figura 2 – Jovens fazem a classificação da metodologia Q
Fonte: a autora

Já os jovens não necessitaram de auxílio no momento de preencher a grade de classificação. Após a classificação das assertivas, foi anotada a ordem de classificação de cada um dos entrevistados através de um número escrito no verso das tarjetas.

As visitas nas propriedades demoraram entre duas e três horas. No fim da pesquisa, alguns proprietários fizeram à pesquisadora o convite para conhecer a casa e a propriedade e, com isso, enriquecemos a descrição das famílias. No entanto, conhecer a casa não foi solicitado aos entrevistados, porque tínhamos a preocupação de não inibi-los.

1.4.4 Obtenção dos fatores

No retorno das propriedades, a ordem de classificação de cada um dos entrevistados foi inserida no software *PCQ for Windows* (Figura 3), programa de computador desenvolvido especialmente para a metodologia Q e adquirido para a pesquisa[12].

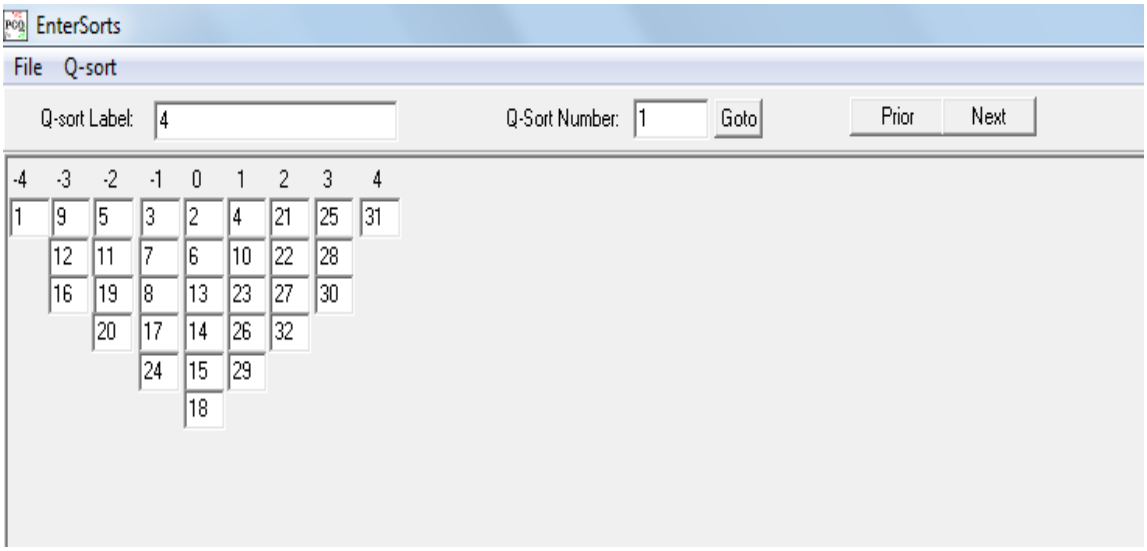


Figura 3 – Reprodução do preenchimento da grade de classificação no software PCQ

Com o objetivo de comparar a avaliação por gênero e geração, a análise fatorial foi feita em cinco grupos:

a) grupo total de 35 entrevistados;
b) grupo de 20 pais e mães;
c) grupo de 15 filhos e filhas;
d) grupo de 20 mães e filhas;
e) grupo de 15 pais e filhos.

[12] As dúvidas sobre o programa foram esclarecidas diretamente com o responsável pelo software Woods Stricklin que respondeu nossas perguntas por e-mail. O professor Adriano Mendonça de Souza, do Departamento de Estatística da UFSM, também contribuiu em nossa análise.

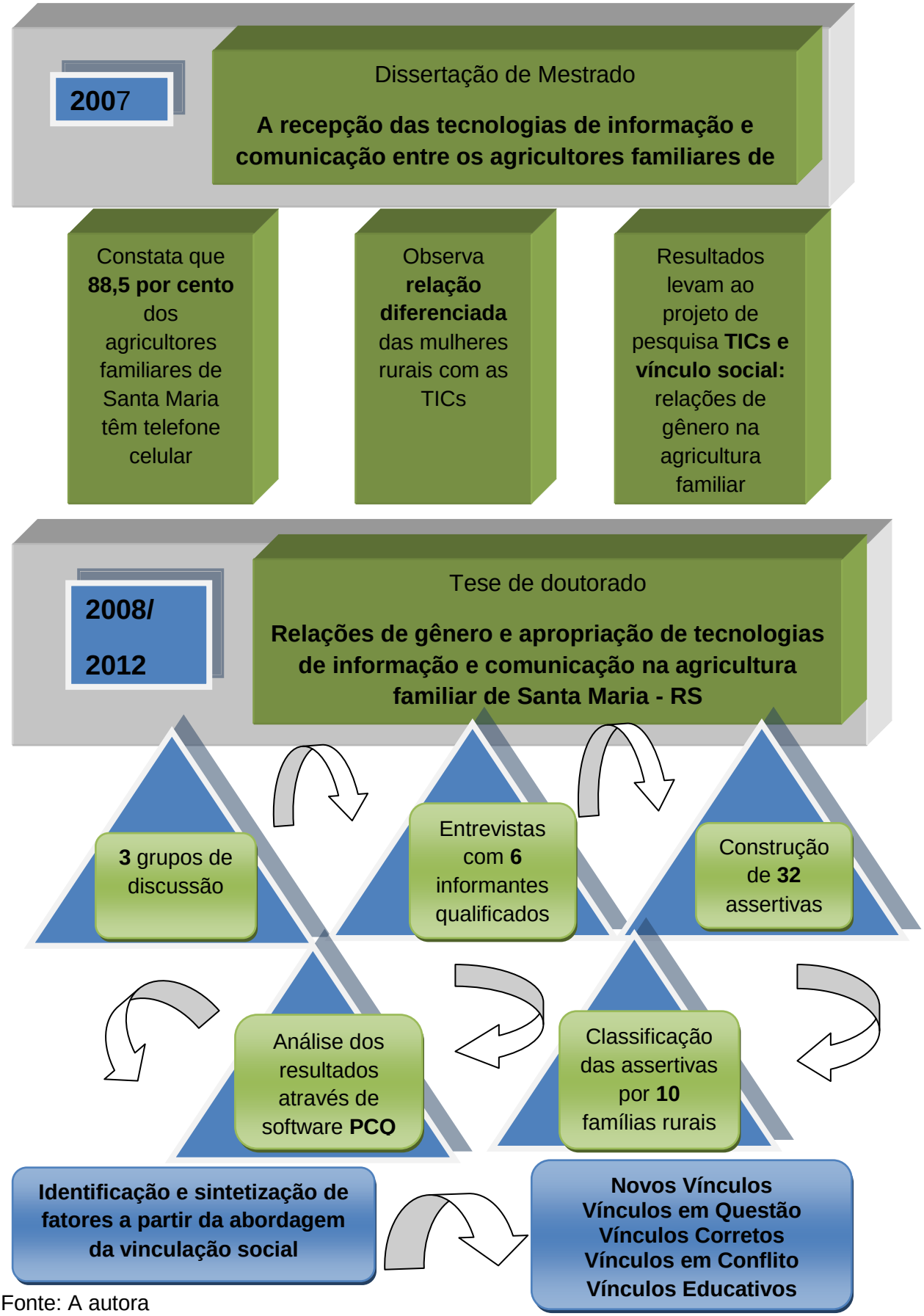
Hegedus (2009, p. 104) salienta que a metodologia Q é diferente da análise fatorial de variáveis. “*En Q se factorializan personas, a los efectos de que emerjan patrones de respuesta en común*”.

A partir da realização dos grupos de discussão, entrevistas com informantes qualificados e visitas nas propriedades para classificação das assertivas realizou-se a técnica da triangulação que, segundo Vela (2005), é “a tentativa de fortalecer a validade das evidências empíricas nas ciências sociais através da utilização de mais de um tipo de abordagem na coleta e análise dos dados” (informação oral[13]).

O percurso metodológico realizado para atendermos aos objetivos de nossa pesquisa pode ser visualizado na Figura 4.

[13] Informação obtida em aula de Metodologia da Pesquisa no Mestrado em Extensão Rural da UFSM em 9 de maio de 2005.

Figura 4 - Esquema do percurso metodológico



Fonte: A autora

2 GÊNERO E GERAÇÃO NO MEIO RURAL

Neste capítulo detalhamos os conceitos de gênero e de geração no meio rural. Para compreendermos os papéis da mulher rural e do jovem rural, também contextualizamos os elementos que formam o chamado novo rural. Depois disso, iniciamos a apresentação dos resultados com os diferentes pensamentos revelados nos grupos de discussão e também nas entrevistas com os informantes qualificados que nos levaram à construção das assertivas. Os dados empíricos são apresentados de forma articulada com a literatura sobre gênero e geração.

2.1 Os estudos de gênero

Ellen Wortmann (2010) relata que os estudos de gênero ganharam maior visibilidade no Brasil a partir de 1980, com pesquisas no universo urbano sobre os papéis exercidos pelas mulheres em instituições masculinas como exército e polícia e também na família e nos movimento sociais. A autora salienta que o financiamento de pesquisas pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento foi um estímulo importante para investigar as diferentes atribuições das mulheres na reprodução social e econômica. Temática que ainda foi impulsionada em 1995 pela criação do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher que, em 2005, ganhou status de Ministério com a criação da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. A partir de 2010, com a eleição de Dilma Rousseff, primeira mulher presidente do Brasil, o assunto ganhou ainda mais evidência no país.

Várias são as abordagens sobre gênero, um conceito analítico e abrangente que considera as complexidades das relações sociais e busca superar os estudos sobre a mulher e explicações biológicas para as relações entre os sexos que, segundo Bourdieu (2010, p. 20), muitas vezes são consideradas “uma justificativa natural da diferença socialmente construída entre os *gêneros* e, principalmente, da divisão social do trabalho”. Muraro e Boff (2010) reiteram esse pensamento ao considerar que, nos estudos de gênero, não basta considerar as diferenças. É preciso saber como elas foram construídas social e culturalmente e entender como

foram estabelecidas as relações de dominação entre os sexos, os conflitos que essas relações suscitam, a forma como são elaborados os distintos papéis, a divisão social e sexual do trabalho e ainda as subjetividades pessoais e coletivas.

Silva e Schneider (2010) consideram que a análise de gênero questiona o que é dado como natural e demonstra que o papel da mulher pode ser alterado e trazer benefícios para todos.

> [...] sem desprezar as diferenças biológicas entre os tipos médios femininos e masculinos, a perspectiva de gênero parece ultrapassar os limites biológicos ao conceber homens e mulheres a partir de papéis sociais historicamente construídos, destacando que os papéis sociais também podem moldar os tipos biológicos. Dessa forma, as relações de gênero passam a ser aquelas estabelecidas entre os papéis sociais de homens e mulheres (SILVA e SCHNEIDER, 2010, p. 193).

Joan Scott (1995) considera o gênero uma maneira de referir-se à organização social da relação entre os sexos. Scott lembra que a informação a respeito das mulheres é também informação sobre os homens e considera que o gênero designa as relações sociais entre os sexos e é um modo primeiro de significar as relações de poder.

> Esse uso rejeita a utilidade interpretativa da ideia das esferas separadas e defende que estudar as mulheres de forma isolada perpetua o mito de que uma esfera, a experiência de um sexo, tem muito pouco ou nada a ver com o outro sexo (SCOTT, 1995).

É importante salientar que o termo gênero não pressupõe que a desigualdade e a hierarquia são inerentes entre homens e mulheres, até mesmo porque existe diversidade de relações, identidades e contextos (SCOTT; RODRIGUES; SARAIVA, 2010). Touraine (2007) considera que, muitas vezes, o principal objetivo das pesquisas de gênero é simplesmente abolir as diferenças entre os homens e as mulheres e lembra que “mulheres e homens não se opõem diretamente, mas também não seguem caminhos convergentes” (TOURAINE, 2007, p. 84) e que, atualmente, as condutas das mulheres não têm como objetivo nem buscar a igualdade nem afirmar as diferenças. No entanto, o que se verifica em geral, é que as diferenças entre os dois sexos são resultados da cultura dominante sobre os comportamentos de homens e mulheres (SANTOS, 2002 apud SILVA e SCHNEIDER, 2010). Nesse sentido, Stadtler e Silva (2010) consideram que a partir das análises de gênero é possível até mesmo compreender o sexo das estruturas de poder:

> Os sistemas políticos de diferentes sociedades legitimam e concentram na figura masculina os espaços de liderança e comando das nações. É a forma

> principal de representação de poder na maioria das sociedades ocidentais e, portanto, tem um forte teor simbólico (STADLER E SILVA, 2010, p. 451).

Bourdieu (2010) explica isso indicando que as posições de comando são talhadas com capacitações e aptidões sob medida para os homens. Portanto, para conseguir um cargo de poder, a mulher precisa ter, além da aptidão técnica, uma série de atributos que demonstrem agressividade, segurança, ou seja, qualidades para as quais os homens foram treinados e elas não. Seria uma situação de duas mãos, como coloca o autor: “se atuam como homens, elas se expõem a perder os atributos obrigatórios da “feminilidade” e põem em questão o direito natural dos homens às posições de poder; se elas agem como mulheres, parecem incapazes e inadaptadas à situação” (BOURDIEU, 2010, p. 84). Assim,

> [...] por essa lógica, a própria proteção “cavalheiresca”, além de poder conduzir a seu confinamento ou servir para justificá-lo, pode igualmente contribuir para manter as mulheres afastadas de todo contato com todos os aspectos do mundo real “para os quais elas não foram feitas” porque não foram feitos para elas (BOURDIEU, 2010, p. 77).

O autor enfatiza que “não seria exagero comparar a masculinidade a uma nobreza” e lembra que “basta que os homens assumam tarefas reputadas femininas e as realizem fora da esfera privada para que elas se vejam com isso enobrecidas e transfiguradas” (BOURDIEU, 2010, p. 75). Entre os exemplos citados pelo autor de profissões tradicionalmente femininas, que assumem outro status ao serem assumidas por homens, estão as funções de cozinheira e costureira.

2.2. O gênero no meio rural

No meio rural, os estudos de Chayanov embasaram boa parte das pesquisas das décadas de 1960 e 1970. Por essa perspectiva, os camponeses eram analisados como família e grupo onde o homem era o responsável pela produção e a mulher era limitada à esfera doméstica (WORTMANN, 2010). Scott e Cordeiro (2010) relatam que os estudos tradicionais sobre grupos de agricultores não consideravam as relações de gênero e geração, tanto que todos pareciam presos a um grupo onde a solidariedade interna estava acima dessas diferenças entre seus componentes. Os autores destacam que a vivência do mundo rural é “extraordinariamente plural” e que “essa pluralidade resulta do encontro de

diferenças que se manifestam internamente ao grupo doméstico, com estruturas de poder mais amplas" (SCOTT e CORDEIRO, 2010, p. 17). Para compreendermos essa pluralidade, consideramos essencial compreendermos os elementos que formam o rural atualmente e suas características.

2.2.1 Os elementos do novo rural

De acordo com o último censo agropecuário (IBGE, 2006), o Brasil possui cinco milhões e 175 mil propriedades rurais que ocupam uma área de 329 milhões e 941 mil hectares. Dessas, quatro milhões e 367 mil são propriedades rurais familiares que abrangem 80 milhões de hectares e 807 mil não são familiares e ocupam 249 milhões e 690 mil hectares. Ou seja, 84 por cento das propriedades rurais do país são familiares e ocupam 24 por cento da área e 16 por cento não são familiares e ocupam 76 por cento da área total. No Rio Grande do Sul, existem 378 mil 546 propriedades rurais familiares em seis milhões e 171 mil hectares e 62 mil e 921 propriedades não familiares que ocupam 14 milhões e 27 mil hectares. Na comparação com os dados do país, no estado, o percentual de propriedades rurais familiares sobe para 86 por cento em 30 por cento da área e o de propriedades rurais não familiares cai para 14 por cento em 70 por cento da área. Esses números significam que, no Rio Grande do Sul, existe maior percentual de propriedades rurais familiares que ocupam uma fatia maior da área total das propriedades.

Já especificamente no município de Santa Maria, existem 1798 propriedades rurais familiares que ocupam 37 mil hectares e 541 propriedades rurais não familiares que ocupam 109 mil hectares. Ou seja, 77 por cento das propriedades são familiares e ocupam 25 por cento da área e 23 por cento das propriedades não são familiares e ocupam 75 por cento da área. Os dados do município de Santa Maria indicam que o município gaúcho tem menor percentual de propriedades familiares do que as médias do estado e também do país, mas a área destinada para as propriedades rurais familiares do município supera a média do Brasil. Os dados podem ser visualizados na Tabela 1.

Tabela 1 – Número de propriedades rurais familiares e não familiares e área ocupada pelas propriedades no Brasil, no Rio Grande do Sul e no município gaúcho de Santa Maria

	Brasil Relativo	**Brasil %**	**RS Relativo**	**RS %**	**SM**	**SM %**
Total de propriedades rurais	5 175 489	100	441 467	100	2339	100
Número de propriedade rural familiar	4 367 902	84	378 546	86	1798	77
Propriedade rural não familiar	807 587	16	62 921	14	541	23
Total de área ocupada	329 941 393	100	20 199 489	100	146 625	100
Área propriedade rural familiar	80 250 453	24	6 171 622	30	37 031	25
Área propriedade rural não familiar	249 690 940	76	14 027 867	70	109 594	75

Fonte: IBGE/Censo Agropecuário, 2006

O Censo Agropecuário 2006 (IBGE, 2006) também revela que, em relação à condição do produtor, 76 por cento dos produtores do total de propriedades rurais do país são proprietários, quatro por cento são assentados sem titulação definitiva, quatro por cento são arrendatários, três por cento são parceiros, oito por cento são ocupantes e cinco por cento são produtores sem área. Entre os grupos de atividades econômicas mais comuns no campo brasileiro estão a pecuária e criação de outros animais (44 por cento das propriedades), a produção de lavouras temporárias (37 por cento) e a produção de lavouras permanentes (11 por cento).

Também conforme o censo, 12 milhões de pessoas estão ocupadas com a agricultura familiar no Brasil, sendo que oito milhões são homens e quatro milhões são mulheres. Em um milhão e 100 mil estabelecimentos de agricultura familiar, os produtores declararam ter algum tipo de atividade fora do estabelecimento, sendo que 50 por cento declararam que essa atividade é agropecuária, 47 por cento

declararam que são atividades não agropecuárias e três por cento que são atividades agropecuárias e não agropecuárias.

As atividades não agropecuárias fazem parte do chamado novo rural que, segundo Graziano da Silva, Del Grossi e Campanhola (2002), começou a surgir em 1980 no Brasil basicamente com três grupos de atividades distintas:

a) uma agropecuária moderna e ligada às agroindústrias;
b) um conjunto de atividades não-agrícolas tais como moradia, lazer, atividades industriais e de prestação de serviços;
c) atividades agropecuárias impulsionadas por demandas de mercado como floricultura, horticultura, etc.

Essa diversificação coloca em destaque o homem do campo pluriativo[14] ou as ocupações rurais não-agrícolas (Orna's). A pluriatividade seria uma unidade agrícola multidimensional com atividades agrícolas e não-agrícolas que podem ser exercidas dentro e fora do estabelecimento. Rendimentos, transferências e renda em espécie podem usados para pagar esses serviços (FULLER, 1990 apud KAGEYAMA, 1998). Atualmente, cerca de 28 por cento das pessoas ocupadas que vivem no meio rural do Brasil trabalham em atividades não-agrícolas como serviços públicos e privados (33,8 por cento), indústria (25,3 por cento), e comércio (16,8 por cento). No Rio Grande do Sul, o índice de ocupados em atividades não-agrícolas cai para 26 por cento (DIEESE, NEAD/MDA, 2008).

Entre 1981 e 1999, Graziano da Silva, Dell Grossi e Campanhola (2002) analisaram as mudanças entre o urbano e o rural em onze estados do Brasil e constataram que existem cerca de três milhões de famílias exercendo alguma forma de pluriatividade no país. Como as rendas provenientes das atividades agropecuárias estão entre as menores do Brasil, eles acreditam que as Orna's podem aumentar ou estabilizar esses rendimentos. Os autores também citam Fuller (1990 apud GRAZIANO DA SILVA; DEL GROSSI; CAMPANHOLA, 2002) que não considera a pluriatividade resultado da crise da propriedade familiar, mas uma etapa

[14] Ao descrever a unidade de produção campesina, Chayanov (1974) definiu como aquela que não contrata força de trabalho exterior, que tem uma extensão de terra disponível e os meios de produção e que às vezes se vê obrigada a empregar parte de sua força de trabalho em ofícios não-agrícolas. Já Kautsky (1972) contextualiza que a família do camponês na idade média era uma sociedade que bastava a si própria; uma sociedade que não produzia só as suas subsistências, mas a casa, os utensílios, o vestuário. O camponês só vendia o excedente e comprava apenas o supérfluo. Por essas considerações, não consideramos a pluriatividade ou as atividades não-agrícolas novas características dos agricultores já que esses trabalhos "acessórios" são elementos que já existiam no campesinato.

de diferenciação social das famílias agrícolas. Este é um aspecto que gera várias discussões. As famílias buscam a pluriatividade apenas para se diversificar ou as propriedades familiares não conseguem mais se reproduzir apenas com as atividades agrícolas? De qualquer forma os autores reiteram que: “É preciso tomar o rural como um espaço de múltiplas dimensões e não apenas como um local onde se realizam atividades agropecuárias” (GRAZIANO DA SILVA; DEL GROSSI; CAMPANHOLA, 2002, p. 63).

Carneiro (1998) também considera que o espaço rural não se define mais exclusivamente pela atividade agrícola e é crescente a procura de formas de lazer e até mesmo de meios alternativos de vida no campo, por pessoas vindas da cidade que buscam melhorar sua qualidade de vida[15]. Nessa perspectiva, Froehlich (2002) destaca que existe atualmente um fenômeno valorativo, ou seja, de redefinições e ressemantizações dos espaços rurais. Nessa linha, o velho e o novo, o antigo e o moderno se fundem de uma forma peculiar. Isso acontece principalmente na medida em que se intensificam os efeitos indesejáveis do modo de vida urbano como a violência, a poluição, o trânsito intenso e, por outro lado, o rural passa a contar com infraestrutura como luz, telefone, meios de transporte, estradas melhores e até mesmo acesso à Internet. Seria uma forma de levar o conforto da cidade para o campo. “O rural continua associado à natureza, mas agora isto se reveste de clara conotação positiva, pois a natureza é idealizada como acolhedora, saudável e repousante” (FROELICH, 2002, p. 206). Em outro trabalho, Froehlich (2004, p. 128) aborda o rural como tema e cenário em festas de dois distritos da região central do Rio Grande do Sul e observa um sentimento de ambivalência entre os moradores dos locais. Nesse processo, “a condição rural não é mais encarada como arcaísmo a desaparecer, mas pode ser reconhecida como alteridade, como especificidade, como diferença valorizada”. Essa valoração também pode ser observada no comércio de artesanato e artigos coloniais. Ao divulgarem ao consumidor a qualidade de produtos caseiros, as agroindústrias, muitas vezes, conseguem um preço até acima do valor de mercado porque não representam apenas um produto, mas sim uma história, uma cultura preservada. É importante ressaltar que essa tendência de valorização do rural não é uniforme e depende da qualidade da infra-

[15] É importante registrar que o campo também tem sido local de moradia para famílias de baixa renda que encontram no meio rural algumas opções mais baratas de residências (GRAZIANO DA SILVA; DEL GROSSI; CAMPANHOLA, 2002).

estrutura disponível nesses locais e muitas vezes também da proximidade com os centros urbanos e com os mercados consumidores.

Wanderley lança mão do conceito de Kayser (1990 apud WANDERLEY, 2000) para entender a questão do novo rural. Nesse sentido, o rural seria um modo específico de utilização do espaço e também da vida social. Os habitantes do campo teriam uma relação diferenciada com a natureza e representações particulares sobre o espaço, o tempo, o trabalho e a família. A autora lembra que o rural é uma categoria em transformação. Carneiro (1998) também considera a ruralidade como um processo dinâmico reestruturado periodicamente através de novos valores, hábitos e também técnicas.

Nesse sentido, vem a questão: como a modernização afeta o rural? Wanderley (2000) acredita que os avanços, nas mais diversas áreas, causam uma redefinição das questões que envolvem o campo e a cidade, que culminariam com a emergência de uma nova ruralidade. Em outras palavras, o campo realizaria uma ressignificação de suas funções sociais, perdendo o caráter de antagonismo com o meio urbano e passando a estabelecer uma relação de complementaridade com as cidades. Isso porque as distâncias físicas e sociais foram sendo pouco a pouco reduzidas pelo acesso da população rural aos bens e serviços e também pela melhoria da renda dos moradores do campo. Dentro dessa perspectiva, o renascimento rural “é resultado da difusão, no espaço, dos efeitos da modernização e do enriquecimento do conjunto da sociedade” (KAYSER, 1990, p. 81 apud WANDERLEY, 2000, p. 9). Esse é um conceito que não consideramos totalmente adequado, uma vez que coloca o rural em condição passiva e o campo também exerce influências conforme mostra Carneiro (1998):

> [...] não podemos entender a ruralidade hoje somente a partir da penetração do mundo urbano-industrial no que era definido tradicionalmente como “rural”, mas também do consumo pela sociedade urbano-industrial, de bens simbólicos e materiais (a natureza como valor e os produtos “naturais” por exemplo) e de práticas culturais que são reconhecidos como sendo próprios do chamado mundo rural (CARNEIRO, 1998, p. 59).

Veiga (2006) apresenta duas hipóteses extremas sobre a ruralidade: a completa urbanização formulada por Lefebvre em 1970 e o renascimento rural apontado por Kayser e remete a uma terceira hipótese: o nascimento de outra ruralidade. “O que é novo nessa ruralidade pouco tem a ver com o passado, pois nunca houve sociedades tão opulentas quanto as que hoje tanto estão valorizando

sua relação com a natureza" (VEIGA, 2006, p. 334). Ao analisar o caso italiano, o autor diz que houve um casamento entre a cidade e o campo: a primeira oferece o lazer e também o trabalho; já o segundo tem como destaques a liberdade e a beleza. O autor ressalta que é apenas em situações de grande prosperidade socioeconômica que se revelam as qualidades dessa ruralidade que impulsionam a conservação da biodiversidade, o aproveitamento econômico das paisagens e ainda o aumento das fontes renováveis de energia.

Outra discussão aborda que os diversos grupos que compõem o cenário rural podem enriquecer a dinâmica dessas comunidades, mas também representar fonte de conflito (WANDERLEY, 2000). Essas posições variadas refletem justamente as múltiplas interpretações do que é o rural e os mais variados interesses. Seria um espaço destinado à produção? Um espaço de consumo visando melhor qualidade de vida? Um patrimônio ambiental que precisa ser preservado?

Essas interpretações variam de acordo com os critérios de cada país. Mas, de modo geral "este meio rural não é mais um espaço isolado do meio urbano; ao contrário, cada vez mais ele se insere, de modo diferenciado, sem dúvida, na sociedade moderna e incorpora suas mais profundas influências" (WANDERLEY, 2000, p.109). Outra interpretação acerca dessa nova ruralidade aponta para a existência de um *continuum* entre o meio rural e o meio urbano, que seria o reconhecimento de que "a passagem de uma comunidade rural para outra urbana se realiza de maneira gradual, de tal modo que entre o urbano e a ruralidade não há uma ruptura e sim uma continuidade" (DURÁN, 1998 apud WANDERLEY, 2000, p. 126). Carneiro (1998) lembra que esse processo de urbanização do campo se realizaria por meio principalmente da difusão de técnicas e também de costumes citadinos que culminariam com a perda das diferenças entre cidade e aldeia. Carneiro (1998) não acredita que aconteça uma homogeneização que reduziria a distinção entre o rural e o urbano a um *continuum* dominado pela cena urbana. Inclusive para Carneiro (1998, p. 53), não se pode falar de ruralidade em geral, já que "ela se expressa de formas diferentes em universos culturais, sociais e econômicos heterogêneos".

Laurenti (2000) comenta sobre a irrelevância da divisão rural/urbano e projeta que, já a partir de 2010, a população rural crescerá principalmente em função das atividades não-agrícolas que irão ter equivalência com as atividades agrícolas. Para o autor, esse quadro é acentuado pelo permanente uso de inovações tecnológicas

que aumentam a produtividade de trabalho e necessitam cada vez menos pessoas para o processo de produção agrícola, ou seja, essa mão-de-obra acabará se ocupando em atividades não-agrícolas.

A partir das discussões feitas a partir Graziano da Silva, Del Grossi e Campanhola (2002); Wanderley (2000); Carneiro (1998); Froehlich (2004 e 2002), Veiga (2006) e Laurenti (2000) foram identificadas características, significados e tendências que podem ser considerados elementos integrantes do cenário que compõe o novo rural brasileiro. O resumo desses elementos pode ser visualizado na Tabela 2:

Tabela 2 – Elementos que caracterizam o novo rural

Contexto	Agropecuária moderna e ligada às agroindústrias
	Atividades impulsionadas por demandas de mercado Crescimento das atividades não-agrícolas
	Melhor infraestrutura básica e também nos transportes e serviços de comunicação
	Maior produtividade do trabalho e consequentemente maior tempo livre que é ocupado pelas atividades não-agrícolas
	Categoria em transformação/dinâmica
	Perda do antagonismo com as cidades e contorno do rural passa a ser dado por homogeneidades
Atores	Agricultor pluriativo
	Trabalhador em atividades não-agrícolas no meio rural
	Trabalhador da cidade de média e alta renda que encontra no meio rural local de moradia e lazer
	Trabalhador da cidade de baixa renda ou desempregados que encontram no meio rural moradias de custos mais acessíveis
Significados	Espaço de múltiplas dimensões
	Espaço para redefinições e ressemantizações
	Espaço considerado: peculiar, singular, acolhedor, saudável repousante, tema, cenário, livre e belo
	Espaço que remete à diferença valorizada
	Modo específico de utilização do espaço e de vida social
Tendências	Redução dos fluxos migratórios do campo para as cidades e estabelecimento de um contra-fluxo do êxodo rural
	Emergência/nascimento de nova ruralidade expressa em diferentes formas em universos culturais, sociais e econômicos heterogêneos
	Ressignificação das funções sociais e reforço das identidades locais
	Rural como local de consumo de bens simbólicos e materiais
	Indefinições do rural como: espaço de produção X local de qualidade de vida X patrimônio ambiental

Fonte: elaborado por Schwartz (2012) a partir Graziano da Silva, Del Grossi e Campanhola (2002); Wanderley (2000); Carneiro (1998); Froehlich (2004 e 2002), Veiga (2006) e Laurenti (2000).

Com essas mudanças no campo que fazem emergir um novo rural, mudam também os papéis dos integrantes da família rural e, principalmente, da mulher rural? É o que vamos discutir a seguir.

2.2.2. O papel da mulher rural

Torres e Rodrigues (2010) consideram que, ao longo da história, a divisão social das tarefas foi a categoria explicativa dos papéis de gênero; papéis sexuados que são construídos socialmente e são ressignificados de acordo com o *ethos* de cada sociedade.

De acordo com Woortmann & Woortmann (1997 apud SILVA e MENEZES, 2010, p. 290), "se o homem é o controlador dos espaços produtivos externos à casa [o roçado], cabe à mulher o governo da mesma [da casa]". Conforme Brumer (2004) é na esfera doméstica que as mulheres se sentem autônomas e exercitam o poder com decisões sobre os alimentos, os cuidados com a casa e a educação dos filhos e filhas, ou seja, a casa é o espaço privado de atividade feminina e controlado pela mulher (BOURDIEU, 2010). Bourdieu reflete que a divisão socialmente construída entre os sexos parece estar "na ordem das coisas" (BOURDIEU, 2010, p. 17), ou seja, normal, natural, e assim adquire legitimação. "A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificação: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la" (BOURDIEU, 2010, p. 18). O autor aponta ainda que é da família o papel principal de reprodução da dominação e da visão masculinas e também é nesse ambiente que acontece a experiência precoce da divisão sexual do trabalho e a legitimação dessa visão. Hernández considera que este pensamento contribui até para que mulheres rurais cumpram jornadas excessivas de trabalho com resignação:

> [...] ainda é comum a ideia de separar a esfera pública e privada, na qual a participação do homem é claramente definida como o principal provedor e responsável pelo sustento familiar, enquanto que a participação da mulher é basicamente na esfera doméstica (espaço privado). Este aspecto é identificado como algo naturalizado, percebido assim pela própria mulher e reafirmado pela família. Inclusive, muitas vezes as múltiplas tarefas, que se traduzem em uma sobrecarga de trabalho, chegam a ser subestimadas pelas próprias mulheres (HERNÁNDEZ, 2010, p. 106).

Muitas mulheres rurais são vistas e se vêem como ajudantes, auxiliares, coadjuvantes, que realizam um trabalho menor, sem remuneração e quase invisível, apesar de exaustivo e com muitas cobranças. Scott (2010) analisa que a compreensão do trabalho feminino como "ajuda" é mais comum na agricultura familiar e que essa interpretação deve ser ampliada para percorrermos um caminho de ressignificação de gênero em contextos rurais "como relações de poder em constante negociação entre mulheres e homens em domínios de poder diversos" (SCOTT, 2010, p. 26). O autor completa que, ao questionarmos essa noção de ajuda, também contribuímos para a luta, para a igualdade das "contribuições femininas às práticas econômicas e sociais cotidianas das famílias rurais" (SCOTT, 2010, p. 25). No entanto, justamente pelo menosprezo ao próprio trabalho doméstico essa tarefa não é fácil, uma vez que "a noção de ajuda é um plasma cristalizado no imaginário dessas mulheres" conforme constataram Torres e Rodrigues (2010, p. 239) em pesquisa com moradoras da região amazônica.

Silva e Portella (2010, p. 127) consideram que as mulheres são invisibilizadas a partir do momento em que não são reconhecidas pelos outros como sujeitos ativos dos processos produtivos. Ao analisar a divisão sexual do trabalho na região nordeste do Brasil, as autoras realizaram oficinas com trabalhadoras rurais que elaboraram um conceito sobre a agricultura familiar. Nele o que mais chama a atenção é o apontamento de um ciclo contínuo de trabalho.

> A agricultura familiar é aquela cultivada em uma pequena extensão de terra, através da utilização da mão-de-obra da família. Ela representa uma grande diversidade de cultivos, cuja produção é direcionada para a alimentação da própria família. É encontrada em todo o Nordeste e apresenta-se como um ciclo contínuo entre a produção e a reprodução, tanto no que se refere às atividades agrícolas quanto no que se refere à utilização e organização dos espaços e do tempo (SILVA e PORTELLA, 2010, p. 130).

Scott, Rodrigues e Saraiva (2010, p. 72) afirmam que o trabalho das mulheres rurais ultrapassa uma segunda jornada: "Ele ocorre numa jornada contínua que vai do amanhecer ao anoitecer, resultando na confusão entre as atividades domésticas e produtivas". Sorj (2009) lembra que o ambiente doméstico é um dos mais resistentes para a igualdade doméstica e associa isso ao valor cultural de que o principal compromisso das mulheres é a família e ainda ao fato de que os homens não têm interesse em mudar sua posição na esfera doméstica, uma vez que isso não lhes traz nenhuma vantagem. Em oficina[16] realizada em julho de 2011 com

[16] Ver nota de rodapé número 1.

mulheres rurais e profissionais que atuam em atividades ligadas ao meio rural, durante a sétima edição da Feira de Economia Solidária do Mercosul[17], Schwartz, Silveira e Souto verificaram que a divisão de tarefas domésticas ainda está longe de ser realidade no espaço rural:

> [...] na área urbana a gente ainda até que percebe essa vinda da mulher do mercado de trabalho fora de casa e um pouco também os homens assumindo as tarefas dentro de casa. Na área rural isso ainda não é uma realidade ainda espalhada. Não é verdadeiro que os homens na área rural assumam o uso das tarefas domésticas. Isso significa, para as mulheres rurais, ainda, muito trabalho, porque sai, participa de uma agroindústria, participa de um espaço de comercialização aqui na feira, faz outras coisas, mas tem que dar conta de tudo ainda dentro de casa. Isso ainda não está, essas tarefas não estão bem divididas ainda.
>
> Servidora pública do Espírito Santo, 36 anos

> Sobra muita coisa pra mulher ainda. Bastante ainda. Mas eu acho que tem que trabalhar junto. Não separados. Trabalhar marido e mulher junto, pra poder, não sobrar muito pra mulher.
>
> Agricultora de Santa Maria, 52 anos

As participantes relataram que, muitas vezes, a iniciativa de dividir as tarefas precisa partir das próprias mulheres, que admitem que se consideram as únicas responsáveis pelo espaço doméstico, como se atividades como lavar roupas, louças e fazer comida fossem obrigações inerentes da mulher. No entanto, mulheres urbanas e rurais reconhecem que a iniciativa de buscar a divisão das atividades domésticas não é simples, conforme exemplifica o depoimento de uma agricultora de Santa Maria sobre a forma com que ela começou a incentivar o marido e o filho a ajudarem nas tarefas domésticas do dia a dia.

> [...] eu trabalho direto na padaria aí não tem como não fazer. De primeiro eles não gostavam muito, quando nós começamos essa padaria, eles não gostavam muito, mas daí ficavam sem comer. A gente deixava lá a carne, oh, tá descongelando, amanhã tu faz assim e, se ele não fizesse, ficavam sem comer. Daí se obrigavam a fazer. Agora já pegou prática, lava louça, limpa a casa. Mas tem que acostumar.
>
> Agricultora de Santa Maria, 53 anos

> Às vezes a gente quer ser muito polivalente, a gente não dá oportunidade. Não dá aquela abertura, o espaço. Fala: ah, não, tem que fazer, vamos fazer direito, vou lá e vou fazer logo. Então a gente acaba fechando o círculo, quer ser polivalente. Nós mulheres, de forma geral, queremos abraçar o mundo e às vezes não damos oportunidade pro homem. Que nem

[17] A sétima feira de Economia Solidária do Mercosul aconteceu junto com a 18ª Feira Estadual do Cooperativismo entre os dias 8 e 10 de julho de 2011 em Santa Maria, RS, e, segundo a organização, teve a visitação de 151 mil pessoas. Empreendimentos solidários, movimentos sociais e entidades de 435 municípios de todos os estados do Brasil e também de 15 países da América Latina, Europa e África participaram do evento que contou com oficinas, seminários, debates, caminhadas e apresentações culturais.

> o caso que ela falou, que eu achei interessante, se tu não vai fazer, tu não vai comer, então se vira, então é interessante.
>
> Assistente social de Minas Gerais, 25 anos

> Eu acho que já faz parte da mulher. Ela consegue fazer muitas coisas e o homem não. [...] lá em Minas foi feita uma pesquisa, na nossa cidade, com um grupo de homens e um grupo de mulheres, o que eles fazem a partir do momento em que acordam até a hora de deitar. As mulheres fazem até cinquenta coisas no mesmo dia e o homem seis, sete coisas, o dia todo. Então isso faz parte da gente. Já vem lá de trás, do ser mulher. E às vezes a resposta é como ela falou, da gente tentar mudar, modificar isso. Mas partindo da gente também.
>
> Assistente social de Minas Gerais, 30 anos

Apesar de muitas mulheres se sentirem as únicas responsáveis pelas tarefas domésticas, as mulheres rurais não escondem a insatisfação com o excesso de trabalho e algumas até comparam o trabalho da mulher rural ao serviço escravo. Isso pode ser verificado durante o grupo de discussão com mulheres rurais realizado na primeira etapa desta pesquisa (Apêndice B).

> No caso da mulher, a mulher toma conta da casa, a mulher toma conta de tudo.
>
> Agricultora, 43 anos, Distrito de Pains

> Eu acho que a mulher praticamente pra fora é uma escrava. Não digo bem isso, mas é casa, é tudo.
>
> Agricultora, 57 anos, Distrito de Arroio do Só

> É que no interior tu tem uma abóbora, aí tu vai lá, quero fazer um docinho pra aproveitar a abóbora, aí vai fazer queijo [...] a gente quer aproveitar as coisas que tem e no fim acaba se escravizando mesmo.
>
> Agricultora, 56 anos, Distrito de Pains

Pode-se perceber que esse trabalho excessivo gera angústia e descontentamento. Nesse sentido, as próprias mulheres relatam que buscam fazer alterações na rotina para não trabalharem tanto e cuidarem mais delas mesmas. É um anseio para encontrar um limite, um equilíbrio entre o trabalho, a família e a vida pessoal. Um conflito bem semelhante ao vivido pela mulher urbana.

> [...] até uma coisa que eu preciso, como é que se diz? Policiar um pouco, de querer, não querer abraçar tudo. [...] a gente tem que trabalhar, a gente faz, mas que a gente faça o que estiver ao nosso alcance, em relação ao alcance que eu digo, físico e até psicológico. Até não digo no limite porque a gente acha que o nosso limite sempre vai um pouco mais.
>
> Agricultora, 31 anos, Distrito de Arroio Grande

> Eu acho que é demais também. Eu sinto, mas eu não consigo, se eu faço no limite, eu faço a metade das coisas.
>
> Agricultora, 57 anos, Distrito de Arroio do Só

> Não ser escrava como a [cita o nome de outra agricultora] falou, fazer demais as coisas.
>
> Agricultora, 56 anos, Distrito de Pains

> Lá em casa [os filhos] fez nós largar, vender as vacas de leite, diminuir, porque a coisa andava muito [risos]. Falou: chega pai, vamos vender essas vacas pra parar um pouco de trabalhar. Foram eles que deram um limite pra nós. Aí a gente vendeu as vacas de leite e diminuiu, mas é muito acelerada a coisa. Eu trabalhava demais, cheguei a fazer vinte queijos por dia. Todo dia vinte queijos não é fácil. Levantava cheirando queijo e ia dormir cheirando queijo.
>
> Agricultora, 52 anos, Distrito de Boca do Monte

> [...] uma época eu tirava leite, eu cuidava de horta, eu fazia comida, eu fazia pão, eu lavava roupa, eu fazia tudo sabe, então não tem como, sozinha não tem como. Eu plantava pepino, embalava pepino, apanhava pepino, agora não dá mais, então agora eu tenho comprado, tudo o que faço é comprado. Não produzo nada mais. Tem a terra lá só pra ter. Não é produzido nada.
>
> Agricultora, 43 anos, Distrito de Pains

> É que a mulher tem que se valorizar mais. A gente pensa no marido, pensa nos filhos e não se valoriza nunca. A gente não tira tempo pra ir lá fazer um pé. Ah, mas como é que eu vou ir, tem aquilo pra fazer. Tem que ir lá cortar o cabelo, hoje eu vou deixando, tem que dar atenção pro serviço, pro marido, pro filho. A gente não tira tempo pra gente.
>
> Agricultora, 53 anos, Distrito de Arroio Grande

Em estudo sobre as mulheres no sindicalismo rural no estado de Pernambuco, Lima (2010) descobriu que, muitas vezes, nem a mulher sabia ao certo qual o seu papel na construção do patrimônio familiar. “Nos censos, geralmente ela se declarava como dona-de-casa e não como trabalhadora rural, o que a privava, inclusive, do direito à aposentadoria, conquistado em 1988” (LIMA, 2010, p. 103). A autora lembra que, até o início dos anos 1980, participar de movimentos sociais era considerado um risco moral para as mulheres já que o entendimento era que sua responsabilidade era com a casa e os filhos. “Para os sindicatos, parecia natural que elas fossem colocadas como dependentes dos maridos, sua ausência não era sentida nem questionada no momento” (LIMA, 2010, p. 111). Uma situação que tem mudado graças também ao incentivo das próprias entidades sindicais. No Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santa Maria quase metade dos associados são mulheres.

Apesar de estarem mais presentes e atuantes nas entidades sindicais, algumas mulheres rurais ainda se ressentem de que não alcançaram o reconhecimento almejado dentro da própria família, conforme demonstram as declarações dos participantes do grupo de discussão feminino realizado na primeira fase dessa pesquisa. Elas responderam à seguinte pergunta: você considera seu trabalho valorizado por sua família?

> Nem sempre.
>
> Agricultora, 43 anos, Distrito de Pains

> Só quando a mulher termina.
>
> Agricultora, 34 anos, Distrito de Pains

> No meu caso é valorizado porque a gente vive disso, os dois junto trabalhando, a gente faz já 20 anos que a gente trabalha com feira e a gente deu faculdade pros três filhos trabalhando com feira. Então eu acho que é valorizado.
>
> Agricultora, 52 anos, Distrito de Boca do Monte

Já no grupo de discussão realizado com agricultores na primeira fase da pesquisa, muitos deles casados com as mulheres participantes do grupo feminino, verificou-se uma valorização da atuação das mulheres e dos filhos para a manutenção da agricultura familiar (Apêndice C). A execução das tarefas domésticas e atividades como horta e cuidado com o gado leiteiro por parte das mulheres, deixa os maridos tranquilos para se dedicarem à lavoura. “Braço direito”, “esteio”, “braço e perna da família”, “alicerce” foram palavras usadas para relatar a importância que os homens atribuem às mulheres.

> São as pessoas principais em manter o campo hoje produtivo. Porque se nós fizermos uma avaliação, o que seria do homem sem a esposa e os filhos? Hoje quem é que garante a permanência do lar, da horta, do gado de leite, da sustentação familiar? Praticamente é a mulher e os filhos porque geralmente o homem se envolve com a lavoura, ele se envolve com outras atividades, mais pesadas, então é a mulher e os filhos que são praticamente o futuro da existência da agricultura. Sem eles, a agricultura acabará de modo geral.
>
> Agricultor, 46 anos, Distrito de Santa Maria

> Elas [as mulheres] é que estão segurando a corda, o pessoal, a maioria dos homens é na lavoura e coisa, e as mulheres, é que estão segurando a corda.
>
> Agricultor, 43 anos, São Pedro do Sul

> Quanto à mulher, eu sei dizer a falta que faz a mulher no meio rural, minha esposa é professora. Aí eu tenho que me desdobrar em não sei, dois, três. [...] então eu acho que a mulher é o esteio da casa, não vou dizer só o braço direito, é o braço e a perna da família mesmo. Eu acho que se iguala, hoje a mulher tem um papel de igual pra igual com o homem na propriedade.
>
> Agricultor, 44 anos, Pinhal Grande

> [...] com a mulher no campo junto com a gente, nós que trabalhamos junto, se cria o alicerce, com a mulher junto, a base, o alicerce fica fortalecido.
>
> Agricultor, 50 anos, Distrito de Palma

> A mulher é o braço direito do homem porque, onde tem uma boa mulher apoiando o homem, é onde que a agricultura vai pra frente.
>
> Agricultor, 62 anos, Distrito de Boca do Monte

Sobre a participação da mulher nas decisões da família, algumas mulheres participam mais ativamente e outras nem tanto. É possível perceber que existe abertura para o diálogo entre os casais, mas a decisão final, aparentemente, ainda continua com os maridos.

> Lá em casa, nenhum faz nada sem falar com o outro.
>
> Agricultora, 53 anos, Distrito de Arroio Grande

> E o dinheiro vai tudo junto (risos do grupo).
>
> Agricultora, 56 anos, Distrito de Pais

> O meu marido até pode me perguntar assim: ah, o que você acha? Mas eu falo, mas ele não faz. Claro com relação ao dinheiro, como ela falou, vai tudo junto, mas as decisões mesmo é mais ele que toma. Às vezes até tu dá uma ideia, comenta, conversa, quem sabe assim, quem sabe assado, mas a decisão sempre é dele.
>
> Agricultora, 31 anos, Distrito de Arroio Grande

O relato da agricultora demonstra que ela percebe que o marido abre espaço para o diálogo, mas não respeita suas opiniões. Para Bourdieu (2010), muitas vezes a dominação masculina nem é percebida pelas mulheres. O autor considera que a submissão feminina resulta da violência simbólica:

> [...] violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento (BOURDIEU, 2010, p. 7-8).

O autor tem a preocupação de esclarecer que, ao enfatizar a violência simbólica, ele não está minimizando a violência física, ou seja, não podemos entender violência simbólica como violência que não é real, que não tem efeitos. Apesar de, em geral, não se sentirem tão valorizadas como gostariam, as mulheres rurais participantes do grupo de discussão acreditam que a dominação masculina perdeu muita força. Elas afirmam que, atualmente, as mulheres rurais têm mais informação e, com isso, elas se sentem mais poderosas e fortes do que suas mães e avós, por exemplo, que, muitas vezes, eram submetidas às ordens do marido sem direito de questionar. As mulheres rurais, conforme mostraram os depoimentos, atualmente buscam respeito e tratamento de igualdade dentro de casa.

> Eu acho que mudou muito. Com toda a informação que tem hoje toda informação de lei, só quem queira ficar ali mesmo.
>
> Agricultora, 43 anos, Distrito de Pains

> Eu acho que ainda tem alguns casos isolados de mulheres, com uma personalidade submissa por natureza, que elas aceitam porque sei lá, às vezes até pensam em se rebelar, mas aí já é tarde, já se acostumaram, o

> marido já é dominador por natureza, e elas se encaixaram perfeitamente naquela opressão. Acho que há alguns casos isolados de mulheres que são naturalmente submissas e que aceitam.
>
> Agricultora, 34 anos, Distrito de Pains

> Olhar pras nossas mães e olhar pra nós agora a diferença é grande. Porque a gente trabalha junto, a gente vive essa vida junto, não tem ele mais, ou eu mais, a gente vai no mesmo nível, na mesma maneira, andando sempre junto.
>
> Agricultora, 52 anos, Distrito de Boca do Monte

> O meu caso é interessante porque a minha mãe era bem o avesso de mim, a minha mãe era aquela mulher Amélia, submissa ao extremo, ela passava a vida toda só dentro de casa, cuidando da horta, das galinhas, dando comida pros porcos, pros cachorros, tirando leite das vacas, só aquilo ali e o meu pai só mandava nela, dizia pra ela tudo que ela tinha que fazer, e cuidava só das lavouras grandes, do milho, do feijão, da mandioca, dos porongos, de todas outras coisas que ele plantava, e dois bois e dos terneiros. As vacas era ela que cuidava, os cavalos era ele, tudo assim. E eu ficava achando tudo aquilo muito estranho, mas ela concordava com aquilo, ela tinha se acostumado assim, ela não sabia viver de outra forma, e ela não conseguia imaginar a vida dela vivendo independente vivendo pra si mesma, ela só sabia obedecer, fazer o que ele mandava e servia a ele ao seu senhor como se diz. E eu não conseguia entender aquilo e eu não consigo ser igual, de jeito nenhum, tanto é que agora que ela morreu a gente vai lá na chácara faz seis meses, tá tudo assim ó, é um matagal na volta da casa, as galinhas que sobraram que as raposas não comeram são meia dúzia lá tudo magrela, botam ovo onde dá vontade não tem ninguém pra cuidar, horta acabou, está virado tudo um matagal assim. Nem os tomates não têm mais porque era ela que botava água todo dia de manhã e de tarde pra poder produzir. E ele continua cuidando só da lavoura lá, mas e daí? Agora fez a diferença, deu pra perceber que o trabalho dela que não tinha, não fazia nada, só ficava uma figura decorativa, era ela que dava sustentação a tudo. Eu já não consigo ser igual, nunca consegui ser igual, bem ao contrário dela.
>
> Agricultora, 34 anos, Distrito de Pains

> Às vezes, quando perdem que vão dar o valor pra mulher. A gente vê, o marido bebe, maltrata a mulher, depois perde a esposa e vai dar o valor. E a mulher tem que ter atitude.
>
> Agricultora, 30 anos Jaguari

Para Touraine (2007), quanto mais a ideia de gênero for subordinada à dominação masculina, menos ela terá capacidade de dar conta da totalidade da experiência vivida. “Mesmo que seja cômodo dizer que a mulher é o proletário do homem, esta imagem não leva a nenhuma compreensão real das relações entre homens e mulheres. Renunciemos a esta retórica que não explica nada” (TOURAINE, 2007, p. 82). O autor completa afirmando que “nada faz mais sucesso do que a dominação masculina, sobretudo quando ela reduz as mulheres a simples efeitos desta dominação, o que priva estas mulheres de qualquer meio de se emancipar desta dominação” (TOURAINE, 2007, p. 45).

Em entrevistas feitas com sessenta mulheres na França, Touraine (2007) percebeu que as mulheres são um novo ator coletivo, que tem como objetivo a construção de si mesmas.

> Nossas entrevistas testemunham uma mudança de posição e de estatuto das mulheres na sociedade, mas igualmente a invenção de uma sociedade de mulheres na qual os homens estão numa posição relativamente enfraquecida e diante da qual manifestam certa ansiedade. Esta formulação não pretende sugerir que as mulheres estão em vias de alcançar qualificações e responsabilidades que no passado não podiam pretender. Significa que as mulheres estão em vias de instaurar um modelo de sociedade cuja novidade principal reside precisamente no fato delas terem passado de uma função de consumidoras para uma função de produtoras de uma organização social, de representações culturais, de ideologias (TOURAINE, 2007, p. 86).

Saffioti (2009) considera que a igualdade de gênero só pode ser obtida por meio da conquista de autonomia por parte das mulheres.

> No campo do gênero*, os homens como categoria social* têm liberdade quase absoluta, desfrutam de *autonomia*, conceito político, coletivo, cujo significado é não necessitar pedir licença à outra categoria de sexo para realizar seus projetos, seus desejos. Já *as mulheres como categoria social* precisam solicitar autorização à primeira categoria. Isto reforça o argumento de que a independência pessoal, ainda que importante, não é suficiente para transformar *a ordem patriarcal de gênero* em uma *ordem igualitária de gênero*. Se a autonomia é privilégio de apenas uma categoria social de sexo, fica patente a hierarquia e, portanto, a desigualdade (SAFFIOTI, 2009, p. 50).

Para Sorj (2009, p. 109), as mulheres têm vontade de conquistar novos espaços de autonomia e desenvolvimento pessoal e ainda emerge um novo senso de justiça que valoriza a igualdade de gênero. Além disso, a autora considera que transformações de caráter estrutural, como o acelerado processo de urbanização, o aumento da participação das mulheres no mercado de trabalho, o avanço da escolaridade feminina e a queda da taxa de fecundidade, alteram a tradicional divisão sexual do trabalho na família e promovem mudanças nas representações e práticas familiares.

Schwartz, Silveira e Souto[18] analisaram essas mudanças de representações e observaram que existe a percepção por parte das mulheres rurais de que elas estão conquistando novos espaços fora do eixo doméstico. As autoras realizaram uma oficina com mulheres que desenvolvem atividades ligadas ao meio rural e propuseram que elas caracterizassem a mulher rural ontem e hoje. Para isso, foram fornecidas duas malas com roupas, sapatos e acessórios variados. Duas

[18] Para mais informações sobre a oficina ver nota de rodapé número 1.

participantes foram voluntárias para serem as modelos da dinâmica. Na visão do grupo, a mulher rural do passado era uma mulher que participava ativamente das tarefas da propriedade rural e também mantinha a casa e cuidava dos filhos. Uma mulher com dupla jornada que existia e ainda existe segundo as participantes da oficina. Ela foi caracterizada com calças compridas, botas de borracha, avental e chapéu de palha. As agricultoras se identificaram com a caracterização porque, segundo elas, são itens indispensáveis de proteção para o trabalho.

> Porque eu trabalho de bota, eu vou na estufa, vou tirar leite. Que nem essas botas de couro [aponta a bota de uma participante], tu vai lá por fora, quando tem orvalho não adianta, que nem essas aí [as botas de borracha], estão sempre enxutinhas.
>
> Agricultora de Santa Maria, 53 anos

> Eu acho que o chapéu é pro sol não queimar muito o rosto da gente, proteger do sol. E a bota é pra não molhar os pés. Pra andar no molhado, na lavoura, no molhado e a bota de borracha é o que mais protege no molhado.
>
> Agricultora de Santa Maria, 52 anos

> Eu acho que, principalmente, ela tá toda caracterizada para o trabalho. Eu acho que essa é principal referência da mulher rural de um tempo mais atrás. É uma mulher para o trabalho e um trabalho necessariamente não reconhecido, tanto fora como dentro de casa. Na lavoura e dentro de casa também. É principalmente a característica do trabalho.
>
> Servidora pública do Espírito Santo, 36 anos

Já a mulher rural de hoje também foi caracterizada com chapéu de palha, demonstrando que as mulheres que ainda vivem no campo possuem ainda um laço muito forte com o trabalho nas propriedades.

> O chapéu também representa, mesmo sendo a modernidade hoje, mas se a gente tiver que voltar antigamente a gente volta, que a gente não esquece as origens. Sempre tem aquilo no sangue [risos].
>
> Beneficiadora de bananas do Espírito Santo, 34 anos

> O chapéu, na verdade, também é pra representar o trabalho, que o trabalho continua.
>
> Servidora pública do Espírito Santo, 36 anos

A mulher rural atual ainda foi caracterizada com saia e usou acessórios como manta, pulseira, colar e bolsa, demonstrando um cuidado maior com a aparência e com a autoestima. Uma forma de elas estarem preparadas para também atuar fora dos limites da propriedade rural.

> Eu vejo que já é uma mulher mais avançada. Pode ser uma dona de casa, mas com objetivos voltados também pro trabalho fora. Conquistando coisas, não só dentro do lar, não só no trabalho dentro do lar, mas fora também, em geral. Teve várias conquistas. Então já é uma mulher mais avançada, uma era mais a frente, não voltada só pra casa, pra dentro de casa.
>
> Artesã do Espírito Santo, 41 anos

> Eu acho que é importante aqui de diferencial é que a mulher atual trabalha, trabalha também muito, também cuida das coisas em casa, só que agora tem um pouco mais, vamos dizer assim, alguns acessos, uma visão, cuida, se cuida um pouco mais, que era uma coisa mais, que não era tão visível antes, de se cuidar mesmo, cuidar da aparência, cuidar da saúde, esses cuidados eu acho que tão mais presentes na mulher atual. Por isso que ela está um pouco mais enfeitadinha ali. Não é só aquela mulher que vivia só pro trabalho, só pra família. Ela se cuida, e cuidar também participando de formação, não é só um cuidado estético não, estudo que aumentou.
>
> Servidora pública do Espírito Santo, 36 anos

A caracterização buscou, de uma forma lúdica, evidenciar a percepção das mulheres acerca das mudanças ocorridas no papel da mulher rural nos últimos anos. Questionadas sobre os motivos que teriam contribuído para a mudança entre a mulher rural do passado e a atual, o acesso à informação, a participação em movimentos sociais e a conquista de renda própria foram apontados como os principais fatores como mostram as declarações a seguir:

> Buscamos mais informação e já não dependemos tanto do homem. Querer ser um pouco mais independente pra ter suas próprias coisas pelo seu esforço, não depender do homem para poder ter um celular ou um computador. A mulher se interessa por informar-se e ter informação.
>
> Empreeendedora de tecidos argentina, 47 anos

> Comunicação e informação.
>
> Artesã do Espírito Santo, 41 anos

> Tem a organização, movimentos mistos, movimentos só de mulheres.
>
> Servidora pública do Espírito Santo, 36 anos

> A busca pela igualdade e pelos direitos.
>
> Assistente social de Minas Gerais, 30 anos

> Antigamente os homens não deixavam muito a mulher sair, participar de reuniões, essas coisas. Hoje em dia já tá mais avançado, isso já é visto com outros olhos.
>
> Beneficiadora de bananas do Espírito Santo, 34 anos

> A mim me parece que uma razão pode ser que antes a mulher, sua ocupação e seu espaço, eram a casa, a chácara, a granja, e agora está tomando outras atividades como sair ou para trabalhar fora ou organizar-se ou relacionar-se com os outros como na feira.
>
> Extensionista rural argentina, 31 anos

> Eu acho que uma diferença interessante é a busca pela autonomia das mulheres. Principalmente na área rural, a gente percebe bastante isso. Porque mesmo que participe sempre do trabalho, a autonomia de decidir, até uma autonomia financeira, isso não era nada comum. Até com a capacitação, com agroindústrias, com toda essa mudança um pouco aí do trabalho, então as mulheres acabam conquistando um pouco de autonomia, muitas vezes até, a renda daquela família acaba sendo bem significativa a parcela que é produzida por essas mulheres.
>
> Servidora pública do Espírito Santo, 36 anos

Essas mudanças no papel da mulher rural e sua inserção em outras funções fora do eixo doméstico se refletiram na composição da família rural, principalmente na redução do número de filhos. É o que vamos abordar em seguida.

2.2.3 As mudanças na família rural

Um levantamento feito em 2011 em quatro mil e quinhentas propriedades rurais de trinta e quatro cidades da região central do Rio Grande do Sul, pela Emater, a pedido do Programa Territórios da Cidadania[19], constatou, entre outros dados, a redução do número de filhos, o que faz com que as famílias rurais atualmente sejam muito pequenas. Em geral, elas têm um ou dois filhos, número muito semelhante às famílias urbanas (DIÁRIO DE SANTA MARIA, 2011).

Informação similar foi constatada pela presente pesquisa no grupo de discussão com mulheres rurais. Principalmente entre as agricultoras mais jovens, a família rural se aproxima bastante da família urbana na questão do número de filhos: é comum elas optarem por ter apenas um filho. Elas consideram difícil conciliar a maternidade com o trabalho dentro e fora das propriedades. O custo de vida e a preocupação com a educação e a formação das crianças estão entre os principais motivos apontados para a redução das famílias.

> Custo de vida muito alto. E o que uma criança incomoda.
>
> Agricultora, 43 anos, Distrito de Pains

> Eu acho que é o custo também porque tu queres dar uma vida melhor.
>
> Agricultora, 57 anos, Distrito de Arroio do Só

> Durante essa semana, a gente teve a feira da praça, então eu vinha pra feira e não tinha com quem deixar ele [o filho]. Aí tinha que trazer ele cedo, às vezes acordava às cinco da manhã, cinco e pouco, você tem que levar ou procurar alguém conhecido pra deixar. Eu optei por um [filho] em função disso.
>
> Agricultora, 31 anos, Distrito de Arroio Grande

As agricultoras lembram que, nas gerações anteriores, eram comuns famílias com dez, doze filhos, mas que a alimentação e o próprio vestuário eram restritos e

[19] O Território da Cidadania Região Central, delimitado pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário, abrange uma área de 32,45 mil quilômetros quadrados e é composto por 34 municípios. A população é de 652.725 habitantes, dos quais 119.811 vivem na área rural, o que corresponde a 18,36 por cento do total.

as crianças abandonavam a escola muito cedo porque tinham que ajudar os pais na lavoura.

> Hoje em dia pra ter dez filhos que nem era antigamente, antigamente os filhos não estudavam, eles comiam feijão e batata, e ficavam trabalhando, a roupa era uma só, remendava.
>
> Agricultora, 34 anos, Distrito de Pains

> Ia passando de um pro outro.
>
> Agricultora, 57 anos, Distrito de Arroio do Só

> Agora, se for criar os filhos assim, eles vão ser considerados em condições subumanas, eles vão ser discriminados no futuro porque eles vão ser analfabetos, vão ser criaturas alienadas.
>
> Agricultora, 34 anos, Distrito de Pains

As mulheres consideram que hoje as crianças exigem muito mais dos pais, principalmente em função das propagandas com forte apelo de consumo que existem na mídia.

> E hoje uma criança de cinco anos escolhe roupa para colocar.
>
> Agricultora, 43 anos, Distrito de Pains

> Começou a ir para a escola ele quer igualdade com os outros, ele quer roupa diferente todo dia e, se não tiver condições, vai começar a ter problemas, vai ser discriminado.
>
> Agricultora, 34 anos, Distrito de Pains

> E já pelos seus 12 anos a tecnologia tá influenciando muito ele, eles querem um telefone melhor que o outro, tênis de marca, vão pedindo.
>
> Agricultora, 30 anos, Jaguari

As mães com filhos adolescentes se preocupam principalmente com a questão do risco de envolvimento com drogas.

> Eu acho que não é tanto o custo de vida, é a educação. Quanto já tem 15, 16 anos não tem mais, se ajuntam e vão. E aí tu vai saber o que tá acontecendo? Nesse ponto, com o meu eu não tenho, porque o meu não sai de casa, é do colégio pra casa. Ele não vai jogar, não vai a lugar nenhum.
>
> Agricultora, 53 anos, Distrito de Arroio Grande

> E as preocupações do mundo moderno, drogas, más companhias. Como a gente tava comentando, com seus 12, 13 anos, [o adolescente] já tem as suas liberdades. Aí a gente fica preocupada, já vem a mentira e aí em cima de uma mentira vem outra mentira pra cobrir aquilo.
>
> Agricultora, 30 anos Jaguari

Outro problema é que, quando os filhos chegam à adolescência e juventude, muitas mães verificam a insatisfação dos jovens com a vida no meio rural e o anseio de mudança para a cidade. Esse desejo de trocar o trabalho agrícola por uma

atividade urbana é verificado de forma mais comum entre as jovens rurais e, muitas vezes, é incentivado pelas próprias mães.

2.3 A juventude rural

Apesar da maior parte dos estudos rurais ser veladamente adultocêntrica (SCOTT, 2010), os estudos sobre geração têm ganhado espaço e estão muito próximos das análises de gênero. Jovens, idosos e crianças têm sido objetos de estudos específicos e não mais apenas integrantes da família camponesa (WORTMANN, 2010). Geração (no sentido de idade) é considerada uma categoria transitória, cada pessoa sofrendo transições esperadas ao longo do curso da vida (BALANDIER, 1977 apud SCOTT 2010). Sobre juventude, ela é considerada uma categoria social, culturalmente construída e, portanto, não existe uma identidade juvenil, mas identidades no plural que dependem de aspectos históricos, sociais e culturais (CASTRO, 2005; ABRAMO, 2005 apud PAULO, 2010). Durston (1998a apud PAULO, 2010, p. 346) complementa que a juventude rural começa com a puberdade e termina quando são assumidas completamente as responsabilidades e autoridades de adulto, que correspondem aos chefes masculinos e femininos de uma unidade familiar que é economicamente independente.

Ao analisar dados do Censo 2000, Scott (2010) observou particularidades sobre o meio rural: a totalidade da população rural é mais jovem do que a população urbana; a maior transferência da população rural para urbana acontece na faixa etária entre 20 e 39 anos; a partir dos 20 anos o número de mulheres presentes no meio rural diminui mais rápido no campo e acontece a feminilização das cidades e a masculinização do campo. A cada censo é possível comprovar em números a queda na população rural. Em 2000, havia 137,9 milhões de pessoas vivendo nas áreas urbanas e 31,8 milhões nas áreas rurais e, dez anos depois, a população urbana subiu para 160,9 milhões de pessoas e a rural caiu para 29,8 milhões de pessoas. Isso representa 16 por cento de crescimento da população urbana e sete por cento de queda da população rural sendo que o número de mulheres especificamente caiu de 47,6 por cento para 47,4 por cento do total de moradores do campo. Em 2000, existiam 66,8 milhões de homens e 71 milhões de mulheres na zona urbana do país.

Já no meio rural, no mesmo ano, havia 16,7 milhões de homens e 15,2 milhões de mulheres. Já em 2010, o censo do IBGE apontou 77,7 milhões de homens e 83,2 milhões de mulheres na zona urbana e 15,6 milhões de homens e 14,1 milhões de mulheres no meio rural. Os dados sobre a distribuição das populações urbana e rural podem ser visualizados na Tabela 3.

Tabela 3 – Distribuição da população segundo o sexo e o local de moradia em 2000 e 2010

	Homens Relativo	Homens %	Mulheres Relativo	Mulheres %	Total Relativo
Urbana 2000	66 864 196	48,5	71 061 042	51,5	137 925 238
Rural 2000	16 738 120	52,4	15 209 498	47,6	31 947 618
Total 2000	83 602 317	49,2	86 270 539	50,8	169 872 856
Urbana 2010	77 710 174	49,3	83 215 618	51,7	160 925 792
Rural 2010	15 696 816	52,6	14 133 191	47,4	29 830 007
Total 2010	93 406 990	49,0	97 348 809	51,0	190 755 799

Fonte: IBGE, 2000/2010

Também segundo o IBGE, em 1950, 66 por cento dos moradores do Rio Grande do Sul viviam em áreas rurais e 34 por cento em áreas urbanas. Na década de 1980, a situação praticamente se inverteu: 68 por cento estavam nas cidades e 32 por cento na área rural. Trinta anos depois, o campo perdeu, mais uma vez, praticamente a metade de seus habitantes: 85 por cento dos habitantes do estado estão na área urbana e 15 por cento na área rural. Os dados podem ser visualizados na Tabela 4:

Tabela 4 – Evolução da população residente no Rio Grande de Sul segundo a situação do domicílio

Período	Urbana Percentual	Urbana Relativo	Rural Percentual	Rural Relativo	Total
1950	34,14	1421980	65,86	2742841	4164821
1960	44,89	2445774	55,11	3003049	5448823
1970	53,60	3620588	46,40	3134870	6755458
1980	67,81	5385866	32,19	2556856	7942722
1991	76,56	6994134	23,44	2141345	9135479
2000	81,65	8312899	18,35	1868850	10181749
2010	85,10	9100291	14,90	1593638	10693929

Fonte*:* IBGE, 1950-2010

Segundo o último censo (IBGE, 2010), Santa Maria tem 261 mil e 31 habitantes, sendo que, desse total, 52,6 por cento são mulheres. São 123 mil 624 homens e 137 mil 397 mulheres, ou seja, uma diferença de 13 mil 763 mulheres a mais do que os homens. Entre a população, 95,1 por cento das pessoas residem em áreas consideradas urbanas e 4,9 por cento em áreas rurais. Ao fazer o recorte de homens e mulheres que vivem na cidade, verificamos que 52,8 por cento dos moradores urbanos são mulheres e 47,2 por cento são homens. Já no campo, mais da metade dos moradores é masculina e 48,5 por cento é feminina. No contexto geral, 94,7 por cento dos homens vivem em áreas urbanas e 5,3 por cento em áreas rurais e 95,5 por cento das mulheres vivem em áreas urbanas e 4,5 por cento em áreas rurais. Os dados podem ser visualizados na Tabela 5.

Tabela 5 – Números relativos e valores percentuais da população residente em Santa Maria segundo sexo e local de moradia

	Homens Relativo	Homens Percentual	Mulheres Relativo	Mulheres percentual	Total Relativo	Total Percentual
Urbana	117 104	47,2	131 243	52,8	248 347	95,1
Rural	6 530	51,5	6 154	48,5	12 684	4,9
Total	123 624	47,4	137 397	52,6	261 031	100,0

Fonte*:* IBGE, 2010

Nos grupos de discussão realizados com mulheres, homens e também adolescentes (Apêndices B, C e D), os depoimentos confirmaram que o êxodo rural por parte dos jovens é cada vez mais comum. Conforme os grupos, a maioria dos jovens vai para a cidade estudar e buscar uma oportunidade de trabalho fora do meio rural.

> [...] jovens, ali [no distrito de Arroio Grande] têm muito pouco mesmo, quase não têm, tanto é que às vezes tu precisa de uma mão de obra, uma coisa pra ajudar, e não tem.
>
> Agricultora, 31 anos, Distrito de Arroio Grande

> Eu tô vendo as famílias lá fora, com apenas o pai e a mãe. Nas minhas vizinhas, essas famílias são maioria.
>
> Agricultora, 56 anos, Distrito de Pains

> Eu acho que os filhos percebem as dificuldades que os pais passam também, aí eles vão procurar um lugar melhor para eles.
>
> Agricultora, 56 anos, Distrito de Pains

> Eles não querem trabalho braçal.
>
> Agricultora, 34 anos, Distrito de Pains

A cidade é vista pelos jovens como um leque de possibilidades e o campo como um modo de vida mais difícil, sacrificado e com pouco retorno financeiro.

> Aqui tem bastante serviço, vamos supor que tenha bastante serviços. Mas não são serviços muito lucrativos, eles são serviços bem complicadinhos também. Eu acho que lá na cidade a gente tem mais oportunidades.
>
> Aluna do primeiro ano do ensino médio, 15 anos

> E mais opção de serviços também. Aqui pra fora tu só vais limpar cuia. [...] eu ainda tenho o mercado lá em cima, mas isso também é por acaso, não são todos que têm oportunidade. Antes eu também trabalhava com cuia. Não tem outra opção. É isso ou limpeza, mas onde? Uma casa ou duas. Na cidade já tem de tudo, tem loja pra trabalhar, tem mais lugar pra ti pegar, fazer estágio e coisa na cidade.
>
> Aluna do segundo ano do ensino médio, 17 anos

Os jovens ainda reclamam da incerteza da renda rural, uma vez que o trabalho agrícola depende das condições climáticas. Eles acreditam que na cidade existem mais garantias de receber um pagamento a cada final de mês, ao contrário do campo, onde o pagamento geralmente depende da colheita. Eles demonstram não ter paciência de aguardar pela renda sazonal.

> Sei lá, agricultura envolve tudo, depende do tempo, a gente não sabe certo, se pode contar certo com aquilo, que a gente não sabe o que vai acontecer. Se tu planta uma lavoura de feijão, tu não sabe se vai dar. Na cidade não, se tu tá trabalhando numa loja, alguma coisa, tu sabe que tu tem aquele dinheiro no final do mês e pronto, e agricultura é uma vez por ano, tu vai plantar no começo do ano e vai colher no final do ano. Até lá...
>
> Aluna do segundo ano do ensino médio, 17 anos

Os pais reconhecem que almejam e incentivam os filhos a estudar e buscar um futuro fora do meio rural o que representa para eles maior qualidade de vida:

> Eu acho que as oportunidades também, aqui pro centro, eles têm mais oportunidades assim, mais busca de coisas diferentes, lá no interior é mais difícil eu acho.
>
> Agricultora, 56 anos, Distrito de Pais

> Acho que quase todas as pessoas fazem questão dos filhos não ficarem no campo, porque está difícil até pra gente. Eu acho que o papel da gente é querer que eles estudem, que eles mesmo vejam, que não fiquem ali naquela...
>
> Agricultora, 57 anos, Distrito de Arroio do Só

> Eu acho que é uma questão muito cultural também. As mães em geral querem que o filho seja um advogado, um médico, sei lá, ou que ele tenha uma profissão em que ele não se sacrifique tanto pra ganhar tão pouco. Que ele tenha uma qualidade de vida melhor. E aí lá na colônia, dificilmente as mães vão dizer pro filho, não, nem vai estudar, vai aprender a cuidar da vaca, do porco, vai plantar mandioca, feijão, dificilmente. Hoje isso não acontece mais. Hoje é um incentivo, os pais até trabalham dobrado, pra poder fazer o filho ficar na cidade, estudar, para ter condições de vida melhor. Essa é a tendência.
>
> Agricultora, 34 anos, Distrito de Pains

> Tu queres que teus filhos não passem por aquilo que tu passastes. [...] automaticamente aos pouquinhos tu vais dizendo ó meu filho, quem sabe tu fazes um concurso público, uma faculdade e vai, aí acontece o que o [cita o nome de outro agricultor] disse: se os filhos vão pra cidade, alguém tem que ir junto pra acompanhar. Muitos hoje já vão sozinho, mas sempre vai. A gente tira a mulher do campo também.
>
> Agricultor, 50 anos, Distrito de Palma

> Tenho três filhos, mas graças a Deus, tem o menor, mas os outros dois mais velhos tão no caminho certo [...]. É que lá fora é péssimo. Pegar uma boa faculdade, se formar, estudar e pegar um bom trabalho que não é, eles vão passar um trecho difícil na hora em que eles tem que estudar, que não é fácil de estudar, não é, mas eles se esforçando qualquer um consegue. E aí eles tendo um bom diploma na mão, eles tão feitos na vida. Porque eu tenho o meu guri mais velho ele se encontra na Flórida, ele estudou agronomia que é um serviço praticamente pra fora. Ele está terminando o doutorado, eu acho que dá muito mais ele ser o que ele é, do que trabalhar numa área pequena.
>
> Agricultor, 60 anos, Distrito de Arroio do Só

> [...] eu deixei eles preparados assim dentro da propriedade. No dia em que eu não tiver lá, e eles precisarem voltar eles vão saber reagir dali pra frente também. Então eu deixei as duas chances pra eles: vocês podem ir, eu hoje ainda estou empurrando eles pra ir, quanto mais longe puderem ir melhor. Mas eu deixei eles preparados também se precisarem voltar, está lá e vão saber se virar também.
>
> Agricultor, 50 anos, Distrito de Palma

Os jovens consideram que estudar hoje no interior está mais fácil do que na época dos pais deles, por exemplo. Eles citam que o transporte escolar e auxílio em

dinheiro para famílias carentes são formas de garantir que, mesmo os alunos mais pobres, tenham acesso à escola.

> Com certeza porque agora tudo é bem mais fácil pra nós, o acesso tudo é mais fácil. Antigamente, minha mãe ia de chinelo de dedo, cortava o lápis em três pedaços. Hoje em dia nós temos de tudo e ainda queremos mais, não adianta. A gente sempre quer mais. [...] A gente tem ônibus que passa na frente de casa, tem bolsa escola pra quem é mais carente e precisa, a gente recebe pra estudar. Antigamente tinha que pagar às vezes pra estudar, agora nós temos todas as mordomias.
>
> Aluna do segundo ano do ensino médio, 17 anos

O único agricultor com curso superior no grupo de discussão masculino considera que um diploma não é mais garantia de futuro e que, muitas vezes, os próprios agricultores discriminam os jovens que estudam e depois decidem retornar para trabalhar no meio rural.

> Diploma não dá bóia na mesa de ninguém. Isso claro que no campo hoje quanto mais conhecimento, saber, tu tiveres melhor. Eu tive faculdade, fiz faculdade, estudei, voltei porque eu não nasci pra andar com uma canga no pescoço. Fui trabalhar com carteira assinada, essas coisas. Mas não troco. [...] o cara no campo hoje, tu tens que ter a informação. [...] isso aí de 'ah colono que não precisa estudar'. Nós, meus irmãos, nós fizemos quase todos técnicos, quando nós voltávamos os vizinhos [diziam]: foi estudar pra vir de volta, então não precisava ir. Agricultor não pode estudar então; tem que ser burro, tem que ser analfabeto.
>
> Agricultor, 35 anos, Dona Francisca

A jornada de trabalho no meio rural é considerada extensa pelos agricultores e é apontada como uma das dificuldades para a permanência dos jovens no campo que seriam atraídos pela carga horária de oito horas por dia na cidade e também a possibilidade de folga em sábados, domingos e feriados.

> São muito menos horas de trabalho em um emprego, do que lá fora. Essa é a grande diferença que existe. Aqui [na cidade] são oito horas de trabalho, mas tu botas mais uma pra ir outra pra voltar, dez horas. E lá [no campo], o que o cara faz em dez horas? Não faz quase nada. Ele tem que trabalhar sábado, domingo, dia de chuva, não tem horário, tem dias que tem que trabalhar até às dez horas da noite, no outro dia tem que trabalhar até a uma da madrugada, às cinco horas tem que ir de novo, então é essa aí a diferença. Aqui [na cidade] o emprego são oito horas de trabalho, lá fora são vinte e quatro horas de trabalho, não tem sábado, não tem domingo, não tem dia de chuva. Tem que ir. Aqui não, é feriado, é sábado de tarde, é domingo, tudo folga muito.
>
> Agricultor, 60 anos, Distrito de Arroio do Só

Um agricultor lembra que o trabalho na cidade não é tão fácil como parece e que para se deslocar os trabalhadores urbanos perdem muito tempo.

> O principal é a própria autoestima, todo mundo quer que o meu filho saia do campo, eu sofri aquilo, meu pai sofreu, no campo não dá. [...] eu tenho que trabalhar 24 horas, mas tu pegas na indústria, não são oito horas, oito horas na indústria, mais duas horas pra chegar em casa.
>
> Agricultor, 35 anos, Dona Francisca

Maria Ignez Paulilo (1987 apud Hernandez 2010) analisa que em diversas áreas do Brasil, o trabalho da mulher é considerado leve e as atividades dos homens são consideradas pesadas, o que indica que o valor do trabalho se dá de acordo com a hierarquia predominante na família. Sobre essa questão, em pesquisa realizada em comunidades rurais de Santa Catarina sobre gênero e geração, Aguiar e Stropasolas (2010) identificaram que as qualificações de 'pesado', 'sofrido' e 'sujo' ao trabalho agrícola são mais ressaltadas nas referências principalmente por jovens mulheres rurais que, mesmo também participando da esfera produtiva, consideram o trabalho agrícola mais masculino, sem relação com a natureza delicada das mulheres e, por isso, rejeitam o trabalho na roça que é um espaço onde os recursos são controlados, gerenciados e centralizados pelos homens. Aguiar e Strapasolas (2010) relatam que, apesar do trabalho que realizam, as moças não têm renda assegurada, acesso a lazer e nem um pedaço de terra próprio. Os autores comentam que uma das reclamações das jovens rurais é a falta de liberdade. "Quando solteira atende às determinações do pai e ao se casar com um jovem rural irá ficar subordinada à família do esposo" (AGUIAR e STROPASOLAS, 2010, p. 167). No grupo de discussão**,** as jovens reclamaram que o machismo ainda é muito forte no meio rural.

> Eu não tenho irmão, mas eu vejo a minha prima. Se ela vai sair, ela tem que pedir. A mãe dela manda nela bastante, mas o irmão dela é mais, aí ela tem que pedir uma semana antes e implorar, senão ele não deixa. E é irmão. Ainda bem que não tenho irmão.
>
> Aluna B do segundo ano do ensino médio, 16 anos

Para Brumer (2007, p. 38), embora as jovens não gostem de trabalhar na roça, elas gostam de viver no meio rural, o que leva a uma interpretação de que "a rejeição à atividade agrícola não significa necessariamente rejeição à vida no meio rural". Durante o grupo de discussão com jovens rurais, as meninas demonstraram que valorizam principalmente a tranquilidade que representa viver no meio rural.

> Eu gosto porque é sossegado. É bom de morar aqui, porque eu fui lá pras minhas primas, está louco, é muito barulho. Se eu fosse pra lá, ia demorar pra me acostumar. Aqui é bom pra gente ficar tranquilo.
>
> Aluna B do segundo ano do ensino médio, 16 anos

> Aqui tu tens o teu canto, se vai pra cidade Deus o livre, tu escutas um barulho de carro, tu ficas louca. Aqui tu vês carro a cada cinco minutos e olhe lá. Eu gosto, mas eu queria que tivesse mais acesso, mais lazer, mais pra onde ir. Não só ver mato, mato, mato.
>
> Aluna do segundo ano do ensino médio, 17 anos

Os agricultores reconhecem que não consideram o trabalho rural adequado para as mulheres. Entre os filhos, os homens demonstrariam aptidão natural ao trabalho no campo. Já as moças não se identificariam com esse tipo de trabalho.

> Serviço pra fora, principalmente pra mulher, é mais pesado. Então acho que também ela não fica muito lá pra fora por causa disso aí. Serviço pra mulher não é fácil pra se manter lá, tem que ter coragem, então ela procura um outro meio de trabalho pra cá.
>
> Agricultor, 60 anos, Distrito de Arroio do Só

> A minha [filha] já é um exemplo firme disso. O M. [filho homem], que fez técnico agrícola, ele já tem aquela tendência de ajudar, de participar mais da área, no meio do bicharedo, ele tá sempre junto, a M. [filha mulher] já, pra recolher ovo, se a galinha já olhou atravessado, ah pai, isso aqui eu não quero. [...] então não adianta eu deixar ela lá, dizer tu não vais estudar, tu vais ficar aqui pra isso. Então tu ajudas, apoia o que dá, te judias dez vez mais pra poder ajudar o quanto antes possível pra ainda ver, antes de fechar os olhos, tu veres os teus filhos bem, que aí tu vais tranquilo.
>
> Agricultor, 50 anos, Distrito de Palma

Hernández (2010) lembra que as mulheres jovens rurais migram para as cidades principalmente em busca de trabalho e de formação educacional. Essa migração ocorre antes do matrimônio já que hoje ele não representa a única perspectiva para as mulheres rurais (SILVA e SCHNEIDER, 2010). As jovens querem ter independência e liberdade. Mais uma vez as jovens fazem um comparativo entre a geração delas e as gerações anteriores onde as mulheres eram consideradas dependentes do marido.

> Tem bastante dessas [mulheres] de antigamente. A minha sogra é uma que tem que ser tudo na linha, tem que ser tudo nas ordens do marido, se ele não quer ir num lugar ela não pode ir. Tem que fazer a comida pronta naquela hora, a roupa lavada naquela hora, a casa limpa naquela hora. Mas a geração mais nova já tá bem diferente. Já tem mulher que sai pra trabalhar, que não fica em casa. Tem mulher que trabalha junto do marido, já tá mudando bastante também isso. E até nós, a gente não quer cumprir as ordens dos maridos.
>
> Aluna do segundo ano do ensino médio, 17 anos

> Elas estão mais independentes, não precisam depender tanto dos maridos. Porque antigamente uma mulher queria comprar alguma coisa, o dinheiro que ela ia utilizar pra comprar aquilo era o marido que tinha que dar e ela tinha ainda que dar satisfação pra ele do que ela ia comprar. Mas hoje não, hoje elas trabalham, elas têm o que é delas, elas estão mais independentes. Elas se sentem mais livres pra fazer o que elas querem.
>
> Aluna do primeiro ano do ensino médio, 15 anos

> E é outra coisa mesmo a gente ter o dinheiro da gente.
>
> Aluna do segundo ano do ensino médio, 17 anos

Scott, Rodrigues e Saraiva (2010, p. 87) afirmam que ver as mulheres em papéis diferentes de apenas esposa traz novas luzes para essa problematização das relações “entre mulheres e homens de idades diferentes, com mobilidades, acessos

a recursos e articulações diferentes com os mundos de produção, de educação e de residência".

Butto e Hora (2010) afirmam que a inserção das mulheres na agricultura familiar é desfavorável, já que elas têm pouca autonomia econômica na gestão, no acesso aos recursos produtivos, levam desvantagem na herança da terra e também devido à falta de políticas públicas direcionadas para elas[20]. Castro (2008 apud AGUIAR e STROPASOLAS, 2010, p. 175), considera que o jovem rural carrega o peso de uma posição de submissão na propriedade rural e que a mulher jovem rural enfrenta uma situação de ainda maior inferioridade na hierarquia social. Schwartz, Silveira e Souto[21] também constataram que a organização familiar muitas vezes não valoriza o trabalho do jovem, conforme mostram os depoimentos abaixo.

> A gente está falando das mudanças das mulheres, mas ainda a decisão sobre a renda familiar é bem organizada, está na mão de poucos, principalmente dos maridos e dos pais. Então essa saída do jovem é principalmente por conta disso. Aí tem o problema da não remuneração e do não reconhecimento junto da família e os atrativos urbanos da escola que está lá, a saúde que está lá, as atividades de lazer que estão lá. Hoje em dia é bem mais fácil chegar à sede do município do que era antigamente, então essa aproximação é muito maior. Eu desejo mais aquelas outras coisas.
>
> Servidora pública do Espírito Santo, 36 anos

> Sobre os filhos que vão à cidade e sobre a decisão de voltar ou não ao campo, está também relacionada que voltar ao campo é voltar a trabalhar com as ordens e decisões dos pais porque tem que compartilhar a mesma terra, a mesma atividade econômica e consta que o jovem, por mais acesso que tenha à comunicação e informação, tenta mobilizar os pais para mudar a forma de trabalhar.
>
> Extensionista rural argentina, 31 anos

Outro empecilho enfrentado por jovens rurais de ambos os sexos é a falta de infraestrutura como estradas, a distância das cidades e também a falta de qualidade de serviços de transporte, o que dificulta a continuação dos estudos, e também os precários serviços de comunicação. Os jovens do distrito de Arroio do Só reclamam da precariedade dos serviços de saúde, da condição das estradas e da falta de opções de lazer. Para eles a sensação é de que o distrito está retrocedendo em vez de se desenvolver.

> Não tem nada, falta tudo.
>
> Aluna B do segundo ano do ensino médio, 16 anos

[20] Dentro das linhas do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar, o Pronaf, existe o Pronaf Mulher, que oferece o financiamento de investimentos da mulher agricultora.

[21] Ver nota de rodapé número 1.

> O Arroio [do Só] já foi bem maior. O Arroio já teve de tudo: hotel, posto, hospital. Agora tá aí, uma vila de novo. Eu acho que cada vez vai caindo mais. [...] a gente tem um mercadinho, tem um postinho que não funciona, um correio, colégio.
>
> Aluna do segundo ano do ensino médio, 17 anos

> Tinha até cartório.
>
> Aluna B do segundo ano do ensino médio, 16 anos

> [...] se a gente quiser ir numa festa, a gente tem que ir pra cidade, que aqui é uma vez por ano. E ainda quando tem é ruim.
>
> Aluna B do segundo ano do ensino médio, 16 anos

Essas privações são associadas pelos jovens à falta de liberdade. Eles têm anseios, desejos, que não conseguem realizar pelas limitações que existem no meio rural. Por isso alguns comparam a vida no campo a uma prisão.

> Numa prisão. Parece que a gente não tem liberdade pra nada. Pra aproveitar.
>
> Aluna do primeiro ano do ensino médio, 15 anos

> Não que os pais não deixem, é que a gente não tem pra onde ir.
>
> Aluna do segundo ano do ensino médio, 17 anos

Em estudo realizado no estado de Santa Catarina, Aguiar e Strapasolas (2010) constataram que a maior parte dos jovens rurais não tem acesso a computador e Internet apesar de essa ser uma demanda importante do campo e reivindicada pela juventude. “Alguns pesquisadores vêm constatando que o acesso à informação e à comunicação muda a maneira da juventude rural estar e se relacionar no mundo porque muda o tamanho do mundo” (AGUIAR e STRAPASOLAS, 2010, p. 166).

Scott (2010, p. 28) também aborda a importância dos serviços de comunicação como estratégia para aproximar as comunidades.

> Ao mesmo tempo, com a ampliação da comunicação e o fechamento de alternativas atraentes duradouras em espaços alheios, muitos jovens representam a possibilidade de articular o campo e a cidade com ações que procuram recuperar a valorização do rural que, se não é o ideal, pode, pelo menos, ser visto como viável quando inserido em estratégias que não isolam a sua população.

Os jovens participantes do grupo de discussão atribuem grande valor às tecnologias de informação e comunicação. “Uma porta aberta” e uma “luz no fim do túnel” foram algumas das expressões usadas para designar a importância dessa tecnologia na vida deles. No entanto, o grupo enfrenta dificuldades de acesso, uma vez que nem na escola eles têm acesso à Internet. Com isso, o acesso acontece

esporadicamente em *lan houses* ou casas de amigos e parentes e tem como finalidade principal participar de redes sociais.

> Eu acho que tudo conta. Se tivesse um lugar pra gente vir, se estivessem abertos os computadores do colégio pra gente usar já seria bem melhor. Porque o dia que a gente vai à cidade, a gente vai a uma *lan house* pra poder ter acesso à Internet. Então se os computadores estivessem livres pra gente usar já seria bem melhor. Quando eu morava lá em [cidade de São João do] Polêsine também não tinha *lan house*, não tinha nada, tinha que ir pra outra cidade, tinha que ir pra Faxinal [do Soturno]. Colocaram uma *lan house* do governo, ninguém mais saía de lá.
>
> Aluna do segundo ano do ensino médio, 17 anos

> A maioria aqui não tem Internet em casa. Aí eu quando vou pra cidade nas minhas primas, eu sento na frente do computador, eu saio só quando estiver caindo de sono, porque vê aquilo, acha legal.
>
> Aluna B do segundo ano do ensino médio, 16 anos

> Uma porta aberta, uma luz no fim do túnel. [...] é uma forma de a gente estar convivendo com o mundo lá de fora, porque a gente não sai daqui, a gente só vai do colégio pra casa e de casa pro colégio. Quando a gente sai pra cidade é aquela alegria [risos do grupo]. Dá vontade de ir todos os dias e ficar. Não tem como ir, a gente vai à falência desse jeito. Então quando a gente tem uma internet, tem um celular que a gente possa se comunicar com as outras pessoas, bah!
>
> Aluna do segundo ano do ensino médio, 17 anos

> MSN, Orkut.
>
> Aluno da terceira série do ensino médio, 16 anos

> Essas redes sociais é o que está bombando pra gente.
>
> Aluna do segundo ano do ensino médio, 17 anos

> Ajuda bastante nos estudos também, pra fazer pesquisa.
>
> Aluna do primeiro ano do ensino médio, 15 anos

Com as dificuldades de uso da Internet, a TIC mais usada pelos jovens rurais participantes do grupo de discussão é o telefone celular. Um equipamento que em 2007 estava presente em 88,5 por cento das casas de agricultores familiares de Santa Maria com uma tecnologia de uso da família (SCHWARTZ, 2007) e que hoje se revela um equipamento de uso pessoal e integrado à rotina diária dos jovens do meio rural. É através de mensagens de texto por celular que eles se mantêm conectados com os amigos:

> A gente passa mandando mensagem. Não tem internet, vai pelo telefone mesmo.
>
> Aluna B do segundo ano do ensino médio, 16 anos

> A gente deixa de viver o que é aqui, na verdade que é uma coisa parada, aquela rotina de sempre, uma coisa monótona, então se a gente tem uma Internet, a coisa já muda. Não é aquela coisa, não é tanto desinteresse pelo meio rural, se tu tens Internet tu já tens mais acesso a tudo, tu quer saber o preço de uma coisa, uma música que tu queres escutar, uma música nova

> que ouviu, não tem aqui, o que tu vais fazer, esperar pelo rádio e gravar depois? Não tem. Se tu tens Internet já facilita bem mais.
> Aluna do segundo ano do ensino médio, 17 anos

> A gente se encontra e fica mandando mensagem em todas as aulas.
> Aluna B do segundo ano do ensino médio, 16 anos

> Eu fiquei meia hora sem o celular eu já fico louca.
> Aluna B do segundo ano do ensino médio, 17 anos

> Esses dias eu fiquei, acho que dois, três dias sem cartão. Mandava: me liga pros outros. A gente depende dos pais também pra comprar cartão de celular, porque não tem serviço. Esses dias eu faltei aula pra ficar com a minha irmã porque que a minha mãe tinha que sair. Eu disse: eu não vou faltar aula. Ela disse: eu te dou um cartão.
> Aluna B do segundo ano do ensino médio, 16 anos

A partir da realização dos três grupos de discussão, com agricultores, mulheres rurais e jovens rurais, buscamos nos afastar de nossos pré-conceitos e compreendermos a dinâmica da família rural atualmente e iniciarmos nossa compreensão acerca dos vínculos afetivos e produtivos que são estabelecidos por meio das TICs na agricultura familiar. Após a análise dos três grupos de discussão, partimos para a segunda etapa da metodologia Q: as entrevistas com os informantes qualificados.

2.4 Os papéis da mulher e do jovem rural segundo os informantes qualificados

Depois da realização dos três grupos de discussão buscou-se aprofundar alguns aspectos revelados pelos participantes dos grupos focais. Para isso, foram realizadas entrevistas com os seis informantes qualificados (Apêndice F) apresentados no Capítulo 1:

a) Irmã Loudes Dill: coordenadora do Projeto Esperança/Cooesperança;
b) Joel Orlando Bevilaqua Marin: professor do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural da UFSM;
c) Lérida Pavanello, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santiago;
d) Jorge Aristimunha: supervisor regional da Emater em Santa Maria;
e) Delcimar Borin: secretário executivo do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santa Maria;

f) Gilmar Desconzi: supervisor do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural na região centro do estado, Senar.

As entrevistas com os informantes qualificados foram sistematizadas em quatro aspectos: a busca da independência da mulher rural; a migração das famílias e jovens rurais para o meio urbano; o meio rural e as TICs e o futuro da agricultura familiar.

2.4.1 A busca da independência

Para o professor da Universidade Federal de Santa Maria, Joel Orlando Bevilaqua Marin, grande parte do papel da mulher rural ainda é de cuidadora do lar, apesar de muitas delas estarem ocupando cargos tradicionalmente masculinos.

> Ela ainda é a principal agregadora e organizadora das relações sociais familiares [...]. Muitas mulheres também estão assumindo cargos de direção de cooperativas, de sindicatos, mas eu não vou dizer que seja generalizado (MARIN, 2011).

A presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santiago, Lérida Pavanello, é um exemplo de mulher que ocupou um espaço historicamente masculino. Ela contextualiza que a mulher rural sempre teve um papel fundamental dentro da propriedade, só que nunca teve voz ativa, reconhecimento e poder sobre a decisão da renda da família. Uma existência totalmente dedicada ao trabalho na propriedade e submetida às ordens do marido. “[...] até bem pouco tempo a mulher não deixava de fazer o trabalho dela pra sair para lugar nenhum”. Para Lérida, quando os sindicatos dos trabalhadores rurais começaram a ser criados, a trabalhadora rural também foi excluída.

> As nossas avós, bisavós, elas praticamente morreram no anonimato, embora contribuindo com toda a força do trabalho que elas tinham, porque elas davam a vida na lavoura e ainda tinham que chegar em casa, fazer todo o trabalho sozinhas, cuidar dos filhos e tudo isso era coisa nossa, das mulheres (PAVANELLO, 2011).

Sobre a questão da sobrecarga de trabalho das agricultoras relatada por Pavanello no depoimento acima, a coordenadora do Projeto Esperança/Cooesperança, Irmã Lourdes Dill, considera que esse problema ainda persiste entre as trabalhadoras rurais que têm, em média, três jornadas de trabalho.

> [...] as mulheres que acompanham os maridos na lavoura, elas atuam de manhã, tarde e o que acabam fazendo de noite? Elas fazem o serviço de casa. Ou lavam roupa, passam roupa, preparam a comida, fazem o pão, fazem a limpeza da casa. A mulher tem três jornadas bem carregadas de trabalho. Isso talvez faça com que a mulher no meio rural se estresse bastante. Mas há mulheres na sua emancipação, que dividem o tempo: vão junto à lavoura, mas tiram o seu tempo pra fazer o serviço de casa durante o dia, o que é justo. Que na parte da noite ela possa ter o seu lazer também, a televisão, com os filhos, com a família, ou um passeio, uma atividade cultural, então vejo muitas mulheres já hoje se organizarem (DILL, 2011).

Em relação ao estresse decorrente da sobrecarga de trabalho, o supervisor regional da Emater em Santa Maria, Jorge Aristimunha, considera que a ansiedade é mais comum quando a atividade da mulher rural envolve uma dinâmica seriada e repetitiva que se aproxima do processo industrial e se distancia da agricultura que é caracterizada por etapas que respeitam sazonalidade climática ou biológica.

> Na atividade do leite, eu uso isso como exemplo, que é uma atividade pra mim muito familiar, as mulheres são mais tranquilas. A atividade te deixa mais tranquilo porque ela é pausada, ela é lenta, requer muita paciência, os animais são dóceis, as vacas leiteiras são dóceis (ARISTIMUNHA, 2011).

Marin também analisa que a própria integração das cadeias produtivas impõe um ritmo, uma qualidade, que ampliam a jornada de trabalho dos agricultores. Além disso, a intensificação do trabalho é decorrente da queda na oferta da mão de obra, uma consequência da redução do número de integrantes das famílias e também da própria migração do jovem rural para a cidade.

Dill verifica muitas mudanças no papel da força de trabalho feminina. Ela ressalta que a mulher, que antes se considerava como “do lar” e era submissa ao marido, está mais participativa e segura de sua importância dentro da agricultura familiar. Com isso, reivindica seus direitos, busca formação e independência financeira. Pavanello também avalia que muitas mudanças positivas aconteceram na vida da mulher rural:

> A gente sabe que a mulherada está mais participativa, consegue deixar de fazer as coisas em casa e não se sentir tão centralizadora dos trabalhos. Se ela não faz, a mulher consegue que alguém faça, ela consegue até vir pro movimento sindical sem se sentir culpada por não estar fazendo o trabalho (PAVANELLO, 2011).

Esse perfil mais atuante da agricultora familiar é confirmado pelo secretário do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santa Maria, Delcimar Borin. Segundo ele, a mulher rural atualmente busca mais os seus direitos e a sua independência.

> A gente sabe casos de mulheres que peleiam em casa porque elas querem ter a documentação delas, ter o bloco delas, porque até uns anos atrás, o homem se aposentava, às vezes nem botava a mulher no bloco. Hoje a

> mulher está sabendo que tem que ter o nome dela no bloco do produtor, e se o marido não quer mais e dá baixa, ela tem o bloco dela. Há casos daquelas que não sabem, mas a mulher, ela está correndo atrás, ela está buscando informação e garantindo os direitos dela (BORIN, 2011).

Dill, no entanto, lembra que muitos avanços só foram conquistados a partir do reconhecimento do próprio Estado que, apenas em 1991, concedeu a aposentadoria para as trabalhadoras rurais[22]. Um benefício que, de acordo com Pavanello, muitas vezes nem chegava às mãos das mulheres. A sindicalista aponta que, em vários casos, o dinheiro da aposentadoria das trabalhadoras rurais era administrado pelos maridos. “E isso, até nos dias de hoje, não dá pra dizer que não existe. Ainda tem isso”. Marin complementa que se a mulher não tem reconhecimento por parte da família, o Estado também demorou em reconhecer a mulher rural como trabalhadora e conceder direitos como auxílio maternidade e aposentadoria. O professor ainda contextualiza que a partilha dos bens, especialmente da terra, também privilegiava os filhos homens e deixava as mulheres em desvantagem. Motivos que ajudam a entender o desapego das mulheres à terra. “Enquanto que o homem é mais apegado [...] ele ainda consegue continuar percebendo o espaço rural como uma forma de vida, ele é herdeiro, ele tem muito mais amor ao trabalho agrícola, ela não, ela é mais desapegada”. Panorama que historicamente levou a mulher rural a buscar no espaço urbano o reconhecimento e a autonomia como trabalhadora que lhe foram negados no meio rural.

> A mulher herdava a partir da possibilidade do casamento de alguém que tinha terra. [...] Na medida em que nos anos 60 e, especialmente nos anos 70, há um fechamento da fronteira agrícola, o que se abre pra essa mulher? É o espaço urbano. [...] Se houve o fechamento da fronteira agrícola, houve, em contrapartida, a abertura e a ampliação da continuidade do ensino que possibilitou o acesso ao ensino médio ou superior (MARIN, 2011).

Apesar de ser crescente a procura de oportunidades de trabalho no meio urbano por parte das mulheres nascidas e criadas no campo, Aristimunha aponta que a mulher rural ainda é uma trabalhadora rural, mas está diminuindo cada vez

---

[22] A lei 8212 de 24 de julho de 1991 determinou que a seguridade social tenha como princípios e diretrizes a universalidade da cobertura e do atendimento e a uniformidade e equivalência dos benefícios e serviços às populações urbanas e rurais. A legislação ainda estabeleceu que a renda mensal dos beneficiários não possa ser inferior ao salário mínimo. A partir desse ano, os agricultores, que até então recebiam apenas meio salário de aposentadoria, passaram a ter o salário integral e as mulheres, que apenas tinham o direito de ser pensionistas, também passam a ser aposentadas rurais (LEI ORGÂNICA DA SEGURIDADE SOCIAL, 1991).

mais a presença feminina nas tarefas agrícolas mais rudes em função, principalmente, da mecanização da agricultura. “A mulher vem se preservando, à medida que a tecnologia libera mão de obra, a primeira mão de obra a ser liberada é a infantil, criança, e depois a mulher”. Um exemplo dessa situação, citado pelo supervisor, são as lavouras de arroz, onde não é comum a presença feminina. No entanto, Aristimunha ressalta que, em culturas ainda mais artesanais, como o fumo, por exemplo, o trabalho da mulher ainda é indispensável. Borin completa que as produções de hortigranjeiros e de leite também são atividades com forte atuação das mulheres na agricultura familiar.

Dill considera que, além de produzir, a mulher rural tem um papel muito importante na ligação entre o campo e a cidade, principalmente no que se refere à comercialização dos produtos. A própria acomodação dos itens nas bancas que vendem os hortigranjeiros e produtos coloniais direto aos consumidores seria um diferencial feminino, segundo ela.

> A gente pode perceber no feirão colonial, nas bancas onde há mulheres, que a comunicação flui melhor, não que os homens não tenham, mas os homens têm outro jeito. Então a mulher tem um papel muito importante. Uma pela sensibilidade que ela tem, enquanto ser feminino, outra pela percepção que ela também tem (DILL, 2011).

Apesar do trabalho das mulheres persistir em atividades agrícolas mais artesanais, Aristimunha alerta para o problema da masculinização do campo (ver Tabela 3). Ele ressalta que as mulheres saem mais do meio rural do que os homens para fugir da atividade agrícola, principalmente as mais pesadas, e também que, como elas têm maior escolarização, se preparam para seguir outras carreiras. “O que ela rejeita não é o mundo rural, é o trabalho agrícola. [...] em algumas atividades onde se diminuiu a penosidade do trabalho, até o trabalho feminino é preponderante. Por exemplo, na atividade leiteira”. O supervisor na região centro do estado do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural, Gilmar Desconzi, também acredita que as máquinas e os financiamentos para aquisição de novos equipamentos têm facilitado o trabalho nas propriedades.

> Se a gente comparar há dez, quinze anos atrás, na produção de leite, por exemplo, ordenhadeira balde ao pé era só o que tinha ou nem isso, muitos produtores não tinham nem isso. Hoje a maioria dos produtores já tem ordenhas canalizadas, com resfriadores. O que está facilitando a mão de obra (DESCONZI, 2011).

Para tentar reverter o fenômeno da masculinização do meio rural, o supervisor da Emater considera que são necessárias políticas públicas que possibilitem oportunidades de trabalho e geração de renda para as mulheres no meio rural, mas fora da atividade agrícola. “Elas não saem do meio rural porque querem, elas saem do meio rural em busca de outras oportunidades, fora da agricultura, então nós temos que encontrar essas oportunidades no meio rural e ofertar essas oportunidades”. Desconzi também percebe uma forte masculinização do meio rural.

> [...] a menina vai estudar, arruma um emprego na cidade e não volta mais. E o guri que fica lá trabalhando, às vezes, ou que faz um curso técnico e volta pra propriedade, ele fica solteiro porque hoje é difícil a mulher voltar. (DESCONZI, 2011).

Uma das atividades que está longe do trabalho agrícola pesado e que oferece possibilidade de inserção das mulheres rurais é a gestão das propriedades. Segundo Desconzi, esse é um trabalho que ainda carece de maior atenção por parte da agricultura familiar. “Tem produtor que nos diz que se fizer os custos não planta. Então não plante, porque se é pra ter prejuízo não plante”. Como consequência da falta de gestão, Desconzi aponta o problema do endividamento da agricultura familiar. “[...] às vezes a gente vê propriedades que não precisavam trocar de trator, trocaram porque tinha o financiamento. Mas como é que tu vais pagar depois?”. Para se inserir na gestão das propriedades as mulheres rurais buscam qualificação. Desconzi relata que o público feminino já representa a maioria dos participantes em cursos de produção, gestão e promoção social, tanto que o Senar criou até cursos exclusivos para as mulheres. “Porque a mulher é mais detalhista e no controle da anotação, da documentação. Em certos momentos ela tem se mostrado muito mais eficaz do que o próprio homem”. O principal benefício da inserção da mulher na gestão, segundo o supervisor, é que o casal de agricultores está começando a discutir a situação da propriedade, “coisa que antes não era nem discutida”.

O informante também considera a mulher mais receptiva à inovação.

> Quando tu falas com o público masculino, às vezes, por ele já ter uma experiência, ele é mais reticente, ele é mais difícil de aceitar as mudanças. E a mulher não. Talvez por ela não ter esse conhecimento mais aprofundado, na ânsia de buscar informações mais seguras, ela aceita mais as novas tecnologias. [...] às vezes ainda a decisão não está na mão dela, ela está procurando conhecimento justamente pra ter argumento pra isso. Porque às vezes o marido diz: isso não dá certo. Mas ela, tendo conhecimento, pode argumentar: dá certo porque é assim que funciona. Antes ela não podia dizer nada. Não dá porque não dá. Então a gente vê que a busca por informação é muito boa (DESCONZI, 2011).

Apesar dos avanços apontados no papel da mulher rural e também de sua inserção em diferentes funções, Dill entende que existe muito para melhorar na questão do reconhecimento da importância da mulher, até mesmo dentro da igreja. Para ela, muitas instituições ainda têm uma estrutura rigidamente masculina.

> Às vezes eu me choco quando vou a agendas políticas, às vezes fazem um palcão só de homens. Ou então, ao contrário, só de mulheres. [...] nós cuidamos a paridade homens e mulheres (DILL, 2011).

A busca da independência por parte dos jovens rurais e, especialmente das jovens rurais, está direcionada aos estudos e também a conquista de uma ocupação no espaço urbano. A migração rural/urbano será discutida a seguir.

2.4.2 A migração

Borin relata que as famílias rurais reclamam que não existe incentivo para o jovem rural ficar no campo e isso está ocasionando o envelhecimento do meio rural. “[...] é assustador ver como as comunidades estão envelhecidas. E eu fico pensando daqui a dez, quinze anos, [...] o que vai ser do meio rural?” O secretário considera que a mulher é uma das incentivadoras da permanência ou saída do jovem no campo. Enquanto os pais gostariam que os filhos dessem continuidade ao trabalho nas propriedades, as mães estimulariam mais a saída, principalmente das mulheres.

> [...] não é fácil trabalhar num sol de 40 graus ou numa geada de zero grau, menos um, menos dois. Então a mulher, a mãe acaba passando mais pro filho e pras filhas em especial que o caminho, de repente, é buscar um outro trabalho que não seja tão sacrificante, tão puxado como é o da agricultura (BORIN, 2011).

Pavanello confirma que muitas mães e também pais incentivam os filhos a deixar o campo. “Porque eles sempre tiveram na mente que o trabalho na roça era um sacrifício. O agricultor, até bem pouco tempo, era visto como um coitadinho [...] e hoje a gente sabe que a realidade não é essa”. Borin completa que a própria questão da concentração da renda na mão dos homens é outro fator que estimula a saída, principalmente das jovens. “[...] ainda temos hoje mulheres, por exemplo, que a renda concentra toda no chefe da família, o homem, no caso”. O secretário relata que o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santa Maria busca conscientizar

agricultores e agricultoras sobre a importância da mulher rural ter a sua renda própria e, assim, adquirir mais independência dos maridos. Para Borin, os benefícios dessa conquista são inúmeros.

> As mulheres que têm a independência financeira, que elas podem ter fruto do seu trabalho, o seu ganho, a gente percebe a diferença. São mulheres livres, têm autoestima, elas têm liberdade de poder comprar a roupa que elas querem, que elas têm dinheiro delas, o ganho delas. Isso é determinante (BORIN, 2011).

Pavanello também considera que a questão da renda é fundamental para a permanência do jovem nas propriedades. “O pai e a mãe, eles têm que ter a consciência de que o filho não é um empregado [...] ele pode pensar assim, eu saio daqui, eu vou lá na cidade, eu ganho um salário mínimo mas é meu.” Pavanello complementa que o jovem rural atualmente tem mais informação e um certo deslumbramento pelas opções oferecidas pelo meio urbano. “[...] a própria convivência com o pessoal na cidade faz com que ele veja o meio rural como um atraso”. Borin acrescenta: “as chamadas luzes da cidade são uma ilusão sim”. Desconzi reforça que a combinação entre a ilusão pelo urbano e a concentração de renda na mão dos pais acelera o processo de saída do jovem. Nesse sentido, o Senar também tem atuado com os produtores com o objetivo de conscientizá-los de que os filhos não são uma mão de obra barata e que a renda precisa ser dividida com as novas gerações que estão trabalhando na propriedade, caso contrário, a sucessão rural não vai acontecer. “Por outro lado a gente vê em algumas propriedades com mais tecnologia, que o filho vai estudar, faz um curso superior e volta, mas volta num outro patamar, até porque a tecnologia está favorecendo isso”.

No entanto, os recursos da maior parte das propriedades são restritos. Aristimunha ressalta que grande parte dos jovens não quer ser agricultor principalmente em função da baixa remuneração e devido às condições de vida que são consideradas difíceis por quem vive no meio rural em comparação à vida no meio urbano. Sobre essa argumentação, o supervisor considera que existem algumas reclamações consistentes, como o valor da aposentadoria rural[23]. “Por exemplo, aposentadoria rural hoje é de um salário mínimo e é só isso. Ele [o agricultor] não tem a opção de se aposentar com dois, três, quatro, quatro ou cinco. Noutra atividade pode. A aposentadoria é diferenciada”. Já Aristumunha não

[23] Um benefício da aposentadoria rural é que os trabalhadores rurais podem se aposentar cinco anos antes dos trabalhadores urbanos. Para os homens do meio rural, o pedido pode ser feito a partir dos 60 anos e para as mulheres a partir dos 55 anos de idade (INSS, 2011).

concorda com outra afirmação frequente dos agricultores: a declaração de que no campo se trabalha muito mais do que na cidade. Ele considera que essa percepção dos agricultores se deve ao fato de que o agricultor familiar mora no local de trabalho e isso dificulta a distinção entre o que é trabalho e o que é vida pessoal. Nesse contexto, a sensação de trabalhar sete dias por semana é repassada aos filhos, que acabam rejeitando o trabalho rural por considerarem a atividade exaustiva e almejando a vida na cidade onde apenas se trabalharia oito horas por dia.

> Para os agricultores familiares vida e trabalho são indissociáveis. [...] e aí isso vem pro jovem, aquela sensação de que tu trabalhas de sábado a domingo, de sol a sol, é pela dificuldade de separar o que é trabalho e o que é vida (ARISTIMUNHA, 2011).

Apesar de concordar que muitos jovens se iludem com uma suposta vida mais fácil na cidade, Aristimunha aponta para um fator importante: hoje o jovem rural tem a opção de escolher sua profissão.

> Parece que ser agricultor é uma sina familiar. Nasceu lá, tu terás que ser agricultor. Eu digo não. O jovem agricultor pode ser o que quiser. Ele tem direito a ser. Não é porque nasceu no meio da agricultura que tem que ser agricultor. Ele pode ser qualquer coisa, o agricultor é uma profissão. E qualquer pessoa pode abraçar a agricultura, daqui pra frente, como profissão. Eu quero me tornar agricultor, eu não nasço agricultor. [...] o agricultor do futuro será um profissional que optar pela agricultura, não porque nasceu nela (ARISTIMUNHA, 2011).

Nesse sentido, Aristimunha considera importante qualificar a educação oferecida no meio rural para que o jovem rural tenha condições de fazer suas escolhas: “Não tem a menor chance se for um ensino de péssima qualidade. Ele tem que ter um ensino de alta qualidade pra que ele possa depois fazer a sua opção profissional”. O informante considera que os conteúdos não devem ser diferenciados para os estudantes da zona rural em relação ao meio urbano, mas contextualizados com a realidade local. “O ensino rural não deve ser um ensino que prepare o indivíduo, que aprisione mais o jovem rural pra ser agricultor. Não, ele vai ser agricultor se quiser ser. Agora ele [o ensino] tem que contextualizar o mundo dele”.

Borin também ressalta que a educação precisa de muitas melhorias no meio rural e, principalmente, mais escolas com ensino médio. Por experiência própria, o secretário precisou interromper os estudos na oitava série do ensino fundamental porque não havia escola próxima de onde ele morava para seguir com os estudos. O ensino médio só foi concluído anos mais tarde em um curso supletivo. Borin entende que as escolas rurais devem ter matérias específicas para o meio rural e professores mais habilitados para trabalhar com o tema, que entendam as características do

meio e deixem de simplesmente incentivar a saída dos jovens do campo. “Eu tinha professor de matemática que me ensinou a fazer canteiro em uma horta. Por outro lado tinha professor que dizia o seguinte: o quê tu queres ficar aí fora? Tem potencial, tem que seguir estudando”. Para ele, o adolescente rural é uma figura de aprendizagem, mas ensinar aos filhos o trabalho no campo estaria cada vez mais difícil até mesmo por imposições da legislação[24]. “É uma vocação, mas isso se aprende desde pequeno, de ver uma planta nascendo, depois ir lá e colher”.

Pavanello reitera a importância de escolas mais qualificadas para trabalhar com a população rural e de professores com maior preparação para compreender as necessidades desse público e não apenas estimular a migração. “Eu ouvi professora dizendo: estuda para não ser que nem teu pai, ou seja, ela estava dizendo a ele que ser agricultor não é uma coisa boa. Então tudo isso fez com que o processo fosse se acelerando”.

Dill menciona iniciativas que buscam auxiliar os jovens rurais a seguir com os estudos e permanecer no campo, como as escolas das casas familiares rurais[25]. Para Dill, as próprias feiras de venda direta ao consumidor também motivam o jovem a ter uma nova perspectiva sobre o meio rural e a valorizar o que é produzido pela família.

> Muitos pais têm filhos aqui na cidade estudando, eles param aqui em Santa Maria, estudam e sábado vão ajudar no feirão. Pra eles é uma forma de não perder esse vínculo, é uma contribuição para o grupo e pra ele é uma experiência de interação, de não perder suas raízes (DILL, 2011).

[24] Entre as medidas propostas pela Comissão Nacional para Implementação da Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco e de seus Protocolos, criada em 1º de agosto de 2003 por um decreto do presidente Luís Inácio Lula da Silva, estão a proibição do trabalho infantil na colheita, beneficiamento e industrialização do fumo. A Convenção Quadro é um tratado internacional da Organização Mundial da Saúde para reduzir o consumo de cigarros e outros produtos derivados do tabaco (INCA, 2004). Em 2004, a elaboração do Plano Nacional de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil e Proteção ao Trabalhador Adolescente também buscou eliminar o trabalho infantil que, entre os 10 e 15 anos de idade, acontecia principalmente na atividade agrícola (MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO, 2004).

[25] Segundo a Associação Regional das Casas Familiares Rurais do Sul do Brasil, A Casa Familiar Rural é um espaço destinado à formação de jovens do meio rural e também pesqueiro e funciona em sistema de alternância: em duas semanas os alunos têm aulas e na semana seguinte aplicam os conteúdos nas unidades familiares. As casas têm cursos em geral de três anos que oferecem formação técnica, profissional e gerencial e têm como finalidade a qualificação e a geração de alternativas de renda e também de trabalho que ajudem a manter os jovens no campo. No Brasil a primeira Casa Familiar surgiu em Pernambuco no ano de 1968. Atualmente existem setenta Casas Familiares Rurais só no sul do país, quarenta e duas estão no Paraná, vinte e duas em Santa Catarina e oito delas no Rio Grande do Sul. As Casas gaúchas estão localizadas nas cidades de Santo Antônio das Missões, Santo Cristo, Três Passos, Ijuí, Frederico Westphalen, Alpestre, Barão do Cotegipe e Torres (ARCAFAR SUL, 2010).

Marin observa que a escola é a principal instituição que a sociedade considera como legítima e adequada para o jovem rural se mobilizar e também buscar um futuro, muitas vezes fora do meio rural. Para ele, a escola é também o espaço único de convivência para os jovens que, cada vez mais, se consideram aprisionados no meio rural.

> Essa questão da prisão tem me chamado a atenção. O que acontecia, e eu fui jovem rural, é que há um tempo tinha muito jovem, tinha muita criança. Hoje você imagina, um único filho, com um vizinho na outra ponta, ou seja, hoje o jovem está vivendo o problema solidão (MARIN, 2011).

O professor cita outras políticas públicas, como o próprio Pronaf Jovem[26], mas não acredita que os jovens percebam o programa como uma política direcionada para eles. "[...] o espaço é a escola para galgar outros espaços que não são do meio rural, ou seja, a escola como possibilidade de saída". Marin cita o exemplo do município de Agudo, onde a restrição do trabalho de menores de 18 anos na cultura do fumo, estabelecida pela Convenção Quadro[27], seria um estímulo a mais para a saída.

> De uma certa maneira, a família vê a saída como a única possibilidade ou a melhor possibilidade. [...] a escola é que vai dotar dos saberes, dos conhecimentos reconhecidos pela sociedade, que vão possibilitar a colocação seja na universidade, seja no mercado de trabalho (MARIN, 2011).

Apesar da importância da escola para o meio rural, Marin também não considera que esse espaço deve ter conteúdos diferenciados do meio urbano, uma vez que isso representaria uma tentativa de fixar os moradores do campo no espaço rural. O professor ressalta que o problema é muito mais complexo e envolve questões que passam pela baixa remuneração da família, pela desvalorização do trabalho doméstico da mulher rural e por um desprestígio muito grande do trabalho agrícola, além de outro problema que é a quantidade de terra disponível.

> Será que a terra hoje existente, ela tem quantidade e qualidade pra abrigar novas famílias? Ou há condições de investimento nessas propriedades pra romper isso, porque o que a gente vê é que a renda é muito baixa, o trabalho é fatigante, e não bem remunerado e não socialmente reconhecido. E aí o que acontece? As pessoas têm vergonha (MARIN, 2011).

Mesmo reconhecendo que muitos jovens estão deixando o campo, Aristimunha aponta para um fenômeno de retorno. Pessoas estariam voltando ao

[26] O Pronaf jovem é destinado para agricultores com idades entre 16 e 29 anos para financiar projetos como fruticultura, hortigranjeiros, artesanato, atividades agropecuárias ou de turismo rural. O limite de crédito é de 12 mil reais com juros de um por cento ao ano.

[27] Sobre esse assunto ver nota de rodapé número 24.

meio rural ao perceber que a vida na cidade não é tão fácil como elas pensavam. Pavanello também verifica esse anseio em retornar ao campo: “Tem muita gente hoje que se tivesse a oportunidade de voltar pra casa voltava, mas tem gente que não tem mais pra onde voltar”. Dill também verificou casos de jovens que saíram do campo para tentar a vida na cidade e estão retornando ao meio rural: “Eu conheço alguns casos, não são muitos, de pessoas que vieram pra cidade, pra ficar na cidade um tempo x e disseram não, meu lugar é lá fora, volto lá pra fora”.

Aristimunha acredita que o retorno é uma tendência que pode ser incrementada com a implantação de políticas públicas que favoreçam a volta: “Porque lá tem grandes virtudes. Se tu for preparado pra ser um agricultor, ter uma razoável renda, lá tem virtudes”. Pavanello completa: “o meio rural, hoje, ele é muito bom pra viver, porque se tu vai olhar hoje no meio rural tem tudo e aquela coisa, tu tá no sossego, tu tá no teu canto”. Para qualificar cada vez mais o meio rural, Aristimunha considera que a Emater tem um papel fundamental em levar informação até locais aonde quase ninguém chega.

> Os extensionistas da Emater são, talvez, os únicos que vão no fundo, aonde ninguém vai, vamos nós. E esse é o papel nosso. De fazer essa ponte, esse vínculo. Hoje nem a igreja, que antigamente ia, não vai mais. Vamos nós e a Brigada [Militar] e ninguém gosta quando a Brigada vai, porque lá no fundo, no fundo, não vai ninguém durante o ano e às vezes vamos nós. E esse é o papel da extensão: identificar essas problemáticas, refletir com os agricultores, construir oportunidades, levar políticas públicas, detectar a necessidade de novas políticas públicas, além das tradicionais, não só a questão das tecnologias de produção, de tentar compreender esse novo mundo rural que é diferente, tentar compreender suas necessidades e estar lá pra apoiar, ver como nós podemos construir um mundo rural melhor (ARISTIMUNHA, 2011).

Entre as necessidades das zonas rurais levantadas pela Emater, estão também coisas elementares, como luz elétrica de qualidade: “Todos têm luz, porém não tem força. Liga um chuveiro e um motor, e cai a bóia [...] eles não conseguem nem sequer ter as condições de trabalho que necessitam, energia pro trabalho e pro conforto que necessitam”.

No meio rural também há muitas carências na área das tecnologias de informação e comunicação. É o aspecto que vamos discutir a seguir.

2.4.3 O meio rural e as tecnologias de informação e comunicação

Para que os jovens permaneçam no campo, Dill ressalta a importância de investimentos em infraestrutura, principalmente na área da comunicação. Para ela, aparelhos como telefones celulares e computadores melhoram a ligação entre o campo e a cidade e evitam deslocamentos, já que muitos assuntos podem ser resolvidos com uma simples ligação.

> No meio rural tem que ter os telefones necessários, tem que ter computador, Internet, tudo isso que a cidade tem. [...] a maioria dos lugares hoje já têm luz elétrica, há vinte, trinta anos atrás não tinha. [...] o necessário tem que ir pra colônia também. Então com isso nós conseguimos motivar o jovem pra ficar lá. [...] precisa ainda qualificar, por exemplo, essa questão das antenas dos celulares, tem muitos lugares onde é muito montanhoso, o celular muitas vezes não pega (DILL, 2011).

O telefone celular é bastante popular, mas a Internet ainda não é uma realidade entre os agricultores familiares, segundo a informante. O acesso acontece em algumas escolas, clubes, mas ainda de forma precária: “Tem um dos projetos do governo Dilma [Rousseff] agora que ela tem na meta dos quatro anos tentar informatizar o que for possível no meio rural. Tomara que dê certo e tomara que agilize”.

Além de mais qualidade nos serviços de comunicação, Dill ressalta que faltam ainda coisas muito básicas ao campo, como estradas em condições e atendimento de saúde mais qualificado e lembra que a própria vontade de alguns distritos de Santa Maria de se emancipar é também um desejo dos moradores de conseguir os mesmos benefícios que existem no meio urbano: “É uma ansiedade do povo em ter as condições que a cidade tem”. [28]

Sobre a relação das mulheres com as tecnologias de informação e comunicação, a informante considera que as jovens buscam e utilizam essas tecnologias, mas as mulheres de idade mais avançada têm mais dificuldades. Dill exemplifica que a própria feira do cooperativismo é um exemplo do avanço da Internet já que, atualmente, 80 por cento do material de comunicação da feira é feito por meio da rede mundial de computadores. Apenas os empreendedores que não

[28] Em 2011, o vereador da Câmara Municipal de Vereadores de Santa Maria, Marion Mortari, do PP, começou a discutir a emancipação dos distritos de Pains, Passo do Verde e Santa Flora. A ideia seria juntar os três distritos e formar um novo município. Uma comissão foi formada na Câmara para discutir o assunto.

têm nenhum tipo de acesso à Internet recebem o material por correio convencional. Os expositores podem até não ter um e-mail pessoal, mas buscam a ajuda de amigos ou instituições para receber o material porque consideram importante essa agilidade propiciada pela Internet.

> Muitas vezes, se a família não tem, o grupo não tem lá na sua propriedade, ele busca com a Emater, com a universidade, com a prefeitura, com os amigos. Diz: eu não tenho e-mail, me manda pra tal lugar, até os índios fazem isto. Os índios, em geral, não têm acesso a essa tecnologia, têm acesso ao celular, mas a parte do computador eles têm menos acesso, então também eles já fazem isso, [...] ligam pra gente e dizem: eu tenho tal e-mail, gostaria que mandasse o material da feira pra tal e-mail, e lá ele vai acessar (DILL, 2011).

Apesar do avanço das tecnologias de informação e comunicação, Dill lembra que, no interior, formas de comunicação bem tradicionais como os avisos ao final das missas ainda são muito usados e eficientes: “E quem tem um aviso, um curso, uma palestra, já vai lá, então a comunidade toda fica sabendo. E à medida que um, dois sabem, vão multiplicando. Isso também facilita muito”.

Aristimunha considera que, por meio das TICs, a rotina e os hábitos da vida urbana estão invadindo o rural: “[...] os agricultores já não vão pra lavoura sem o celular, antes ele ia, não precisava de telefone. Hoje é uma necessidade”. Sobre a questão da Internet, o informante relata que as comunidades rurais, aos poucos, também estão se beneficiando das tecnologias de informação e comunicação, seja por meio de casas digitais ou de pontos de Internet gsac. A Internet, segundo ele, pode significar várias mudanças no meio rural e também criação de oportunidades.

> [...] vai transformar o mundo rural porque esse acesso dos produtores, da família rural, do jovem que está estudando, [...] vai gerar uma série de transformações, uma delas é o acesso à informação que ele necessitar. E abre, tanto para o jovem como para qualquer pessoa, um campo fantástico de oportunidades de negócio fora da agricultura no futuro (ARISTIMUNHA, 2011).

Apesar do acesso à Internet não ser uma realidade na maioria do meio rural, o supervisor considera que a velocidade de aprendizagem está adequada: “O agricultor, ele está numa velocidade mais lenta e eu acho até interessante pra ele ir se habituando, ir se acomodando, essas coisas têm que entrar um pouco lentamente”. Borin também verifica que ainda são poucos os agricultores que possuem acesso à Internet nas propriedades. Sites de previsão do tempo e cotação dos produtos na bolsa de valores estariam entre os mais procurados entre os produtores que têm acesso à tecnologia. O secretário complementa que as tecnologias trazem conforto, mas geram uma nova despesa para o agricultor

familiar: “[...] tu tens despesa aí com energia elétrica, telefone; o conforto da cidade moderna chegou ao meio rural e isso tem um custo”. Pavanello completa que essas despesas são mensais e exigem do agricultor a geração de uma renda significativa para arcar com todos esses custos.

> [...] antes tu não tinhas luz pra pagar todo o mês, hoje tu tens, tu não tinhas conta do telefone pra pagar todo mês, agora tu tens. Então tu tens que correr atrás, da mesma forma como quem mora na cidade. Os mesmos compromissos. Só que daqui a pouco não vai ter o aluguel pra pagar, porque está morando na tua casa, mas é luz, é água, é telefone, é combustível, é alimentação. Então tu tens que estar sempre correndo atrás. Não é mais aquele sosseguinho que era há um tempo. [...] Tem que ter todo o mês. Não é uma vez por ano que nem era algum tempo atrás (PAVANELLO, 2011).

Borin reconhece que alguns custos podem se reverter em economia. Um exemplo citado por ele é o uso do telefone celular para evitar deslocamentos desnecessários.

> Eu lembro bem quando nós não tínhamos telefone, por exemplo, às vezes pra dar um recado pra um vizinho era uma dificuldade pra tu te comunicares com as pessoas. Hoje tu pega o telefone, em segundos, minutos, tu já resolve um grande problema (BORIN, 2011).

Pavanello também considera que o uso do telefone celular ajuda o agricultor a economizar tempo e dinheiro, uma vez que evita muitas idas à cidade: “[...] acontecem muitas coisas que até parecem ser hilárias. Daqui a pouco tu estás com uma vaca doente, pelo celular tu compras o remédio e o ônibus traz na tua porta”. Já o uso da Internet ainda é mais restrito, segundo Pavanello, mas a informante conhece exemplos de agricultores que estão conectados à rede mundial de computadores.

> [...] hoje em dia tudo está na Internet. O que o agricultor precisa está lá. Qualquer dúvida que ele tem, ele vai lá pesquisar. Então eu acho que isso até tira um pouco daquela vontade de estar fora da propriedade. A Internet está lá também. Pra quê eu vou sair daqui? Em Santiago a gente tem extensão de base nos sindicatos de Capão do Cipó e Unistalda e, principalmente, o pessoal de Capão do Cipó tem acesso à Internet. A gente percebe que eles se realizam com aquilo. Eles acham a melhor coisa que aconteceu nos últimos anos (PAVANELLO, 2011).

Sobre a importância das TICs para auxiliar na permanência do jovem no meio rural, Desconzi acredita que elas podem contribuir nesse processo. No entanto, ele ressalta que é preciso investir na expansão dessas tecnologias porque poucos locais no meio rural têm Internet de qualidade, por exemplo. Para facilitar o acesso dos agricultores à rede mundial de computadores, o Senar criou cinco salas digitais no

Rio Grande do Sul. Na região central do estado, a sala foi montada no município de São Sepé, onde são realizados cerca de cinco cursos de informática por mês. O objetivo do treinamento é capacitar os produtores para que eles possam se atualizar constantemente e estabelecer uma relação mais direta e ágil com o mercado consumidor:

> [...] as coisas mudam muito rápido. Às vezes o agricultor fica um mês lá fora, sem ir pra cidade, sem ter acesso à informação, as coisas mudam totalmente. Tendo Internet, tendo acesso, ele tem essas informações todo dia. Produtos novos, mala direta, hoje as fumageiras também estão capacitando e levando informações pra seus produtores rurais. A Souza Cruz financia computadores pra seus produtores de tabaco, paga a metade e metade o produtor paga e o Senar está dando a capacitação. As outras fumageiras também estão pensando nisso porque às vezes o técnico sair da cidade, ir lá à propriedade pra levar uma informação ao produtor, manda via internet. Muito mais rápido, facilita também (DESCONZI, 2011).

Pavanello considera que as TICs não são fundamentais para diminuir a migração do jovem rural "porque quem tem vontade de ficar, de um jeito ou de outro, permanece". Ela ainda aponta para a questão do isolamento das famílias rurais que teria relação com a grande oferta de meios de comunicação.

> [...] talvez o isolamento hoje seja por tantos meios de comunicação, porque eu lembro que, até um tempo atrás, as pessoas se visitavam mais, tinham mais tempo pra sair. Hoje em dia, por todas as tarefas da família, porque quem mora no meio rural não tem sossego, todo o dia é corrido do mesmo estilo do meio urbano. Aí as pessoas acabam vivendo mais dentro de casa do que algum tempo atrás (PAVANELLO, 2011).

Marin percebe o avanço das tecnologias no meio rural e as mudanças que elas provocam nas relações sociais. Uma deles seria o estreitamento dos vínculos entre o urbano e o rural, principalmente para as novas gerações:

> Hoje as relações se ampliaram e grande parte desse mundo se deve à televisão, à luz, aos meios de transporte, aos meios de comunicação, ao maior acesso à informação e ao ensino [...]. Os homens também mudaram. Os homens também estão cuidando de crianças. Os homens também estão se preocupando com a qualidade da casa. [...] O mundo está se conectando e a gente viu ali em Agudo que onde tem possibilidade de Internet eles instalam. Onde não tem, eles compram um computador, nem que seja pra fazer as tarefinhas de casa e fazer os joguinhos (MARIN, 2011).

Marin considera que os pais procuram proporcionar tecnologias de comunicação e informação aos filhos para melhorar as condições de vida, propiciar a expansão dos conhecimentos e também manter os filhos por perto. Com a redução dos convívios e relações pessoais, consequência da própria diminuição das famílias, ter um computador com acesso à Internet ajuda a minimizar com o

isolamento, segundo o professor. Marin ainda percebe que a mulher valoriza mais os meios de comunicação para o bem estar da família e seria a fomentadora dessas oportunidades:

> [...] em função desse papel de agregadora, de administradora das relações sociais familiares [...] e até mesmo porque ela é menos ligada na terra que o homem, de maneira geral ela é menos ligada. Ela está preocupada com esses vínculos (MARIN, 2011).

O professor completa que a mulher rural também quer consumir e não depender apenas da renda dos maridos e vislumbra um rural conectado a partir do momento em que essa tecnologia se popularizar como aconteceu com o telefone celular:

> Se expandir a Internet eu tenho certeza que os agricultores imediatamente vão acessar. Vão acessar porque eles têm esse desejo de ter esse conforto a mais. Assim como popularizou, teve possibilidade de expansão tecnológica do celular eles assumiram, eles adotaram, eles consumiram e a Internet também será. O computador já está chegando antes da Internet, ou seja, já está indo na frente. É um recurso a mais. Se não é pra acessar a Internet, é pra elaborar o trabalhinho, é pra brincar (MARIN, 2011).

Diante da migração, especialmente das jovens rurais para as cidades, qual será o futuro da agricultura familiar em Santa Maria, RS? A tendência, segundo os informantes qualificados ouvidos pela pesquisa, é que o esvaziamento do meio rural continue. A seguir vamos detalhar os motivos.

2.4.4 O futuro da agricultura familiar

Borin avalia que vão restar poucos agricultores familiares no meio rural principalmente por falta de uma política agrícola baseada em subsídios: “Hoje existem programas que dão crédito, mas que não asseguram a renda. Então tem muita gente que está com a corda no pescoço, com três operações de crédito, devendo no banco”.

Para Dill, o caminho para a manutenção da pequena propriedade é a diversificação. Mesmo assim, Dill considera que muitas propriedades familiares vão se extinguir por falta de um sucessor interessado. Pavanello considera que o desafio é encontrar formas de desacelerar o processo de êxodo dos jovens rurais:

> Tu falas em agricultura familiar e estás falando em quem está lá na roça e produz setenta por cento da comida que vai pra mesa de todo o mundo. Tu

> estás falando de alguém muito especial e que hoje está tendo um olhar diferente, se tu fores olhar lá dentro do município, o prefeito está preocupado com isso, o governo do estado está preocupado com isso, o governo federal está preocupado com isso. Embora talvez seja um pouco tarde demais (PAVANELLO, 2011).

Desconzi reconhece que a tendência é diminuir o número de propriedades rurais familiares. Pela experiência de visitar o interior dos municípios, ele cita que já existem propriedades abandonadas. Outra alternativa apontada por Desconzi é o turismo rural como um complemento à atividade agrícola:

> Se andar pelo interior hoje, tu verás propriedades abandonadas. Tem uma propriedade em Agudo que eu conheço, tem cinco casas na propriedade e só uma sendo habitada. Os outros já foram embora. Venderam pra esse que ficou, está absorvendo as propriedades familiares. Ele está ficando maior, isso é o que está acontecendo. Por outro lado, tem alguns profissionais liberais que estão adquirindo essas propriedades e estão começando a produzir também. Está havendo até uma inversão. Uma aplicação de recursos do meio urbano no meio rural na propriedade rural (DESCONZI, 2011).

Marin prevê que uma minoria dos jovens vai permanecer no campo e o processo de esvaziamento vai continuar. Em contrapartida deve aumentar o número de propriedades destinadas ao descanso e lazer:

> A visão que eu tenho é que a população rural tende a reduzir e, mais do que isso, a dificuldade de constituição de novas famílias pela maior migração feminina, [...] não vejo nenhuma política pública hoje que venha a reverter esse quadro. Não existe e o que vier já vem tarde (MARIN, 2011).

O professor cita um curioso caso em Agudo de “meninas de pantufas”, que foram encontradas durante uma pesquisa. São adolescentes com linguagem, postura e jeito de adolescentes urbanos, sem vínculo com o trabalho no meio rural e foco apenas no estudo, o que pode significar uma oportunidade fora do meio rural.

> Nós chegávamos de manhã, a maior parte das meninas estava de pantufa, de pijama, isso eram nove ou dez horas, fazendo os trabalhos. Não tinham vínculo maior com o trabalho. E os pais diziam: eu quero que eles estudem, vão para o estudo. Aqui não é futuro. Eu vejo dessa maneira. [...] a prioridade para essas meninas de pantufas é estudar, é se preparar. Não está na escola, mas vai lá se preparar pras tarefas, deveres, pra depois ir no outro período pra escola. Não foi uma ou duas famílias. Os filhos eram poupados do trabalho (MARIN, 2011).

Nesse sentido, Aristimunha considera que a proximidade de uma universidade federal beneficia a família rural porque facilita o estudo dos filhos. Para o supervisor, os agricultores familiares de Santa Maria têm algumas vantagens por serem agricultores metropolitanos, ou seja, estão no rural, mas se locomovem muito bem dentro da metrópole e aproveitam as oportunidades da cidade. A própria família

rural, segundo o supervisor, acaba também se beneficiando da proximidade com uma grande cidade através do estudo dos filhos, que fica facilitado por estarem perto de uma universidade federal:

> [...] eles têm acesso aos mercados, eles têm acesso à informação, feiras, um mercado consumidor enorme. Então eles são diferentes no sentido de que os agricultores familiares metropolitanos têm enormes oportunidades e eu vejo que isso é uma coisa positiva. Ao mesmo tempo em que ele está lá, hoje ele tem a oportunidade dos filhos estudarem com muito mais facilidade e acessarem até uma universidade. Eu conheço muitos agricultores de Santa Maria que os filhos moram lá e fazem curso superior aqui, então isso é uma oportunidade fantástica que a maioria não tem no campo (ARISTIMUNHA, 2011).

A partir das entrevistas com os seis informantes qualificados, foram elaboradas as assertivas na terceira fase da metodologia Q. O processo será detalhado a seguir.

2.4.5 Relação das assertivas

A transcrição dos diálogos nos grupos de discussão, sua leitura atenta, complementadas pela transcrição cuidadosa das entrevistas com os informantes qualificados, permitiu ponderar sobre um conjunto de noções que, avaliadas à luz da literatura estudada, conduziu-nos à construção das assertivas necessárias para a quarta etapa da metodologia Q. Esse trabalho teve a precaução de ser fiel às ideias apresentadas nos grupos de discussão e também nas entrevistas com os informantes qualificados numa tentativa de minimizar a influência do pesquisador.

A construção das assertivas também buscou revelar as opiniões divergentes que foram encontradas nos grupos de discussão e nas entrevistas com os informantes qualificados, possibilitando ao público-alvo reagir positivamente ou negativamente a cada uma das questões. Apesar de incentivar uma reação a cada uma das assertivas, a metodologia também possibilitou ao público-alvo ser indiferente a algumas das questões abordadas, uma vez que a grade de classificação tem uma coluna neutra, em que o participante não se posiciona nem contra nem a favor da afirmativa (ver Figura 1).

As assertivas construídas para a quarta etapa da metodologia Q reúnem tanto vínculos afetivos como produtivos. Os vínculos afetivos contemplam a relação entre

maridos e esposas, pais e filhos, famílias e comunidades, entre os amigos, com o ambiente, com o trabalho e também a própria percepção das pessoas acerca da consciência de seu papel em cada uma dessas relações. Já os vínculos produtivos concentram-se na relação dos produtores com o mercado que compra os produtos da agricultura familiar, com o mercado que presta serviços para esse público, com o poder público, com as instituições que reúnem, representam e também orientam os agricultores, como as entidades sindicais, com as instituições de formação educacional e profissional, como as escolas, cursos técnicos, profissionalizantes e as universidades e também com o mercado de trabalho que oferece oportunidades fora da agricultura familiar. Nesse sentido, as 32 assertivas oferecem interpretações sobre quatro dimensões específicas:

a) o campo e a cidade;
b) o papel da mulher rural e também do homem rural;
c) os jovens rurais;
d) a família rural e a comunicação.

A relação das assertivas está na Tabela 6.

Tabela 6 – Relação de assertivas

(continua)

Nº	Dimensão relacionada	Assertiva
1	O campo e a cidade	O meio rural é um lugar ruim de viver.
2		O meio rural é um lugar bom de viver.
3		O trabalho agrícola é puxado, sacrificante, pesado, difícil e tem baixa remuneração. O agricultor e a agricultora não têm descanso e trabalham inclusive sábados, domingos e feriados.
4		A situação do meio rural melhorou muito e o agricultor e a agricultora estão tendo muitas oportunidades. Nunca houve tanto crédito e a pequena propriedade se for bem planejada, bem trabalhada, é lucrativa.
5		O espaço da cidade tem mais lazer, mais oportunidades de emprego, além de acesso à educação, saúde, serviços bancários, comunicação. Tudo é mais fácil estando mais próximo da cidade. Além disso, os trabalhadores da cidade trabalham menos porque têm folgas aos domingos e feriados.
6		O meio rural proporciona bem estar e maior qualidade de vida. Não tem estresse e não tem patrão.
7		O interior está masculinizado. As meninas vão para a cidade estudar, arrumam um emprego e não voltam mais. O esvaziamento do meio rural vai continuar e a população do campo vai diminuir ainda mais.
8		Muitos jovens saem do campo, vão para a cidade e estão retornando ao campo em função da exigência do mercado de trabalho urbano.
9	Papel da mulher e do homem rural	O trabalho doméstico é coisa de mulher. O grande papel da mulher rural ainda é ser cuidadora do lar, administradora das relações familiares, esteio da casa e base de sustentação da família.
10		O homem rural se ocupa mais das atividades produtivas, do trabalho pesado na propriedade, que exigem esforço físico.

Tabela 6 – Relação de assertivas

(continuação)

Nº	Dimensão relacionada	Assertiva
11	Papel da mulher e do homem rural	A mulher que atua na lavoura tem três jornadas bem carregadas de trabalho. Ela se divide entre casa, trabalho na propriedade e filhos e sente que falta reconhecimento, valorização e remuneração para suas atividades.
12		A mulher rural não gosta do trabalho agrícola em geral porque ele é penoso, pesado. Cada vez vem diminuindo mais a presença da mulher nas tarefas mais rudes da agricultura.
13		A mulher rural atualmente está se inserindo na administração e gestão das propriedades rurais. Ela é mais detalhista no controle de gastos e muitas vezes se mostra mais eficaz que o homem na administração das propriedades.
14		A decisão do que vai ser feito nas propriedades ainda é dos homens. Eles concentram a renda e as mulheres ainda dependem deles.
15		A mulher rural conquistou a igualdade com o homem rural. Algumas estão até assumindo cargos de direção de cooperativas e sindicatos. Essas instituições, inclusive, incentivam a inclusão da mulher nessas atividades.
16		Mulher nenhuma consegue chegar a lugar nenhum se não tiver o apoio da família.
17		O homem é mais apegado à terra, ele tem amor ao trabalho agrícola.
18		A mulher rural é mais desapegada ao campo e busca ocupações no espaço urbano porque no mercado, no comércio ou na prestação de serviços ela tem o reconhecimento de trabalhadora, conquista renda e autonomia pessoal. A mulher rural tem mais anos de estudo do que os homens e não quer mais depender dos maridos.
19		Ser agricultor ou agricultora é uma vocação, é algo que se aprende desde pequeno. Se fosse apenas pela questão econômica, os agricultores e agricultoras já tinham chutado o balde.

Tabela 6 – Relação de assertivas

(continuação)

Nº	Dimensão relacionada	Assertiva
20	Os jovens rurais	Os jovens rurais de hoje não têm vínculo com o trabalho rural.
21		Faltam incentivos do governo para o jovem rural permanecer no campo. A renda é o que vai determinar a permanência deles no meio rural.
22		A única possibilidade de crescimento, de ascensão social para os jovens do meio rural é por meio do estudo. Por isso os pais dizem: estuda pra ti não sofrer que nem teu pai, pra ti não sofrer que nem tua mãe.
23		As mulheres rurais incentivam principalmente as filhas mulheres a buscar ocupações fora do espaço agrícola porque não querem que a sina da mãe se repita na filha, não querem que elas passem pelas mesmas dificuldades. Elas estimulam que as jovens deixem o campo.
24	A família rural e a comunicação	A mulher rural atual tem mais acesso à informação do que as gerações anteriores seja pela televisão, celular, Internet, Emater, sindicatos e assistência social. Ela conhece seus direitos, deveres e é independente.
25		As mulheres se destacam na comercialização de produtos agrícolas diretamente ao consumidor. Elas fazem a ligação entre campo e cidade. Nas bancas de feiras onde existem mulheres a comunicação flui melhor.
26		O agricultor não vai para a lavoura sem o celular. Antes ele ia, não precisava de telefone. Hoje é uma necessidade. Os hábitos urbanos estão invadindo do meio rural.
27		A mulher rural é mais receptiva à inovação do que o homem. Ela busca informações e aplica mais as novas tecnologias do que os homens, que, por se considerarem experientes, têm dificuldade em aceitar inovações, mudanças.

Tabela 6 – Relação de assertivas

(conclusão)

Nº	Dimensão relacionada	Assertiva
28	A família rural e a comunicação	Ter acesso aos meios de comunicação como computador, Internet e celular é importante principalmente para a educação e bem estar dos filhos. Esses equipamentos facilitam o acesso à informação e também ao lazer.
29		O jovem rural quer informação, ele precisa estar ligado, com celular, Internet. Se ele não tiver acesso a esses meios, ele se sente excluído.
30		As tecnologias de comunicação como o computador e a Internet são formas de melhorar a administração da propriedade rural. Hoje em dia tudo tá na internet. O que o agricultor precisa tá lá. Qualquer dúvida que ele tem, vai pesquisar.
31		O telefone celular possibilita estar conectado com os amigos, fazer negócios e obter informações sobre o mercado. Hoje tu pega o telefone, em segundos, minutos, resolve um baita de um problema e evita uma viagem até a cidade. A gente gasta, mas, ao mesmo tempo, economiza usando o celular.
32		É pequena ainda a presença da Internet no meio rural de Santa Maria. Entre os motivos estão o custo e falta de qualidade de sinal.

Fonte: A autora

As duas primeiras fases da pesquisa apresentadas neste segundo capítulo confirmaram em parte a nossa hipótese. Nos grupos de discussão e também nas entrevistas com os informantes qualificados foi relatado que as TICs podem trazer benefícios para as mulheres rurais tradicionalmente vistas em um papel legitimado de subordinação. Mas isso alavancaria mudanças nas relações de poder dentro das famílias? Para testar a nossa hipótese como um todo, foi realizada a quarta etapa da metodologia Q: as assertivas construídas a partir da primeira e também da segunda fase da pesquisa foram classificadas pelo público-alvo. Enquanto nas duas primeiras fases da pesquisa, a análise aconteceu em esferas distintas, com grupos de discussão separados por sexo ou faixa etária, nessa etapa a análise passou a ser

feita a partir do núcleo familiar justamente para verificar como se estabelecem as relações de poder dentro da unidade familiar. Para isso, foram visitadas dez propriedades rurais e ouvidos pais, mães e filhos e filhas jovens. As três últimas etapas da metodologia Q estão reunidas no Capítulo 3 **Tecnologias de Informação e Comunicação e Vínculos.**

3 TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO E VÍNCULOS

Neste último capítulo iremos apresentar as três últimas etapas da metodologia Q: a classificação das assertivas por parte das famílias de agricultores familiares, a análise das respostas através de *software* específico e também a interpretação dos resultados das últimas etapas. Inicialmente iremos contextualizar a situação das TICs no Brasil explorando aspectos do meio rural.

3.1 O avanço das telecomunicações

3.1.1 A telefonia móvel

Em quase cinco anos, o número de telefones móveis aumentou 130 por cento no país, passando de 99 milhões em 2006 para 231 milhões de aparelhos habilitados em 2011[29]. Apesar do crescimento, a proporção de celulares pré-pagos e pós-pagos se manteve quase inalterada com 82 por cento dos aparelhos pré-pagos e 18 por cento pós-pagos. A Tabela 7 mostra o avanço da telefonia celular no Brasil nos últimos cinco anos:

[29] Segundo a Anatel a competição é o motor do desenvolvimento das telecomunicações e, como consequência, proporciona mais oferta de serviços para os usuários, maior qualidade e preços mais baixos. O processo de privatização da exploração dos serviços de telecomunicações aconteceu no país em 1998 e, com isso, o Estado buscou fortalecer seu papel regulador e eliminar o papel de empresário. Até então o serviço era explorado pelo Sistema Telebrás composto pela Telebrás, pela Embratel e também por 27 empresas. Havia outras quatro empresas independentes, três delas estatais (entre elas, a CRT controlada pelo governo gaúcho) e uma privada. Na área controlada pelo sistema Telebrás morava 90 por cento da população brasileira (ANATEL, 2008).

Tabela 7 – Número de telefones móveis habilitados no Brasil

TIPO	Valor relativo* dez/2006	Valor percentual dez/2006	Valor relativo out/2011	Valor Percentual out/2011
Pré-pago	80,5	81	189,06	81,62
Pós-pago	19,4	19	42,56	18,38
Total	99,9	100	231,63	100

Fonte: Anatel dez/2006 e out/2011
* em milhões

Com o avanço da telefonia, a teledensidade móvel, indicador usado internacionalmente como número de telefones ativos para cada grupo de 100 habitantes, passou de 53,24 por cento em dezembro de 2006 para 118,62 por cento em outubro de 2011, o que representa um crescimento de 120 por cento em menos de cinco anos. Enquanto em 2006, pouco mais da metade dos brasileiros possuía um telefone celular, em 2011, o número de telefones superou em 18 por cento a população do país que, de acordo com o último censo é de mais de 190 milhões de pessoas (IBGE, 2010).

A região centro-oeste apresenta a maior teledensidade do país, índice alavancado principalmente pelo Distrito Federal onde existem dois celulares para cada habitante. Na sequência, estão as regiões sudeste, sul, norte e nordeste. O estado nordestino do Maranhão quase quadruplicou sua teledensidade móvel nos últimos cinco anos: passou de 20,92 por cento em 2006 para 76,25 por cento em 2011, mesmo assim continua com a menor teledensidade do Brasil.

Já o Rio Grande do Sul que, em 2006, tinha a segunda maior teledensidade móvel do Brasil, em 2011 ocupou a sétima posição atrás dos estados do Distrito Federal, São Paulo, Mato Grosso, Rio de Janeiro, Goiás e Rondônia. Em outubro de 2011, o estado gaúcho tinha 124 telefones móveis para cada grupo de 100 habitantes, o que representa um aumento de 80 por cento no período analisado. Em novembro do mesmo ano, a região de Santa Maria, que tem o código de área 55, ocupava o quadragésimo sexto lugar no ranking nacional da teledensidade móvel e o quarto lugar no estado com 98,36 telefones móveis para cada grupo de 100

habitantes. Em 2008, 69,05 por cento dos moradores da região tinham um telefone celular e o código 55 ocupava o trigésimo segundo lugar no ranking nacional da telefonia móvel (ANATEL, 2008). As regiões do estado com maior teledensidade móvel são Porto Alegre com 139,29 telefones móveis para cada grupo de 100 habitantes, Pelotas com 135,21 telefones móveis para cada 100 habitantes e Caxias do Sul com 117,94 telefones móveis para cada grupo de 100 habitantes (ANATEL, 2011). Os dados sobre a teledensidade por região e por unidade da federação em 2006 e 2011 podem ser visualizados na Tabela 8:

Tabela 8 – Relação da teledensidade móvel por regiões e unidades da federação

Unidade da federação/região	Dez/2006	Out/2011
Região Centro-oeste	70,36	141,09
Distrito Federal	111,81	202,48
Goiás	62,15	127,08
Mato Grosso do Sul	64,71	121,38
Mato Grosso	56,74	134,74
Região Sul	61,95	119,92
Paraná	55,19	116,85
Santa Catarina	60,57	117,63
Rio Grande do Sul	69,12	124,26
Região Sudeste	59,36	128,01
Minas Gerais	55,64	110,97
Espírito Santo	51,80	117,77
Rio de Janeiro	67,29	129,58
São Paulo	58,76	136,62
Região Nordeste	39,34	101,92
Maranhão	20,92	76,25
Piauí	28,69	96,05
Ceará	40,52	100,23
Rio Grande do Norte	49,73	117,3
Paraíba	40,54	102,88
Pernambuco	51,20	118,18
Alagoas	42,88	99,65
Sergipe	45,56	112,44
Bahia	37,65	101,21
Região Norte	37,64	105,59
Rondônia	45,74	124,36
Acre	40,68	105,03
Amazonas	39,36	107,29
Roraima	35,55	102,85
Pará	33,41	98,31
Amapá	46,63	118,29
Tocantins	41,37	116,02
BRASIL	53,24	118,62

Fonte: Anatel dez/2006 e out/2011

Os números demonstram o crescimento da telefonia celular, a TIC que mais se expandiu nos últimos anos. A tecnologia começou a funcionar no Brasil em 1990 na cidade do Rio de Janeiro. Dois anos depois, em 18 de dezembro de 1992, o celular chegou ao Rio Grande do Sul e foi disponibilizado inicialmente para quatro mil assinantes da região metropolitana e litoral norte do estado (FUNDAÇÃO

TELEFONICA, 2011). A primeira vez que a teledensidade móvel foi registrada foi em 1994 com 0,5 telefones para cada grupo de cem habitantes. Cinco anos depois, a teledensidade já era de 9,1 telefones móveis para cada grupo de cem habitantes. O crescimento impressionou até mesmo a Agência Nacional de Telecomunicações.

> Nenhum outro serviço regulado pelo Estado brasileiro chegou tão longe. Nem mesmo a radiodifusão aberta (televisão e rádio), apesar da grande penetração, serve como base de comparação com o fenômeno da comunicação móvel. A radiodifusão caracteriza-se pelo acesso gratuito do usuário, sem compromisso de natureza comercial com prestadora – ao contrário do que acontece na telefonia celular (ANATEL, 2006).

Ao compararmos o crescimento da telefonia celular ao lado de outras TICs, como o rádio, a televisão, o telefone convencional e o próprio computador, fica evidenciada a velocidade de expansão da telefonia móvel que, em apenas oito anos, quintuplicou sua presença nos domicílios particulares brasileiros que têm apenas telefone celular. O número de telefones nas residências brasileiras começou a ser apurado pela Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílios em 1992. Na época, 19 por cento dos domicílios particulares permanentes[30] possuíam telefone, 84,9 por cento tinham rádio e em 74 por cento deles havia televisão. Em 2001, ano em que a pesquisa começou a fazer a distinção entre telefonia celular e fixa, o telefone estava presente em 58,9 por cento dos domicílios sendo que 7,8 por cento possuíam exclusivamente o telefone celular, 27,9 por cento tinham somente o fixo convencional e 23,2 por cento tinham telefone fixo e telefone celular. No mesmo ano, o rádio estava presente em 88 por cento dos lares e a televisão em 89 por cento dos domicílios e também já era mensurada a presença do computador em 12,6 por cento das casas. Em 2009, dos 58,6 milhões de domicílios, 84,9 por cento tinham telefone, sendo que desses, 41,3 por cento possuíam apenas o aparelho celular, 5,8 por cento tinham somente o fixo, 37,8 por cento das casas possuíam os dois tipos de telefone, o rádio estava presente em 88,1 por cento dos domicílios, a televisão em 96 por cento e o computador em 35,1 por cento dos domicílios. Os dados mostram também que, à medida que avança a telefonia celular, cai o número de domicílios apenas com telefone fixo, equipamento que tem como desvantagem o

[30] Para o IBGE um domicílio é um local de moradia separado e independente que pode ter um ou mais cômodos. Essa separação é caracterizada pela limitação de paredes, muros ou cercas e por um teto de cobertura. Nesse domicílio os moradores arcam com parte ou toda sua despesa de alimentação e moradia (IBGE, 2010).

custo básico mensal mesmo quando o usuário não utiliza o serviço[31]. Para o Banco Mundial (2006), a telefonia celular substitui linhas telefônicas fixas, aumenta a mobilidade, reduz custos e facilita a procura por emprego até mesmo para a população pobre[32].

Em 2005, a PNAD identificou a influência de fatores como poder aquisitivo e grau de instrução entre aqueles que possuíam um aparelho celular. Na divisão por ocupação principal, os trabalhadores agrícolas eram o grupo com menos acesso a essa tecnologia: apenas 12,4 por cento deles tinham um telefone celular. Com a queda no preço do equipamento e também das ligações, fatores como renda e escolaridade se tornaram menos determinantes para a posse do telefone móvel e o que se tornou mais importante para o acesso é a disponibilidade do serviço[33]. Um exemplo está na Amazônia, onde o telefone celular mudou até a forma de trabalho dos pescadores do Rio Tapajós. Com a chegada das antenas de celular há dois anos, eles passaram a se comunicar pelo telefone para localizar cardumes. Com a troca de informações, alguns pescadores afirmam que conseguiram até dobrar a quantidade de peixe retirado do rio (SPERANDIO, 2011). Thornton (2003) considera que o desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação tem reorganizado as próprias noções de tempo e espaço, porque não é necessário estar no lugar para que aconteça a interação e, com isso, há uma independência entre estar fisicamente ou virtualmente. No exemplo citado dos pescadores do Rio

[31] O Brasil tem 44 milhões de telefones fixos instalados pelas concessionárias do serviço e 30 milhões de telefones fixos em operação. Além disso, existem um milhão e 47 mil telefones públicos instalados. A teledensidade da telefonia fixa no país é de 16,74 telefones para cada grupo de 100 habitantes, índice sete vezes menor do que a teledensidade da telefonia móvel. No Rio Grande do Sul existem 2,6 milhões de telefones fixos instalados e 1,6 milhões em operação. A teledensidade da telefonia fixa no estado fica abaixo da média nacional com 16,32 telefones fixos para cada grupo de 100 habitantes. Em Santa Maria existem 38 mil telefones fixos individuais e um mil e 615 telefones públicos. Nas localidades do interior estão 427 acessos individuais e 37 públicos (ANATEL, 2011). Os números da telefonia fixa apresentam redução significativa. Em 2006 havia 57,6 mil telefones fixos em serviço em Santa Maria, sendo que 530 deles estavam no meio rural (ANATEL, 2006). Na proporção entre telefonia móvel e fixa é interessante observar um levantamento da International Telecommunication Union que mostra que, quanto menos desenvolvido é o país, maior a distância entre o número de telefones móveis e fixos. Na África, especificamente no Congo, chegam a existir 300 telefones móveis para cada telefone fixo em operação no país. Segundo o mesmo estudo, no Brasil a proporção em 2010 era de 4,8 celulares para cada telefone fixo (ITU, 2010).

[32] Em 2005 pela primeira vez o número de domicílios com telefone celular superou o número de domicílios com telefonia fixa no Brasil. 59,3 por cento deles tinham telefone celular e 48, por cento tinha telefone fixo (PNAD, 2005).

[33] Em dezembro de 2011 apenas as cidades de Cristino Castro, no Piauí, Grossos em Rondônia e também os municípios paranaenses de Antônio Olinto, Paulo Frontin e Paula Freitas não tinham sinal de telefone celular (SPERANDIO, 2011).

Tapajós, eles permaneceram no mesmo local, mas agora não mais em um trabalho solitário no barco e, sim conectados em uma rede de telefones que até agilizou o trabalho.

Os dados sobre o percentual de domicílios particulares com rádio, televisão, telefone, computador e Internet no Brasil podem ser visualizados na Tabela 9.

Tabela 9 - Percentual de domicílios particulares permanentes com rádio, televisão, telefone, computador e Internet

TIPO	1988	1992	2001	2009
Rádio	82,0	84,9	88,0	88,1
Televisão	71,5	74,0	89,0	96,0
Telefone	-	19,0	58,9	84,9
Somente telefone celular	-	-	7,8	41,3
Somente telefone fixo	-	-	27,9	5,8
Telefone fixo e celular	-	-	23,2	37,8
Microcomputador	-	-	12,6	35,1
Microcomputador com acesso à Internet	-	-	8,5	27,7

Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 1981/2009.
Nota: Exclusive os domicílios da área rural de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá.

A PNAD[34] ainda revela que, em 2009, 57,7 por cento dos brasileiros com mais de dez anos de idade tinham um telefone celular pessoal, o que equivale a 93 milhões de pessoas. Esse índice aumenta ainda mais nas regiões centro-oeste onde 68,5 por cento das pessoas com mais de dez anos de idade tinham o aparelho e no sul onde o índice registrado foi de 65,5 por cento. Já a posse ficou equilibrada entre os sexos: 57,8 por cento dos homens e 57,6 por cento das mulheres tinham o equipamento. Os dados estão relacionados na Tabela 10.

[34] A PNAD 2009 foi realizada entre os dias 20 e 26 de setembro de 2009.

Tabela 10 – Percentual de pessoas com mais de dez anos de idade que têm telefone celular para uso pessoal segundo as regiões do país e o sexo

Região do país e sexo	2005	2008	2009
Total Brasil	36,7	53,8	57,7
Região Centro-Oeste	47,5	64,3	68,5
Região Sul	47,6	62,8	65,5
Região Sudeste	41,0	58,6	62,7
Região Norte	26,8	45,4	49,0
Região Nordeste	23,8	41,2	45,4
Homens	38,2	54,0	57,8
Mulheres	35,4	53,6	57,6

Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2005-2008-2009.

3.1.2 O acesso à Internet

Sobre o acesso à Internet, 41,7 por cento dos brasileiros acessou a rede mundial de computadores em 2009, número 50 por cento superior do que em 2005, e que representa 67,9 milhões de pessoas[35]. Os maiores índices estão no sudeste, 48,1 por cento; centro-oeste, 47,2 por cento; e, em terceiro, o sul com 45,9 por cento. Os homens acessam a rede ligeiramente mais do que as mulheres, conforme mostra a Tabela 11[36].

[35] Em 2007, pela primeira vez mais da metade da população brasileira usou um computador, sendo que esse equipamento estava presente em 24 por cento das casas brasileiras (SANTOS, 2008).

[36] Sobre o acesso às TICs por sexo, um levantamento do International Telecommunication Union, também aponta pequena vantagem dos homens entre os usuários de Internet no Brasil entre 2008 e 2010. O mesmo levantamento aponta que, de 34 países europeus, em apenas três existem mais internautas mulheres do que homens: França, Estônia e Irlanda. Em outros 38 países não europeus, as mulheres são maioria entre os usuários de Internet nos Estados Unidos e no arquipélago de Bahrain.

Tabela 11 - Percentual de pessoas com mais de dez anos de idade que usou a Internet no período de referência dos últimos três meses segundo as regiões do país e o sexo

Região do país e sexo	2005	2008	2009
Total Brasil	21,0	34,8	41,7
Região Centro-Oeste	23,3	39,4	47,2
Região Sul	25,6	38,7	45,9
Região Sudeste	26,3	40,3	48,1
Região Norte	12,0	27,5	34,3
Região Nordeste	11,9	25,1	30,2
Homens	22,0	35,8	42,4
Mulheres	20,1	33,9	41,1

Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2005-2008-2009.

Ao analisarmos o acesso à Internet e telefonia celular por faixa etária, percebe-se que os mais jovens utilizam mais a Internet e têm menos telefones celulares e, à medida que as faixas etárias avançam, aumenta o acesso à telefonia celular e diminuiu o acesso à Internet. No grupo entre os 10 e 14 anos de idade, o número de pessoas que utilizaram a Internet no período de referência é praticamente o dobro dos que possuíam telefone móvel pessoal. Já na faixa etária entre 40 e 49 anos de idade, as pessoas com telefone celular eram o dobro daquelas que utilizaram a Internet. Números que podem ter relação com as habilidades, limitações e também interesses característicos de cada geração. Os jovens foram alfabetizados em um mundo digital e, por isso, possuem “a aprendizagem necessária ao indivíduo para circular e interagir no mundo das mídias digitais como consumidor e como produtor de seus conteúdos e processos” (RONDELLI, 2003). Já os adultos, de modo geral, ainda têm uma relação mais estreita com a comunicação oral. Os dados podem ser visualizados na Tabela 12.

Tabela 12 - Percentual de pessoas de 10 anos ou mais de idade que tinham telefone celular para uso pessoal e que utilizaram a Internet no período de referência dos três últimos meses

Idade	Celular	Internet
10 a 14 anos	29,4	58,8
15 a 17 anos	52,0	71,1
18 ou 19 anos	65,3	68,7
20 a 24 anos	70,7	61,8
25 a 29 anos	73,7	53,7
30 a 39 anos	71,4	42,1
40 a 49 anos	65,2	32,7
50 a 59 anos	56,7	-
50 anos ou mais*	-	15,2

Fonte: PNAD, 2009
* no acesso à Internet a última faixa etária estabelecida é 50 anos ou mais.

Nos últimos oito anos, o número de domicílios com computador e também acesso à Internet praticamente triplicou no país. O problema é que, apesar dessa expansão e também do potencial da Internet, a maior parte dos domicílios brasileiros ainda não têm acesso a essa tecnologia conforme mostra a Tabela 13.

Tabela 13 – Percentual de domicílios particulares permanentes do Brasil com computador e acesso à Internet

TIPO	2001	2005	2009
Microcomputador	12,6	18,7	35,1
Microcomputador com acesso à Internet	8,5	13,8	27,7

Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2001/2005/2009.
Nota: Exclusive os domicílios da área rural de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá.

Em 2005, a PNAD revelou a relação entre estudo e rendimento no acesso à rede mundial de computadores. No grupo de pessoas com 15 anos ou mais de

estudo, o percentual de internautas chegava a 76,2 por cento. Já entre as pessoas sem instrução ou com até três anos de estudo, apenas 4,5 por cento tinham acesso à rede. Com relação à renda, na faixa com rendimentos acima de cinco salários mínimos *per capita*[37]*,* 69,5 por cento das pessoas tinham acessado a Internet. Já entre aqueles com rendimentos de até um quarto do salário mínimo *per capita,* o percentual de pessoas era de 2,8 por cento. Essa influência da escolaridade e dos rendimentos também se refletia na distribuição dos usuários de Internet de acordo com a ocupação principal. Em 2005, os trabalhadores agrícolas obtiveram o menor percentual de usuários da Internet entre as pessoas ocupadas: apenas 1,7 por cento deles tinham acesso à rede. Os trabalhadores dos serviços e da produção de bens e serviços também atingiram percentuais baixos (8,6 por cento e 10,1 por cento), mas bem acima dos trabalhadores agrícolas. O maior número de usuários da Internet se concentrou entre os profissionais das ciências e das artes (72,8 por cento); serviços administrativos (59,3 por cento) e dirigentes em geral (58 por cento).

Castells (1999) previa que a comunicação mediada por computadores ainda iria excluir a maior parte da humanidade por um longo tempo. Nesse sentido, Jambeiro e Serra (2004, p. 143) observam que a convergência entre as tecnologias vem eliminando os limites entre os meios, "tornando-os solidários em termos operacionais, e erodindo as tradicionais relações que mantinham entre si e com seus usuários". No entanto, apesar do acesso à Internet ser um recurso cada vez mais comum nos telefones celulares, de modo geral, o telefone móvel não tem facilitado o acesso à rede mundial de computadores para as camadas mais pobres da população. Conforme relatam Afonso e Soares (2006) o custo de conexão através do telefone móvel limita o uso para quem tem maior poder aquisitivo e, geralmente, já utiliza a Internet através da banda larga. Um dos desafios da Anatel é massificar a banda larga, "para garantir, a todas as camadas da população, acesso ao conteúdo multimídia e, consequentemente, trazer possibilidades de inclusão social e superação da brecha digital existente em nosso país" (ANATEL, 2008, p. 4).

[37] O IBGE considera rendimento familiar mensal familiar *per capita* a divisão desse rendimento pelo número de componentes da família, exclusive os pensionistas, empregados domésticos ou parentes do empregado doméstico.

3.1.3 As TICs no meio rural de Santa Maria

A dissertação de mestrado *A recepção das tecnologias de informação e comunicação entre os agricultores familiares de Santa Maria, Rio Grande do Sul* (SCHWARTZ, 2007) verificou as TICs existentes nas propriedades rurais familiares de Santa Maria. Foram aplicados questionários em 157 agricultores dos dez distritos de Santa Maria e também foram realizados três grupos de discussão nos distritos de Palma, Santa Flora e Boca do Monte. Ao todo, doze equipamentos foram pesquisados e desses, a televisão por assinatura foi a única TIC que não foi encontrada em nenhuma residência. O rádio estava presente em todas as casas, a televisão em 98,7 por cento das residências, o telefone celular em 88,5 por cento dos lares, 59,9 por cento tinham aparelho de CD; 38,2 por cento tinham antena parabólica; 21,6 por cento possuíam telefone convencional; 19,1 por cento possuíam videocassete; 10,8 por cento tinham rural cel; 10,1 por cento tinham máquina fotográfica digital; 6,4 por cento tinham aparelho de DVD e 6,4 por cento possuíam microcomputador.

Dos onze equipamentos encontrados (rádio, televisão, telefone celular, aparelho de CD, antena parabólica, telefone convencional, videocassete, rural cel, máquina fotográfica digital, aparelho de DVD e microcomputador) verificou-se que os três aparelhos mais comuns também eram os mais usados no dia-a-dia dos agricultores: o rádio era o equipamento mais utilizado para 38,8 por cento dos entrevistados; a televisão para 36,9 por cento e o telefone celular era o principal aparelho de comunicação para 13,3 por cento dos agricultores. Já o computador, equipamento que estava em último lugar junto com os aparelhos de DVD entre os artigos presentes nas casas dos agricultores, nem apareceu entre os equipamentos mais usados. Pelo contrário, 90,4 por cento dos entrevistados nunca havia usado um computador pessoal. O dado interessante é que 67,5 por cento dos agricultores tinham interesse em aprender informática, conforme indicaram as declarações abaixo, reveladas nos grupos de discussão[38]. Agilidade e possibilidade de contato com um número inesgotável de assuntos foram alguns dos benefícios citados pelos agricultores.

[38] Essas declarações são parte das transcrições realizadas a partir dos grupos de discussão na etapa qualitativa. Os participantes de cada grupo foram identificados por uma letra seguida pelo distrito ao qual o agricultor pertence.

> Eu, se eu pudesse eu tinha [Internet]. É um sonho mesmo... “pra” estudar, ler alguma coisa.
> (Agricultor E, distrito de Palma)

> Eu acho uma coisa muito boa. Foi muito bem pensada porque o tempo que vai lá procurar um papel, disca ali, aparecem todos os dados até da pessoa que não sabe que está na Internet e está tudo ali, então é uma coisa muito boa. Primeiro a pessoa ia procurar nos arquivos, virar livros e livros pra achar. Agora, com a Internet não, está ali.
> (Agricultora C, distrito de Santa Flora)

> Seria muito bom ter. Tu te comunicas com o mundo através da Internet.
> (Agricultora A, distrito de Boca do Monte)

> Não tendo a Internet, igual o computador é bom.
> (Agricultora F, distrito de Boca do Monte)

> O ano que vem eu quero fazer um curso [de informática] pra saber lidar.
> (Agricultora A, distrito de Boca do Monte)

> No computador tu fazes tudo quanto é coisa. O que a gente faz à mão, à máquina, no computador fica bonitinho. Ninguém mais aceita nada feito à mão.
> (Agricultora F, distrito Boca do Monte)

> Pesquisar qualquer coisa sobre artesanato, sobre culinária, qualquer coisa que tu quiseres tem ali.
> (Agricultora G, distrito de Palma)

Apesar do interesse em aprender, os agricultores consideravam difícil o acesso a essa tecnologia e aguardavam políticas públicas que auxiliassem a implantação da informática no meio rural. Nas declarações, os grupos também revelaram que, algumas vezes, se sentiam excluídos pelos governantes.

> Eu acho que [precisaria] o apoio de alguém, que por conta a gente não vai entrar. Porque tem que ter rede especial. Investimento da parte política, prefeitura....
> (Agricultora A, Palma)

> Às vezes eu penso que a prefeitura trabalha muito com o centro e esquece certos lugares rurais. Eu acho que a iniciativa teria que ser da gente pedir para o governo trabalhar em cima disso.
> (Agricultora D, Santa Flora)

> Eu acho que seria bom um curso pra nós sabermos lidar com o computador. Se um dia precisar, acessa a Internet na cidade e a gente sabe utilizar, mexer com ele.
> (Agricultora B, Boca do Monte)

De modo geral, percebeu-se que os recursos das tecnologias de informação e comunicação ainda eram pouco utilizados em função de algumas características identificadas na maioria dos agricultores familiares entrevistados, como faixa etária

acima de 50 anos e baixa escolaridade[39], fatores que, muitas vezes, resultam em pouca habilidade com as novas tecnologias. Verificou-se na pesquisa que 70,7 por cento dos agricultores familiares de Santa Maria tinham apenas o primeiro grau incompleto e 56 por cento tinham mais de 50 anos. As declarações a seguir revelaram algumas dificuldades com as TICs:

> O celular tem mil e uma coisas pra fazer, mas eu só ligo e desligo. Às vezes tenho dificuldade para uma chamada não atendida. Aperto aqui e ali e não dá. Eu acho que um curso ajudaria muito pra nós.
> (Agricultora A, Boca do Monte)

> Os meus filhos têm uma empresa de informática. Mas eu sou zero, eu não entendo.
> (Agricultora C, distrito de Santa Flora)

> Pelos jovens, pelos netos eles não saem da frente daquilo ali. Agora, na nossa idade, eu já acho que não é importante. É uma coisa difícil, até cara a manutenção. Nem faria questão de ter.
> (Agricultora A, Distrito de Palma)

Mesmo utilizando o celular apenas para funções básicas como fazer ligações, e desprezando recursos como acesso à Internet e envio de mensagens, o equipamento foi apontado como responsável por várias mudanças no campo como agilidade para resolver problemas, melhoria da segurança no meio rural, facilidade para ter contato com a família e até para conseguir medicamentos. São mudanças que refletiram principalmente na qualidade de vida dos agricultores.

> Às vezes quebra uma peça, uma coisa estraga, a gente liga pro outro que vai vir de carro ou de ônibus de linha. Quando vemos está chegando a peça pra arrumar.
> (Agricultora D, distrito de Santa Flora)

> Não tem coisa melhor do que o celular, telefone, seja lá qual for. Porque pra fora, onde a gente fica distante de tudo, não tem coisa melhor. É segurança.
> (Agricultora G, Boca do Monte)

> Antigamente era através de uma carta. Demorava semanas para saber se uma pessoa estava doente. E agora não, na mesma hora tu já sabes. O celular está junto com a gente. Aquele outro [telefone fixo] fica em casa, tu estás longe, não sabe de nada. Alguém ligou, tu dás um toque de volta, ou a pessoa te liga. O fixo tu não vês chamada e não atende.
> (Agricultora C, distrito de Santa Flora)

> O ano passado mesmo o [marido] ficou atolado em um buracão, subiu em cima do capô do trator e ligou pra nós. Ninguém via que ele estava atolado na lavoura. Então é uma vantagem. Hoje também tem desvantagem. Tem gente que deixa o telefone desligado, a gente liga, dá na caixa de mensagem, isso aí é uma desvantagem porque a gente fica preocupada.
> (Agricultora B, distrito de Santa Flora)

[39] Em pesquisa sobre as barreiras na apropriação da Internet entre agricultores, Thornton (2003), aponta a idade, o estilo de vida, a situação econômica, a família, a rotina de trabalho e o nível educativo.

> Telefone é uma maravilha. Quando não tinha era bem mais difícil, tinha que se deslocar de ônibus, de condução, e agora fica tudo mais fácil.
> (Agricultora F, Distrito de Palma)
>
> Mudou 100 por cento. No telefone, na comunicação... Antes a gente tinha que se deslocar e pegar um ônibus pra marcar uma consulta. Agora, quando falta remédio, eu ligo pra farmácia e eles mandam por alguém. Isso melhorou 100 por cento. Hoje a gente não pode mais ficar sem telefone. Se tivesse que cortar, de não existir, eu acho que a gente não viveria.
> (Agricultora, Distrito de Palma)
>
> Em doze minutos a gente liga pra Brigada [Militar] e eles já vêm. De vem em quando aparece alguma coisa, o pessoal invadindo, ou entrando nos campos, a gente liga e eles vêm ligeiro.
> (Agricultor C, Boca do Monte)
>
> É um meio rápido e seguro. Não perde tempo.
> (Agricultora B, Distrito de Boca do Monte)
>
> Primeiro a gente ficava em casa sozinha. E agora que tem o celular eu não me sinto mais sozinha. Qualquer coisa, qualquer movimento, barulho.
> (Agricultora H, Distrito de Boca do Monte)
>
> Eu também não tenho medo de ficar sozinha porque eu tenho o celular e qualquer coisa eu ligo pros vizinhos.
> (Agricultora F, Distrito de Boca do Monte)

Noventa e oito por cento dos entrevistados na pesquisa quantitativa revelaram que acreditam que as tecnologias contribuem para o desenvolvimento rural e algumas declarações demonstraram que isso influenciaria diretamente na permanência dos agricultores no campo. Uma jovem chegou a afirmar que hoje, em função das tecnologias, não existem mais diferenças entre morar na cidade e no campo.

> Não tem dúvida. Se não tivesse isso [as tecnologias], eu acho que a gente nem estava mais aqui.
> (Agricultor B, Distrito de Palma)
>
> A gente estava, mas sofrendo.
> (Agricultor E, Distrito de Palma)
>
> Mas a maior parte já tinha ido.
> (Agricultor B, Distrito de Palma)
>
> A pessoa que mora pra fora e mora na cidade hoje em dia não tem diferença.
> (Agricultora D, distrito de Boca do Monte)

De modo geral, as declarações obtidas nos grupos de discussão ajudaram a exemplificar que a aquisição e o uso de equipamentos de comunicação podem trazer conforto e mais qualidade de vida para quem vive no campo. TICs como o telefone celular, por exemplo, alteraram algumas rotinas nas propriedades, uma vez

que agora muitos problemas podem ser resolvidos por telefone, sem precisar perder tempo ou gastar dinheiro com combustível e passagens de ônibus.

Sobre o avanço das tecnologias de comunicação e informação, Sodré (2010) considera que esses recursos fazem com que a comunicação vertical e direcional (características da comunicação de massa) seja agora reconhecida pela interatividade e também pelo multimidialismo. O autor lembra que a expansão das TICs está diretamente relacionada à expansão do capital, mas ressalta que o fenômeno da globalização é regional porque os investimentos são concentrados em determinadas regiões do mundo e que, apesar do discurso de acesso universal, o consumo dos produtos "é cada vez mais privatizado e socialmente diferenciado" (SODRÉ, 2010, p. 18). Sodré (2010, p.13-14) também não considera que vivemos uma revolução da informação.

> [...] mutação tecnológica parece-nos expressão mais adequada do que "revolução", já que não se trata exatamente de descobertas linearmente inovadoras, e sim da maturação tecnológica do avanço científico, que resulta em hibridização e rotinização de processos de trabalho e recursos técnicos já existentes sob outras formas (telefonia, televisão, computação) há algum tempo.[...] novo mesmo é o fenômeno da estocagem de grandes volumes de dados e a sua rápida transmissão, acelerando, em grau inédito na História, isto que se tem revelado uma das grandes características da Modernidade, - a mobilidade ou a circulação das coisas no mundo.

Lopes (2008) também lembra que a comunicação é dominada por conglomerados empresariais e, por isso, a tecnologia em si não é uma tendência emancipadora. Desse modo, não basta apenas que ela seja uma inovação difundida entre os agricultores (ROGERS, 1966). Ela precisa ser avaliada a partir de suas articulações com instituições e convenções sociais e, desse modo, pode ser considerada, inclusive, um elemento de fomento do capital social (ABRAMOVAY, 2003).

No caso específico do meio rural de Santa Maria observa-se que a presença do computador nas propriedades começa a aumentar. Sem nenhum pré-requisito em relação à posse de TICs, das dez famílias visitadas na quarta etapa da metodologia Q, oito tinham computador e quatro tinham acesso à Internet na propriedade. Isso traz alguma mudança ao meio rural? É o que veremos a seguir na descrição das famílias.

3.2 Descrição das famílias participantes da quarta etapa da metodologia Q

3.2.1 Família “A”

A família “A” mora no distrito de Palma em uma chácara de 2,5 hectares às margens da RST 287. Ao chegar à frente da propriedade no horário combinado para a entrevista, foi feito um contato com o proprietário da casa por telefone celular porque o portão estava fechado. O dono estava abrindo um novo açude na propriedade, em função da seca do último verão, e atendeu ao telefone do meio do campo: “Vai entrando”, disse ele. A recepção na casa foi feita pela filha e pela esposa do agricultor, que logo atendeu a outro telefone celular: “Sim, as visitas já chegaram”, exclamou a mulher. Na acolhida, foi possível observar que o telefone celular está presente na rotina da família “A”. Durante a entrevista foi comprovado que cada um dos membros da família tem o seu próprio celular.

A entrevista foi realizada em um gramado do lado de fora da casa e reuniu os pais, o casal de filhos e também a namorada do filho do casal. A família narrou com orgulho sua trajetória e mostrou diversas fotografias das melhorias feitas na propriedade desde que ela foi comprada há nove anos. O pai, que tem 51 anos, é formado em magistério e morava em Agudo, onde trabalhou como construtor. A família produz hortifrutigranjeiros, massas e biscoitos caseiros e integra o Projeto Esperança desde 1999. Em 2003, veio para Santa Maria para ficar mais próxima do feirão colonial, evento que participa todos os sábados.

A primeira atividade do dia do casal é tratar os animais e tirar o leite das vacas. Depois, a mãe, que tem 48 anos e possui ensino médio incompleto, começa a preparar massas e biscoitos caseiros que são vendidos no fim de semana no feirão. Ela contou que o período de maior trabalho é no inverno, quando as vendas também são maiores, e relatou que, algumas vezes, chega a ser difícil conciliar a agroindústria com o trabalho de casa:

> [...] ou a limpeza sobra aos sábados pra ela [filha] quando a gente vai pra feira, mas mesmo assim tem que ter o tempo pra fazer o almoço, um tempinho às vezes pra lavar uma roupa, ou senão vai acumulando e vai fazendo no fim de semana. [...] porque, no inverno principalmente, um dia que eu perco, que eu não trabalho [nas atividades de agroindústria] falta no sábado. Aí eu já não tenho produto suficiente no sábado.
>
> Esposa da família "A"

Depois de ajudar a mulher a tratar dos animais e tirar o leite das vacas, o marido começa a distribuir o gado, cuida da horta ou faz qualquer outra atividade externa que seja necessária. Ele também relatou que ajuda na agroindústria quando é preciso.

> Fazer as coisas de campo é mais comigo, mas se tiver chovendo e não der pra trabalhar fora, aí eu ajudo ela a fazer as coisas dentro de casa. [...] e assim a gente vai se trocando, dependendo como chegam as prioridades.
>
> Agricultor da família "A"

A família contou que já investiu em várias culturas que não resultaram em lucro satisfatório, mas agora busca focar nos produtos com maior rentabilidade, principalmente na agroindústria. Segundo os proprietários, isso melhorou a qualidade de vida da família e oportunizou mais tempo para a convivência como um almoço fora de casa: "Domingo principalmente a gente dá férias pras panelas", exemplificou a esposa.

O trabalho na propriedade recebe a ajuda dos filhos e da nora, quando eles têm disponibilidade aos finais de semana. A filha de 22 anos se formou no início do ano em uma universidade particular, com bolsa do Programa Universidade para Todos, Prouni,[40] no curso de química, e agora se prepara para concursos de magistério e quer fazer mestrado. Ela não pensa em ficar no meio rural:

> [...] também porque eu fui incentivada a estudar pra não precisar ficar no campo. O pai sempre dizia pra mim assim: estuda pra arranjar uma coisa melhor, pra não te judiar, porque a gente ajuda aqui em casa, eles que fazem o trabalho pesado, mas eu sei que é judiado. Não é assim tão fácil, tem que gostar mesmo. E daí eu sempre fui incentivada a estudar pra, quem sabe, alguma coisa fora, e é o que eu estou tentando fazer. Mas eu sigo ajudando eles aqui.
>
> Filha da família "A"

O filho de 23 anos é técnico agrícola, trabalhou por dois anos como topógrafo em Santa Maria e hoje estuda administração à noite, em uma faculdade particular em Restinga Seca onde, durante o dia, trabalha como tapeceiro. A namorada dele tem 21 anos, é filha de produtores rurais e estuda na mesma faculdade onde

[40] O Prouni é um programa do governo federal que concede bolsas de estudo integrais ou parciais em cursos de graduação em instituições privadas de educação superior.

trabalha como cozinheira. O jovem demonstrou que gosta do trabalho agrícola e pensa em retornar ao meio rural:

> [...] esse curso seria só um conhecimento pra ter a mais por querer saber uma coisa nova, mas trabalhar mesmo, eu quero trabalhar pra fora. Eu acho que tem oportunidade, é uma área boa, eu penso assim, muita gente reclama é trabalho pesado [...], mas vai da maneira de tu administrares, mais fácil, tornar o trabalho pra fora mais fácil. [...] tu trabalhas pra ti, pra sobreviver e pra ter uma vida melhor. Acho que é gratificante.
>
> Filho da família “A”

O principal orgulho da família é a casa da propriedade, que foi recém reformada e ganhou piso, telhado, aberturas e móveis novos. Na reforma, o proprietário organizou até um escritório com um computador de mesa e acesso à Internet, tecnologias incorporadas à rotina da família quando a filha precisou acessar a rede mundial de computadores para fazer os trabalhos da faculdade. Hoje cada filho tem um computador portátil e o casal usa o computador de mesa principalmente para fazer pesquisas quando surge alguma dúvida na propriedade: “Uma coisa que [os clientes] vão lá na feira e falam, ele vai direto procurar, árvore ou alguma fruta diferente”, contou a filha sobre as pesquisas do pai na Internet. Além da Internet, a família também se informa pelo rádio e pelos telejornais locais ao meio dia e à noite.

3.2.2 Família “B”

A família “B” vive no distrito de Boca do Monte em uma propriedade de 38 hectares que fica a cerca de 20 quilômetros da cidade de Santa Maria, sendo que sete quilômetros são percorridos em estrada de chão. A terra pertence aos pais do agricultor responsável e é usada principalmente para a criação de gado. Mandioca, milho e batata doce também são plantados para subsistência. O agricultor tem 50 anos de idade, estudou até a quinta série do ensino fundamental e sempre viveu na propriedade. A primeira atividade do dia é tirar o leite, depois ele providencia água e alimento para os animais. Além disso, cuida dos pais idosos que vivem em outra casa na mesma área. Foi em uma sombra no pátio da casa dos pais que foi realizada a entrevista.

A esposa tem 42 anos e a mesma escolaridade do marido. Ela se dedica às tarefas domésticas e ao cuidado com os sogros, mas já trabalhou como costureira

de bombachas, calça típica da indumentária gaúcha. O casal tem duas filhas, de 17 e 13 anos de idade. A mais velha contou que as duas ajudam os pais tanto nas atividades domésticas quanto nas lidas campeiras, mas revelou que elas têm preferência pelo trabalho com os animais.

> Às vezes surge uma camperiada, tem que levantar cedo, sair a cavalo cedo, é disso que a gente gosta, de trabalhar com animal. Por exemplo, o pai estava construindo o portão, eu estava ajudando ele. Essa lida aqui de fora que a gente gosta.
>
> Filha da família “B”, 17 anos

O pai demonstrou orgulho com a habilidade e o gosto das filhas no cuidado com o gado e as ovelhas: “Elas ajudam bastante porque sabem fazer de tudo. Até esquilar ovelha”, exemplificou o agricultor. “Todo mundo fala, o [cita o nome do pai] não tem um filho homem, mas tem a gente pra ajudar, não fez falta”, completou a filha mais velha que se mudou para Santa Maria para fazer o ensino médio, que não é oferecido no distrito, e conquistou uma vaga no curso de Zootecnia na Universidade Federal de Santa Maria, mas pensa no futuro em fazer Medicina Veterinária e retornar ao meio rural:

> Desde pequena a mãe e o pai sempre me influenciaram a estudar. Sem estudo a gente não chega a lugar nenhum. Aqui fora principalmente é assim. Mas como eu sempre fui ligada ao meio rural, adoro morar aqui, gosto mesmo daqui, já por isso eu já pensava na medicina veterinária ou na zootecnia [...]. Eu não gosto da cidade, não me identifico vivendo lá. Não imagino. Agora eu vou ter que passar um tempo por causa do estudo, mas eu podendo retornar pra cá, eu vou retornar. Não se onde vou trabalhar, mas eu pretendo morar aqui fora.
>
> Filha da família “B”, 17 anos

A filha mais jovem passou para a oitava série e estuda no próprio distrito. Também sonha em fazer uma faculdade na área rural.

> Já penso para o lado de veterinária ou zootecnia também, que já é o lado que a gente fica mais pra fora também, lidando com o que a gente gosta. Porque a gente gosta de estar aqui, lidar aqui. Vai ser no que a gente vai trabalhar depois.
>
> Filha da família “B”, 13 anos

Na família “B”, também cada um dos membros tem um telefone celular: “O que economiza de viagem daqui pra Santa Maria! É uma despesa a mais na família, mas que tem lucro tem”, revelou o pai sobre a relação custo benefício do equipamento. Resolvendo a maior parte dos assuntos por telefone, hoje a família costuma ir apenas uma vez por semana para a cidade para entregar leite e fazer compras no supermercado. Para as filhas, o celular é uma forma de manter contato com os amigos através, principalmente, de mensagens de texto.

Para se informar, os pais assistem aos telejornais locais e também costumam ouvir notícias no rádio. As filhas também assistem à televisão e o rádio é usado para ouvir músicas. A filha mais velha ganhou um computador dos avós quando completou 15 anos e tem acesso à Internet na casa de família onde mora na cidade durante o período de aulas. Ela usa o equipamento para fazer pesquisas para a escola e também para manter contato com os amigos através das redes sociais. A mais jovem usa a Internet na escola basicamente para pesquisas e também deve ganhar um computador dos avós quando completar 15 anos. Os pais afirmaram que, às vezes, se aventuram em usar o computador da filha, mas reconheceram que têm pouca habilidade com o equipamento e são as meninas que fazem alguma pesquisa na rede quando eles têm alguma dúvida.

3.2.3 Família “C”

A família “C” nasceu e sempre morou no distrito de Arroio Grande, na localidade de Três Barras. A casa fica em um terreno onde também funciona uma agroindústria, inaugurada em abril de 2011, que produz pães, cucas, bolachas, massas, pastéis e outros pratos típicos da culinária italiana como agnoline, capeletti e tortelli. A agroindústria é responsabilidade principalmente da esposa de 49 anos, que estudou até a quinta série do ensino fundamental. Durante a entrevista, ela não escondeu o orgulho em mostrar que o local foi construído de acordo com as normas da Vigilância Sanitária e está todo regularizado. Até cartões de visitas foram confeccionados para divulgar o trabalho onde constam os números do telefone convencional, do telefone celular e também o e-mail da agroindústria.

O trabalho na agroindústria começa de manhã e se estende até de noite, mas, segundo a proprietária, é mais tranquilo do que a atividade na lavoura, porque é protegida do sol. O filho único de 16 anos começou o ensino médio, mas abandonou os estudos. Ele auxilia a mãe na agroindústria e o pai na lavoura.

> Ele rodou três anos, podia estar terminando [o ensino médio] esse ano. Só que não gosta de estudar, mas teria que fazer o terceiro ano. Eu gostaria que ele fosse pra frente. Eu sempre incentivei, dei prioridade pra ele, chorei, fiz de tudo, porque a mãe quer ver o filho estudar, ainda mais ele que tem a agroindústria aqui, pra ir pra frente.
>
> Esposa da famílllia “C”

O jovem afirmou que vai retomar os estudos neste ano. Ele revelou que gosta do meio rural e sonha em trabalhar com cavalos.

> O meu sonho é ter uma cabanha de cavalos crioulos. O meu forte é esse. Sou fascinado por cavalo. Vou tocar um tempo aqui até conseguir um dinheiro, depois vamos ver como é que vai ficar o futuro.
>
> Filho da família “C”

A lavoura fica em uma área próxima de dois hectares, herdada dos pais da esposa e é responsabilidade do marido, que tem 54 anos e estudou até a quarta série do ensino fundamental. Por 25 anos ele plantou fumo e hoje produz alimentos como tomate, alface e pimentão, que são vendidos para supermercados de Santa Maria.

Apesar da proximidade com Santa Maria, na localidade não existe sinal local de TV aberta e também não há sinal de telefone celular porque a região é cercada por morros. Com isso, a televisão é usada apenas com antena parabólica, o que impede a família de acompanhar notícias de telejornais locais. A família ainda relatou que, várias vezes, equipes de televisão gravaram reportagens na lavoura de hortigranjeiros e também na agroindústria para serem exibidas em telejornais locais, mas nunca pode acompanhar as reportagens. Sem televisão, um dos meios mais usados para eles se informarem é o rádio e, sem sinal de telefone celular, o modo de comunicação mais comum é o telefone fixo. Mesmo assim, o filho tem um aparelho celular e os pais dividem outro aparelho, equipamentos que são usados quando eles vão para a cidade.

Na casa também há um computador de mesa, que os pais deram para o filho quando ele completou quinze anos. Desde o ano passado o jovem também tem acesso à Internet em casa, que usa principalmente para acessar redes sociais. Já os pais não sabem usar o computador: “Eu escrevo meu nome, mas levo uma hora e meia”, comentou o pai. O agricultor vê com bastante desconfiança essa tecnologia e disse que, pra ele, a Internet não precisaria existir.

3.2.4 Família “D”

A família “D” também é natural da localidade de Três Barras e integra o Projeto Esperança há sete anos. Eles produzem hortigranjeiros em uma área de

sete hectares herdada dos pais do agricultor, vendem a produção no feirão colonial aos sábados e entregam outra parte para o Programa Mais Alimentos[41] do governo federal. Por dez anos, a família também plantou fumo, mas a atividade foi abandonada. O agricultor tem 57 anos, é analfabeto e sempre trabalhou com agricultura familiar. A esposa de 52 anos estudou até a quinta série do ensino fundamental e conciliava o trabalho na propriedade com um emprego em uma casa de família em Santa Maria. Quando se aposentou, largou o trabalho na cidade e ficou apenas com as atividades do campo. O casal tem apenas um filho de 17 anos que está no primeiro ano do ensino médio e também ajuda nas atividades da propriedade.

Pela manhã, a família alimenta os animais, tira o leite das vacas e depois vai para a lavoura. A esposa afirmou que o marido e o filho ajudam também nas tarefas domésticas: “Tudo é dividido aqui em casa. A única coisa que o [cita o apelido do marido] não faz é cozinhar”.

Na família, o filho tem um telefone celular, que é usado principalmente para enviar mensagens de texto, e a mãe tem outro aparelho no qual recebe ligações de fregueses que querem reservar produtos. Eles também tentam instalar um telefone convencional na localidade, mas ainda não conseguiram a linha com a operadora: “O contato hoje em dia é todo por telefone”, comentou a mãe. O filho também tem dois computadores: um de mesa que foi presente da mãe, e outro portátil, comprado por ele mesmo. O jovem tem acesso à Internet em casa e usa a rede mundial de computadores para fazer pesquisas para a escola e também para buscar notícias sobre o Projeto Esperança a pedido da mãe. Já os pais não usam os computadores: “Vai vir um pequenininho, aquele vai ser meu. Aquele eu vou botar o que eu quero nele”, planejou a mãe sobre o computador que a família irá ganhar de brinde de um curso de informática em que o filho é aluno. O jovem pensa em fazer uma faculdade na área de informática e disse que gosta de morar no meio rural: “Tem colegas meus que dizem que se tivessem dinheiro iam comprar uma chácara pra cá do que morar na cidade”. No entanto, o rapaz demonstrou que, para o futuro, almeja ter experiências fora do local onde vive: “Eu tenho que morar fora daqui, não adianta. Conhecer outros horizontes, outros mundos, entendeu?”.

[41] O programa Mais Alimentos do governo federal compra a produção de agricultores familiares principalmente para atender populações em situação de insegurança alimentar.

A mãe revelou que acredita que o jovem pode dar sequência ao trabalho realizado por eles na propriedade:

> Ele vai pegar tudo de mão beijada. Nós tivemos que começar desde o primeiro tijolo pra construir tudo. O meu sogro só tinha a terra e o resto nós começamos. Ele não, já vai pegar tudo de mão beijada, desde a irrigação. Como eu digo pra ele, não precisa trabalhar, hoje em dia tem facilidade, ele que administre. Ele vai ganhar tudo porque é filho único.
>
> Esposa da família "D"

Na casa da família "D", os pais também costumam assistir aos noticiários locais e nacionais diariamente. A mãe também escuta rádio, mas não com frequência.

3.2.5 Família "E"

A família "E" também é natural da localidade de Três Barras. O pai tem 54 anos e estudou até a quinta série do ensino fundamental e a mãe tem 44 anos e a mesma escolaridade. Até 1994, o casal plantou fumo e hoje se dedica aos hortigranjeiros em uma propriedade de 18 hectares: "O fumo é uma vez por ano, se nevou tem que esperar o outro ano pra ganhar dinheiro e a verdura não, a verdura tu vais plantando sempre, diversas safras por ano", explicou o agricultor sobre a mudança de cultura.

O casal está junto há 24 anos e a mulher concilia o serviço de casa com o trabalho na lavoura: "A gente dá um jeito, faz um pouco aqui, um pouco lá, de manhã ou de noite adianta um pouco a comida", relatou a esposa sobre a rotina diária. A produção, que tem como itens principais o repolho, a couve flor, a batata doce, a beterraba e a moranga, é entregue diariamente em um depósito de Santa Maria pelo agricultor, que não vende os hortigranjeiros diretamente ao consumidor: "Tu produz mais, vende por menos, mas não se envolve tanto", explicou o produtor. A esposa ou o filho mais novo do casal, que tem 12 anos e cursa a sexta série do ensino fundamental, acompanham o agricultor nas entregas. No retorno, a família vai direto pra lavoura onde também recebe a ajuda de um empregado e das filhas de 18 e 20 anos que costumam ir para a horta com aparelhos MP3 para ouvir música. Durante a entrevista, a mãe contou que tem até dificuldade de conversar com as meninas na lavoura, de tão envolvidas que elas ficam com as músicas que escutam.

As filhas ajudam os pais apenas no período de férias escolares porque, durante o ano letivo, moram na cidade durante a semana para ficar mais próximo da universidade ou do colégio. A filha mais jovem vai cursar Ciências Sociais na UFSM e a mais velha faz Direito em uma faculdade particular em Santa Maria e também foi aprovada em Gestão de Cooperativas. No mês de janeiro, quando foi realizada a visita na propriedade, a conquista das filhas no vestibular de verão foi exibida com orgulho em uma faixa na frente da casa da família.

Sobre o futuro da agricultura familiar, o pai afirmou que muitos jovens e, principalmente mulheres, estão deixando o campo para ganhar até menos na cidade: “Vão trabalhar na cidade pra ganhar mil reais. Se trabalhar na lavoura, e se trabalhar bastante, ganha mais de mil por mês, qualquer pessoa”. A filha mais nova reiterou a afirmação do pai: “Tem muita gente nova daqui que está indo pra cidade trabalhar. Eu e a [cita o nome da irmã] somos umas das únicas que restaram, novas, que estão trabalhando na lavoura”. A jovem disse que isso acontece porque o trabalho na lavoura é mais puxado, mas a consideração teve o contraponto do pai:

> Não é tão difícil na lavoura, tem os horários pra trabalhar, tem hoje as máquinas pra trabalhar, os jeitos, tem onde vender tudo o que se produz na colônia, só que o pessoal acha que agricultura é uma coisa de segundo plano, que o colono anda mal arrumado, não anda com unha bem feita.
>
> Agricultor da família “E”

Apesar de considerarem o trabalho na lavoura difícil, as duas jovens afirmaram que preferem o meio rural ao meio urbano. A filha mais velha relatou que passou a considerar o meio rural mais tranquilo e atraente quando começou a morar na zona urbana:

> Eu comecei a ver isso a partir do momento que eu fui morar em Camobi [bairro da região leste de Santa Maria onde está localizada a Universidade Federal de Santa Maria]. O pessoal diz que é mil maravilhas morar em Camobi, morar na cidade, mas na verdade, em compensação, a maneira, a liberdade que tu tens aqui, de andar por aí, sem barulho, sem correr muito risco de assalto. Oferece mais espaço aqui também, lá parece que tu ficas um pouco presa. Eu prefiro mais aqui fora.
>
> Filha da família “E”, 20 anos

A filha mais jovem considera que o convívio também é melhor no meio rural: “Lá [na cidade] o pessoal é muito fechado. Aqui, se tu fores na estrada, tu cumprimentas todo mundo, então é bem diferente o convívio. As pessoas também são bem mais agradáveis aparentemente aqui fora”. No entanto, elas admitiram que, depois de formadas, será difícil retornar ao meio rural em função das profissões escolhidas. O pai revelou que se preocupa com o futuro da propriedade: “O guri não

se sabe se vai ficar também. Vai terminar a agricultura. Elas estão estudando, tem vontade de estudar, são inteligentes, mas só que não querem agricultura". A filha mais jovem contou que sempre foi incentivada a estudar pelos pais: "Eles sempre falavam pra gente que a gente tem que ser alguém na vida, pra ter o nosso próprio dinheiro, se a gente não quer passar tanto trabalho como na lavoura, no sol". O pai afirmou que, muitas vezes, a agricultura é considerada uma atividade para pessoas ignorantes: "Eu acho que é o contrário, quem é burro tem que ir pra cidade ganhar um salário", ironizou ele.

A família "E" se informa lendo jornal, que é comprado quando eles vão para o Bairro Camobi, que é o mais próximo do distrito, ouve rádio AM e também costuma assistir telejornais nacionais. As televisões locais não têm sinal na localidade que também não tem sinal de telefone móvel. Na casa funciona apenas um telefone celular fixo conectado a uma antena própria para essa finalidade. Apesar disso, cada um dos membros da família tem um telefone celular, que é usado na cidade. Cada uma das filhas tem também um computador portátil e o filho mais novo tem um computador de mesa. Na casa não existe acesso à Internet, mas as filhas têm acesso na casa onde moram durante o período letivo no Bairro Camobi e costumam acessar redes sociais. Os pais não usam computador e Internet: "No momento que começar a aprender tu vais achar interesse. Sempre tem uma coisa ou outra que vai te chamar a atenção, então vais acabar gostando", disse a mãe revelando interesse pela tecnologia. O agricultor que faz a gestão da propriedade "na cabeça" afirmou que programas de computador poderiam ajudar nessa tarefa.

3.2.6 Família "F"

A família "F" mora no distrito de Arroio do Só a oito quilômetros de Santa Maria. O agricultor de 61 anos estudou até a quinta série do ensino fundamental e usa as terras do pai, que tem uma área de 250 hectares, para criar gado, galinhas e plantar melancia, arroz e milho. Enquanto ele cuida das lavouras e dos animais, a esposa, de 58 anos e ensino fundamental completo, se ocupa das atividades

domésticas e também faz massas, bolachas e doces que são vendidos aos sábados no feirão do projeto Esperança, atividade que eles integram há 13 anos.

O casal tem três filhos: a filha mais velha tem 35 anos, é técnica em segurança do trabalho e formada em Direito, o filho do meio tem 30 anos e faz pós-doutorado em Agronomia no exterior e o mais jovem tem 22 anos e estuda Zootecnia na UFSM. Apenas o filho mais jovem participou da pesquisa. Ele mora no centro de Santa Maria, vai para a casa dos pais em alguns finais de semana e, por isso, ajuda o pai nas tarefas do campo eventualmente. O jovem revelou que considera que é tranquilo viver no meio rural, mas não pensa em retornar ao campo:

> Eu penso em trabalhar nessa área, tanto que eu estou fazendo zootecnia, mas, talvez, eu tenha uma pequena produção de gado, alguma coisa assim, mas não tirar a minha renda totalmente disso, porque eu sei que é bem complicado.
>
> Filho da família “F”

Diante do pouco interesse dos jovens em permanecer no campo, o agricultor acredita que muitos produtores irão vender ou manter apenas uma chácara de lazer: ”Não há muito recurso para o pequeno ficar aqui pra fora”, relatou o agricultor, que considera o trabalho do campo mais pesado do que na cidade: “Aqui a gente levanta de manhã cedo, às seis horas e vai dormir às nove horas da noite, sempre correndo e trabalhando e está sobrando pouquinho”, contou o agricultor que, com a estiagem do último verão, perdeu praticamente toda a plantação de milho e melancia.

Com relação às tecnologias de informação, o filho mais jovem tem um computador de mesa, um computador portátil, além de celular e acesso à Internet. Na propriedade, a família tem internet discada, mas os pais não utilizam o computador. Na localidade há sinal de celular e das televisões locais.

3.2.7 Família “G”

A família “G” nasceu e sempre viveu no distrito de Arroio do Só. O agricultor tem 50 anos e estudou até a quinta série do ensino fundamental e se dedica à atividade leiteira junto com a mulher de 46 anos que tem a mesma escolaridade. O casal tem apenas um filho de 21 anos que está terminando o curso de Técnico Agrícola na UFSM e possui uma área de 11 hectares, uma parte herdada pela

esposa e outra parte comprada com a renda do leite. A casa da família fica a doze quilômetros de Santa Maria e no local mora também a mãe do agricultor, que é viúva e aposentada.

O casal e o filho acordam às quatro horas da manhã para tirar leite. A atividade começou há 25 anos, com apenas dois animais, e hoje eles têm um rebanho de 20 vacas. Há cerca de dez anos, a família comprou também uma ordenhadeira mecânica: “Quando eu comprei a ordenhadeira, me arrependi que não comprei bem no início”, relatou o pai ao comentar sobre a facilidade que o investimento trouxe ao trabalho na propriedade. “Se fosse à mão, eu já tinha parado”, completou a esposa que, depois da ordenha, se dedica às atividades domésticas. Ela relatou que a ordenha é tranquila e que existe tempo para conciliar as duas atividades. Já o agricultor, além de tirar leite, também cuida das pastagens e lavouras, que servem de alimentação para as vacas, e o filho passa o dia em um estágio na cidade e retorna no início da noite, depois que os pais já tiraram novamente o leite, que é vendido diretamente para a indústria de laticínios.

Quanto ao uso das tecnologias de informação, o casal divide um telefone celular e o filho tem outro aparelho. Para o agricultor, além de facilitar o contato com a indústria de laticínios, o equipamento traz segurança para a família. Ele relatou que, em caso de problemas de saúde ou até quando identificam alguém suspeito pelas redondezas, é fácil ligar para a assistência médica ou para a polícia. O jovem ganhou no início do ano um computador portátil dos pais e quer ter acesso à Internet na propriedade, mas não conseguiu uma operadora que disponibilize sinal na localidade. A mãe comenta que, como o casal tem apenas um filho, busca investir no jovem o que estiver ao alcance deles. Uma facilidade relatada por ela, para que o filho siga com os estudos, é que o ônibus para a cidade passa na frente da propriedade.

Sobre o futuro, o jovem quer fazer uma faculdade: “Eu tentei duas vezes [Medicina Veterinária], mas não consegui. Eu vou tentar Geoprocessamento”, comentou o estudante, que também relatou que gosta de viver no meio rural e que estranhou bastante a rotina da cidade no início de estágio do curso de técnico agrícola: “Nas primeiras duas semanas que eu fiquei lá na cidade, o dia inteiro lá, vinha pra casa torto de dor de cabeça”. O jovem confessou que, antes dessa experiência, só pensava em ir embora do meio rural, mas agora considera a possibilidade de retornar: “A oportunidade de emprego tem lá na cidade como tem

aqui. A oportunidade que aparecer e for boa pra mim eu agarro". O jovem também se espelha bastante no pai, que é um agricultor que demonstra satisfação com a atividade ao comparar a vida no campo e na cidade: "Aqui tu ganhas bem mais que lá e não tem tanto compromisso", comparou o pai. Na casa da família "G" eles costumam assistir aos noticiários locais e nacionais e também ouvir notícias no rádio.

3.2.8 Família "H"

A família "H" mora no distrito de Pains em uma área de 28 hectares. O agricultor tem 60 anos, possui o primeiro grau completo, e se dedica à criação de gado e produção de leite e hortigranjeiros. A esposa tem 49 anos, estudou até a sétima série do ensino fundamental e se divide entre as tarefas domésticas e o cuidado da horta. O casal tem três filhos: o mais velho tem 29 anos, se formou no curso de técnico agrícola e trabalha como vendedor de autopeças; a filha do meio tem 26 anos, cursa Sistemas de Informação em uma universidade particular e trabalha com o desenvolvimento de sistemas e o filho mais novo tem sete anos e cursa o terceiro ano do ensino fundamental em uma escola núcleo que têm aulas um dia sim e outro não. Dos três filhos do casal, a pesquisa ouviu apenas a filha de 26 anos que mora em Santa Maria desde os 14 anos de idade, quando se mudou para viver com a avó para fazer o ensino médio, que não é oferecido no distrito.

A primeira atividade do casal é tirar o leite das vacas com ordenha manual para fazer queijos que são vendidos no feirão do Projeto Esperança, que eles integram há quase 20 anos. A esposa também se dedica à horta, principalmente no inverno, porque no verão a falta de irrigação dificulta a produção de hortaliças. Já o esposo se envolve mais com as lavouras e criação de gado.

A esposa tem o hábito de ouvir rádio AM todas as manhãs e gosta de assistir às novelas e aos noticiários nacionais. O marido também ouve rádio e assiste aos telejornais locais ao meio dia e à noite. Já a filha se informa principalmente pela Internet e, quando possível, também assiste a noticiários locais. A rede mundial de computadores também é usada por ela para fazer pesquisas que auxiliem na propriedade: "Às vezes eu trago a informação que eu pesquisei, seguido a gente

está pesquisando um cultivo novo, alguma coisa diferente", relatou a jovem. Já os pais não usam computador e o filho mais novo tem acesso à informática na escola.

A esposa tem um telefone celular e o marido tem outro aparelho. Segundo ela, os benefícios do aparelho são grandes: "Se cai a luz aqui, alguma coisa, a gente já liga e daqui a pouco a AES Sul [concessionária de energia elétrica] está aqui. Quando a mãe dele se quebrou, a gente ficou sabendo porque já ligaram pra nós", contou a esposa, que relatou que usa o telefone principalmente para ter contato com a filha.

Os pais também admitiram que existe incerteza em relação ao futuro da propriedade porque os dois filhos mais velhos já moram na cidade e o mais novo também não demonstra nenhum tipo de interesse pelo meio rural. A filha comentou os motivos que a levaram a escolher a vida na cidade.

> Pra voltar pra cá só com uma boa estrutura, porque hoje em dia pra plantar e produzir tu precisas um investimento bom e hoje em dia é difícil, os recursos são muito difíceis. Então voltar pra morar aqui só se eu tivesse recursos mesmo. Quem sabe quando eu me aposentar, aí eu posso pensar, mas agora, se eu não tenho recursos, eu não pretendo voltar.
>
> Filha da família "H"

3.2.9 Família "I"

A família "I" também mora no distrito de Pains em uma área de cinco hectares, onde plantam produtos como mandioca, batata, melancia e moranga e também criam porcos, galinhas e têm vacas de leite. Eles são filhos de agricultores e integram o projeto Esperança há 14 anos. O pai tem 46 anos e estudou até a sétima série do ensino fundamental e a mãe tem 44 anos e estudou até a quinta série do ensino fundamental.

O casal tem três filhas: a mais velha tem 21 anos, possui ensino médio completo e trabalha em uma casa de família. Para cursar o ensino médio, que não existe na localidade, o pai levava a filha até a escola do distrito de Arroio do Só e chegou até a trabalhar com transporte escolar para garantir o estudo da jovem. A jovem casou há dois anos, mudou para a cidade, mas, por questões financeiras, voltou a viver na propriedade dos pais junto com o marido. A segunda filha tem 12 anos e cursa a sexta série do ensino fundamental e a mais nova tem oito anos e

está na quarta série do ensino fundamental. Segundo os pais, nenhuma das filhas tem interesse pelo meio rural: ”Na verdade os mais novos não querem a agricultura e está difícil mesmo. Agora a gente perdeu tudo [por causa da seca]. Se vai viver só da agricultura não consegue”, comentou o pai.

A primeira atividade do dia do casal é tirar o leite e tratar os animais. Depois eles vão para a lavoura. A esposa se divide entre as atividades domésticas e o trabalho na lavoura, até mesmo porque o marido tem problemas cardíacos e não deve fazer esforço físico.

O agricultor tem um telefone celular e a esposa tem outro aparelho. Segundo eles, a família usa bastante o celular até para se comunicador entre eles quando um está na lavoura e outro em casa: “Pra toda atividade, como essa semana faltou luz, a gente ligou eram duas horas da manhã e eles vieram arrumar”, comentou o agricultor exemplificando a utilidade do aparelho. A família não tem computador e nem Internet, mas a mãe relata que as filhas mais jovens usam muito o telefone celular: “Elas sabem mexer mais do que a gente”. Para se informar a família costuma ouvir rádio e também assistir aos noticiários.

3.2.10 Família “J”

A família “J” também é moradora da localidade de Três Barras, no distrito de Arroio Grande. Eles vivem em uma propriedade de seis hectares localizada a cinco quilômetros da cidade. O agricultor tem 36 anos, estudou até a quarta série, é ex-plantador de fumo e hoje se dedica à produção de hortigranjeiros. A esposa tem 37 anos, é natural de Porto Alegre e estudou até a sétima série. Ela não é oriunda de família de agricultores, mas ajudava o marido na plantação de fumo e hoje se dedica às atividades domésticas. Ela contou como foi a adaptação entre morar em uma capital e depois em uma localidade do interior.

> Foram difíceis os primeiros dias, o primeiro mês foi bem difícil morar pra fora. Com animal eu não era acostumada, não conhecia vacas, não tinha contato com bicho assim. Aí fui me acostumando devagarzinho. Fui tirar o leite, quase quebrei a perna, a vaca me deu patada e assim por diante.
>
> Esposa da família “J”

O casal tem duas filhas: de 18 e 16 anos. As duas cursam o ensino médio e auxiliam a mãe nas tarefas domésticas, sem se envolver com a lavoura: “Na lavoura de jeito nenhum, de jeito nenhum. Só dentro de casa. Ajudam de tudo dentro de casa e estudam. É só o que elas fazem, mais nada”, explicou a mãe sobre a rotina das filhas. Ela contou ainda que as meninas vão apenas à escola. Outros passeios, mesmo com os namorados, apenas são feitos na companhia dos pais.

> Eu incentivo minhas filhas a estudar, crescer, ser alguém na vida, não passar trabalho como eu passei [...]. O que eu puder fazer pras minhas filhas eu vou fazer enquanto eu estiver aqui. O dia que casar, ter a própria profissão, não depender do marido, já sai erguida daqui de casa, sai de casa casadinha, com a sua profissão, aí tudo bem.
>
> Esposa da família “J”

A filha mais velha pretende trabalhar na área de administração e morar na cidade: “Eu pretendo terminar o ensino médio agora e começar a trabalhar já. Eu não pretendo morar pra fora. Tudo é mais distante”. Já a filha de 16 anos está dividida entre os cursos de Direito ou Medicina Veterinária. Apesar de não pretenderem seguir trabalhando com a agricultura, as duas meninas afirmaram que gostam de viver no meio rural: “Eu gosto daqui porque tem os animais, é calmo, o ar é mais puro”, contou a menina de 16 anos. “O movimento, o ar, o barulho, a cidade é muito barulhenta. Toda a vez que eu vou pra cidade volto com dor de cabeça, eu sou acostumada pra fora”, completou a filha mais velha.

A primeira atividade do dia do agricultor é tratar os porcos. Depois ele retorna, toma o café da manhã e vai para a lavoura onde tem a ajuda de um sócio. Na lavoura são produzidos alface, repolho, tomate, couve-flor, brócolis e beterraba, produtos que são entregues cerca de quatro vezes por semana para supermercados de Santa Maria.

Na casa da família, cada uma das filhas tem um celular, que é usado quando elas vão para a cidade porque o sinal de telefone móvel na localidade é precário. Mesmo assim, o pai conta que o aparelho trouxe benefícios: “Uma vez era dificultoso, tu tinha que ir lá ver o que o mercado precisava, no outro dia ir lá levar, então hoje tem uma economia de combustível, de tempo. O telefone hoje em dia revolucionou muitas coisas”.

As meninas têm acesso ao computador e Internet na escola e na casa de uma prima e usam principalmente as redes sociais, mas já pediram ao pai um computador de presente neste ano, e não ganharam devido aos prejuízos com a estiagem: “Se for para o estudo, é bom”, afirmou o pai. “Se é pra estudar, eu acho

muito bom. Mas esses negócios de Orkut, de amiguinho, conversar, não concordo", completou a mãe, referindo-se às redes sociais. O casal costuma se informar pelos telejornais locais e também pelo rádio.

Observamos que, nas dez famílias visitadas, o telefone celular é uma TIC incorporada à rotina das famílias. Os agricultores usam a tecnologia principalmente para estreitar a relação com o mercado; as mulheres rurais utilizam o telefone para manter mais contato com a família e os jovens para ficarem conectados com os amigos. Já o computador e a Internet que, em 2007, eram tecnologias de informação ainda muito raras no meio rural, estão se expandindo no meio rural principalmente por esforço dos pais que desejam proporcionar a inclusão digital dos jovens rurais. A seguir vamos analisar como esses vínculos afetivos e produtivos se estabelecem na agricultura familiar por meio das TICs.

3.3 A vinculação social

Para Muniz Sodré (2002, p. 223-224) o objeto da comunicação é a vinculação social entendida não como "um simples processo interativo, porque pressupõe a inserção social do sujeito desde a dimensão imaginária até a deliberação frente às orientações práticas de conduta, isto é, os valores".

> Não se trata, portanto, de vinculação como mero compartilhamento de um fundo comum, resultante de uma metáfora que concebe a comunicação como um receptáculo de coisas a serem "divididas" entre os membros do grupo social. Vinculação é a radicalidade da diferenciação e aproximação entre os seres humanos (SODRÉ, 2002, p. 223).

Nesse sentido, Sodré (2001, p. 1-2) considera que os vínculos são compromissos de vida e de morte que podem ser conscientes ou inconscientes. "A mídia trata esse vínculo como relação. Mas são coisas diferentes. [...] a comunicação é maior do que a mídia. Ela envolve a existência mesmo. O núcleo dela é a comunidade". Já a mídia, para o autor, não é um transmissão de informação, mas sim uma ambiência, uma forma de vida. "Aristóteles fala de três bios: do conhecimento, do prazer e da política. Eu descrevo a mídia como o quarto bios, que é o bios midiático, virtual. Da vida como espectro, da vida como quase presença das coisas".

Dentro da comunicação existem, para o autor, três instâncias: a vinculação, veiculação e cognição.

a) veiculação: é a midiatização, que está voltada para a relação e contato entre os sujeitos sociais através das TICs. Tem dispositivos de natureza societal, ou seja, uma ação de cima para baixo;
b) vinculação: práticas estratégicas que visam promover ou manter o vínculo social. Usa formas de reciprocidade comunicacional afetiva e dialógica entre os indivíduos e tem natureza sociável, ou seja, de baixo para cima em redes de reciprocidade;
c) cognição: práticas teóricas relativas à observação e sistematização das práticas de veiculação e estratégias de vinculação.

A partir da definição de vínculo de Muniz Sodré foram identificados os fatores resultantes das duas últimas etapas da metodologia Q: a análise das respostas através de software específico e também a interpretação dos resultados. Os grupos foram sintetizados com as denominações de Novos Vínculos, Vínculos em Questão, Vínculos Corretos, Vínculos em Conflito e Vínculos Educativos. Os cinco vínculos reúnem aspectos afetivos e produtivos (ver item 2.4.5). A seguir iremos detalhes cada um deles.

3.3.1 Novos vínculos

A partir do programa PCQ, o grupo total de 35 entrevistados resultou em cinco fatores que englobaram 20 participantes, sendo que o fator A foi o mais significativo e estável, com 40 por cento dos entrevistados: seis agricultores (das famílias A, D, E, F, I e J), duas mulheres rurais (das famílias A e E) e seis jovens rurais, dois deles meninos (das famílias A e C) e quatro meninas (duas da família E e outras duas das famílias H e J). É importante ressaltar que, apesar do fator A ser composto por homens, mulheres e jovens de ambos os sexos, a maioria é do sexo masculino.

As afirmações selecionadas pelos 14 integrantes do fator A foram:

a) afirmação + 4;

Assertiva 2. O meio rural é um lugar bom de viver.

b) afirmações + 3;

Assertiva 15. A mulher rural conquistou a igualdade com o homem rural. Algumas estão até assumindo cargos de direção de cooperativas e sindicatos. Essas instituições, inclusive, incentivam a inclusão da mulher nessas atividades.

Assertiva 24. A mulher rural atual tem mais acesso à informação do que as gerações anteriores seja pela televisão, celular, internet, Emater, sindicatos e assistência social. Ela conhece seus direitos, deveres e é independente.

Assertiva 31. O telefone celular possibilita estar conectado com os amigos, fazer negócios e obter informações sobre o mercado. Hoje tu pega o telefone, em segundos, minutos, resolve um baita de um problema e evita uma viagem até a cidade. A gente gasta, mas, ao mesmo tempo, economiza usando o celular.

c) afirmações + 2;

Assertiva 4. A situação do meio rural melhorou muito e o agricultor e a agricultora estão tendo muitas oportunidades. Nunca houve tanto crédito e a pequena propriedade se for bem planejada, bem trabalhada, é lucrativa.

Assertiva 6. O meio rural proporciona bem estar e maior qualidade de vida. Não tem estresse e não tem patrão.

Assertiva 7. O interior está masculinizado. As meninas vão para a cidade estudar, arrumam um emprego e não voltam mais. O esvaziamento do meio rural vai continuar e a população do campo vai diminuir ainda mais.

Assertiva 25. As mulheres se destacam na comercialização de produtos agrícolas diretamente ao consumidor. Elas fazem a ligação entre campo e cidade. Nas bancas de feiras onde existem mulheres a comunicação flui melhor.

d) afirmação - 4;

Assertiva 1. O meio rural é um lugar ruim de viver.

e) afirmações – 3;

Assertiva 8. Muitos jovens saem do campo, vão para a cidade e estão retornando ao campo em função da exigência do mercado de trabalho urbano.

Assertiva 12. A mulher rural não gosta do trabalho agrícola em geral porque ele é penoso, pesado. Cada vez vem diminuindo mais a presença a mulher nas tarefas mais rudes da agricultura.

Assertiva 14. A decisão do que vai ser feito nas propriedades ainda é dos homens. Eles concentram a renda e as mulheres ainda dependem deles.

f) afirmações – 2;

Assertiva 5. O espaço da cidade tem mais lazer, mais oportunidades de emprego, além de acesso à educação, saúde, serviços bancários, comunicação. Tudo é mais fácil estando mais próximo da cidade. Além disso, os trabalhadores da cidade trabalham menos porque têm folgas aos domingos e feriados.

Assertiva 9. O trabalho doméstico é coisa de mulher. O grande papel da mulher rural ainda é ser cuidadora do lar, administradora das relações familiares, esteio da casa e base de sustentação da família.

Assertiva 20. Os jovens rurais de hoje não têm vínculo com o trabalho rural.

Assertiva 29. O jovem rural quer informação, ele precisa estar ligado, com celular, Internet. Se ele não tiver acesso a esses meios, ele se sente excluído.

A classificação feita pelo fator A revelou forte identificação e valorização do rural por parte dos entrevistados que pertencem a esse fator, ratificando a constatação feita durante a visita nas propriedades de um fenômeno valorativo do meio rural (FROELICH, 2002). Eles são otimistas, gostam de viver no meio rural, consideram que o campo é um local que possibilita melhor qualidade de vida na comparação com a cidade e também avaliam que o meio rural evoluiu bastante nos últimos anos, oferecendo boas oportunidades para a agricultura familiar. São famílias que pertencem ao novo rural e desempenham atividades agropecuárias impulsionadas por demandas de mercado (GRAZIANO DA SILVA; DEL GROSSI; CAMPANHOLA, 2002).

O fator A ainda destacou a posição de igualdade com os homens conquistada pela mulher rural que, na opinião deles, tem mais informação e é mais independente do que as gerações anteriores e, em muitos casos, tem assumido uma função de liderança em entidades ou mesmo na relação direta com o mercado consumidor dos produtos da agricultura familiar. Reiterando essa posição, o grupo ainda discordou

das afirmações de que o trabalho doméstico ainda é responsabilidade da mulher, de que o poder de decisão nas propriedades permanece com os homens e de que a mulher não gosta do trabalho agrícola, mas admitiu que, cada vez mais, irá diminuir o número de mulheres no campo porque as meninas acabam optando pelo trabalho na cidade.

Sobre as novas gerações, o fator A discordou da afirmação de que os jovens rurais não têm vínculo com o trabalho rural, mas demonstrou que acredita que aqueles que vão para a cidade não costumam retornar. Sobre as TICs, o telefone celular foi selecionado como uma das mais importantes tecnologias de comunicação para o fator A, por possibilitar agilidade e economia. Já o acesso a essas tecnologias não foi considerado pelo grupo um ponto fundamental para que os jovens rurais não se sintam excluídos.

Sintetizamos esse fator com o nome “Novos Vínculos” porque ele sinaliza uma mudança nas relações de poder dentro da família rural principalmente relativo ao papel da mulher rural que demonstra ser mais valorizado pelos maridos, pelos filhos e pelas próprias mulheres. Com diferentes papéis sociais de homens e mulheres alteram-se também as relações de gênero e abre-se espaço para que se comece a percorrer um caminho de ressignificação de gênero em contextos rurais (SCOTT, 2010, p. 26).

Ao analisarmos a unidade familiar é possível entender essas mudanças no contexto de cada família. As pessoas reunidas pelo fator “Novos vínculos” integram famílias onde o diálogo é presente e existe espaço para a diversidade de opiniões entre os gêneros e também entre as gerações. Uma constatação que foi feita a partir das próprias discussões que eram geradas durante a classificação das assertivas. Uma relação aberta que, de modo geral, os casais que participaram da pesquisa não tinham com os pais e também que as mães deles não tinham com os maridos e onde, inclusive, as relações de dominação entre os sexos e também entre as gerações eram bastante comuns até mesmo porque estavam na “ordem das coisas”, Bourdieu (2010). Um exemplo impressionante dessa situação de dominação e violência simbólica vivida pelas mulheres rurais é um relato feito por uma das famílias. O pai de uma agricultora suicidou-se por volta dos 30 anos após descobrir uma doença grave e deixou esposa e três filhos. A família não tinha nenhuma espécie de contato com a cidade porque todos os assuntos eram resolvidos pelo pai. Os filhos nem iam para a escola para evitar o contato com a cidade e aprenderam a

ler com uma professora particular. Do dia para a noite a esposa se viu obrigada a assumir todas as funções do marido e sustentar, sozinha, os três filhos sem nunca ter tido nenhum preparo para isso. Uma situação bem diferente das famílias visitadas pela pesquisa. Verificou-se que há troca de experiências e cognições entre os gêneros e as gerações. Um compartilhamento que tem a colaboração de veículos como o telefone celular, equipamento presente em todas as propriedades pesquisadas, e também da Internet, uma TIC que se aproxima do meio rural por meio dos filhos jovens que têm acesso à tecnologia em casa ou na escola.

Os outros quatro fatores resultantes do total de entrevistados obtiveram ao todo seis participantes, mas não demonstraram estabilidade[42] e, por isso, não foram considerados. No entanto, houve um consenso entre todos os fatores: a afirmação 17 de que “o homem é mais apegado à terra, ele tem amor ao trabalho agrícola” foi classificada nas colunas negativas por todos os fatores, ou seja, é uma afirmação da qual todos discordaram, indicando que o vínculo com a terra não está relacionado à questão de gênero.

3.3.2 Vínculos em questão

Também foi feita a distribuição das afirmativas por sexo. Das 20 mulheres que participaram da pesquisa, 11 delas foram distribuídas em quatro fatores, sendo que o fator A1 reuniu oito mulheres, três mães (das famílias G, H e I) e cinco filhas (duas da família E e outras três das famílias H, I e J), ou seja, um fator onde predominou o pensamento das filhas jovens, sendo que três delas também integraram o fator A.

As afirmações com as quais as mães e filhas mais concordaram foram:

a) afirmação + 4;

   Assertiva 9. O trabalho doméstico é coisa de mulher. O grande papel da mulher rural ainda é ser cuidadora do lar, administradora das relações familiares, esteio da casa e base de sustentação da família.

b) afirmações + 3;

   Assertiva 2. O meio rural é um lugar bom de viver.

[42] Para que um fator seja considerado estável, é recomendável que ele seja composto por, no mínimo, três pessoas (WOODS STRICKLIN, 2012).

Assertiva 5. O espaço da cidade tem mais lazer, mais oportunidades de emprego, além de acesso à educação, saúde, serviços bancários, comunicação. Tudo é mais fácil estando mais próximo da cidade. Além disso, os trabalhadores da cidade trabalham menos porque têm folgas aos domingos e feriados.

Assertiva 6. O meio rural proporciona bem estar e maior qualidade de vida. Não tem estresse e não tem patrão.

c) afirmações +2;

Assertiva 3. O trabalho agrícola é puxado, sacrificante, pesado, difícil e tem baixa remuneração. O agricultor e a agricultora não têm descanso e trabalham inclusive sábados, domingos e feriados.

Assertiva 11. A mulher que atua na lavoura tem três jornadas bem carregadas de trabalho. Ela se divide entre casa, trabalho na propriedade e filhos e sente que falta reconhecimento, valorização e remuneração para suas atividades.

Assertiva 21. Faltam incentivos do governo para o jovem rural permanecer no campo. A renda é o que vai determinar a permanência deles no meio rural.

Assertiva 25. As mulheres se destacam na comercialização de produtos agrícolas diretamente ao consumidor. Elas fazem a ligação entre campo e cidade. Nas bancas de feiras onde existem mulheres a comunicação flui melhor.

d) afirmação – 4;

Assertiva 22. A única possibilidade de crescimento, de ascensão social para os jovens do meio rural é por meio do estudo. Por isso os pais dizem: estuda pra ti não sofrer que nem teu pai, pra ti não sofrer que nem tua mãe.

e) afirmações -3;

Assertiva 1. O meio rural é um lugar ruim de viver.

Assertiva 4. A situação do meio rural melhorou muito e o agricultor e a agricultora estão tendo muitas oportunidades. Nunca houve tanto crédito e a pequena propriedade se for bem planejada, bem trabalhada, é lucrativa.

Assertiva 29. O jovem rural quer informação, ele precisa estar ligado, com celular, Internet. Se ele não tiver acesso a esses meios, ele se sente excluído.

f) afirmações - 2;

Assertiva 8. Muitos jovens saem do campo, vão para a cidade e estão retornando ao campo em função da exigência do mercado de trabalho urbano.

Assertiva 16. Mulher nenhuma consegue chegar a lugar nenhum se não tiver o apoio da família.

Assertiva 23. As mulheres rurais incentivam principalmente as filhas mulheres a buscar ocupações fora do espaço agrícola porque não querem que a sina da mãe se repita na filha, não querem que elas passem pelas mesmas dificuldades. Elas estimulam que as jovens deixem o campo.

Assertiva 26. O agricultor não vai para a lavoura sem o celular. Antes ele ia, não precisava de telefone. Hoje é uma necessidade. Os hábitos urbanos estão invadindo do meio rural.

As afirmações reunidas pelo fator A1 demonstraram muitas diferenças em relação ao fator A. As afirmações classificadas por esse fator indicam que as mulheres rurais ainda se sentem as únicas responsáveis pelo trabalho doméstico e pelo cuidado da família, que elas consideram o trabalho agrícola pesado e, que, apesar de terem três jornadas de trabalho, não se sentem valorizadas como gostariam. Apesar disso, as entrevistadas pertencentes a esse grupo discordaram da afirmação de que o apoio da família é indispensável para a mulher conquistar o que deseja, sinalizando que as novas gerações já consideram as mulheres rurais mais capazes, independentes e autônomas.

Na ligação entre o campo e a cidade, o fator A1 também considerou que a mulher tem mais habilidades de comercialização do que os homens. Sobre a vida no meio rural, as entrevistadas reunidas por esse fator, assim como o fator A, revelaram que gostam de morar no campo e consideram que o local proporciona melhor qualidade de vida, mas julgam que o acesso aos serviços básicos como saúde, educação e comunicação é mais fácil na cidade onde também supõem que o trabalho não é tão pesado e contínuo. Ainda sobre a vida no meio rural, a fator A1 discordou da afirmação de que a vida melhorou muito no campo e de que nunca

houve tantas oportunidades demonstrando uma visão mais desconfiada em relação às supostas melhorias de condições do campo.

Sobre as novas gerações, o fator A1 considerou que faltam incentivos para o jovem rural permanecer no campo, mas discordou das afirmações de que as mães incentivam principalmente as filhas a deixar o meio rural, de que a única possibilidade de ascensão para os jovens rurais é por meio do estudo e também de que alguns jovens que foram para a cidade estão retornando ao campo.

Sobre as TICs, o fator A1 não concordou com a afirmação de que as tecnologias de comunicação são fundamentais para que os jovens rurais não se sintam excluídos e também que o agricultor hoje usa o celular até quando vai para a lavoura. Ou seja, o telefone celular não é uma TIC indispensável.

O fator A1 foi sintetizado com o nome “Vínculos em questão”, pois percebe poucas mudanças no papel da mulher rural e demonstra uma forte crítica e insatisfação com a manutenção da tripla função da mulher rural de mãe, agricultora e dona de casa que resulta em um ciclo contínuo de trabalho (SILVA e PORTELA, 2010). Apesar disso, esse fator gosta de viver no meio rural, mas almeja o conforto que existe na cidade, demonstrando que não está satisfeito com a situação em que vive e, por isso, questiona sua situação e é inquieto com seu papel. É importante ressaltar que, das cinco meninas que integram esse fator, todas estão buscando uma colocação fora do meio rural.

Os outros três fatores resultantes na análise que reuniu o grupo de 20 mulheres tiveram apenas uma pessoa envolvida cada um e, por isso, não foram considerados.

3.3.3 Vínculos corretos

Os quinze homens que participaram da pesquisa foram reunidos em um fator A2, com seis pessoas, cinco pais (das famílias A, E, F, I e J) e um filho (da família A). As afirmações que o fator A2 revelou mais concordar foram:

a) afirmações +4;

Assertiva 2. O meio rural é um lugar bom de viver.

b) afirmações +3;

Assertiva 4. A situação do meio rural melhorou muito e o agricultor e a agricultora estão tendo muitas oportunidades. Nunca houve tanto crédito e a pequena propriedade se for bem planejada, bem trabalhada, é lucrativa.

Assertiva 6. O meio rural proporciona bem estar e maior qualidade de vida. Não tem estresse e não tem patrão.

Assertiva 10. O homem rural se ocupa mais das atividades produtivas, do trabalho pesado na propriedade, que exigem esforço físico.

c) afirmações +2;

Assertiva 7. O interior está masculinizado. As meninas vão para a cidade estudar, arrumam um emprego e não voltam mais. O esvaziamento do meio rural vai continuar e a população do campo vai diminuir ainda mais.

Assertiva 15. A mulher rural conquistou a igualdade com o homem rural. Algumas estão até assumindo cargos de direção de cooperativas e sindicatos. Essas instituições, inclusive, incentivam a inclusão da mulher nessas atividades.

Assertiva 28. Ter acesso aos meios de comunicação como computador, Internet e celular é importante principalmente para a educação e bem estar dos filhos. Esses equipamentos facilitam o acesso à informação e também ao lazer.

Assertiva 31. O telefone celular possibilita estar conectado com os amigos, fazer negócios e obter informações sobre o mercado. Hoje tu pega o telefone, em segundos, minutos, resolve um baita de um problema e evita uma viagem até a cidade. A gente gasta, mas, ao mesmo tempo, economiza usando o celular.

d) afirmações -4;

Assertiva 1. O meio rural é um lugar ruim de viver.

e) afirmações -3

Assertiva 8. Muitos jovens saem do campo, vão para a cidade e estão retornando ao campo em função da exigência do mercado de trabalho urbano.

Assertiva 9. O trabalho doméstico é coisa de mulher. O grande papel da mulher rural ainda é ser cuidadora do lar, administradora das relações familiares, esteio da casa e base de sustentação da família.

Assertiva 14. A decisão do que vai ser feito nas propriedades ainda é dos homens. Eles concentram a renda e as mulheres ainda dependem deles.

f) afirmações -2

Assertiva 16. Mulher nenhuma consegue chegar a lugar nenhum se não tiver o apoio da família.

Assertiva 19. Ser agricultor ou agricultora é uma vocação, é algo que se aprende desde pequeno. Se fosse apenas pela questão econômica, os agricultores e agricultoras já tinham chutado o balde.

Assertiva 26. O agricultor não vai para a lavoura sem o celular. Antes ele ia, não precisava de telefone. Hoje é uma necessidade. Os hábitos urbanos estão invadindo do meio rural.

Assertiva 27. A mulher rural é mais receptiva à inovação do que o homem. Ela busca informações e aplica mais as novas tecnologias do que os homens, que, por se considerarem experientes, têm dificuldade em aceitar inovações, mudanças.

De modo geral, o fator A2 é bastante semelhante ao fator obtido do grupo total até mesmo porque os seis integrantes do fator A2 também fazem parte do fator A. Sobre a vida no meio rural, o fator A2 considerou que o campo é um lugar bom de viver com melhor qualidade de vida do que a cidade e que a situação do meio rural melhorou muito. No entanto, o grupo reunido por este fator deixou claro que não considera a agricultura uma vocação. Conforme foi constatado nas visitas às propriedades, na maior parte dos casos, os agricultores relataram que apenas seguiram a profissão dos pais e não tiveram a chance de continuar com os estudos ou optar por outra carreira, mas, a partir do momento em que começaram a trabalhar no campo, não desejaram fazer outras coisas. Para eles, trocar o campo pela cidade significa desistir, fracassar, até mesmo porque provavelmente serão subordinados a alguém e deixarão para trás a autonomia que possuem no meio rural.

Com relação à divisão de tarefas na propriedade, o fator A2 observou que os homens se ocupam das atividades que exigem mais esforço físico, mas discordou das afirmações de que o trabalho doméstico ainda é responsabilidade das mulheres e de que o poder de decisão nas propriedades rurais permanece com os homens. O fator A2 vislumbrou que as mulheres rurais conquistaram a igualdade com os homens, estão assumindo cargos de liderança e podem chegar aonde desejarem,

mesmo sem o apoio da família. No entanto, o fator discordou da afirmação de que as mulheres são mais receptivas à inovação do que os homens.

O grupo revelou que acredita que ter acesso aos meios de comunicação como computador, celular e Internet é importante para a educação e o lazer dos filhos, mas avaliou que o esvaziamento do meio rural vai continuar. Também sobre as TICs, o fator A2 atribuiu vantagens como agilidade e economia para o uso do telefone celular. Apesar disso, não considerou o equipamento um item indispensável para o agricultor dentro das propriedades.

O fator A2 foi sintetizado com o nome “Vínculos corretos”. É um vínculo que reconhece o papel das mulheres como aconteceu com o fator A, mas ainda vê com certa desconfiança e negação uma postura mais inovadora por parte das mulheres em relação aos homens, por exemplo. Isso foi evidenciado durante a classificação das assertivas. Os homens concordaram com todas as assertivas de valorização da mulher, talvez porque integram entidades que incentivam essa igualdade, mas, quando se comparavam com as mulheres, demonstravam receio e ansiedade.

Algumas mulheres relataram nos grupos de discussão que os maridos perguntam e ouvem a opinião das esposas, mas, na prática, fazem o que querem. O fator “Vínculos corretos” demonstra a intenção de estabelecer novos vínculos, mas não consegue superar comportamentos tradicionais e legitimados (BOURDIEU, 2010) apesar de estar em uma posição enfraquecida (TOURAINE, 2007). É importante ressaltar que consideramos que essa prática pode ou não acontecer de forma intencional, mas, em ambos os casos, traz para as mulheres a sensação de desvalorização.

3.3.4 Vínculos em conflito

A última diferenciação que foi feita foi o estudo por geração. Entre os 20 pais e mães entrevistados foram identificados quatro fatores que reuniram 14 pessoas. O fator A3 reuniu dez pessoas sendo sete pais (das famílias A, C, D, E, F, I e J) e três mães (das famílias E, G e I). As afirmações que reuniram este fator são:

a) afirmações +4;

Assertiva 2. O meio rural é um lugar bom de viver.

b) afirmações +3;

Assertiva 4. A situação do meio rural melhorou muito e o agricultor e a agricultora estão tendo muitas oportunidades. Nunca houve tanto crédito e a pequena propriedade se for bem planejada, bem trabalhada, é lucrativa.

Assertiva 6. O meio rural proporciona bem estar e maior qualidade de vida. Não tem estresse e não tem patrão.

Assertiva 7. O interior está masculinizado. As meninas vão para a cidade estudar, arrumam um emprego e não voltam mais. O esvaziamento do meio rural vai continuar e a população do campo vai diminuir ainda mais.

c) afirmações +2;

Assertiva 10. O homem rural se ocupa mais das atividades produtivas, do trabalho pesado na propriedade, que exigem esforço físico.

Assertiva 18. A mulher rural é mais desapegada ao campo e busca ocupações no espaço urbano porque no mercado, no comércio ou na prestação de serviços ela tem o reconhecimento de trabalhadora, conquista renda e autonomia pessoal. A mulher rural tem mais anos de estudo do que os homens e não quer mais depender dos maridos.

Assertiva 24. A mulher rural atual tem mais acesso à informação do que as gerações anteriores seja pela televisão, celular, Internet, Emater, sindicatos e assistência social. Ela conhece seus direitos, deveres e é independente.

Assertiva 28. Ter acesso aos meios de comunicação como computador, Internet e celular é importante principalmente para a educação e bem estar dos filhos. Esses equipamentos facilitam o acesso à informação e também ao lazer.

d) afirmações -4;

Assertiva 1. O meio rural é um lugar ruim de viver.

e) afirmações -3;

Assertiva 8. Muitos jovens saem do campo, vão para a cidade e estão retornando ao campo em função da exigência do mercado de trabalho urbano.

Assertiva 14. A decisão do que vai ser feito nas propriedades ainda é dos homens. Eles concentram a renda e as mulheres ainda dependem deles.

Assertiva 16. Mulher nenhuma consegue chegar a lugar nenhum se não tiver o apoio da família.

f) afirmações -2;

Assertiva 5. O espaço da cidade tem mais lazer, mais oportunidades de emprego, além de acesso à educação, saúde, serviços bancários, comunicação. Tudo é mais fácil estando mais próximo da cidade. Além disso, os trabalhadores da cidade trabalham menos porque têm folgas aos domingos e feriados.

Assertiva 20. Os jovens rurais de hoje não têm vínculo com o trabalho rural.

Assertiva 26. O agricultor não vai para a lavoura sem o celular. Antes ele ia, não precisava de telefone. Hoje é uma necessidade. Os hábitos urbanos estão invadindo do meio rural.

Assertiva 29. O jovem rural quer informação, ele precisa estar ligado, com celular, Internet. Se ele não tiver acesso a esses meios, ele se sente excluído.

O fator A3 considerou que o meio rural é um lugar bom de viver, que a situação do meio rural melhorou muito e que o espaço tem qualidade de vida superior que a cidade. Também concordou que, nas propriedades, os homens se ocupam mais das tarefas pesadas e que o interior vai ficar cada vez mais masculinizado porque as mulheres optam pelo trabalho na cidade. Ainda sobre as mulheres, o fator considerou que elas são mais desapegadas do campo, são mais independentes e conhecem mais os seus direitos em relação às gerações anteriores e podem conquistar o que desejam independente do apoio da família. O fator também discordou da afirmação de que o poder de decisão nas propriedades permanece com os homens.

Sobre o jovem rural, o fator A3 discordou das afirmações de que os jovens rurais estão retornando ao campo, que eles não têm vínculo com o trabalho rural e também que necessitam das TICs, caso contrário se sentirão excluídos. Mas o fator considerou importante ter acesso aos meios de comunicação para a educação e também para o bem estar dos filhos.

No fator A3 estão todos os agricultores que integram o fator A “Novos vínculos” com o acréscimo do pai da família C e também de três mães. O grupo foi sintetizado com o nome “Vínculos em conflito”, pois demonstra como esse fator redefine os papéis de homens e mulheres rurais, principalmente, na questão da divisão do trabalho. Enquanto o homem se ocupa mais das questões produtivas, a mulher rural, que tem mais informação, sai do eixo doméstico e está buscando ocupações no espaço urbano. É um fator que demonstra que os casais no meio rural já não seguem o mesmo caminho (TOURAINE, 2007).

Na divisão por geração, os fatores B3 e C3 tiveram apenas um participante cada um e o fator D3 reuniu duas pessoas: uma mãe da família B e um pai da família H. Apesar de não ser estável, esse fator demonstrou outra visão sobre o rural que consideramos relevante apresentar. As afirmações que o fator D3 mais concordou foram:

a) afirmações +4;

   Assertiva 21. Faltam incentivos do governo para o jovem rural permanecer no campo. A renda é o que vai determinar a permanência deles no meio rural.

b) afirmações +3;

   Assertiva 5. O espaço da cidade tem mais lazer, mais oportunidades de emprego, além de acesso à educação, saúde, serviços bancários, comunicação. Tudo é mais fácil estando mais próximo da cidade. Além disso, os trabalhadores da cidade trabalham menos porque têm folgas aos domingos e feriados.

   Assertiva 30. As tecnologias de comunicação como o computador e a Internet são formas de melhorar a administração da propriedade rural. Hoje em dia tudo tá na internet. O que o agricultor precisa tá lá. Qualquer dúvida que ele tem, vai pesquisar.

   Assertiva 31. O telefone celular possibilita estar conectado com os amigos, fazer negócios e obter informações sobre o mercado. Hoje tu pega o telefone, em segundos, minutos, resolve um baita de um problema e evita uma viagem até a cidade. A gente gasta, mas, ao mesmo tempo, economiza usando o celular.

c) afirmações +2;

Assertiva 7. O interior está masculinizado. As meninas vão para a cidade estudar, arrumam um emprego e não voltam mais. O esvaziamento do meio rural vai continuar e a população do campo vai diminuir ainda mais.

Assertiva 15. A mulher rural conquistou a igualdade com o homem rural. Algumas estão até assumindo cargos de direção de cooperativas e sindicatos. Essas instituições, inclusive, incentivam a inclusão da mulher nessas atividades.

Assertiva 17. O homem é mais apegado à terra, ele tem amor ao trabalho agrícola.

Assertiva 24. A mulher rural atual tem mais acesso à informação do que as gerações anteriores seja pela televisão, celular, Internet, Emater, sindicatos e assistência social. Ela conhece seus direitos, deveres e é independente.

d) afirmações -4;

Assertiva 4. A situação do meio rural melhorou muito e o agricultor e a agricultora estão tendo muitas oportunidades. Nunca houve tanto crédito e a pequena propriedade se for bem planejada, bem trabalhada, é lucrativa.

e) afirmações -3;

Assertiva 8. Muitos jovens saem do campo, vão para a cidade e estão retornando ao campo em função da exigência do mercado de trabalho urbano.

Assertiva 9. O trabalho doméstico é coisa de mulher. O grande papel da mulher rural ainda é ser cuidadora do lar, administradora das relações familiares, esteio da casa e base de sustentação da família.

Assertiva 12. A mulher rural não gosta do trabalho agrícola em geral porque ele é penoso, pesado. Cada vez vem diminuindo mais a presença a mulher nas tarefas mais rudes da agricultura.

f) afirmações -2;

Assertiva 13. A mulher rural atualmente está se inserindo na administração e gestão das propriedades rurais. Ela é mais detalhista no controle de gastos e muitas vezes se mostra mais eficaz que o homem na administração das propriedades.

> **Assertiva 14**. A decisão do que vai ser feito nas propriedades ainda é dos homens. Eles concentram a renda e as mulheres ainda dependem deles.
>
> **Assertiva 25**. As mulheres se destacam na comercialização de produtos agrícolas diretamente ao consumidor. Elas fazem a ligação entre campo e cidade. Nas bancas de feiras onde existem mulheres a comunicação flui melhor.
>
> **Assertiva 26**. O agricultor não vai para a lavoura sem o celular. Antes ele ia, não precisava de telefone. Hoje é uma necessidade. Os hábitos urbanos estão invadindo do meio rural.

As respostas reunidas nesse fator e, principalmente nos extremos +4 e -4, demonstraram forte insatisfação com o campo. O fator demonstrou insatisfação com a renda proveniente da agricultura familiar principalmente para incentivar os jovens a ficar no local e também que almeja o acesso aos serviços disponíveis na cidade. Esse fator também destacou a importância da Internet para melhorar administração das propriedades. É importante ressaltar que a mulher e o homem que integram esse fator não têm acesso à Internet na propriedade e também não costumam usar o computador e, mesmo assim, atribuem valor às TICs.

Houve um consenso nos quatro fatores identificados na análise que reuniu o grupo dos pais. Todos concordaram com a afirmação 11 “a mulher que atua na lavoura tem três jornadas bem carregadas de trabalho, se divide entre casa, trabalho na propriedade e filhos e sente que falta reconhecimento, valorização e remuneração para suas atividades”, o que, mais uma vez, ratifica que o papel da mulher rural ainda está fortemente vinculado às atividades domésticas.

3.3.5 Vínculos educativos

Já entre o grupo dos filhos composto por dez meninas e cinco meninos foram identificados dois fatores: um com três meninas (das famílias E, H e J) e outro com duas meninas (das famílias A e E).

As afirmações que o fator A mais concordou foram:

a) afirmações +4;

Assertiva 2. O meio rural é um lugar bom de viver.

b) afirmações +3;

Assertiva 6. O meio rural proporciona bem estar e maior qualidade de vida. Não tem estresse e não tem patrão.

Assertiva 21. Faltam incentivos do governo para o jovem rural permanecer no campo. A renda é o que vai determinar a permanência deles no meio rural.

Assertiva 31. O telefone celular possibilita estar conectado com os amigos, fazer negócios e obter informações sobre o mercado. Hoje tu pega o telefone, em segundos, minutos, resolve um baita de um problema e evita uma viagem até a cidade. A gente gasta, mas, ao mesmo tempo, economiza usando o celular.

c) afirmações +2;

Assertiva 11. A mulher que atua na lavoura tem três jornadas bem carregadas de trabalho. Ela se divide entre casa, trabalho na propriedade e filhos e sente que falta reconhecimento, valorização e remuneração para suas atividades.

Assertiva 15. A mulher rural conquistou a igualdade com o homem rural. Algumas estão até assumindo cargos de direção de cooperativas e sindicatos. Essas instituições, inclusive, incentivam a inclusão da mulher nessas atividades.

Assertiva 24. A mulher rural atual tem mais acesso à informação do que as gerações anteriores seja pela televisão, celular, Internet, Emater, sindicatos e assistência social. Ela conhece seus direitos, deveres e é independente.

Assertiva 25. As mulheres se destacam na comercialização de produtos agrícolas diretamente ao consumidor. Elas fazem a ligação entre campo e cidade. Nas bancas de feiras onde existem mulheres a comunicação flui melhor.

d) afirmações -4;

Assertiva 1. O meio rural é um lugar ruim de viver.

e) afirmações -3;

Assertiva 12. A mulher rural não gosta do trabalho agrícola em geral porque ele é penoso, pesado. Cada vez vem diminuindo mais a presença a mulher nas tarefas mais rudes da agricultura.

Assertiva 17. O homem é mais apegado à terra, ele tem amor ao trabalho agrícola.

Assertiva 20. Os jovens rurais de hoje não têm vínculo com o trabalho rural.

f) afirmações -2;

Assertiva 8. Muitos jovens saem do campo, vão para a cidade e estão retornando ao campo em função da exigência do mercado de trabalho urbano.

Assertiva 14. A decisão do que vai ser feito nas propriedades ainda é dos homens. Eles concentram a renda e as mulheres ainda dependem deles.

Assertiva 26. O agricultor não vai para a lavoura sem o celular. Antes ele ia, não precisava de telefone. Hoje é uma necessidade. Os hábitos urbanos estão invadindo do meio rural.

Assertiva 29. O jovem rural quer informação, ele precisa estar ligado, com celular, Internet. Se ele não tiver acesso a esses meios, ele se sente excluído.

As jovens reunidas no fator A4 têm forte ligação com o meio rural e gostam de viver no campo, confirmando a análise de Brumer (2007) de que rejeitar o trabalho agrícola não implica necessariamente rejeitar a vida no meio rural. Para elas, viver no campo passa a ser uma “diferença valorizada” (FROELICH, 2002, p. 128), principalmente quando começam a ter mais contato com a cidade e com seus problemas como trânsito, violência, poluição e estresse. Nesse momento, as especificidades do campo como lugar calmo, tranquilo e sossegado passam a ser mais ressaltadas pelas jovens.

O fator A4 se ressente da falta de oportunidades para as novas gerações, mas discorda da afirmação que os jovens rurais de hoje são pessoas sem vínculo com o meio rural. Apesar disso, reconhece que, quando o jovem vai para a cidade trabalhar, dificilmente retorna. Uma situação que já é realidade para a filha da família H e um futuro próximo para as outras duas integrantes desse fator.

As jovens também consideram que até hoje a mulher rural ainda têm sobrecarga de trabalho, apesar de ter conquistado uma situação de igualdade com o homem rural, ter mais acesso à informação e obter maior destaque na comercialização dos produtos da agricultura familiar. O fator A4 valoriza o telefone celular como equipamento de comunicação.

Sintetizamos esse fator pelo nome “Vínculos educativos”. Ao contrário do fator “Vínculos em conflito”, as jovens reunidas por esse fator não se ressentem da condição de mulheres rurais e sabem bem o que querem e onde querem chegar, porque têm mais acesso à informação e outra maneira de se relacionar com o mundo (AGUIAR e STRAPASOLAS, 2010, p. 166). Esse já é um fator que não acredita em uma divisão sexual do trabalho a partir das diferenças biológicas entre os sexos ou uma rejeição da mulher à atividade rural. O que elas buscam é crescer onde desejarem e, quando não encontram essa oportunidade no meio rural, buscam na cidade.

As jovens do fator A4 não saem do meio rural em função de uma suposta dominação masculina dos pais ou irmãos, mas em busca de oportunidades que encontram por meio dos estudos. Como lembrou Touraine (2007) elas não querem nem conquistar a igualdade nem afirmar as diferenças. Fazem parte de um modelo de sociedade em que o matrimônio há muito tempo deixou de representar a única perspectiva para as mulheres rurais (SILVA e SCHNEIDER, 2010) e almejam passar de espectadoras distantes a produtoras dessa organização social (TOURAINE, 2007).

Já o fator B4 selecionou as seguintes afirmativas:

a) afirmações +4;

   Assertiva 28. Ter acesso aos meios de comunicação como computador, Internet e celular é importante principalmente para a educação e bem estar dos filhos. Esses equipamentos facilitam o acesso à informação e também ao lazer.

b) afirmações +3;

   Assertiva 22. A única possibilidade de crescimento, de ascensão social para os jovens do meio rural é por meio do estudo. Por isso os pais dizem: estuda pra ti não sofrer que nem teu pai, pra ti não sofrer que nem tua mãe.

Assertiva 29. O jovem rural quer informação, ele precisa estar ligado, com celular, Internet. Se ele não tiver acesso a esses meios, ele se sente excluído.

Assertiva 31. O telefone celular possibilita estar conectado com os amigos, fazer negócios e obter informações sobre o mercado. Hoje tu pega o telefone, em segundos, minutos, resolve um baita de um problema e evita uma viagem até a cidade. A gente gasta, mas, ao mesmo tempo, economiza usando o celular.

c) afirmações +2;

Assertiva 15. A mulher rural conquistou a igualdade com o homem rural. Algumas estão até assumindo cargos de direção de cooperativas e sindicatos. Essas instituições, inclusive, incentivam a inclusão da mulher nessas atividades.

Assertiva 24. A mulher rural atual tem mais acesso à informação do que as gerações anteriores seja pela televisão, celular, Internet, Emater, sindicatos e assistência social. Ela conhece seus direitos, deveres e é independente.

Assertiva 26. O agricultor não vai para a lavoura sem o celular. Antes ele ia, não precisava de telefone. Hoje é uma necessidade. Os hábitos urbanos estão invadindo do meio rural.

Assertiva 27. A mulher rural é mais receptiva à inovação do que o homem. Ela busca informações e aplica mais as novas tecnologias do que os homens, que, por se considerarem experientes, têm dificuldade em aceitar inovações, mudanças.

d) afirmações -4;

Assertiva 9. O trabalho doméstico é coisa de mulher. O grande papel da mulher rural ainda é ser cuidadora do lar, administradora das relações familiares, esteio da casa e base de sustentação da família.

e) afirmações -3;

Assertiva 2. O meio rural é um lugar bom de viver.

Assertiva 11. A mulher que atua na lavoura tem três jornadas bem carregadas de trabalho. Ela se divide entre casa, trabalho na propriedade e filhos e sente que falta reconhecimento, valorização e remuneração para suas atividades.

Assertiva 19. Ser agricultor ou agricultora é uma vocação, é algo que se aprende desde pequeno. Se fosse apenas pela questão econômica, os agricultores e agricultoras já tinham chutado o balde.

f) afirmações -2;

Assertiva 6. O meio rural proporciona bem estar e maior qualidade de vida. Não tem estresse e não tem patrão.

Assertiva 10. O homem rural se ocupa mais das atividades produtivas, do trabalho pesado na propriedade, que exigem esforço físico.

Assertiva 12. A mulher rural não gosta do trabalho agrícola em geral porque ele é penoso, pesado. Cada vez vem diminuindo mais a presença a mulher nas tarefas mais rudes da agricultura.

Assertiva 17. O homem é mais apegado à terra, ele tem amor ao trabalho agrícola.

O fator B4 elencou como item mais importante o acesso às tecnologias de informação para a educação e bem estar dos filhos, que os jovens que não têm esse acesso se sentem excluídos, que o telefone celular representa uma economia para o meio rural e que, inclusive, hoje o agricultor não vai mais para a lavoura sem o telefone celular. Esse fator também concordou que a única possibilidade de ascensão para o jovem rural é por meio do estudo. Sobre o papel da mulher de hoje, as jovens consideram que a mulher conquistou a igualdade com o homem rural, tem mais informação e é mais inovadora. Elas rejeitam a assertiva de que o trabalho doméstico ainda é coisa de mulher e que o meio rural é um lugar bom de viver e tem mais qualidade de vida. Apesar das divergências, entre os fatores A4 e B4 houve 19 assertivas em consenso, ou seja, classificadas de forma semelhante, conforme mostra a Tabela 14.

Tabela 14 – Relação de assertivas em consenso entre fatores A4 e B4 do grupo filhos e filhas

(continua)

Assertiva	A4	B4
O trabalho agrícola é puxado, sacrificante, pesado, difícil e tem baixa remuneração. O agricultor e a agricultora não têm descanso e trabalham inclusive sábados, domingos e feriados.	-1	-1
A situação do meio rural melhorou muito e o agricultor e a agricultora estão tendo muitas oportunidades. Nunca houve tanto crédito e a pequena propriedade se for bem planejada, bem trabalhada, é lucrativa.	0	0
O espaço da cidade tem mais lazer, mais oportunidades de emprego, além de acesso à educação, saúde, serviços bancários, comunicação. Tudo é mais fácil estando mais próximo da cidade. Além disso, os trabalhadores da cidade trabalham menos porque têm folgas aos domingos e feriados.	-1	-1
O interior está masculinizado. As meninas vão para a cidade estudar, arrumam um emprego e não voltam mais. O esvaziamento do meio rural vai continuar e a população do campo vai diminuir ainda mais.	0	0
Muitos jovens saem do campo, vão para a cidade e estão retornando ao campo em função da exigência do mercado de trabalho urbano.	-2	-1
A mulher rural não gosta do trabalho agrícola em geral porque ele é penoso, pesado. Cada vez vem diminuindo mais a presença a mulher nas tarefas mais rudes da agricultura.	-3	-2
A mulher rural atualmente está se inserindo na administração e gestão das propriedades rurais. Ela é mais detalhista no controle de gastos e muitas vezes se mostra mais eficaz que o homem na administração das propriedades.	0	1
A mulher rural atualmente está se inserindo na administração e gestão das propriedades rurais. Ela é mais detalhista no controle de gastos e muitas vezes se mostra mais eficaz que o homem na administração das propriedades.	-2	-1
A decisão do que vai ser feito nas propriedades ainda é dos homens. Eles concentram a renda e as mulheres ainda dependem deles.	2	2
A mulher rural conquistou a igualdade com o homem rural. Algumas estão até assumindo cargos de direção de cooperativas e sindicatos. Essas instituições, inclusive, incentivam a inclusão da mulher nessas atividades.	-1	0
Mulher nenhuma consegue chegar a lugar nenhum se não tiver o apoio da família.	-3	-2

Tabela 14 – Relação de assertivas em consenso entre fatores A e B do grupo filhos e filhas

(conclusão)

Assertiva	A	B
O homem é mais apegado à terra, ele tem amor ao trabalho agrícola.	-1	0
A mulher rural é mais desapegada ao campo e busca ocupações no espaço urbano porque no mercado, no comércio ou na prestação de serviços ela tem o reconhecimento de trabalhadora, conquista renda e autonomia pessoal. A mulher rural tem mais anos de estudo do que os homens e não quer mais depender dos maridos.	-1	0
As mulheres rurais incentivam principalmente as filhas mulheres a buscar ocupações fora do espaço agrícola porque não querem que a sina da mãe se repita na filha, não querem que elas passem pelas mesmas dificuldades. Elas estimulam que as jovens deixem o campo.	1	0
A mulher rural atual tem mais acesso à informação do que as gerações anteriores seja pela televisão, celular, Internet, Emater, sindicatos e assistência social. Ela conhece seus direitos, deveres e é independente.	2	2
As mulheres se destacam na comercialização de produtos agrícolas diretamente ao consumidor. Elas fazem a ligação entre campo e cidade. Nas bancas de feiras onde existem mulheres a comunicação flui melhor.	2	1
A mulher rural é mais receptiva à inovação do que o homem. Ela busca informações e aplica mais as novas tecnologias do que os homens, que, por se considerarem experientes, têm dificuldade em aceitar inovações, mudanças.	1	2
As tecnologias de comunicação como o computador e a Internet são formas de melhorar a administração da propriedade rural. Hoje em dia tudo tá na internet. O que o agricultor precisa tá lá. Qualquer dúvida que ele tem, vai pesquisar.	0	1
O telefone celular possibilita estar conectado com os amigos, fazer negócios e obter informações sobre o mercado. Hoje tu pega o telefone, em segundos, minutos, resolve um baita de um problema e evita uma viagem até a cidade. A gente gasta, mas, ao mesmo tempo, economiza usando o celular.	3	3
É pequena ainda a presença da Internet no meio rural de Santa Maria. Entre os motivos estão o custo e falta de qualidade de sinal.	1	0

Também podemos verificar o resumo da classificação das assertivas pelos sete fatores apresentados na pesquisa. Os dados estão na Tabela 15.

Tabela 15 – Classificação das assertivas pelos fatores encontrados na metodologia Q

(continua)

Assertiva	A	A1	A2	A3	D3	A4	B4
1. O meio rural é um lugar ruim de viver.	-4	-3	-4	-4		-4	
2. O meio rural é um lugar bom de viver.	+4	+3	+4	+4		+4	-3
3. O trabalho agrícola é puxado, sacrificante, pesado, difícil e tem baixa remuneração. O agricultor e a agricultora não têm descanso e trabalham inclusive sábados, domingos e feriados.		+2					
4. A situação do meio rural melhorou muito e o agricultor e a agricultora estão tendo muitas oportunidades. Nunca houve tanto crédito e a pequena propriedade se for bem planejada, bem trabalhada, é lucrativa.	+2	-3	+3	+3	-4		
5. O espaço da cidade tem mais lazer, mais oportunidades de emprego, além de acesso à educação, saúde, serviços bancários, comunicação. Tudo é mais fácil estando mais próximo da cidade. Além disso, os trabalhadores da cidade trabalham menos porque têm folgas aos domingos e feriados.	-2	+3		-2	+3		
6. O meio rural proporciona bem estar e maior qualidade de vida. Não tem estresse e não tem patrão.	+2	+3	+3	+3		+3	-2
7. O interior está masculinizado. As meninas vão para a cidade estudar, arrumam um emprego e não voltam mais. O esvaziamento do meio rural vai continuar e a população do campo vai diminuir ainda mais.	+2		+2	+3	+2		
8. Muitos jovens saem do campo, vão para a cidade e estão retornando ao campo em função da exigência do mercado de trabalho urbano.	-3	-2	-3	-3	-3	-2	

Tabela 15 – Classificação das assertivas pelos fatores encontrados na metodologia Q

(continuação)

Assertiva	A	A1	A2	A3	D3	A4	B4
9. O trabalho doméstico é coisa de mulher. O grande papel da mulher rural ainda é ser cuidadora do lar, administradora das relações familiares, esteio da casa e base de sustentação da família.	-2	+4	-3		-3		-4
10. O homem rural se ocupa mais das atividades produtivas, do trabalho pesado na propriedade, que exigem esforço físico.			+3	+2			-2
11. A mulher que atua na lavoura tem três jornadas bem carregadas de trabalho. Ela se divide entre casa, trabalho na propriedade e filhos e sente que falta reconhecimento, valorização e remuneração para suas atividades.		+2				+2	-3
12. A mulher rural não gosta do trabalho agrícola em geral porque ele é penoso, pesado. Cada vez vem diminuindo mais a presença a mulher nas tarefas mais rudes da agricultura.	-3				-3	-3	-2
13. A mulher rural atualmente está se inserindo na administração e gestão das propriedades rurais. Ela é mais detalhista no controle de gastos e muitas vezes se mostra mais eficaz que o homem na administração das propriedades.					-2		
14. A decisão do que vai ser feito nas propriedades ainda é dos homens. Eles concentram a renda e as mulheres ainda dependem deles.	-3		-3	-3	-2	-2	
15. A mulher rural conquistou a igualdade com o homem rural. Algumas estão até assumindo cargos de direção de cooperativas e sindicatos. Essas instituições, inclusive, incentivam a inclusão da mulher nessas atividades.	+3		+2		+2	+2	+2
16. Mulher nenhuma consegue chegar a lugar nenhum se não tiver o apoio da família.		-2	-2	-3			

Tabela 15 – Classificação das assertivas pelos fatores encontrados na metodologia Q

(continuação)

Assertiva	A	A1	A2	A3	D3	A4	B4
17. O homem é mais apegado à terra, ele tem amor ao trabalho agrícola.					+2	-3	-2
18. A mulher rural é mais desapegada ao campo e busca ocupações no espaço urbano porque no mercado, no comércio ou na prestação de serviços ela tem o reconhecimento de trabalhadora, conquista renda e autonomia pessoal. A mulher rural tem mais anos de estudo do que os homens e não quer mais depender dos maridos.				+2			
19. Ser agricultor ou agricultora é uma vocação, é algo que se aprende desde pequeno. Se fosse apenas pela questão econômica, os agricultores e agricultoras já tinham chutado o balde.			-2				-3
20. Os jovens rurais de hoje não têm vínculo com o trabalho rural.	-2			-2		-3	
21. Faltam incentivos do governo para o jovem rural permanecer no campo. A renda é o que vai determinar a permanência deles no meio rural.		+2			+4	+3	
22. A única possibilidade de crescimento, de ascensão social para os jovens do meio rural é por meio do estudo. Por isso os pais dizem: estuda pra ti não sofrer que nem teu pai, pra ti não sofrer que nem tua mãe.		-4					+3
23. As mulheres rurais incentivam principalmente as filhas mulheres a buscar ocupações fora do espaço agrícola porque não querem que a sina da mãe se repita na filha, não querem que elas passem pelas mesmas dificuldades. Elas estimulam que as jovens deixem o campo.		-2					

Tabela 15 – Classificação das assertivas pelos fatores encontrados na metodologia Q

(continuação)

Assertiva	A	A1	A2	A3	D3	A4	B4
24. A mulher rural atual tem mais acesso à informação do que as gerações anteriores seja pela televisão, celular, Internet, Emater, sindicatos e assistência social. Ela conhece seus direitos, deveres e é independente.	+3			+2	+2	+2	+2
25. As mulheres se destacam na comercialização de produtos agrícolas diretamente ao consumidor. Elas fazem a ligação entre campo e cidade. Nas bancas de feiras onde existem mulheres a comunicação flui melhor.	+2	+2			-2	+2	
26. O agricultor não vai para a lavoura sem o celular. Antes ele ia, não precisava de telefone. Hoje é uma necessidade. Os hábitos urbanos estão invadindo do meio rural.		-2	-2	-2	-2	-2	+2
27. A mulher rural é mais receptiva à inovação do que o homem. Ela busca informações e aplica mais as novas tecnologias do que os homens, que, por se considerarem experientes, têm dificuldade em aceitar inovações, mudanças.			-2				+2
28. Ter acesso aos meios de comunicação como computador, Internet e celular é importante principalmente para a educação e bem estar dos filhos. Esses equipamentos facilitam o acesso à informação e também ao lazer.			+2	+2			+4
29. O jovem rural quer informação, ele precisa estar ligado, com celular, Internet. Se ele não tiver acesso a esses meios, ele se sente excluído.	-2	-3		-2		-2	+3
30. As tecnologias de comunicação como o computador e a Internet são formas de melhorar a administração da propriedade rural. Hoje em dia tudo tá na internet. O que o agricultor precisa tá lá. Qualquer dúvida que ele tem, vai pesquisar.					+3		

Tabela 15 – Classificação das assertivas pelos fatores encontrados na metodologia Q

(conclusão)

Assertiva	A	A1	A2	A3	D3	A4	B4
31. O telefone celular possibilita estar conectado com os amigos, fazer negócios e obter informações sobre o mercado. Hoje tu pega o telefone, em segundos, minutos, resolve um baita de um problema e evita uma viagem até a cidade. A gente gasta, mas, ao mesmo tempo, economiza usando o celular.	+3		+2		+3	+3	+3
32. É pequena ainda a presença da Internet no meio rural de Santa Maria. Entre os motivos estão o custo e falta de qualidade de sinal							

Pela Tabela 15, percebemos que a classificação dos fatores obtidos em nossa pesquisa concentrou-se em cinco aspectos:

a) na qualidade de vida do meio rural: avaliado como um local bom de viver e que proporciona mais autonomia para o trabalhador;
b) na preocupação com o esvaziamento do meio rural: principalmente em função do êxodo das jovens rurais;
c) na divisão sexual do trabalho: é rejeitada, pela maioria dos fatores, a ideia de que o trabalho doméstico ainda é uma responsabilidade apenas das mulheres, mas as próprias mulheres assinalam que essa ainda é uma realidade no meio rural ao classificar essa assertiva na posição +4. Ainda sobre esse aspecto, a maior parte dos fatores rejeita que o poder de decisão nas propriedades ainda é uma exclusividade masculina;
d) no processo de empoderamento das mulheres rurais: através principalmente do acesso à informação;
e) na importância do telefone celular: a maior parte dos fatores consideraram que essa tecnologia possibilita economia de dinheiro, tempo e também mais contato com amigos e parentes.

3.4 TICs e empoderamento

A presente investigação foi iniciada tendo como hipótese que a apropriação das TICs poderia trazer benefícios para as mulheres rurais, tradicionalmente vistas em um papel legitimado de subordinação dentro das propriedades, contribuindo para alavancar mudanças nas relações de poder dentro das famílias rurais. Já na primeira fase da pesquisa, durante a realização dos grupos de discussão, foram observadas duas realidades distintas em relação à apropriação das TICs entre as mulheres: as mães utilizam principalmente o telefone celular como tecnologia de informação e comunicação e as jovens também usam o celular, mas também já se apropriaram dos computadores e da Internet, por apreciarem as possibilidades de interação com outras pessoas e aquisição de novos conhecimentos. A mesma observação foi verificada durante as visitas nas propriedades. A maior parte das mães e filhas utiliza o telefone celular e a maioria das casas possui computador para uso quase exclusivo dos jovens. Mesmo os filhos que não têm acesso a essas tecnologias em casa usam computadores e Internet na escola, na casa de amigos ou em *lan houses*.

Quanto aos usos das tecnologias de informação e comunicação, a pesquisa identificou que mães e filhas usam as TICs para estreitar os vínculos, sejam eles afetivos ou produtivos. As mães usam o telefone celular, ainda que de forma moderada, principalmente para ter contato com a família, mas também para receber pedidos de clientes e agilizar prestações de serviços. A principal função do aparelho usado pelas mães é oral, ou seja, falar ao telefone. Já as filhas usam as TICs para manter o contato quase permanente com a família e os amigos e também para buscar informação acerca do futuro profissional. Constatou-se que as jovens usam as mensagens de texto como a principal função dos telefones celulares.

Os diferentes usos das tecnologias de comunicação fazem com que o tamanho do mundo em que as filhas vivem passe a ser diferente do tamanho do mundo que as mães conhecem (AGUIAR e STRAPASOLAS, 2010), rompendo com o simbolismo rural passado de geração para geração. Para as filhas o mundo é maior e com mais possibilidades e, para as mães, o mundo é menor e com chances mais restritas. Observa-se que os filhos que têm mais habilidades com as TICs vivem em uma espécie de mundo paralelo, mesmo morando na mesma casa dos

pais ou trabalhando com eles na agricultura familiar. Em que pese o aparente favorecimento de atitudes pro-ambiente urbano que as TICs possam facilitar, acredita-se, no entanto, que, para os jovens especialmente, a presença das TICs no meio rural também pode ajudar a amenizar as rupturas entre o meio rural e o meio urbano, contribuindo para a existência do *continuum* entre essas duas realidades (DURÁN, 1998 apud WANDERLEY, 2000).

Mesmo discernindo entre acesso e uso, esses aspectos não respondem ao problema central de nossa pesquisa: **as tics conferem algum tipo de empoderamento às mulheres rurais:** Para responder à questão, recorreremos aos indicadores de Young (1997 apud CORDEIRO, 2010): a construção de uma autoimagem positiva, a autoconfiança, o desenvolvimento da habilidade de pensar criticamente e também de tomar decisões são indicadores do processo de empoderamento que puderam ser observados na maior parte das mulheres ouvidas pela pesquisa. As mães e filhas jovens comparam-se principalmente com as gerações anteriores e relatam que hoje não aceitam mais uma posição de subordinação dentro da família, questionando os papéis tradicionais atribuídos às mulheres de mães e donas de casa. Nesse sentido, as mulheres atribuem às TICs expressões como “porta aberta” e “luz no fim do túnel”, demonstrando que as tecnologias de comunicação são importantes para o processo de mudança que conduz ao empoderamento da mulher rural.

Apesar disso, tanto mães como filhas consideram o machismo uma característica ainda muito presente no meio rural. Por outro lado, os próprios homens demonstram que buscam valorizar mais as mulheres, na tentativa de superar uma visão androcêntrica e a própria divisão sexual do trabalho. Consideramos que as instituições às quais os entrevistados pertencem como o Projeto Esperança e o Sindicato dos Trabalhadores Rurais também contribuem nesse sentido, uma vez que são entidades que valorizam a igualdade de gênero e incentivam também a autonomia das mulheres, principalmente através da aquisição de uma renda própria, apesar de esse processo não ser simples como lembrou Saffiotti (2009) porque, de forma geral, enquanto os homens têm liberdades quase absolutas, as mulheres como categoria social ainda pedem autorização ou aprovação dos maridos antes de tomar as decisões. No entanto, a autonomia das mulheres rurais é facilitada por alguns fatores como o aumento da escolaridade e a própria redução do número de filhos (SORJ, 2009). Com mais formação e menos

filhos para cuidar, as mulheres têm mais tempo para assumir novos papéis fora do eixo doméstico e, principalmente, para cuidar mais de si mesmas. Esse comportamento ficou evidenciado durante a oficina *A importância da comunicação para a mulher rural*[43] em que as participantes caracterizaram a mulher rural de hoje como uma pessoa que tem mais cuidado com a aparência, com a autoestima e anseia por limites fora da propriedade rural. É importante ressaltar que essa autonomia é incentivada pelos próprios pais que não vislumbram mais para as filhas o casamento como único caminho futuro (SILVA e SCHNEIDER, 2010), o que evidencia uma mudança nas relações de poder dentro das famílias.

Apesar das mudanças de vida elencadas pelas mulheres, elas não rejeitam o meio rural. Enquanto no grupo de discussão com jovens rurais observou-se um desejo pela vida na cidade, na visita às propriedades verificou-se um sentimento de que o rural é onde as jovens realmente se sentem em casa, confirmando a afirmação de Brumer (2007) de que as jovens gostam de viver no meio rural. Consideramos, no entanto, que esse sentimento é verdadeiro a partir do momento em que é fruto de uma escolha e não uma imposição decorrente da falta de oportunidades ou da manutenção do papel de subordinação da mulher dentro das famílias.

[43] Ver nota de rodapé número 1.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Começamos nossa investigação tendo como bagagem nossa dissertação de mestrado intitulada *A recepção das tecnologias de informação e comunicação entre os agricultores familiares de Santa Maria, RS* (SCHWARTZ, 2007). Nossa surpresa naquela investigação decorreu da identificação da presença do telefone celular em 88,5 por cento das 157 propriedades rurais pesquisadas, um número 20 por cento superior ao índice apontado três anos depois pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil que identificou que 68 por cento dos domicílios rurais do Brasil possuem telefone celular (COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL, 2010). A dissertação também apontou a telefonia celular como a terceira TIC mais utilizada pelos agricultores familiares de Santa Maria, atrás do rádio e da televisão. Mais surpreendente foi identificar a importância atribuída à tecnologia nos três grupos de discussão que foram realizados depois da conclusão da etapa quantitativa. Na época, mesmo muitos agricultores enfrentando dificuldades de sinal de celular e tendo a possibilidade de usar o telefone móvel apenas de forma fixa e conectado a uma antena própria para essa finalidade, os depoimentos de agricultores e agricultoras (apresentados no item 3.1.3) revelaram que o telefone celular ocupou uma lacuna de comunicação no meio rural e possibilitou a ligação mais rápida, eficiente e econômica dos agricultores e agricultoras com o mercado que compra os produtos da agricultura familiar, com os serviços utilizados por eles como oficinas, sindicatos e bancos e até contribuiu para que os moradores do campo se sintam mais seguros porque o telefone possibilita um contato imediato com a polícia ou mesmo com ambulâncias em casos de emergência. Em 2007, a pesquisa também identificou que o contato com a família é um dos principais usos do telefone celular, demonstrando a importância da TIC nos vínculos afetivos. Como a maioria dos participantes dos grupos de discussão realizados durante a dissertação eram mulheres, começamos a nos questionar sobre supostas diferenças de gênero na apropriação das TICs, um assunto com poucas pesquisas no meio rural e que passou a ser objeto de pesquisa do projeto *TICs e vínculo social: mulheres e relações de gênero na agricultura familiar,* coordenado pela professora Ada Cristina Machado da Silveira e que reuniu alunos do Programa de Pós-Graduação em

Extensão Rural e de Graduação em Comunicação Social com financiamento do MDA/CNPq.

O primeiro passo para a construção da proposta de nossa tese foi o contato com a literatura de gênero no meio rural, um assunto que, apesar da relevância, não é trabalhado como disciplina no Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural. Desenvolver uma tese com uma temática pouco conhecida por nós foi desafiador e estimulante. Na dissertação já havíamos recebido um desafio semelhante. Nossa proposta inicial era analisar a recepção do programa Globo Rural da Rede Globo, assunto que já foi tema de inúmeras dissertações e teses. Nossa orientadora sugeriu uma temática nova e propôs o estudo das TICs no meio rural, um assunto que em 2005 começava a ser abordado por dissertações do então Curso de Pós-Graduação em Extensão Rural da UFSM. Aceitamos o desafio e, três anos depois, com a criação do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural da UFSM, estávamos novamente diante de um objeto de pesquisa estranho para nós: as relações de gênero no meio rural.

Depois de um levantamento preliminar dos livros e artigos acerca do tema, começamos a estudar aqueles que consideramos ter mais relação com o objeto do nosso estudo. A tese foi desenvolvida principalmente aos finais de semana e nos períodos de férias, quando concentramos as pesquisas de campo, porque conciliamos o doutorado com o trabalho de jornalista em turno integral. O exercício da profissão nos ajudou principalmente na realização das entrevistas, que são uma das principais funções do jornalista e que, em nosso estudo, permearam toda a pesquisa de campo. No entanto, conciliar as duas atividades nos exigiu um planejamento detalhado de tempo disponível para cada uma das fases da pesquisa e ainda nos desafiou no momento de nossas análises. O texto de jornalismo tem como características a rapidez, a objetividade e, geralmente, fica concentrado em dois pólos. Já o texto científico exige que nossas análises sejam feitas a partir de uma pluralidade de posições e perspectivas que são construídas e desconstruídas ao longo do percurso.

Dessa forma, chegamos ao tema central de nossa pesquisa: **Relações de gênero e apropriação de tecnologias de informação e comunicação na agricultura familiar de Santa Maria - RS**. A localização da pesquisa permaneceu em Santa Maria, mesma cidade da dissertação, porque tínhamos como hipótese que os dois estudos poderiam se complementar, o que de fato aconteceu. A dissertação

concentrou-se na abordagem quantitativa, permitindo conhecer de forma mais ampla a realidade das TICs no meio rural de Santa Maria. Já a tese utiliza os dados da dissertação como ponto de partida e tem como característica a abordagem qualitativa, até mesmo porque a novidade do fenômeno indicava a premência de fontes primárias para ajudar na compreensão em profundidade de objetos mais específicos.

Na pesquisa para a tese adotamos e adaptamos a metodologia Q para a coleta e análise dos dados. A metodologia tem cinco etapas: entrevistas com informantes qualificados; elaboração de assertivas; classificação de assertivas pelo público alvo; obtenção de fatores a partir de software específico e análise dos resultados. Na tese acrescentamos mais uma etapa: a realização de grupos de discussão, método que havia sido utilizado na dissertação e que consideramos relevante para conhecer as percepções e ideias de nosso público-alvo sobre os problemas de pesquisa. Com a intenção de proporcionar um primeiro contato do pesquisador com o pensamento dos sujeitos investigados, os grupos de discussão foram a primeira fase de nossa pesquisa. O resultado foi muito satisfatório até mesmo porque, depois do contato com a literatura, os grupos de discussão nos ajudaram a compreender na prática alguns aspectos das questões de gênero no meio rural.

Como aconteceu na dissertação, buscamos o apoio de entidades ligadas à agricultura familiar de Santa Maria para identificarmos os agricultores, mulheres rurais e jovens rurais que participariam da pesquisa. Dois grupos de discussão, com agricultores e mulheres rurais, foram realizados com integrantes do Projeto Esperança/Cooesperança e o terceiro, com jovens rurais, foi realizado no distrito de Arroio do Só, onde está localizada a única escola de ensino médio do interior de Santa Maria. Confessamos que o resultado da realização do grupo de discussão na escola nos deixou bastante preocupados acerca do futuro da agricultura familiar. Os estudantes demonstraram rejeição ao trabalho agrícola e também compararam a vida no meio rural a uma prisão, um lugar sem oportunidades de crescimento e também de lazer. Apesar das críticas, os jovens participantes do grupo de discussão consideraram o meio rural um lugar mais tranquilo e sossegado do que a cidade. É importante ressaltar que, nas visitas às propriedades, na quarta fase de nossa pesquisa, a crítica e a insatisfação à vida no meio rural por parte dos jovens não se mantiveram. De modo geral, os filhos e filhas entrevistados afirmaram que gostam

de viver no meio rural e, inclusive, alguns revelaram que têm a intenção voltar ao campo depois de finalizar os estudos. Acreditamos que o próprio ambiente pode ter influenciado nesses resultados: o comportamento do jovem em grupo ou em família pode apresentar alterações. Ainda sobre os jovens rurais, chamou nossa atenção que, tanto os jovens entrevistados na escola como aqueles ouvidos em casa, apresentam muitas semelhanças com os jovens urbanos na questão dos usos das TICs: gostam e acessam as redes sociais, falam ao celular, enviam mensagens de texto, ouvem música em fones de ouvido, mesmo que seja no meio da lavoura como as filhas da família “E”. Com a adoção de hábitos que chegaram primeiro ao meio urbano, os jovens rurais também se assemelham aos jovens urbanos na forma de vestir e falar.

A partir da transcrição e análise dos três grupos de discussão, partimos para a segunda etapa da metodologia: a entrevista com os informantes qualificados. A transcrição dessas entrevistas possibilitou a terceira fase da pesquisa: a construção das assertivas.

Já a quarta etapa da metodologia, a classificação das assertivas por parte das famílias de agricultores, foi acrescida de uma entrevista com os pais e os filhos. Isso possibilitou que a etapa seguinte, a análise dos fatores, pudesse ser feita de forma contextualizada. Em nossa análise, os fatores não são apenas uma letra ou uma denominação: para a pesquisadora eles remetem ao rosto e às opiniões de cada um dos sujeitos descritos em nossa análise.

Apesar de não ter a pretensão de ser um novo diagnóstico sobre a presença das TICs nas propriedades rurais familiares de Santa Maria, a coleta de dados para a tese indicou que o computador não é mais uma tecnologia rara nas propriedades rurais familiares como em 2006, quando apenas 6,4 por cento das casas de agricultores tinham o equipamento. Das dez casas visitadas pela quarta etapa da metodologia Q, oito delas tinham computador. Já o celular, que em 2007 constatamos ser um equipamento de uso da família, agora constatamos ser uma tecnologia de uso pessoal, especialmente entre os jovens.

Como resposta ao nosso problema central de pesquisa, fica evidenciado que o acesso e o uso das TICs podem contribuir para o processo de empoderamento das mulheres rurais, considerando que esse processo tem sua origem também no maior acesso à informação, ou seja, na cognição. Mais informadas por veículos como rádio, a televisão ou, mais recentemente pelo telefone celular, as mulheres

conhecem mais a realidade em que vivem e também as possibilidades que são oferecidas por essa realidade. As mulheres rurais de hoje demonstram confiança e autoestima ao considerarem-se mais fortes, seguras e independentes do que as gerações anteriores. Nesse sentido, as TICs assumem o papel de veículos que ajudam a estreitar e fortalecer vínculos afetivos e produtivos e também a criar novos vínculos que ajudam a superar a posição tradicional da mulher rural de subordinação ou de coadjuvante na propriedade ou dentro da família.

Nesse panorama, especificamente o telefone celular é um veículo usado para manter os laços afetivos porque possibilita um contato permanente com a família e, principalmente com os filhos. Já o computador e a Internet são veículos adquiridos pela família, muitas vezes por influência da esposa, porque são consideradas tecnologias importantes para a formação dos filhos.

O processo de empoderamento das mulheres rurais foi constatado nos cinco principais fatores identificados: Novos Vínculos, Vínculos em Questão, Vínculos Corretos, Vínculos em Conflito e Vínculos Educativos. Eles são fatores que demonstram essencialmente mudança, vontade de mudar, discurso de mudança, ação para mudar e mudança pela educação. Nenhum deles concorda com a permanência da mulher rural em uma posição de subordinação. Isso não significa que foram rompidos os vínculos tradicionais que estavam na ordem das coisas (BOURDIEU, 2010). Mas é um início. Assim como Touraine (2007), acreditamos que as mulheres rurais estão com a palavra. Elas sabem que têm voz e podem ser ouvidas.

Diante do exposto recomendamos:

- ao Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural da Universidade Federal de Santa Maria investir nas atividades vinculadas às pesquisas de gênero e de geração que possam contribuir e embasar políticas públicas direcionadas para as mulheres rurais e jovens rurais;

- ao governo que promova a conectividade e inclusão digital do meio rural e também promova e incentive a elaboração de conteúdos digitais específicos para os moradores do meio rural;

- às emissoras locais de TV aberta que disponibilizem a transmissão nas localidades onde não existe esse serviço, considerando que a televisão aberta é hoje o mais abrangente produtor de conteúdos informativos locais e também que a

transmissão de canais de televisão apenas via parabólica exclui os cidadãos rurais das rotinas de seus municípios;

- às operadoras de telefone móvel que identifiquem as áreas com problemas de cobertura e qualifiquem os serviços nesses locais numa tentativa de tornar essa tecnologia realmente acessível para todos: do carroceiro que mora em Santa Maria ao agricultor de Três Barras que também necessita e tem direito ao serviço.

Essas recomendações têm como objetivo acelerar o processo de inclusão social e digital dos moradores do meio rural. No entanto, ao mesmo tempo em que se reconhecem os benefícios das TICs também é importante salientar que elas são apenas ferramentas que integram um conjunto de fatores que podem auxiliar no desenvolvimento rural. A tecnologia, por si só, não muda nada. Insistir apenas em levar computadores ao meio rural, através de preços mais baixos ou telecentros comunitários, pode ser entendida uma forma atualizada da aplicação da teoria da difusão de inovações (ROGERS, 1966). Claro que é preciso dar condições de acesso e os agricultores aguardam essa chance. Nesse sentido, as TICs apresentam um potencial importante para fomentar o capital social, elemento que assim como Abramovay (2003), consideramos chave no processo de desenvolvimento rural, mas que ainda não se verifica de forma relevante entre os agricultores familiares pesquisados em função de algumas barreiras na apropriação das TICs como idade, escolaridade e até mesmo tempo para investir nesse aprendizado.

No entanto, acreditamos que essas mudanças acontecerão principalmente com a ajuda das gerações mais jovens que, por terem mais habilidade tecnológica, estão superarando as diferenças entre o rural e o urbano também no uso das TICs. São elas que, empoderadas, irão decidir qual o papel das TICs no processo de desenvolvimento rural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, R. **O futuro das regiões rurais**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2003.

AFONSO, C.; SOARES, L. F. Desenvolvimento humano e apropriação das TICs. In: COMITÊ GESTOR DE INTERNET NO BRASIL. **Pesquisa sobre o uso das TICs no Brasil 2005**. São Paulo, 2006. p. 27- 38. Disponível em <http://www.cetic.br/tic/2005/indicadores-2005.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2006.

AGÊNCIA NACIONAL DE TELECOMUNICAÇÕES. **Estudo técnico para atualização da Regulamentação das telecomunicações no Brasil**. Brasília, 2008. Disponível em: <http://www.anatel.gov.br/Portal/verificaDocumentos/documento.asp?numeroPublicacao=214113&assuntoPublicacao=ESTUDO%20T%C9CNICO%20PARA%20ATUALIZA%C7%C3O%20DA%20REGULAMENTA%C7%C3O%20DAS%20TELECOMUNICA%C7%D5ES%20NO%20BRASIL&caminhoRel=Cidadao&filtro=1&documentoPath=214113.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2010.

AGÊNCIA NACIONAL DE TELECOMUNICAÇÕES. **Mais 2,6 milhões de adesões e país ultrapassa marca de 100 milhões de celulares em serviço.** Brasília, 2006**.** Disponível em: <http://www.anatel.gov.br/Tools/frame.asp?link=/biblioteca/releases/2006/release_22_12_2006mm.pdf>. Acesso em: 23 dez. 2006.

_____. **Relatório ranking mensal**. Brasília, 2008. Disponível em: <http://sistemas.anatel.gov.br/SMP/Administracao/Consulta/RankingAcessosDensidade/tela.asp>. Acesso em: 15 set. 2010.

_____. **Brasil fecha outubro com 231,6 milhões de acessos móveis.** Brasília, 2011. Disponível em: <http://www.anatel.gov.br/Portal/exibirPortalInternet.do#> Acesso em: 20 nov. 2011.

_____. **Quantidade de Acessos/Plano de Serviço/Unidade da Federação.** Brasília, 2011. Disponível em: <http://sistemas.anatel.gov.br/SMP/Administracao/Consulta/AcessosPrePosUF/telaConsulta.asp>. Acesso em: 02 nov. 2011.

_____. **Relatório ranking mensal.** Brasília, 2011. Disponível em: <http://sistemas.anatel.gov.br/SMP/Administracao/Consulta/RankingAcessosDensidade/tela.asp>. Acesso em: 02 jan. 2012

_____. **Em fevereiro, telefonia móvel alcança mais de 247 milhões de linhas ativas**. Brasília, 2012. Disponível em: <http://www.anatel.gov.br/Portal/exibirPortalInternet.do>. Acesso em: 19 mar. 2012.

AGUIAR, V. P.; STROPOSOLAS, V. As problemáticas de gênero e geração nas comunidades rurais de Santa Catarina. In: SCOTT, P.; CORDEIRO, R.; MENEZES, M. (Org.). **Gênero e geração em contextos rurais.** Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2000. p.159-183.

ALBERTI, V. **Tratamento das entrevistas de história oral no CPDOC**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2005. 11f. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/1505.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2012.

ASSOCIAÇÃO REGIONAL DAS CASAS FAMILIARES RURAIS DO SUL DO BRASIL. **Quem somos**? Paraná, 2011. Disponível em: <http://www.arcafarsul.org.br/novo/cfrs.php>. Acesso em: 15 jul. 2011.

BANCO MUNDIAL. **Information & Communications for Development** - Global Trends and Policies. Washington, 2006. Disponível em: <http://www wds.worldbank.org/external/default/WDSContentServer/WDSP/IB/2006/04/20/000012009_20060420105118/Rendered/PDF/359240PAPER0In101OFFICIAL0USE0ONLY1.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2007.

BARROS, A.; LEHFELD, N. **Projeto de pesquisa: propostas metodológicas**. Petrópolis: Vozes, 2001.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 9. ed. Tradução: Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BRUMER, A. Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do sul. In: **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, janeiro-abril/2004. p. 205-227. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v12n1/21699.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2010.

_____. A problemática dos jovens rurais na pós-modernidade. In: CARNEIRO, M. J.; CASTRO, E. G. (org.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 35-41.

BUTTO, A.; HORA, K. Integração regional e políticas para as mulheres rurais no Mercosul. In: SCOTT, P.; CORDEIRO, R.; MENEZES, M. (Org.). **Gênero e geração em contextos rurais.** Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2000. p. 123-155.

CARNEIRO, M. J**.** "Ruralidade: novas identidades em construção". In: **Estudos Sociedade e Agricultura**. n. 11, Out. 1998.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHAYANOV, A. **La organización de la unidad economica campesina**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1974.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. **TICs domicílios e empresas 2010.** São Paulo, 2011. Disponível em <http://www.cetic.br/tic/2010/index.htm>. Acesso em: 4 dez. 2012.

CORDEIRO, R. Empoderamento e mudança das relações de gênero. In: SCOTT, P.; CORDEIRO, R. (orgs). **Agricultura familiar e gênero: práticas, movimentos e políticas públicas**. Recife: Editora Universitária, 2010, p. 145-171.

DENTRO do modelo familiar. **Diário de Santa Maria**, Santa Maria, 28 jul. 2011. Campo. Disponível em: <http://www.clicrbs.com.br/dsm/rs/impressa/4,40,3417962,17621>. Acesso em: 29 jul. 2011.

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS. Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural/ Ministério do Desenvolvimento Agrário**. Estatísticas do Meio Rural**. São Paulo, 2008.

FROEHLICH, J. M. "A (re)construção de identidades e tradições: o rural como tema e cenário". In: Froehlich, J. M. e Diesel, V. (Orgs.). **Espaço Rural e Desenvolvimento Regional.** Ijuí: EDUNIJUÍ, 2004.

FROEHLICH, J. M. **Rural e Natureza: a construção social do rural contemporâneo na região central do Rio Grande do Sul.** Rio de Janeiro: CPDA/UFRRJ (Tese de Doutorado), 2002.

FUNDAÇÃO TELEFONICA. **Sistemas telefônicos**. Disponível em: http://www.fundacaotelefonica.org.br/Arte-e-Tecnologia/Memoria-Telefonica-Historia-Telefone-Interna.aspx?id=20110823170835024175>. Acesso em: 20 set. 2011.

GOVERNO FEDERAL. **Portal da cidadania**. Brasília, 2011. Disponível em: <http://www.territoriosdacidadania.gov.br/dotlrn/clubs/territriosrurais/regiocentralrs/one-community?page_num=0>. Acesso em: 20 set. 2011.

GRAZIANO DA SILVA, DEL GROSSI, M; CAMPANHOLA, C**.** "O que há de realmente novo no rural brasileiro". In: **Cadernos de Ciência e Tecnologia. Brasília**: Embrapa, v. 19; n.1 p. 37-67. Jan - Abr. 2002.

HEGEDUS, P. Percepciones nacionales sobre desarrollo rural en Uruguay mediante metodologia Q. In: ALMEIDA, J.; MACHADO, J. A. **Desenvolvimento rural no Cone Sul.** Porto Alegre: Holos Meio Ambiente e Desenvolvimento, 2009. p. 104-125.

HEGEDUS, P. **Metodologia Q**. Palestra no mestrado em Extensão Rural. 2004.

HERNÁNDEZ, C. O. Reconhecimento e autonomia: o impacto do Pronaf-Mulher para as mulheres agricultoras In: SCOTT, P.; CORDEIRO, R.; MENEZES, M. (Org.). **Gênero e geração em contextos rurais.** Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2000. p. 97-121.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo agropecuário 2006.** Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/agropecuaria/censoagro/1995_1996/default.shtm>. Acesso em 30 set. 2009.

_____. **Censo Demográfico 2010**. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default.shtm>. Acesso em: 10 jul. 2011.

_____. **IBGE Cidades**. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=431690>. Acesso em: 5. jan. 2012.

_____. **Censo agropecuário 2006.** Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/agropecuaria/censoagro/brasil_2006/defaulttab_brasil.shtm> Acesso em: 10 out. 2010.

_____ **Censo Demográfico 2000**. Rio de Janeiro, 2001. Disponível em< http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/default_censo_2000.shtm> Acesso em: 25 abr. 2005.

_____ **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2005**, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2005/tabsintese.shtm> Acesso em: 01 nov. 2006.

_____. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2009.** Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2009/pnad_sintese_2009.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2011

INSTITUTO NACIONAL DO CÂNCER. **Por que aprovar a Convenção-Quadro para o controle do tabaco?** Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <http://www.inca.gov.br/tabagismo/pubicacoes/cquadro.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2011.

INTERNATIONAL COMMUNICATION UNION. **ICT statistics by gender**. Suiça, 2011. Disponível em: <http://www.itu.int/ITUD/ict/statistics/Gender/index.html> Acesso em: 24 out. 2011.

JAMBEIRO, Othon; SERRA, Sônia. Infra-estrutura e Serviços de Informação e Comunicações: Uma abordagem dos provedores de acesso e conteúdo de Salvador, Bahia. In: JAMBEIRO, Othon; STRAUBHAAR, Joseph (Orgs). **Informação e Comunicação** – O local e o global em Austin e Salvador. Salvador: Edufba, 2004.

KAGEYAMA, A. **Pluriatividade e Ruralidade:** Aspectos Metodológicos. Economia Aplicada, São Paulo, Volume 2, nº 3. 1998.

KAUTSKY, K. **A questão agrária**. Porto: Portucalense Ed., 1972.

LAGO, A. **Avaliação sobre as causas do não-associativismo entre agricultores familiares do município de Nova Palma, RS, Brasil**. 2004. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) Universidade Federal de Santa Maria, 2004.

LAURENTI, A. C. **Terceirização na Produção Agrícola**: A dissociação entre a propriedade e o uso dos intrumentos de trabalho na moderna produção agrícola paranaense. Londrina, IAPAR – IICA/PROCODER, 2000.

LIMA, M. S. A. As mulheres no sindicalismo rural. In: SCOTT, P.; CORDEIRO, R. (Org.). **Agricultura familiar e gênero: práticas, movimentos e políticas públicas.** Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010. p. 101-123.

LOPES, R. S. As TICs e a "nova economia": para além do determinismo tecnológico. In: **Ciência e Cultura** - Revista da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. São Paulo. ano 60, n. 1, jan/fev/mar 2008.

PREFEITURA DE SANTA MARIA. **Plano diretor de desenvolvimento urbano e ambiental.** Santa Maria, 2003.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO. **Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar.** Brasília, 2002. Disponível em <http://www.pronaf.gov.br/quem_somos/perguntas.htm> Acesso em: 22 fev. 2007.

_____. **Programa nacional de fortalecimento da agricultura familiar**. Brasília, 2011. Disponível em: <http://portal.mda.gov.br/portal/saf/programas/pronaf/2258856>. Acesso em: 20. ago. 2011.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. **Plano nacional de prevenção e erradicação do trabalho infantil e proteção ao trabalhador adolescente**. Brasília, 2004. Disponível em: <http://www.mte.gov.br/trab_infantil/pub_6361.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2011.

MURARO, R. M.; BOFF, L. **Feminino e Masculino. Uma nova consciência para o encontro das diferenças**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

NEUMANN, P. S.; SILVEIRA, P. Enfoque sistêmico e desenvolvimento regional: a experiência da Universidade Federal de Santa Maria. In: DONI FILHO, L., TOMMASINO, H., BRANDENBURG, A. (org). **Seminário sistemas de produção: conceitos, metodologias e aplicações**. Curitiba: UFPR, 1999. p. 85 – 123.

PAULO, M. A. L. Juventude Rural, sexualidade e gênero: uma perspectiva para pensar a identidade. In: SCOTT, P.; CORDEIRO, R.; MENEZES, M. (Org.). **Gênero e geração em contextos rurais.** Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2000. p. 345-368.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Lei orgânica da seguridade social**. Brasília, 1991. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8212cons.htm>. Acesso em: 20 ago. 2011.

_____ **Lei número 10256**. Brasília, 2001. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LEIS_2001/L10256.htm#art1>. Acesso em: 15 set. 2011.

PROBLEMAS causados pela seca marcaram o verão. **Zero Hora,** Porto Alegre, 19 mar. 2012. Disponível em: <http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/geral/noticia/2012/03/problemas-causados-pela-seca-marcaram-o-verao-3700151.html>. Acesso em: 20 mar 2012.

ROGERS, E. M. **Elementos del cambio social en America Latina:** Difusion de innovaciones. Bogotá: Ediciones Tercer Mundo, 1966.

RONDELLI, E. **Quatro passos para a inclusão digital**. Sete pontos para concretizar a sociedade do conhecimento. ano 1, n. 5, 2003. Disponível em <http://www.comunicacao.pro.br/setepontos/5/4passos.htm> Acesso em: 20 nov. 2005.

RUDIO, F. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. 29 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

SAFFIOTI, H. Gênero e patriarcado: violência contra mulheres. In: VENTURI, G.; RECAMÁN, M.; OLIVEIRA, S. (Org.). **A mulher brasileira nos espaços público e privado**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009. p. 43-59.

SANTOS, R. S. A tecnologia de banda larga é essencial para o desenvolvimento econômico do país. In: COMITÊ GESTOR DE INTERNET**. Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação no Brasil 2005**. p. 49-51. Disponível em <http://www.cetic.br/tic/2005/indicadores-2005.pdf> Acesso em: 19 set. 2006.

SCHWARTZ, C. **A recepção das tecnologias de informação e comunicação entre os agricultores familiares de Santa Maria, Rio Grande do Sul.** Dissertação (Mestrado em Extensão Rural). Universidade Federal de Santa Maria, RS, 2007.

SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil para a análise histórica**. 1995. Tradução: Christine Ruffinp Dabat e Maria Betânia Ávila. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/textos/generodh/gen_categoria.html>. Acesso em: 01 nov. 2009.

SCOTT, P.; RODRIGUES, A. C.; SARAIVA, J. Onde mal se ouvem os gritos de socorro: notas sobre a violência contra a mulher em contextos rurais. In: SCOTT, P.; CORDEIRO, R.; MENEZES, M. (Org.). **Gênero e geração em contextos rurais.** Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2000. p. 65-95

SCOTT, P.; CORDEIRO, R. Agricultura familiar e gênero: práticas, movimentos e atores. In: SCOTT, P.; CORDEIRO, R. (Org.). **Agricultura familiar e gênero: práticas, movimentos e políticas públicas.** Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010. p. 17-27

SILVA, C. B.; SCHNEIDER, S. Gênero, trabalho rural e pluratividade. In: SCOTT, P.; CORDEIRO, R.; MENEZES, M. (Org.). **Gênero e geração em contextos rurais.** Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2000. p. 185-209.

SILVA, M. S.; MENEZES, M. A. Homens que migram, mulheres que ficam: o cotidiano das esposas, mães e namoradas dos migrantes sazonais do município de Tavares, PB. In: SCOTT, P.; CORDEIRO, R.; MENEZES, M. (Org.). **Gênero e geração em contextos rurais.** Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2000. p. 281-311.

SILVA, C.; PORTELLA, A. P. Divisão sexual do trabalho em áreas rurais do Nordeste Brasileiro. In: SCOTT, P.; CORDEIRO, R. (Org.). **Agricultura familiar e gênero: práticas, movimentos e políticas públicas.** Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010. p. 127-144.

SILVEIRA, A. C.; SCHWARTZ, C. **TICs e relações afetivo-produtivas na agricultura familiar: enfrentando o isolamento e a exclusão digital.** In: II CONFERÊNCIA DO DESENVOLVIMENTO. Brasília, 2011. Anais... Brasília: Instituto de Economia Aplicada, 2011.

SODRÉ, M. **Antropológica do espelho**. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____ **Objeto da comunicação é a vinculação social**. Entrevistadora: Desirée Rabelo. Revista PCLA, v. 3, n. 1, 2001. Disponível em: <http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista9/entrevista%209-1.htm> Acesso em 15 dez. 2010.

SORJ, B. Trabalho remunerado e não-remunerado. In: VENTURI, G.; RECAMÁN, M.; OLIVEIRA, S. (Org.). **A mulher brasileira nos espaços público e privado**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009. p. 107-119.

SPERANDIO, M. **O fim do isolamento**. Revista Veja, 7 de dezembro, de 2011. p. 86- 90

STADLER, H.; SILVA, M. J. Ações educativas de uma ONG feminista em zona rural e mudanças no discurso local de jovens. In: SCOTT, P.; CORDEIRO, R.; MENEZES, M. (Org.). **Gênero e geração em contextos rurais.** Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2000. p. 449-468.

STRICKLIN, W. **Estabilidade dos fatores** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <clarissaschwartz@yahoo.com.br > em 19 mar. 2012.

THORNTON, Ricardo. **El encanto de los grupos de discussión**. Quito: Quipus, CIESPAL, 2002.

_____. El agricultor, Internet y las barreras a su adopción. In: THORNTON, Ricardo e CIMADEVILLA, Gustavo. **La extensión rural en debate**. Buenos Aires: INTA, 2003.

TORRES, I. C.; RODRIGUES, L. M. O trabalho das mulheres no sistema produtivo da várzea amazônica. In: SCOTT, P.; CORDEIRO, R.; MENEZES, M. (Org.). **Gênero e geração em contextos rurais.** Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2000. p. 185-209.

TOURAINE, A. **O mundo das mulheres**. Tradução: Francisco Morás. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

VEIGA, J. Nascimento de outra ruralidade. In: **Estudos Avançados**, 2006. Disponível em < http://www.scielo.br/pdf/ea/v20n57/a23v2057.pdf> Acesso em 16 out. 2009

VELA, H. A. G. **Metodologia da pesquisa** - triangulação. 2005. Notas de aula.

WANDERLEY, M. N. B. “A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas - ‘o rural’ como espaço singular e ator coletivo”. In: **Estudos Sociedade e Agricultura**. Rio de Janeiro: CPDA/UFRRJ, n. 15, Out. 2000.

WOORTMANN, E. In: SCOTT, P.; CORDEIRO, R.; MENEZES, M. (Org.). **Gênero e geração em contextos rurais.** Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2000. p. 11-16.

ANEXOS

Anexo A – Reprodução da manchete do Diário de Santa Maria em 13 de agosto de 2007

DIÁRIO DE SANTA MARIA

Um jornal do Grupo RBS

SEGUNDA-FEIRA
13/08/2007
ANO 6 NÚMERO 1.604

R$ 0,75

www.diariosm.clicrbs.com.br

MAIS

SAÚDE
A comida certa para quem tem diabetes, pressão alta e outras doenças.
Página 10

COTIDIANO RURAL

Muitos celulares e bem poucos computadores

Nos distritos de Santa Maria, 88,53% dos agricultores têm telefone móvel e, apenas 6,36%, computador. A realidade da comunicação no campo foi revelada por uma pesquisa de dissertação do mestrado em extensão rural da UFSM. O celular é o terceiro equipamento mais usado entre os 157 entrevistados, ficando atrás apenas do rádio e da televisão. O percentual de produtores que usam o aparelho móvel no interior de Santa Maria é quase o triplo do total dos que possuem telefone convencional ou ruralcel e sete vezes maior do que a média nacional de agricultores que utilizam o celular.

O telefone é usado para contatos com a família, para obter informações que evitam o deslocamento até a cidade e em negócios. Já o computador é um desconhecido para 90,45% dos agricultores. Só 1,91% dos entrevistados afirmou que usa a máquina com freqüência. E, nesses casos, são os jovens os responsáveis por levar o gosto da família para a frente do computador. Páginas 8 e 9

VENDA PROIBIDA

APÊNDICES

Apêndice A – Transcrição da oficina A importância da Comunicação para a mulher rural

1. Falem sobre a caracterização feita por vocês da mulher rural do passado:

Eu acho que o chapéu é pro sol não queimar muito o rosto da gente, proteger do sol. E a bota é pra não molhar os pés. Pra andar no molhado, na lavoura, no molhado e a bota de borracha é o que mais a a gente se protege no molhado.

Agricultora de Santa Maria, 52 anos

Por ser uma trabalhadora rural também era uma dona de casa muito ativa, cuidava dos filhos, dava conta de tudo, né.

Beneficiadora de bananas do Espírito Santo, 34 anos

Eu acho que, principalmente, ela tá toda caracterizada para o trabalho. Eu acho que essa é principal referência da mulher rural de um tempo mais atrás. É uma mulher só a parte do trabalho e um trabalho necessariamente não reconhecido, tanto fora como dentro de casa. Na lavoura e dentro de casa também. É principalmente a característica do trabalho.

Servidora pública do Espírito Santo, 36 anos

Porque eu trabalho de bota, eu vou na estufa, vou tirar leite, nós temos a padaria, mas nós também temos a casa porque nós moramos no interior, né? Que nem essas botas de couro, tu vai lá por fora, quando tem orvalho não adianta, que nem essas aí (as botas de borracha), tá sempre enxutinha.

Agricultora de Santa Maria, 53 anos

2. Falem sobre a caracterização feita por vocês da mulher rural atual:

Eu vejo assim que já é uma mulher mais avançada. Pode ser uma dona de casa, mas com objetivos voltados também pro trabalho fora, né? Conquistando coisas, não só dentro do lar, não só no trabalho dentro do lar, mas fora também, em geral. Teve várias conquistas. Então já é uma mulher mais avançada, uma era mais a frente né, não voltada só pra casa, pra dentro de casa.

Artesã do Espírito Santo, 41 anos

O chapéu também representa né, mesmo sendo a modernidade hoje, mas se a gente tiver que voltar antigamente a gente volta, que a gente não esquece as origens, né. Sempre tem aquilo no sangue (risos).

Beneficiadora de bananas do Espírito Santo, 34 anos

O chapéu na verdade também é pra representar o trabalho, que o trabalho continua. Eu acho que é importante aqui de diferencial é que a mulher atual trabalha, trabalha também muito, também cuida das coisas em casa, só que agora tem um pouco mais, vamos dizer assim, alguns acessos, uma visão, cuida, se cuida um pouco mais, que era uma coisa mais, que não era tão visível antes, de se cuidar mesmo, cuidar da aparência, cuidar da saúde, esses cuidados eu acho que tão mais presentes na mulher atual. Por isso que ela tá um pouco mais enfeitadinha ali.

Não é só aquela mulher que vivia só pro trabalho, só pra família. Ela se cuida, e cuidar também participando de formação, não é só um cuidado estético não, estudo que aumentou.

Servidora pública do Espírito Santo, 36 anos

3. O que contribuiu para essas mudanças?

Comunicação e informação.

Artesã do Espírito Santo, 41 anos

Tem a organização né, movimentos, mistos, movimentos só de mulheres.

Servidora pública do Espírito Santo, 36 anos

A busca pela igualdade e pelos direitos.

Assistente social de Minas Gerais, 30 anos

Existe um certo preconceito contra a mulher mas está sendo curado.

Beneficiadora de bananas, 25 anos, Espírito Santo

Antigamente os homens não deixavam muito a mulher sair, participar de reuniões, essas coisas, hoje em dia já tá mais avançado, já vê isso com outros olhos.

Beneficiadora de bananas do Espírito Santo, 34 anos

4. Quais as TICs usadas pela mulher rural atualmente?

Nós escolhemos primeiro o telefone celular que ele é o meio de comunicação mais usado, né?

Artesã do Espírito Santo, 41 anos

Na área rural onde a gente mora, o mais usado é o celular porque não tem Internet em alguns lugares.

Beneficiadora de bananas do Espírito Santo, 34 anos

Não chegou o telefone fixo, mas o celular chegou.

Servidora pública do Espírito Santo, 36 anos

Principalmente mais ainda para as mulheres urbanas, mas também [o computador] tem já na área rural e é um aparelho que tá se tornando bastante comum né. É mais acessível do que o computador também, o computador mais tradicional.

Servidora pública do Espírito Santo, 36 anos

A parabólica porque na área rural a nossa televisão só funciona com a parabólica. Então essa é a importância.

Beneficiadora de bananas do Espírito Santo, 34 anos

5. E quais as TICs usadas pela mulher rural do passado?

A gente acabou tendo um peso assim sempre pra mulher rural, mas de vez em quando a gente lembrava da mulher urbana também. Mas aí, dos que tinham aqui disponível, que a gente achou mais característico da mulher de antigamente, era o rádio a pilha na área rural, num período em que muitos lugares não tinha a energia elétrica e o rádio sempre foi um meio de comunicação, né? Ainda é importantíssimo, mas antigamente era o principal que tinha, né? Daí um pouquinho mais adiante, vem a televisão preto e branco, até muito pouco tempo era televisão que tinha, né? A câmera fotográfica com filme aqui como símbolo ainda tanto pra rural como pra urbana, não era tão acessível na área rural mas pelo menos alguns lugares tinha. E o telefone de discar aqui que esse sim é mais pra representar a mulher urbana porque na área rural esse telefone aqui particularmente não chegou não. Muito poucos lugares que esse telefone chegou, mas que representa a mulher dessa época.

Servidora pública do Espírito Santo, 36 anos

6. Quais os motivos que contribuíram para a mudança da mulher rural?

A mim me parece que uma razão pode ser que antes a mulher, sua ocupação e seu espaço, eram a casa, a chácara, a granja, e agora está tomando outras atividades como sair ou para trabalhar fora ou organizar-se ou relacionar-se com os outros como na feira.

Extensionista rural argentina, 31 anos

Eu acho assim que uma diferença interessante é a busca pela autonomia das mulheres. Principalmente na área rural, a gente percebe bastante isso. Porque mesmo que participe sempre do trabalho, a autonomia de decidir, até uma autonomia financeira, isso não era muito, não era nada comum. Até com a capacitação, com agroindústrias, com toda essa mudança um pouco aí do trabalho, então as mulheres acabam conquistando um pouco de autonomia, muitas vezes até, acabam tendo, a renda daquela família acaba sendo bem significativa a parcela né, o que é produzido por essas mulheres. Agora em relação ao trabalho, eu acho que não diminuiu né, porque na área urbana a gente ainda até que percebe essa vinda da mulher do mercado de trabalho fora de casa e um pouco também os homens assumindo as tarefas dentro de casa. Na área rural isso ainda não é uma realidade ainda espalhada não. Não é verdadeiro que os homens na área rural assumam o uso das tarefas domésticas. Isso significa, para as mulheres rurais, ainda muito trabalho, porque sai, participa de uma agroindústria, participa de um espaço de comercialização aqui na feira, faz outras coisas, mas tem que dar conta de tudo ainda dentro de casa. Isso ainda não tá, essas tarefas não tão bem divididas ainda, né?

Servidora pública do Espírito Santo, 36 anos

Sobra muita coisa pra mulher ainda. Bastante ainda. Mas eu acho que tem que trabalhar junto, né? Não separados. Trabalhar marido e mulher junto, pra poder, não sobrar muito pra mulher, né?

Agricultora de Santa Maria, 52 anos

Mas sempre sobra mais um pouquinho (risos). Lá em casa nós trabalhamos junto mas sempre sobra mais um pouquinho pra mim porque eu que gosto de tá na estufa. Quando sobra um tempinho eu tô lá, né?

Agricultora de Santa Maria, 53 anos

Mas o marido da senhora ajuda?

Servidora pública do Espírito Santo, 36 anos

Ajuda. Ah, mais faz tudo porque eu trabalho direto na padaria aí não tem como não fazer, né? De primeiro eles não gostavam muito, quando nós começamos essa padaria, eles não gostavam muito, mas daí ficavam sem comer. A gente deixava lá a carne, oh, tá descongelando, amanhã tu faz assim e assim se ele não fizesse, ficavam sem comer. Daí se obrigavam a fazer. Agora já pegou prática, lava louça, limpa a casa né, mas tem que acostumar, né?

Agricultora de Santa Maria, 53 anos

Às vezes a gente quer ser muito polivalente, a gente não dá oportunidade, né? Não dá aquela abertura, o espaço. Fala: ah, não, tem que fazer, vamos fazer direito, vou lá e vou fazer logo. Então a gente acaba fechando o círculo, quer ser polivalente. Nós mulheres, de forma geral, queremos abraçar o mundo e às vezes não damos oportunidade pro homem. Quem nem o caso que ela falou, que eu achei interessante, se tu não vai fazer, tu não vai comer, então se vira, então é interessante.

Assistente social de Minas Gerais, 25 anos

Já faz parte eu acho da mulher. Ela consegue fazer muitas coisas e o homem não. Até, por exemplo, hoje, nós estávamos comentando no nosso grupo, lá em Minas foi feito uma pesquisa, na nossa cidade, com um grupo de homens e um grupo de mulheres, o que eles fazem a partir do momento em que acordam até a hora de deitar. As mulheres fazem até cinquenta coisas no mesmo dia e o homem seis, sete coisas, o dia todo. Então, assim, isso faz parte da gente, né? Da nossa, já vem lá de trás, do ser mulher. E às vezes a resposta é como ela falou, da gente tentar mudar, modificar isso. Mas partindo da gente também.

Assistente social de Minas Gerais, 30 anos

Creio sim que a mulher, dados os movimentos tudo, ela tá conquistando, a atual, voltando já pra um lado mais politiqueiro, a Dilma Rousseff ter assumido um posto como foi assumido ela pode né, ter algo muito importante a ver com isso, focando na comunicação, mas ela pode trazer algo de bom nessa inserção da mulher dentro do mercado de trabalho e tipo chegar um homem mais pra lá um tiquinho. Vamos, dá licença? Então eu creio que ela pode ter contribuído mais ainda pra essa conquista e os movimentos lógico, né?

Assistente social de Minas Gerais, 25 anos

Nós trabalhamos com empreendedores urbanos, nossa associação não tem agora empreendimentos agrícolas, rurais. Oferecemos um trabalho para as mulheres pergunta para elas pela história da economia e da família. E todas tinham em seus avós, seus pais, seus bisavós, todas tinham uma raiz rural, um forte contato com a terra. Que se cortou, se rompeu porque as famílias se mudaram para a cidade e mudaram seu estilo de vida. Assimilaram o ritmo do capitalismo, do consumismo.

Então sua imagem também mudou por isso, por querer consumir a roupa de marca, os sapatos que estão na moda, e um montão de coisas que a mãe, a avó não tinham nenhuma necessidade de ter. A maioria são empreendedoras de empreendimentos solidários e sociais e o homem não crê tanto nisso. Ele não gosta de estar sem trabalho na empresa grande, na multinacional. Crêem que trabalho sério é este, na fábrica, na empresa, em grande escala, quando vê que a mulher faz algo parece que é um passatempo e não algo, um tempo com as demais senhoras.

Professora argentina, 49 anos

Eu penso assim, às vezes a pessoa olha na televisão, tá na moda ali, a pessoa às vezes compra sem poder, depois chega na hora de pagar a pessoa não pode, e aí como é que fica? Até os gurizinhos lá, ah quero só roupa de marca, tênis de marca, e às vezes não pode, né?

Agricultora de Santa Maria, 53 anos

Buscamos mais informação e já não dependemos tanto do homem. Querer ser um pouco mais independente pra ter suas próprias coisas pelo seu esforço, não depender do homem para poder ter um celular ou um computador. A mulher se interessa por informar-se e ter informação.

Empreeendedora de tecidos argentina, 47 anos

7. Se pode dizer que no passado o homem era a fonte de informação para a mulher?

Sim.

Empreeendedora de tecidos argentina, 47 anos

Uma das características da mulher de mais antigamente, o rádio a pilha né, como um dos principais e talvez o único meio de comunicação, o máximo daquela rádio era ali dentro da cidade né, o alcance. Então as informações, que circulavam, eram informações muito localizadas e os radialistas, principalmente nas cidades do interior, era muito difícil ter uma mulher radialista ou pelo menos falando de temas que fossem voltados para as mulheres. Com essa expansão aí da comunicação, então a informação chegando de mais longe e, muito mais informações, não são aquelas do local, isso faz com que as mulheres vão se identificando umas com as outras, vão identificando os seus problemas com os problemas das outras né, isso fortalece os movimentos, permite maior troca, permite que mais mulheres possam estar lutando pelas mudanças, né, eu acho que isso é o lado bom da comunicação. Com certeza permite saber de outras, se identificar, e não mais se sentir ali sozinha, vivendo um problema como se fosse uma coisa natural ali dentro daquela família, dentro daquele espaço. O que é ruim na comunicação, mais atualmente principalmente, a comunicação é o principal meio de comércio pra vender, então isso também traz, tira, desconstrói a cultura local pra trazer uma outra, uma cultura maior, costumes e outras coisas maiores, que é da novela, então isso é o ponto mais negativo aí, então favorece por um e desfavorece por outro as mulheres. Mas as mulheres rurais se espelharem numa mulher da novela que trabalha fora, que dá conta de muitas coisas, consegue estudar, isso tem seu lado positivo. Mas hoje pelo menos se fala, se coloca bastante a questão da violência contra as mulheres, pra que isso seja discutido, também se permite fazer isso. Tem sempre seus prós e

contras. Com certeza, no fringir dos ovos, é extremamente importante, os meios de comunicação foram extremamente importantes para essa liberdade das mulheres.

Servidora pública do Espírito Santo, 36 anos

Tem um monte de coisas boas da comunicação como as que assinalaram, mas o inconveniente é que os meios de comunicação e tecnologias geram necessidades que não são básicas que antes não existiam. É um começo de ter coisas que não necessitamos que são somente consumo, estamos na era do consumo com a comunicação e globalização, isso eu alerto, é um montão de boas coisas e outras que geram necessidades que são básicas com outras que não são.

Advogada argentina, 26 anos

Agora que era pra eu vir nessa reunião, esses dias, ele disse ah, mais a mãe vai ficar três dias longe de casa? Porque de primeiro era ele que saía nas reuniões. E agora nós trocamos e ele fica em casa. Eu comento às vezes quando elas [filhas] vêm, ah, venham morar aqui, mas ah mãe nós pra morar nunca pensamos.

Agricultora de Santa Maria, 53 anos

No meu caso eu tenho três filhos, os três estudaram, tão trabalhando e a gente comprou uma chácara muito boa lá, é perto de Santa Maria, só que a gente tá pensando, a gente tá ficando velho né, amanhã depois quem é que vai ficar com a chácara? Quem é que vai trabalhar lá e ficar tudo organizadinho? Aí, ninguém. Que nós vamos fazer, né?

Agricultora de Santa Maria, 52 anos

Devido às dificuldades também no meio rural né, sair do meio rural, procurar estudo, procurar o trabalho fora, porque às vezes no meio rural não tem. Então saem pra isso pra procurar um trabalho, procurar estudo, lá ficam, já moram e aí vão se afastando.

Beneficiadora de bananas do Espírito Santo, 34 anos

O meio rural é muito difícil a produção, temperatura, eu acho que tem que pesar tudo isso né? Aí, por exemplo, os meus três filhos fizeram a faculdade, tão formados, tão trabalhando, não querem voltar pra lá pra passar trabalho. Aí, não sei o que nós vamos fazer.

Agricultora de Santa Maria, 52 anos

No município onde nós vivemos os pequenos produtores de hortigranjeiros desapareceram devido ao custo, porque não tinham pra sobreviver. Isso na periferia e os grandes produtores têm outro problema, os filhos não querem ficar no meio rural.

Professora argentina, 49 anos

Os filhos se vão nas grandes cidades estudar e não voltam nunca mais ao campo. Só pra uma visita.

Advogada argentina, 26 anos

Tá tão enraizado um problema que tem na área rural a questão do trabalho, algumas falaram que não tem trabalho na área rural, trabalho tem muito, não tem pra estes jovens é a remuneração. Isso é uma das coisas que realmente afastam os jovens,

principalmente as mulheres, do trabalho rural. É o não reconhecimento. A gente tá falando das mudanças das mulheres, mas ainda a decisão sobre a renda familiar ainda é bem organizada, ainda tá bem na mão de poucos aí, principalmente dos maridos e dos pais. Então essa saída do jovem é principalmente por conta disso. Já tem um não reconhecimento externo em toda essa questão da modernidade de quem vive na área rural a ideia de ser inferior a quem vive na área urbana, já carrega esse status né e ainda com essa questão do dinheiro. Eu fiz uma pesquisa no meu município sobre a sucessão rural, quem é que vai suceder nas propriedades de agricultura familiar né? Então começa por muitos aspectos, começa pelos pais mesmo que acabam por tá sempre dizendo pros filhos estuda pra ter outra vida porque isso aqui não é vida né, então sempre essa ideia de que a agricultura familiar é algo menor, inferior, ruim. Claro que tem muitos problemas, mas também é fruto de todo um discurso que é sempre feito pra manter os produtores como coitadinhos né, mantendo uma condição também ruim de se sentir inferiorizado. Aí tem o problema da não remuneração e do não reconhecimento junto da família e os atrativos urbanos da escola que tá lá né, a saúde que tá lá, as atividades de lazer que tão lá. Hoje em dia é bem mais fácil chegar na sede do município do que era antigamente então essa aproximação é muito maior né. Eu desejo mais aquelas outras coisas. Mas o que eu achei interessante, só para finalizar, é que tem uns valores desenvolvidos nas famílias rurais que estão tão forte nesses jovens, que o desejo da saída é pelo trabalho, gostariam de sair às vezes pra trabalhar, mas voltar pra casa pra essa convivência familiar aí, pra aquela convivência que tem na comunidade. Então reconhece também algumas coisas muito importantes que tem nessa convivência rural e que gostaria também que a oportunidade de trabalho remunerado estivesse aqui pra permanecer aqui na área rural. Então, apesar de todos os problemas, eu acho que tem uma mudança boa acontecendo na área rural e, se essas novas atividades, elas crescerem, as agroindústrias que é onde normalmente estão as mulheres e os jovens, o artesanato, isso é muito importante pra ser ter uma outra visão da área rural, pras mulheres e pros jovens.

Servidora pública do Espírito Santo, 36 anos

É muito distinta a vida rural e urbana. E temos entre o rural e o urbano algo intermediário que é o suburbano que tem características ainda mais especiais e difíceis. Na Argentina, a família rural é o peão rural e que trabalha para o ganho do campo que, muitas vezes, é explorado também de quem tem muito campo. Tem muita diferença ainda entre uma coisa e outra e não há por enquanto trabalho de promoção, existem programas de governo nacional para incentivar a agricultura, mas na base não existem movimentos, não surgem a demanda e o espaço para discutir e para que se dê outra atenção para o problema. Isso é a realidade de um município especial Baía Blanca com características próprias. Não acontece o mesmo, por exemplo, nas zonas mais ricas da província de Santa Fé.

Professora argentina, 49 anos

As tecnologias de comunicação, me parece, não chegam de igual maneira a cidade e ao campo. Internet é ainda muito difícil encontrar no campo, é muito difícil. Creio que o celular agora sim, está cobrindo mais, e é mais homogêneo tanto na cidade como no campo como o rádio e a televisão. Mas as mais modernas todavia não estão. Sobre os filhos que vão à cidade e sobre a decisão de voltar ou não ao campo, está também relacionada que voltar ao campo é voltar a trabalhar com as ordens e decisões dos pais porque tem que compartilhar a mesma terra, a mesma

atividade econômica e consta que o jovem por mais acesso que tenha à comunicação e informação tente mobilizar os pais para mudar a forma de trabalhar.

Extensionista rural argentina, 31 anos

Eu moro na área rural só que eu trabalho de empregada. E não por falta de trabalhar, mas por falta de terra pra trabalhar, porque o meu pai, a propriedade dele é pequena não tem como tirar o sustento é eu, meu irmão, minha mãe e meu pai, não tem como tirar a sustento nosso ali então o único meio que eu achei foi com o beneficiamento de banana.

Beneficiadora de bananas, 25 anos, Espírito Santo

As áreas rurais foram esquecidas sobre essa parte aí. A estrutura de estradas né, temos muitas dificuldades de escoar o produto da área rural pro comércio, a gente tem muita dificuldade. É muito esquecido lá. Tem que estar as associações brigando junto, para eles darem uma atenção, então os jovens desanimam. Tem pessoas que tem terra, tem como trabalhar, mas o produto não é valorizado.

Beneficiadora de bananas, 34 anos, Espírito Santo

Eu acho que aqui tem umas três realidades diferentes. A gente por ser mineira, então lá, são grandes propriedades né, enormes, como na Argentina, então às vezes o pequeno produtor da agricultura familiar, ela tá um pouco esquecida no nosso município que é Uberlândia. Hoje o nosso auge lá é economia orgânica, produção orgânica, então quando a gente fala em orgânico o povo todo levanta pra poder conversar, ficar relacionando, se autoconhecendo, e em termos da comunicação a gente vê a fragilidade do pequeno produtor lá na nossa região, porque ele não é visto porque tem muito soja, milho, milho doce que fala, pra conserva, então tem inúmeras fazendas enormes, então o produtor pequenininho fica esquecido tadinho lá, ele vai pra essa área do orgânico se virando da maneira que pode, então fica complicado.

Assistente social de Minas Gerais, 25 anos

8. Qual o futuro da agricultura familiar?

Eu creio que os movimentos, as associações, cooperativas e assim por diante podem ter grande utilidade nisso. Que ela tem a força, juntando os pequeninhos então faz algo maior. Lá pra gente eu creio que a solução será as associações e cooperativas.

Assistente social de Minas Gerais, 25 anos

9. Como os homens se sentem quando a mulher tem acesso a uma informação que o homem não tem?

Aí entra o que ela falou: o filho da senhora falou: mãe a senhora vai ficar três dias fora? A minha mãe vai chegar cheia de novidade né? Acho que ainda tem o machismo.

Assistente social de Minas Gerais, 25 anos

Nem todos, mas alguns não aceitam ficar por baixo e a mulher um pouco mais acima, ser independente, intelectual, às vezes o homem não sabe, a mulher sabe

mais, na mesma hora se tu tem uma informática, o marido não tem, aí ele não quer tá toda hora pedindo ajuda da gente.

Beneficiadora de bananas, 34 anos, Espírito Santo

Eu queria voltar só um pouquinho atrás sobre o que ela falou: que vocês não têm acesso na prefeitura para vender ou o meio de transporte é muito ruim? Porque no começo nós éramos assim, mas nós íamos em sete, vou pedir isso aí pro prefeito, porque dizem que com sete mulher ninguém pode (risos). Nós iamos à luta!

Agricultora de Santa Maria, 53 anos

O poder público de lá, a secretaria de agricultura, juntamente com a prefeitura, ainda deixam a desejar, poderiam fazer mais.

Beneficiadora de bananas, 34 anos, Espírito Santo

À noite tomando um vinho argentino conversamos que estamos muito preocupados em vender o produto e que precisamos começar a pensar que a solidariedade é de ida e volta. Então precisamos divulgar outros produtos além dos nossos, de outros estados, e com isso todos vão valorizar. Com relação ao tema da comunicação me parece que é importantíssimo que falemos sobre os valores desses produtos, porque são bons, infiltrar-se nos meios de comunicação como a televisão, internet, e mostrar o produto para que outras feiras também peçam esse produto.

Professora argentina, 49 anos

Apêndice B – Transcrição do grupo de discussão com mulheres rurais

1. Qual seria o papel dos jovens e das mulheres rurais?

Olha, o que eu percebo ali por onde eu moro. Na verdade é [distrito de] Arroio Grande faz pouco tempo que eu estou morando ali, né, que eu morava na cidade antes, então o que eu percebo: jovens ali têm muito pouco mesmo, quase não, não tem, tanto é que às vezes tu precisa de uma mão de obra, uma coisa pra ajudar, e não, não tem. E as mulheres ali da minha redondeza, no caso, ah, praticamente todas trabalham em casa. São poucas assim as que saem e as que saem, saem para trabalhar ali em Arroio Grande na fábrica de facas que tem bastante ali, né? Então, eu percebo assim ó, que cada, porque eu me criei na roça, vamos ser bem assim, e eu já percebia desde criança que a gente ia crescendo, ah, não tinha como ficar na lavoura, acabava indo pra cidade. Ou mora com alguém conhecido, algum parente pra poder estudar, né? Hoje já tá mais fácil, por quê? Ah, tem o ônibus que busca né. Eu na minha época tinha que ir a pé, eu caminhava quatro quilômetros pra ir pro colégio, então isso facilita com que eles fiquem mais ali no campo mais eu percebo que ainda os jovens, eles estão buscando sair do campo.

Agricultora, 31 anos, Distrito de Arroio Grande

Eu acho que as oportunidades também, aqui pro centro, eles têm mais oportunidades assim, mais busca de coisas diferentes, lá no interior é mais difícil eu acho, então eles, mais contato com pessoas também, também com relação a assim de viver, assim é mais difícil, não sei assim ó, não sei explicar, mas assim no sentido de oportunidade, lá as coisas são mais difíceis eu acho. Não sei.

Agricultora, 56 anos, Distrito de Pais

Por mais que seja perto, porque eu acredito que aqui todos nós praticamente é perto da cidade.

Agricultora, 31 anos, Distrito de Arroio Grande

Eu acho que, a gente até nem faz, acho que quase todas pessoas né, fazem questão dos filhos não ficarem no campo, por causa que tá difícil até pra gente, sabe.

Agricultora, 57 anos, Distrito de Arroio do Só

2. A senhora não faz questão?

Eu não faço porque pra gente tá difícil e a gente não quer pros filho também eu acho, porque cada vez eu acho que tá dificultando mais pra fora.

Agricultora, 57 anos, Distrito de Arroio do Só

Eu acho que é uma questão muito cultural também. As mães em geral querem que o filho seja um advogado, um médico, sei lá, ou que ele tenha uma profissão em que ele não se sacrifique tanto pra ganhar tão pouco. Que ele tenha uma qualidade de vida melhor. E aí lá na colônia, dificilmente as mães vão dizer pro filho, não, nem vai estudar, vai aprender a cuidar da vaca, do porco, vai plantar mandioca, feijão, dificilmente. Hoje isso não acontece mais.

Hoje é um incentivo, os pais até trabalham dobrado, pra poder fazer o filho ficar na cidade, estudar, para ter condições de vida melhor. Essa é a tendência, né?

Agricultora, 34 anos, Distrito de Pains

É que lá fora, eu acho que tá cada vez mais difícil. Agora essas leis também se vierem vai ser bem mais difícil.

Agricultora, 57 anos, Distrito de Arroio do Só

3. De qual lei específica a senhora está falando?

Da reserva legal.

Agricultora, 31 anos, Distrito de Arroio Grande

Tu não pode plantar na beira do rio.

Agricultora, 53 anos, Distrito de Arroio Grande

Vai ser um terror.

Agricultora, 57 anos, Distrito de Arroio do Só

O meu filho tem 20 anos, faz um ano que tá em Porto Alegre estudando. E ele me ajudava quando era menor, né. Aí tu botava no serviço, mandava fazer, porque pela vontade deles... Ele ajudava porque tu mandava ajudar, tu dizia, ó tem que fazer tal coisa, tem que fazer. A gente tinha vaca de leite uma época, ele ajudava tirar leite, ajudava essas coisas, mas agora ele saiu do quartel ano passado em junho, foi pra Porto Alegre e tá lá fazendo curso técnico, tá fazendo um ano já que tá lá.

Agricultora, 43 anos, Distrito de Pains

O [filho] mais novo tá fazendo doutorado agora. Ele tá em Porto Alegre. Os outros já tão formado, mas ninguém vai assumir a nossa chácara (risos). Com tanto sacrifício que compramos a chácara só que ninguém vai ficar lá, tô até pensando o quê nós vamos fazer amanhã ou depois.

Agricultora, 52 anos, Distrito de Boca do Monte

E no caso da mulher, a mulher toma conta da casa, a mulher toma conta de tudo.

Agricultora, 43 anos, Distrito de Pains

A mulher praticamente pra fora é uma escrava eu acho né. Não digo bem isso, mas é casa, é tudo né?

Agricultora, 57 anos, Distrito de Arroio do Só

Conversas paralelas tomam conta da sala e a entrevistadora precisa intervir:

4. Então a senhora comentava que a mulher trabalha demais?

Eu acho sim e tem que fazer né, porque tem as coisas, como é que tu vai passar por cima? Não tem como deixar de fazer sabe.

Agricultora, 57 anos, Distrito de Arroio do Só

5. Seria uma realidade que vocês não querem pras filhas de vocês?

Eu acho. Tenho três e nenhum, estamos sozinhos lá.

Agricultora, 57 anos, Distrito de Arroio do Só

Eu agora de um tempo pra cá, eu parei com horta e tudo. Porque antes ele me ajudava. Mas eu não tenho mais horta agora. Agora eu só tenho agroindústria que eu faço. Mas uma época eu tirava leite, eu cuidava de horta, eu fazia comida, eu fazia pão, eu lavava roupa, eu fazia tudo sabe, então não tem como, sozinha não tem como. Eu plantava pepino, embalava pepino, apanhava pepino, agora não dá mais, então agora eu tenho comprado, tudo o que faço é comprado. Não produzo nada mais. Tem a terra lá só pra ter. Não é produzido nada.

Agricultora, 43 anos, Distrito de Pains

E ela é sozinha, né.

Agricultora, 53 anos, Distrito de Arroio Grande

6. E vocês acham que todo esse trabalho da mulher, vocês sentem que ele é valorizado pela família?

Nem sempre.

Agricultora, 43 anos, Distrito de Pains

Só quando a mulher termina

Agricultora, 34 anos, Distrito de Pains

Eu acho que isso é um caso assim muito particular de cada pessoa, de cada família. Como eu estava ouvindo elas comentar ali que o marido, a senhora já falou que ele lhe ajuda?

Agricultora, 31 anos, Distrito de Arroio Grande

No meu caso é valorizado porque a gente vive disso, é os dois junto trabalhando, a gente faz já 20 anos que a gente trabalha com feira e a gente deu faculdade pros três filhos trabalhando com feira. Então eu acho que é valorizado.

Agricultora, Distrito de Boca do Monte

7. E o papel de vocês na propriedade, como é, vocês participam das decisões, como é?

Lá em casa, nenhum faz nada sem falar com o outro.

Agricultora, 53 anos, Distrito de Arroio Grande

E o dinheiro vai tudo junto [risos do grupo].

Agricultora, 56 anos, Distrito de Pais

Eu lá no meu caso não. O meu marido até pode me perguntar assim: ah, o que você acha? Mas eu falo, mas ele não faz. Digamos se eu digo faz, ele não faz. Parece que é uma coisa assim meio que, mas ah, não é aquela coisa tipo de decidir junto não, é ele mais que toma a decisão. São coisas bem particulares. Claro com relação ah, o dinheiro, como ela falou, vai tudo junto, mas as decisões mesmo é mais ele

que toma. Às vezes até tu dá uma ideia comenta, conversa, quem sabe assim, quem sabe assado, mas a decisão sempre é dele.

Agricultora, 31 anos, Distrito de Arroio Grande

8. Os números realmente mostram a diminuição do número de pessoas no campo. O que vocês vêem como futuro?

Eu tô vendo as famílias lá fora, o pai e a mãe, a maioria, ali as minhas vizinhas é maioria.

Agricultora, 56 anos, Distrito de Pains

Eu acho que daqui um pouco, até nós tava comentando um dia desses, que daqui um pouco eu acho que não vai ter ninguém pra plantar, pra trazer comida pra cidade, não vão ter o que comprar, não vai muito longe, não vai, porque é só pessoas mais da idade da gente que ainda estão lá fazendo alguma coisa, mais ninguém, ninguém mais. O meu lado também a maior parte são chácaras de pessoas que compraram e vão só fim de semana. Dos que estavam têm muito pouco já.

Agricultora, 57 anos, Distrito de Arroio do Só

Mas eu acho que apoio pra prefeitura tá faltando de monte, cada vez mais dificulta e as pessoas não tão ficando e os filhos menos ainda.

Agricultora, 57 anos, Distrito de Arroio do Só

E também se a gente parar e analisar antigamente as famílias tinham, a minha mãe tem quatro filhos, então eu tenho um. Realmente como ela disse, o número de filhos.

Agricultora, 31 anos, Distrito de Arroio Grande

Maior parte é um, dois.

Agricultora, 53 anos, Distrito de Arroio Grande

Então não tem mais, eu penso assim, no meu caso lá, o meu filho vai estudar, porque eu quero que ele estude, com certeza, aí quem é que vai tomar conta? A dona [cita o nome de uma agricultora] tem três, mas nenhum está lá. Por exemplo, meu pai e a minha mãe também, eles têm quatro, mas nenhum ficou com eles, entende? Então acontece isso que elas estavam colocando. Que é o casal que fica lá. E aí não tem mais condições físicas pra plantar e vai realmente vai acontecer isso que ela falou.

Agricultora, 31 anos, Distrito de Arroio Grande

Nós vamos ter dinheiro e não vamos ter o que comprar!

Agricultora, 53 anos, Distrito de Arroio Grande

Porque é nessas pequenas propriedades assim, que se produz esse tipo de alimento, claro numa fazenda lá você vai plantar soja, vai vender pra fazer óleo enfim, sei lá, mas ali a verdura, a galinha. Gente assim ó, o que o pessoal procura ovos aqui e não tem.

Agricultora, 31 anos, Distrito de Arroio Grande

9. Por que essa decisão de apenas um filho?

Custo de vida muito alto. E o que uma criança incomoda.

Agricultora, 43 anos, Distrito de Pains

Eu acho que não é tanto o custo de vida, é a educação. Quando já tem 15, 16 anos não tem mais, se ajuntam e vão e aí tu vai saber o que tá acontecendo? Nesse ponto com o meu eu não tenho porque o meu não sai de casa, é do colégio pra casa. Ele não vai jogar não vai a lugar nenhum.

Agricultora, 53 anos, Distrito de Arroio Grande

Eu acho que é o custo também porque tu quer dar uma vida melhor

Agricultora, 57 anos, Distrito de Arroio do Só

E as preocupações do mundo moderno, drogas, má companhias né. Como a gente tava comentando com seus 12, 13 anos, já tem as suas liberdades né? Aí a gente fica preocupada, já vem a mentira e aí em cima de uma mentira vem outra mentira pra cobrir aquilo né.

Agricultora, 30 anos Jaguari

Eu penso assim ó, claro a questão do custo de vida influencia bastante, mas eu acho que, pra gente que vive lá no meio rural, não é tão difícil quanto quem tá na cidade. Porque quem tá na cidade eu acho que daí tu já depende de ter uma babá ou de ir pra escolhinha. A minha opinião é a questão de tu não ter, as dificuldades que tu passa com eles assim ó e, no meu caso, vou citar um exemplo, durante a semana essa a gente teve a feira da praça, então eu vinha pra feira da praça e não tinha com quem deixar ele, aí tinha que trazer ele cedo, às vezes acordava às 5 da manhã, 5 e pouco, ou aí você tem que levar, procurar alguém conhecido pra deixar porque ele vai no primeiro ano já não tem digamos vamos arrumar uma escolhinha pra deixar o dia todo, não tem, eu, pra mim, eu optei por um em função disso. Mas assim eu acho assim que pra criar digamos assim, o custo ali, claro depois, aí entra a questão que se tu tiver um dois três... como a gente falou. Eu acho assim que as famílias, o meu ponto de vista, que deveriam ter dois a três filhos.

Agricultora, 31 anos, Distrito de Arroio Grande

É hoje em dia pra ter dez filhos que nem era antigamente, antigamente os filhos não estudavam, eles comiam feijão e batata, e ficavam trabalhando, a roupa era uma só, remendava.

Agricultora, 34 anos, Distrito de Pains

Ia passando de um pro outro né.

Agricultora, 57 anos, Distrito de Arroio do Só

Agora se for criar os filhos assim eles vão ser considerado em condições sub-humanas, eles vão ser discriminados no futuro porque eles vão ser analfabetos, vão ser criaturas alienadas.

Agricultora, 34 anos, Distrito de Pains

E hoje uma criança de 5 anos escolhe roupa para colocar.

Agricultora, 43 anos, Distrito de Pains

Começou ir na escola ele quer igualdade com os outros, ele quer roupa diferente todo dia e se não tiver condições vai começar a ter problemas, vai ser discriminado.

Agricultora, 34 anos, Distrito de Pains

E já pelos seus 12 anos assim a tecnologia tá influenciando muito ele, eles querem um telefone melhor que o outro, tênis de marca, vão pedindo né.

Agricultora, 30 anos Jaguari

Eu acho que os filhos percebem as dificuldades que os pais passam também, aí eles vão procurar um lugar melhor para eles.

Agricultora, 56 anos, Distrito de Pais

Eles não querem trabalho braçal.

Agricultora, 34 anos, Distrito de Pains

10. Qual seria o papel de vocês nesse cenário atual que vocês estão relatando?

A gente vai abrindo caminhos, orienta.

Agricultora, 56 anos, Distrito de Pais

Eu acho que o papel da gente é querer que eles estudem, que eles mesmo vejam, que não fiquem ali naquela...

Agricultora, 57 anos, Distrito de Arroio do Só

Além de ser mãe, tem que ser amiga e companheira né, acima de tudo, né. Tem que saber ouvir e falar na hora certa e saber ouvir também eles né que às vezes eles têm suas necessidades também né. Saber ouvir para entender e dentro do possível tu atender as necessidades do filho né? Principalmente amiga né?

11. A tecnologia mudou alguma coisa, trouxe algum benefício?

Ah sim, benefício trouxe. Há dez anos, a minha família mora em Dom Pedrito, há dez anos eu não podia, ligava talvez quando tu ia pra cidade, ligava pra mãe pra saber notícia, hoje não, tu pode ligar toda hora se tu quiser, tá com o celular aí, né? Mais simples. Acho que pra isso aí mudou bastante. Pra ti falar com as pessoas de outra cidade e tal, melhorou muito. Há dez anos tu não tinha acesso, até tinha, mas era muito caro e tu não podia comprar, hoje em dia tu pode comprar. Pode ter.

Agricultora, 43 anos, Distrito de Pains

Eu também concordo com ela em relação a isso em função de que eu presenciei isso e eu tenho 31 anos, né. Há dez anos, eu tinha que ligar de uma cabine telefônica lá pra minha mãe que ela mora em Rodeio Bonito, interior de Rodeio Bonito, num vizinho que tinha um telefone lá desses, cada distrito digamos assim, tinha um telefone eu acho que através da prefeitura, nem me recordo. Na verdade era um telefone fixo, aí ligava, pedia pro vizinho: faz favor, avisa a minha mãe que dia tal, tal hora eu vou ligar, ou através de carta né que daí também mandava e tinha que ir pra cidade retirar que o correio lá não entregava porque era pra fora e hoje não, cada família tem dois, três celulares e olhe lá.

Agricultora, 31 anos, Distrito de Arroio Grande

Tu sabe onde é que tão, quer dizer, quando tu consegue ligar né? Dei meu celular pra ele [filho] levar para Porto Alegre e ele levou. Fiquei 15 dias sem falar com ele agora o telefone voltou ao normal. Mas ficou mais fácil, é claro.

Agricultora, 43 anos, Distrito de Pains

A gente vai sempre tentando economizar. Então assim, por exemplo, o meu guri faz agronomia a gente não tem internet, e ele precisa fazer trabalho, aí a gente comprou um notebook pra ele trazer, aí ele vem em Camobi daí ele usa e abusa na universidade, foi o meio que eu achei. Pra não gastar, economia, né. Sei lá, deveria acho facilitar, Internet pra fora, que não gastasse tempo. Porque o meu marido trabalha, ele ganha por ano, ele não ganha por mês, sorte que tem eu que ainda vou ajudando né, não é fácil.

Agricultora, 56 anos, Distrito de Pais

12. E vocês usam a internet, quem tem?

(Todas falam ao mesmo tempo, algumas sim outras não)

13. Tem um telecentro aqui?

É que é lento, às vezes tá emperrado não funciona, é meio complicado. Tem dias que eu até uso ali, mas tá muito lento que perde a manhã toda e não consegue abrir um e-mail, não consegue fazer nada. Pra fora tem o problema do sinal. Pra falar no telefone tem que ficar num lugar só que pegue pra quando toca atender no lugar onde tem sinal, senão cai a ligação.

Agricultora, 34 anos, Distrito de Pains

14. Vocês acham que a Internet pode trazer algum benefício para vocês?

Ué, tu pode conversar pela Internet.

Agricultora, 43 anos, Distrito de Pains

O meu filho já não precisava ficar aqui, podia estudar lá de casa.

Agricultora, 56 anos, Distrito de Pains

Sim, tu pode ter contato com o mundo inteiro pela internet.

Agricultora, 43 anos, Distrito de Pains

15. A tecnologia poderia trazer os filhos de volta?

E as condições de trabalho né, hoje em dia as pessoas que tão saindo da cidade e buscando uma propriedade rural pra trabalhar na agricultura são pessoas que tem um capital imenso, um maquinário enorme, que vão botar um negócio de abafar. Muito dinheiro. Não são pessoas que fizeram uma faculdade ou que fizeram um curso técnico e estudaram que já são filhos de pequenos agricultores que vão voltar pra lá com pouco dinheiro para plantar uma horta, isso não tá existindo mais.

Agricultora, 34 anos, Distrito de Pains

E o grande só planta uma espécie.

Agricultora, 56 anos, Distrito de Pains

Só claro, visando exportação, mercados que paguem melhor, lucros enormes, eles não vão trabalhar pra ganhar pouco.

Agricultora, 34 anos, Distrito de Pains

Por exemplo, o arroz agora, o preço que tá não cobre os custos , não cobre.

Agricultora, 57 anos, Distrito de Arroio do Só

E os nossos filhos não vão sair de um emprego bom pra vim trabalhar lá.

Agricultora, 52 anos, Distrito de Boca do Monte

16 - Então, isso só aconteceria se tivesse uma política efetiva?

Com o objetivo sério de preservar o cultivo do hortifruti, o alimento mesmo, porque senão a tendência é entrar em extinção. Porque as pessoas que tem grandes capitais, uma grande quantidade de dinheiro e que tem interesse em trabalhar na agricultura eles vão ser aqueles produtores de grande porte que vão exportar e que não vão plantar alface, mandioca, eles vão plantar soja ou então o que tiver dando lucro no momento, eles vão lá ver o que tá dando mais lucro, eles vão fazer aquilo ali.

Agricultora, 34 anos, Distrito de Pains

Não vão diversificar.

Agricultora, 56 anos, Distrito de Pains

Não jamais, porque isso aí exige muita mão de obra no momento, não existe máquinas, equipamentos que façam uma horta com uma variedade enorme ali de coisa, com o trabalho de uma pessoa só. Não tem como.

Agricultora, 34 anos, Distrito de Pains

E o problema mais no campo é a dificuldade de tu conseguir os projetos, que o nosso sindicato rural não me apóia em nada. Eu faz seis meses que tô tentando tirar uma carta de aptidão pra comprar um caminhão pelo [programa] Mais Alimentos, mas não consigo. Eles querem lá em cima o que tu tira no ano. E agora tu me diz uma coisa, se eu vô tirar 100 mil no ano, por que eu vou tirar um projeto do governo federal?

Agricultora, 53 anos, Distrito de Arroio Grande

17. Como vocês se informam?

Televisão e rádio.

Agricultora, 43 anos, Distrito de Pains

O rádio porque televisão tu tem que ficar olhando a gente não tem tempo.

Agricultora, 57 anos, Distrito de Arroio do Só

Tu tá trabalhando o rádio tá lá ligado né, então pra ti ouvir alguma coisa ou assistir a televisão, primeiro que em relação ao local não pega, não tem sinal, e o rádio também aí tu tem que tá próximo, agora se tu tá lá digamos na horta, ou eu lá em cima tô lá na queijaria, por exemplo, eu posso levar um rádio lá, ligar e tal, mas é

que tu tá sempre ali e acaba nem prestando muito atenção, aí quando tu vê já é tarde pode até acessar a internet, dá uma olhada no e-mail alguma coisa né, mas é difícil mesmo.

Agricultora, 31 anos, Distrito de Arroio Grande

É que gente não tem tempo disponível, nem que tivesse um computador com internet 24 horas ligado, aí a gente não vai produzir, não vai fazer nada, vai ficar ali, não tem tempo, nem televisão não tem tempo de sentar e ficar ali o dia todo.

Agricultora, 34 anos, Distrito de Pains

[Duas do grupo tem e-mail]
Acesso uma vez por semana no cyber quando dá tempo.

Agricultora, 34 anos, Distrito de Pains

Eu até acesso todo dia, assim em relação mesmo a trabalho sabe, aquele negócio passa mensagem pra um, essas coisas, receber mensagens assim.

Agricultora, 31 anos, Distrito de Arroio Grande

18. As tecnologias trouxeram algum benefício pra ajudar na propriedade?

Sim. Facilita. [grupo]

Ajuda a aumentar a renda familiar né.

Agricultora, 30 anos Jaguari

Em relação à internet também eu acho que melhorou bastante porque às vezes tu tem lá, digamos, tu tem que pagar uma conta, por exemplo, claro isso depende se tu tem conta em banco, se tu vai ter o dinheiro lá no banco. Ah, tem que pagar uma conta de luz, não vai sair lá de Arroio Grande, no meu caso fazer 11 quilômetros quase até aqui o banco, pra pagar a conta de luz. Se tu tem dinheiro lá no banco, tu paga pela internet eu tenho feito assim sabe. É uma questão assim, tu economiza, não gasta gasolina, tem tudo isso, às vezes tem que fazer, ou tem que fazer um depósito alguma coisa, pagar alguém né, se tem essa opção tu faz uma transferência sabe então, eu acho que em relação a isso.

Agricultora, 31 anos, Distrito de Arroio Grande

19. Sobre a dominação a masculina, como vocês veem isso?

Eu acho que mudou muito. Com toda a informação que tem hoje né, toda informação de lei, só quem queira ficar ali mesmo né.

Agricultora, 43 anos, Distrito de Pains

Eu acho que ainda tem alguns casos isolados de mulheres com uma personalidade submissa por natureza que elas aceitam porque sei lá, às vezes até pensam em se rebelar mas aí já é tarde, já se acostumaram, o marido já é dominador por natureza e elas se encaixaram perfeitamente naquela opressão. Acho que alguns casos isolados, de mulheres que são naturalmente submissas e que aceitam.

Agricultora, 34 anos, Distrito de Pains

20. Vocês se sentem mais poderosas, mais fortes?

Sim. Olhar pras nossas mães e olhar pra nós agora a diferença é grande. Porque a gente trabalha junto, a gente vive essa vida junto não tem ele mais, ou eu mais, a gente vai no mesmo nível, na mesma maneira, andando sempre juntos, né?

Agricultora, 52 anos, Distrito de Boca do Monte

A minha mãe nunca trabalhou. A minha mãe teve quatro filhos e nunca trabalhou, bom eu não morava na zona rural, eu vim morar na zona rural aqui em Santa Maria faz 20 anos quando o [filho] nasceu. Eu morava em Dom Pedrito na cidade, a minha mãe nunca trabalhou, sempre meu pai trabalhou e sustentou a casa sempre foi assim, mas a minha mãe nunca foi submissa, muito pelo contrário, sempre quem mandou em casa sempre foi ela, o pai, os filhos, sempre quem mandou foi ela, a minha mãe era assim: pra sair tinha que pedir pra ela, pedia pro pai, é com a tua mãe, sempre foi assim então quando eu vim pra cá eu comecei a conhecer campanha aqui, eu não conhecia nada, então tinha que trabalhar porque não tinha outro jeito né, tive que aprender a tirar leite de vaca, tive que aprender a cuidar filho porque nunca tinha cuidado de filho na vida, eu vim pra cá o meu filho tinha 22 dias de vida, eu não sabia dar leite, eu não sabia trocar fralda, eu aprendi tudo na marra. Aprendi a tirar leite, o que era um pé de alface, claro eu sabia o que era um pé de alface, então aprendi tudo na marra, eu aprendi na marra. Então é uma grande diferença né. Tinha que trabalhar para sobreviver.

Agricultora, 43 anos, Distrito de Pains

O meu caso é interessante porque a minha mãe era bem o avesso de mim, a minha mãe era aquela mulher Amélia, submissa ao extremo, ela passava a vida toda só dentro de casa, lá cuidando da horta, das galinhas, dando comida pros porcos, pros cachorros, tirando leite das vacas, só aquilo ali e o meu pai só mandava nela, dizia pra ela tudo que ela tinha que fazer, e cuidava só das lavouras grandes daí, do milho, do feijão, da mandioca, dos porongos, de tudo as outras coisas que ele plantava, e dois bois e dos terneiros. As vacas era ela que cuidava, os cavalos era ele, tudo assim. E eu ficava achando tudo aquilo muito estranho, mas ela concordava com aquilo ela tinha se acostumado assim, ela não sabia viver de outra forma, e ela não conseguia imaginar a vida dela vivendo independente vivendo pra si mesma, ela só sabia obedecer, fazer o que ele mandava e servia a ele ao seu senhor como se diz né, seu senhor. E eu não conseguia entender aquilo e eu não consigo ser igual, de jeito nenhum, tanto é que agora que ela morreu a gente vai lá na chácara faz seis meses, tá tudo assim ó, é um matagal na volta da casa, as galinhas que sobraram que as raposas não comeram é meia dúzia lá tudo magrela, botam ovo onde dá vontade não tem ninguém pra cuidar, horta acabou tá virado tudo um matagal assim. Nem os tomates não têm mais porque era ela que botava água todo dia de manhã e de tarde pra poder produzir. E ele continua cuidando só da lavoura lá, mas e daí? Agora fez a diferença né, deu pra perceber que o trabalho dela que não tinha, não fazia nada, só ficava uma figura decorativa, era ela que dava sustentação a tudo né? Eu já não consigo ser igual, nunca consegui ser igual, bem ao contrário dela.

Agricultora 34 anos, Distrito de Pains

Tem que ter atitude né. Às vezes quando perde que vão dar o valor pra mulher. Em casas que a gente vê né, o marido bebe, maltrata a mulher, depois perde e vai dar o valor né. E a mulher tem que ter atitude

Agricultora, 30 anos, Jaguari

21. E esses espaços como o próprio projeto, é bom pra isso também?

Eu acho ótimo.

Agricultora, 56 anos, Distrito de Pais

Tu aprende muitas coisas e tu ensina também, né?

Agricultora, 30 anos, Jaguari

A gente não vende muito, mas a gente se diverte. É um dia diferente.

Agricultora, 52 anos, Distrito de Boca do Monte

Eu já vejo assim aqui uma oportunidade pras mulheres aprenderem a ser, digamos que rebelde, aprenderem realmente a ter mais atitude como ela falou porque aquelas mulheres que ficam alienadas, sozinhas lá elas são mais facilmente dominadas. Não sei se aqui no projeto tem alguma mulher bem Amélia assim característica que é do tipo sim senhor, sim senhor, mas se tiver são poucas. Tão discretas, não tão se manifestando muito.

Agricultora, 34 anos, Distrito de Pains

22. Quem decide quando vão comprar alguma coisa?

Os dois juntos [grupo com alguma excitação]

Eu já, lá em casa, resolvia comprar, eu acho que também já muda um pouco também, porque a gente morava na cidade, então tu já tinha desde aqui, então ah, ia comprar, ia lá comprava computador, ah ele, por exemplo, queria comprar uma televisão nova, daí comprava sabe, então eu acho que no meu caso daí lá pra fora.

Agricultora, 31 anos, Distrito de Arroio Grande

Eu acho que sou muito moderna, nesse ponto eu acho que eu vou lá e compro aquilo o que eu acho que é melhor, mas meu marido não, ele já observa um pouquinho o preço e coisa assim e eu já não, eu já gosto de olhar o que tá assim na loja, então ele não ele já não vamos gastar tanto, eu já não.

Agricultora, 56 anos, Distrito de Pais

23. Uma mensagem final do grupo.

Eu pra mim penso assim ó, até uma coisa que eu preciso, como é que se diz, policiar um pouco, de querer, não querer abraçar tudo, porque aquilo que a gente tá falando ah faz comida, toma conta da horta, então eu quero tomar conta de tudo isso só que como a [cita o nome da colega] disse, depois fica doente termina e ninguém faz mais. Então eu acho assim ó, que eu pra mim ah a gente tem que trabalhar, a gente faz, mas que a gente faça o que estiver ao nosso alcance, em relação ao alcance que eu digo, físico e até psicológico.

Até não digo no limite porque a gente acha que o nosso limite sempre vai um pouco mais e daí a gente vai indo, então eu acho que a gente tem que pensar um pouquinho nisso também.

Agricultora, 31 anos, Distrito de Arroio Grande

Eu acho que ela falou assim no limite, mas o limite a gente, no limite eu não faço a metade do que eu faço, não consigo sabe, fazer dentro do limite porque tem que fazer sei eu lá. Eu acho que é demais também, mas eu não consigo, se eu faço no limite eu faço a metade das coisas e as coisas não tem como deixar sabe.

Agricultora, 57 anos, Distrito de Arroio do Só

Não ser escrava como a [cita o nome da colega] falou, fazer demais as coisas.

Agricultora, 56 anos, Distrito de Pains

É que a mulher tem que valorizar mais ela. A gente pensa no marido, pensa nos filhos e não se valoriza nunca. A gente não tira tempo pra ir lá fazer um pé. Ah, mas como é que eu vou ir, tem aquilo pra fazer. Tem que ir lá cortar o cabelo, hoje eu vou deixando, tem que ir dá atenção para o serviço, para o marido, para o filho. A gente não tira tempo pra gente.

Agricultora, 53 anos, Distrito de Arroio Grande

Tinha que ter alguma coisa do governo pra melhorar a vida da mulher no campo. Seria bom. Acesso médico, por exemplo, ali perto de onde eu moro tem um postinho de saúde. Funciona, mas é assim, não é sempre que tem médico disponível, às vezes vai ali dá pra fazer um preventivo ali.

Agricultora, 43 anos, Distrito de Pains

Tem um postinho de saúde, mas não tem um ginecologista, por exemplo, pediatra, só tem ali um clínico geral que resolve tudo. Daí é mais difícil vir pra cidade, tem que passar primeiro lá, pra eles darem autorização pra a gente vir pra cidade.

Agricultora, 34 anos, Distrito de Pains

Aí tu precisas um tratamento de canal. Aqui em Santa Maria tem essas universidades, mas lá pra fora em Jaguari, Santiago tem que pagar particular. Como ela falou: o sindicato ajuda, mas dá uma ajuda mínima. Tratamento de canal é caríssimo e às vezes tu tem que repor o dente, o dente tá tão estragado que tu tem que fazer ele, aí se torna muito caro.

Agricultora, 30 anos, Jaguari

Sim eu tô fazendo um tratamento de alergia, eu tô indo a Porto Alegre porque aqui em Santa Maria não tem.

Agricultora, 53 anos, Distrito de Arroio Grande

Lá em casa [o filho] fez nós largar, vender as vaca de leite, diminuir, porque a coisa andava muito (risos). Falou: chega pai vamos vender essas vacas pra parar um pouco de trabalhar. Foram eles que deram um limite pra nós. Aí a gente vendeu as vacas de leite e diminui, mas é muito acelerada a coisa. Eu trabalhava demais, cheguei a fazer vinte queijos por dia assim, todo dia vinte queijos não é fácil. Levantava cheirando queijo e ia dormir cheirando queijo.

Agricultora, 52 anos, Distrito de Boca do Monte

É que no interior tu tem uma abóbora, aí tu vai lá, quero fazer um docinho pra aproveitar a abóbora, aí vai fazer queijo aí dá fazer não sei o que, a gente quer aproveitar as coisas que tem e no fim acaba se escravizando mesmo.

Agricultora, 56 anos, Distrito de Pains

Tem o meu sobrinho que mora comigo ele agora tem 16, 17 anos. Ele chega em casa do colégio ao meio dia e pergunta assim ó e daí tia o que tu fez hoje? Eu já xingo. Tá sentada aí, passou o dia inteiro sentada aí.

Agricultora, 43 anos, Distrito de Pains

Como ela falou, a mulher trabalha demais, chega à noite os filhos chegam do colégio tu não pode sentar com um filho, tu tá cansada não pode dar atenção, como mãe tu se submetes, como mulher, às vezes assim no relacionamento assim né, às vezes uma separação vem disso. A rotina, aquilo ali. Aí todos os dias eu vou deitar e vou procurar aquela mulher e ela vai virar as costas pra mim e aquilo vai magoando né tanto um como outro né. Aí simplesmente às vezes um relacionamento se acaba. Sofre todo mundo, sofre os filhos também né. Se desgasta.

Agricultora, 30 anos, Jaguari

Eu como não me estresso muito assim, eu só fico pensando como é que vai ser depois que nascer o bebê, mas eu vou levar pro galpão e vou botar lá ele junto com os porongos e vou ficar trabalhando (risos do grupo). Se ele chorar eu dou comida pra ele, faço ele ficar quieto de alguma forma e deu, porque realmente é muita coisa pra fazer. A casa fica sempre alguma coisa pendurada pra fazer porque senão, se eu acordo cedo por mais que eu pense em deixar tudo pronto dentro de casa pra ir às oito horas pro galpão pra começar a trabalhar, quando eu vejo são oito horas e não deu tempo e ficou um monte de coisa pendurada lá pra fazer, tem roupa amontoada pra dobrar tem, isso que eu vou pulando umas etapas, a parte da roupa é só dobrar e jogar dentro do roupeiro, passar a gente pula porque não dá tempo, é impossível. E vai fazendo aqueles enrolos, aquelas confusões de qualquer jeito, pra poder dar conta do trabalho lá no galpão, senão não rende, e às vezes são oito horas da noite e eu tô ainda lá no galpão porque ainda não consegui terminar as coisas que são pro dia seguinte. Então acho que se tivesse alguma coisa assim pra facilitar, que nem ela falou ali, a vida da gente tipo tivesse mais médico, mais coisa perto que a gente não tivesse que perder tanto tempo pra ir atrás do que precisa, a gente até poderia ter um tempinho sobrando quem sabe, mas é difícil.

Agricultora, 34 anos, Distrito de Pains

Fazer um clone [risos].

Agricultora, 43 anos, Distrito de Pains

Acho que a mulher tem que se impor também né, como mãe, mulher, na sociedade. Como ele falou ali, né A mulher tem que se impor também né, perante o marido e perante a sociedade também né, tem que ter atitude.

Agricultora, 30 anos, Jaguari

Apêndice C – Transcrição do grupo de discussão com agricultores familiares

1. Qual o papel dos jovens e das mulheres rurais?

Acho que o jovem e a mulher rural hoje são a principal, são as pessoas principais em manter o campo hoje produtivo. Porque se nós fizermos uma avaliação, o que seria do homem sem a esposa e os filhos? Hoje quem é que garante a permanência do lar, da horta, do gado de leite, da sustentação familiar? Praticamente é a mulher e os filhos porque geralmente o homem se envolve com a lavoura, ele se envolve com outras atividades, mais pesadas, então é a mulher e os filhos, são praticamente o futuro da existência da agricultura. Sem eles, a agricultura acabará de modo geral. Portanto, então, até onde, eu faço parte do território da cidadania também, a gente discutia dentro do território, como estar melhorando o meio rural para que o jovem tenha acesso à escola no meio rural, a tudo aquilo que no meio urbano se tem, ele possa ter lá na propriedade, sem sair de lá, que ele possa estar se formando, formando a sua parte lá, seus estudos no meio rural, voltado para a propriedade. Porque senão a propriedade, a pequena propriedade, ela vai sumir em pouco tempo. E já tem uma previsão aqui hoje que no meio rural, 80 por cento dos casos ficam só os homens e os jovens e as mulheres vêm pra cidade em busca de trabalho e estudo. Então já tá desfalcado aí o meio rural.

Agricultor, 46 anos, Distrito de Santa Maria

Endossando as palavras dele, a permanência do jovem no campo, é uma política agrícola mais sustentável, porque a política agrícola, a agricultura ela tá um pouco assim, assim meio deixada, ela não tem uma política, tinha que ter uma política agrícola pra poder ter a permanência do jovem no campo. Eu acho no meu ponto de vista, já de antes já precisava ter isso aí, uma política agrícola mais ativa, pra poder segurar o jovem no campo, que o jovem aonde não tem recurso, às vezes ele tranca um seguro agrícola também, o seguro agrícola que não existe quase, isso aí né, então eu acho que pra permanência do jovem no campo precisa isso aí. Que o jovem estuda um pouquinho aí, ah eu não vou dar murro aí em faca de ponta né, eu vou partir pra outro lado, né? Se tivesse uma política agrícola mais ativa assim era bem melhor pro jovem. E a mulher, o papel dela como nas palavras, o [cita o nome do colega] já falou: a mulher, se ela é apoiada pelos filhos, pelo marido, ela tem coragem de trabalhar no campo também, né? E ela que é o esteio da casa, né?

Agricultor, 75 anos, Distrito de Santo Antão

A mulher é o braço direito do homem porque onde tem uma boa mulher apoiando o homem é aonde que a agricultura vai pra frente. E nos jovens também, eu diria assim, que também tá ficando difícil, a gente tá vendo que, a maior parte sai pras propriedades pra fora, tá o casal velho, onde já não há terra, então eu acho que se não tem um incentivo assim pra o jovem estudar e voltar, ninguém mais tá querendo trabalhar pra fora, né? Os preços, por exemplo, tem muita coisa que, já a agricultura depende muito do tempo, dos preços, vamos dizer, eu vou ficar lá e que futuro eu tenho, sabe? Não é garantido, né? Eu tenho três filhos e ninguém quis ficar, seguir a minha profissão, porque acham muito difícil hoje trabalhar.

Agricultor, 62 anos, Distrito de Boca do Monte

O senhor tava falando dos jovens, ali em São Pedro, ali no interior é difícil tu achar, não tem mais, tão indo tudo embora, é só pessoal velho lá fora, porque é muito roubo e coisa, o pessoal vai tudo procurar na cidade. Tudo embora. É difícil tu achar assim um jovem no interior.

Agricultor, 43 anos, São Pedro do Sul

2. E as mulheres?

Eu acho que como o seu [cita o nome de um colega] diz é um esteio, elas que tão segurando a corda, o pessoal a maioria dos homens é na lavoura e coisa, e as mulheres, é que tão segurando a corda. Mas jovem assim... como falei, tá tudo fraco.

Agricultor, 43 anos, São Pedro do Sul

Mais a pessoa jovem é uma esperança pro pai e pro esposo continuar o trabalho na agricultura. É uma esperança ainda que tem alguém que tá apoiando e poucos tão sendo apoiados porque se não tem esse apoio com certeza o pai, o marido sai, desiste da possibilidade, né. Eu acho que é uma esperança ainda tanto a mulher como o jovem, né?

Agricultor, 50 anos, Itaara

Quanto à mulher, eu sei dizer a falta que faz a mulher no meio rural, minha esposa é professora. Aí eu tenho que me desdobrar em não sei, dois, três. E o meu piá, ele tá na faculdade, ele me ajudou até poucos dias, né, então aí também a gente sente a necessidade de alguém não tanto assim pra ajudar na mão de obra ou pra participar das decisões assim de todo o andamento, de todo o processo de produção. Então eu acho assim que a mulher é o esteio da casa, não vou dizer só o braço direito, é o braço e a perna da família mesmo. Eu acho que se iguala, hoje a mulher tem um papel de igual pra igual com o homem na propriedade.

Agricultor, 44 anos, Pinhal Grande

Eu acho que em cima disso, com a mulher no campo junto com a gente, nós que trabalhamos junto, se cria o alicerce, com a mulher junto, a base, o alicerce ficam fortalecidos. Como que nem tavam falando recém, o filho, a gente já tem por sentimento da gente, tu quer que teus filhos não passem por aquilo que tu passou. Que nem eu comecei arrancando a cavalo pra ganhar uns centavinhos no tempo trabalhava com meu pai, tu não quer que teu filho passe por isso hoje. Então a gente vendo que não há um grande incentivo, incentivos pra agricultura até que tem, mas não existe um incentivo de segurança, por exemplo, que tu tenha, produza, e tu tenha a certeza e a garantia daquilo que tu tá vendendo, isso não existe, que nem tavam falando recém. Nós na agricultura tu passa por intempéries, tu convive com o tempo, tu planta, mas não sabe se tu vai colher, então o que tu quer pro teu filho, tu quer que ele fica lá, de repente sofrendo contigo? Quem nem há pouco tempo atrás as coisas tavam bonita, caiu uma chuvarada de pedra, se foi tudo o que a gente tinha, então o que a gente faz? A gente procura os filhos, automaticamente aos pouquinhos tu vai dizendo ó meu filho, quem sabe tu faz um concurso público, faz uma faculdade e vai, aí acontece o que o [cita o nome do colega]. disse: se os filhos vão pra cidade, alguém tem que ir junto pra acompanhar. Muitos hoje já vão sozinho mas sempre vai. A gente tira a mulher do campo também. Mas, ao mesmo tempo, hoje a mulher, a importância da mulher, é pra fortalecer esse alicerce, e pra que

esse alicerce funcione, a coisa tem que viver em harmonia. Todo mundo, mesmo os filhos estando estudando eles têm que tá participando. Eu vejo muito isso lá em casa. Nós estamos agora construindo na propriedade, então a decisão deles, eu peço, mesmo que eu sei que no fundo vai prevalecer a minha decisão, mas eu peço pra eles: ah filho, qual é a cor que nós vamos pintar a casa? O que nós vamos botar ali? Por que eu peço isso? Pra eles terem sentimento por aquilo que um dia vai ser deles e pra ao mesmo tempo, se eles irem pra cidade, se eles vão estudar, se eles vão pra frente, que a gente sabe hoje, nenhum emprego é seguro pra sempre, a não ser, por exemplo, um concurso público que é o que mais te segura hoje, empresa particular tu não sabe o dia de amanhã, mas então nós como família, esposo e principalmente com a esposa do lado, tu faz o quê? Tu fortalece o alicerce com a ajuda deles pra que no momento em que eles precisarem voltar, tu deixa eles preparados pra seguir dali da base que é formada pela família dentro da agricultura familiar. Porque eu vejo assim, dentro da agricultura familiar de hoje, sempre tem como a gente viver bem, sempre tem como, eu trabalhei anos em empresas fora, sei como é que é isso, eu me sinto hoje, comecei na agricultura, me arrebentei na agricultura, sempre pensei que não precisava voltar, mas hoje eu vejo dentro da agricultura uma vida diferente, eu me sinto bem, a família se sente bem, fim de semana é o filho ligando, a filha ligando, que vamos fazer fim de semana, vamos fazer uma carnezinha, vamos conversar junto, então tu vê que a vida lá fora no campo é boa, é melhor, que a vida estressante da cidade, com um emprego sempre tem alguém atrás de ti exigindo mais, e mais, e mais. E lá no campo, tu produzindo, trabalhando, fazendo não quantidade, fazendo qualidade, criando uma parceria, que nem a gente que trabalha com feiras, criando uma parceria com o teu cliente, com o teu amigo, com aquele que faz parte da tua inclusão, pra que tu, aqueles produtos que tu produz consiga passar pra frente, tu cria uma integração com essas famílias e então tu começa, a tua família começa a ter uma base sustentável forte, e com isso tu tem uma segurança que, mesmo que os teus filhos saiam pra estudar, mas no momento em que eles precisarem voltar eles vão saber ir do mesmo jeito sem preocupação e sem dificuldade. Porque eu vejo dentro daquilo, e a gente já passou por muita coisa, eu ainda acredito muito na agricultura familiar, só que falta, não existe um incentivo de segurança, que tu saiba, ah, eu vou produzir que nem nós estamos vendo com o arroz, ah eu vou produzir o arroz eu vou saber que eu vou ganhar tanto por saco, aí como o governo trabalha alguma coisa assim, quer comida barata na mesa do brasileiro, só que ele age de forma, ele tira de um brasileiro pra botar no outro né e aí acaba ajudando outros países que nem do Mercosul, compra de lá pra vender mais barato aqui e prejudica o próprio povo dele. Mas quando precisar alguma coisa onde é que ele vai agir? Cria um imposto em cima do povo dele pra arcar com a despesa que ele deu, jogou lá em benefício dos outros. Então esse incentivo de segurança que falta pra agricultura familiar, no momento em que tiver isso, que hoje nós já temos, a maioria já tem internet, a comunicação social dentro das propriedades, eu me lembro que não sabia nem o que era um radinho a pilha, hoje todo mundo tem essas coisas que tu falou ali, blu-ray, eu ainda não sei o que é, aí eu tem que me amansar com um livrinho quadradinho lá quando meus filhos falam sobre isso, mas a comunicação tá mais próxima, a busca por alguma dificuldade tá mais próxima, tu vai na internet tu pesquisa o mundo, então essas coisas, existe facilidade, existe um caminho, mas ainda não existe uma segurança daquilo que tu tá fazendo dentro da propriedade.

Agricultor, 50 anos, Distrito de Palma

Eu acho, permite que eu volte um pouquinho né, o meu guri ele faz agronomia, então ele sempre ficou à vontade, a gente sempre procurou mostrar o que é a agricultura, conhecer o mundo lá fora e na cidade. E esse contato com a feira, isso foi uma escola assim, que eu não imaginava o aprendizado que a gente adquire, e ele conviveu, ele nasceu dentro da feira, conviveu e cresceu com isso, então a escolha dele foi agronomia. O que ele quer, a gente sente assim, e também a minha meta sempre foi, buscar resultado. O que a gente tem que fazer lá no interior? Lá fora é o melhor lugar de se viver, isso eu confirmo, mas a gente tem que ter resultados, nos investimentos, nas ações, em tudo o que a gente tá fazendo, tem que ter lucro também, então é uma forma de, que eu como não tenho mais essa oportunidade de fazer a faculdade, e ele tem, por vontade dele, ele tá se especializando, e eu vejo assim interesse nele em aplicar lá fora na nossa propriedade isso. Aí ele liga pra lá, pai e naquela lavoura lá, o que já plantou, como é que tá e quando ele vem, ele tá em Frederico [Westphalen], ele vem de vez em quando e já se manda lá por dentro, pros açudes, isso eu acho muito interessante. Não preciso fazer mais nada. Ele já tá com vontade, se preparando pra assumir futuramente a propriedade. Buscar resultados.

Agricultor, 44 anos, Pinhal Grande

Eu acho que precisa pra gurizada em primeiro lugar pra gurizada ficar mais pra fora mais incentivo. Principalmente dos preços justos porque quando se planta, tu vai, colhe bem, não vale nada, quando se planta que não se colhe nem, vale bastante, mas aí também não tem pra vender, e aí onde tanto os guris como as gurias, eles procuram é não ficar lá, porque aqui o emprego são oito horas de trabalho, lá fora são vinte e quatro horas de trabalho, não tem sábado, não tem domingo, não tem dia de chuva. Tem que ir. Aqui não, é feriado, é sábado de tarde, é domingo, tudo folga muito. Então a gurizada não tá ficando lá fora, tão vindo tudo pra cá, o incentivo é não ficar lá, é vim porque o maquinário, as coisas muito cara pra comprar, o pequeno e o médio vão terminar em pouco tempo, se continuar nessa política agrícola que tá aí, o pequeno e o médio vão terminar bastante, já tá terminando por causa disso aí, não tem preço e outra, o grande problema é que o governo não incentiva muito a ficar porque o preço não se corrige, e a gurizada não tá ficando ali, tá ficando na média de um a dois por cento [dos jovens]. É pouco. Não que seja assim ruim de trabalhar, não é, é bom, mas é que quando as coisa valem um preço, o consumidor aqui na cidade ele paga três vezes mais, então lá fora não tá tendo preço pra segurar a gurizada nova lá. Então eles estudam, eles procuram um emprego, que vale a pena.

Agricultor, 60 anos, Arroio do Só

3. E a importância da mulher?

A mulher é mais difícil pra segurar ela ao marido. Serviço pra fora, principalmente pra mulher, é mais pesado. Então acho que também ela não fica muito lá pra fora por causa disso aí. Serviço pra mulher não é fácil pra se manter lá, tem que ter coragem, então ela procura outro meio de trabalho pra cá, né?

Agricultor, 60 anos, Arroio do Só

4. Quem tem filha mulher, percebe que elas não querem ficar no campo?

A minha já é um exemplo firme disso, o [cita o apelido do filho], que fez técnico agrícola, ele já tem aquela tendência de ajudar, de participar mais da área, no meio do bicharedo, ele tá sempre junto, a [cita o apelido da filha] pra recolher ovo, se a galinha já olhou atravessado, ah pai, isso aqui eu não quero. Então tu já sabe e aí o que tu faz? Tu ajuda também pra que eles não fiquem porque não adianta, hoje em dia tu faz uma profissão, tu tem que gostar daquilo, tu tem que ter a certeza que tu vai fazer aquilo que tu gosta. Então não adianta eu deixar ela lá, prender ela lá dizer tu não vai estudar, tu vai ficar aqui pra isso. Então também, tu ajuda, apoia o que dá, te judia dez vez mais pra poder ajudar o quanto antes possível, pra ainda ver, sempre penso assim, antes de fechar os olhos, tu ver os teus filhos bem, que aí tu vai tranquilo. Então essa é a ideia. A gente tá trabalhando pra isso. E o [cita o apelido do filho] não, ele já tem aquela tendência, ele trabalha aqui, na área topográfica, então ele tá na área que ele gosta, mas assim que dá ele pode pular lá fora, ele tá ajudando, pai temos que fazer isso aqui, tem que modificar isso aqui, pra que tu me mandou estudar? No fundo, que nem todos falaram, o melhor seria se a família trabalhasse em conjunto. Daria, mesmo dentro de uma pequena propriedade, dá pra sobreviver, todo mundo dentro de uma pequena propriedade, mas falta aquela segurança lá na ponta. E essa segurança na agricultura ninguém tem. Então, que nem o filho dele tá fazendo agronomia, mas qual é o respaldo que o governo dá, pra ele formado, trabalhar dentro da área dele? Nenhum, então o que ele vai ter que fazer? A hora em que ele tá bem, formado, bem preparado, vai achar um bom emprego, vai cuidar de uma fazenda e vai deixar a fazenda do pai dele lá.

Agricultor, 50 anos, Palma

Mas nunca teve tantos créditos e uma coisa interessante, por isso eu disse, buscar resultados! Tem que ser viável cada atividade, como faz e o que investe. E aí a pessoa tem que saber, tem que ter conhecimento, domínio dessa atividade porque senão, tu não vai ter resultado. E aí quantas propriedades que tão desaparecendo, o pessoal tão desanimando, indo embora porque tu acessa o crédito, vem o dinheiro tão fácil, um bom montante, investe de qualquer maneira, mas não retorna, fica com a dívida. Aí desanima, não deu pra pagar a conta, mas o que aconteceu? Faltou assistência técnica, um bom conhecimento do próprio proprietário, do agricultor, da atividade onde investiu tudo isso.

5. E vocês precisam estar todo o tempo se atualizando?

Essa é uma questão que você levanta aí, acho que ela entra bem na questão, na questão da educação, do ensino. Nós temos um ensino, ele todo voltado para o meio urbano. Nós não temos nada voltado ao meio rural. Ninguém pensa numa maneira de colocar dentro lá, nas planilhas do ensino que seja lá, algo que faça com que o jovem se forme pensando em voltar ao meio rural. Uma escola agrícola, ou coisa desse tipo, então tudo é voltado ao meio urbano, então você faz a análise, o jovem sai lá do campo hoje e vem, chega todo envergonhado, todo ele vermelhinho, no próximo ano, ele vai tá com o cabelinho mudado, e no último ano ele vai tá fazendo a maior festa se não tiver uma consciência bem preparada, um esteio, é lógico que não vai voltar. Então falta um ensino voltado ao campo é uma das coisas, eu acho que é fundamental.

Agricultor, 46 anos, Distrito de Santa Maria

6. Nem nas escolas localizadas nos distritos o senhor acha que não existe nada direcionado ao meio rural?

Não, ele é todo ensino urbano. Ele é um ensino feito para que o filho do agricultor seja peão do grande. Então para a agricultura familiar ou campesina, nada é existente, ele é formado pra vim pra cidade ou pra trabalhar pro vizinho. Ou seja, você vai em uma universidade, pergunta, vai pra uma aula, chega pra um professor, qual a matéria hoje? Ah, eu preciso, tenho aquele canteiro lá pra limpar. Com a mão? Não coloca, cada muda de alface coloca copinhos de iogurte, fundo de garrafa, e passa um herbicida em cima e tá limpo. Então tudo visa para a grande, para o grande comércio, a grande industrialização. Então com isso, se as pequenas propriedades não tiverem uma atenção especial no ensino, na comunicação, ou seja, como nós começamos no início isso aí, que ela esteja interligada acho que com o mundo, com a produção e a comercialização, é lógico que nunca nós vamos ter pessoas jovens com um olhar no meio rural, cada vez vai tá mais difícil. Isso é uma coisa que nós temos aí, por exemplo, nós temos o Pronaf Mulher, nós temos o Pronaf Jovem, só que não é aplicado porque decisões muitas vez de banco, ou das políticas públicas, acham que não é viável. Porque é aplicado sim quando é num conjunto familiar, por exemplo, o seu [cita o nome de um colega], sua esposa e seu filho foram lá tirar em conjunto, ele é aplicado, mas se vai o filho ou a esposa eles não têm interesse porque não é lucrativo para o banco e é uma agregação de valor então vai dar uma oportunidade para aquela propriedade familiar venha agregar mais produção ou mais planejamento, então tu tem que ter toda uma estruturação, todos os passos têm que ser seguidos também. É a estrutura. E isso não tem interesse.

Agricultor, 46 anos, Distrito de Santa Maria

Por exemplo, hoje se eu vou analisar a minha propriedade, dois hectares e meio, se eu pensar, sair de lá, eu vou trabalhar de empregado, a minha esposa vai trabalhar de empregada e largar os filhos, nós provavelmente vamos trabalhar menos, porque que nem o [cita o nome de um colega] disse, lá tu trabalha vinte e quatro horas por dia e nem é claro suficiente, tu ia trabalhar menos, te estressar menos e ia ter talvez, não vou dizer mais, mas ter talvez o mesmo dinheiro que tu tem lá, sem incômodo nenhum. Só que é querer isso, sabe que eu não quero mais isso, eu passei por isso, que eu sei hoje como é que é se sentir bem lá em roda do bicharedo. A vida lá é outra, eu trabalhei disso, eu sei o estresse que é, o patrão te cobrando, te cobrando, só que vem aquela coisa, como o [cita o nome do colega] disse, tem feriado disso, tem feriado daquilo, só que essas coisas pontual eu acho que não é, não é lucro, porque lá fora, que nem a gente tá, tu precisa muito menos medicamento, aqui eu tenho uma dor de cabeça, eu tô estressado, eu tenho que tomar um comprimido, e lá tu não vai tomar, passa num pé de laranja, come uma laranja, uma acerola ou uma folha verde que dá pra mastigar e vai indo. Então essa parte eu acho assim que não tira nós. Eu penso assim, que nem os filhos da gente que se formam, não existe uma política pra deixar eles acompanhando, que nem tem os investimentos, mas deveria de ter também aquelas pessoas formadas pra acompanhar esses investimentos que tem. No momento em que tivesse, que tem as [agências] da Emater, só que as Emater hoje viraram tudo Emater de escritório, foi virado coisa de escritório, então não existe mais aquela coisa a campo. Se tu precisa um veterinário ou alguma coisa lá fora, pra fazer uma capação uma coisa, tu vai lá, conversa com o vizinho porque aquele já capou umas quantas vezes, o outro fez isso, pra tu tirar o

cara lá de dentro do escritório só fora de hora, mas o senhor tem que pagar gasolina, ou tem que pagar. Então essas partes, essas linhas que acompanham a agricultura familiar que tão faltando. Créditos existem de tudo que é canto, mas é como eu digo, tem tudo isso, mas falta aquela coisa da segurança, da assistência ponta a ponta que aquilo que tu tá fazendo, ter a certeza que tu vai receber bem por aquilo.

Agricultor, 50 anos, Distrito de Palma

É que precisaria um preço mais justo pelas coisas, que tem o financiamento do [programa] Mais Alimentos (inaudível). Mas aí o cara tira, como o pessoal tirou pra lavoura de arroz. Precisava tantos sacos na época do financiamento. Hoje ele tem que dobrar a produção, pra alcançar para pagar a prestação. O preço da lavoura que ele plantou de arroz, ele não cobre a prestação do trator que ele tirou pelo [programa] Mais Alimentos. Então pra trabalhar lá fora tem que botar capital, tem que botar capital, mas não sabe se tira.

Agricultor, 60 anos, Distrito de Arroio do Só

7. É uma insegurança?

É uma insegurança. O emprego não, são oito horas de trabalho, não tem capital pra botar ali dentro pra trabalhar não é? Então é onde a gurizada tá fugindo né.

Agricultor, 60 anos, Distrito de Arroio do Só

8. E o senhor que não falou ainda, o que acha sobre a mulher e o jovem rural hoje?

Todo esse processo da mulher e do homem, de permanência dos agricultores no campo hoje, principalmente isso é uma política grande, mas hoje o principal é a própria autoestima, todo mundo quer que o meu filho saia do campo, eu sofri aquilo, meu pai sofreu, no campo não dá, no campo não é, o pessoal se joga pra trás, a própria estrutura criou isso, de se autoflagelar dizendo que é pobre, que é ruim, mas todo mundo que trabalha aqui na cidade, quem não tem dívida hoje aqui, a própria estrutura da economia. O único processo é que no campo, pela política internacional que teve depois da segunda guerra, da primeira guerra, é de tirar o povo do campo. Então tu tem que criar iniciativas do povo sair, então o primeiro do processo sempre foi a desmoralização, pra tu tirar alguém do lugar, tu tem que desmoralizar ele lá. Então todo esse processo foi criado pra tirar o povo, então tu tem que se autoflagelar pra dizer que no campo não dá, eu tenho que trabalhar 24 horas, mas tu pega na indústria, 24 horas apertando prego, trabalhando todo mundo, não tem oito horas, oito horas na indústria, mais duas horas pra chegar em casa.

Agricultor, 35 anos, Dona Francisca

9. E quanto ao jovem e a mulher rural se manterem na propriedade?

É nesse processo de autoestima e políticas, hoje nós temos poucas políticas. Porque nesse processo tu acaba, tu manda embora, tu vai pra escola, as políticas agrícolas de educação pro campo não tem, tu vai na escola lá. A minha vizinha, a guriazinha esses tempo tava estudando, até começar a ir na aula, ela ia na roça junto com os pai, começou a ir na aula, guria de sete, oito anos, ontem eu fui lá na casa deles, aí ela tava lá em roda, eu tinha ido buscar um esterco lá, aí perguntei: tu

quer ser agricultora? Não, não quero. Mas tu não quer ser igual tua mãe, teu pai que tão na roça? Não, não quero. Criada ali dentro, vivida na roça, criada, vive com os bichinhos pra lá e pra cá. Toda essa estrutura da mídia, é consumismo, tu vai ver a mulher dentro da economia, que mais consome, tem dados, relatos, e os jovens também, toda essa estrutura é criada em cima, então se fica no campo não consome e ao mesmo tempo, a própria estrutura de trabalho, tu pegar no campo, se a pessoa vai na roça suja os pés, suja as mãos então tu vai chegar junto dos outros te desmoraliza, a própria estrutura vai te desmoralizando então tu vai baixando a autoestima e vai embora, tu faz dívida, mas dívida todo mundo faz, ou muitos não fazem porque não tem a estrutura, tu vai montar uma pequena indústria, um negócio aqui também tu vai ter que se endividar, a dificuldade de pagamento das dívidas, a dificuldade do processo (inaudível). E outra, como no campo tá esvaziando, tu se obriga, porque vai nas comunidades não tem mais gente pra se reunir, um time de futebol não dá mais, um baile sai nem o conjunto, tu toca pra dois três. A gurizada sai, por exemplo, nas baladas que eles chamam, chega lá, vai nos bailes não tem, o próprio, a estrutura da família não conseguiu ter um carro pra ir num baile, depende do vizinho, e outra, quando tu já vai escanteado, tu já vai pra cidade. Os ônibus antigamente tu pegava no interior tinha ônibus que ia pros bailões, hoje tu pegar linha de ônibus no interior que leva pros bailes não tem. A gurizada vai ficar pra quê?

Agricultor, 35 anos, Dona Francisca

10. O que as tecnologias de informação mudaram para vocês?

Celular encurta distância. Isso aí sempre disse. O celular encurta distância, pode falar lá em Porto Alegre como daqui mesmo, então encurta distância. O que eu vejo a vantagem do celular é sobre isso aí. É um troço até de muita utilização e valor também, o celular. Esse é um troço de muita serventia, muita serventia o celular.

Agricultor, 75 anos, Distrito de Santo Antão

Hoje ele se tornou praticamente uma necessidade pra você poder viver dentro do mundo que vivemos. Pra você poder acompanhar alguns passos no desenvolvimento mundial, seja lá, todos eles, porque senão você fica totalmente fora do processo. Você fica isolado e se você não utilizar alguns meios de comunicação, buscar algumas informações, você não tem ação e nem reação, você é um joão ninguém, em outras palavras. Então ele se tornou uma necessidade de se ter isso. Se formos pegar, na minha opinião, os princípios, no passado isto para a agricultura familiar, como se defendia algum tempo atrás, não era nem necessário existir. Mas com a necessidade, o sistema capitalista vem fazendo com que se encaixe na nossa necessidade do dia a dia.

Agricultor, 46 anos, Distrito de Santa Maria

11. Mas seria apenas exigência do sistema ou traz algum benefício?

É, depende muito da maneira que for aplicado, aí envolve todas aquelas questões, educação, aí pega todo sistema. É um meio de usar, ele é um mecanismo.

Agricultor, 46 anos, Distrito de Santa Maria

Serve tanto pra coisa boa como pra coisa ruim. Internet tá aí, televisão, depende, por isso é o processo que tu cria. Claro é necessidade, tu ter um celular hoje

economiza. Muitas vezes tu precisa saber alguma coisa ou precisa avisa outro pra vir, um vizinho, se tu fosse a pé tu ia levar, ou de carro tu ia gastar um pouco mais, agora é só tu pegar o telefone dá um toque pro cara ou avisar alguém, precisa às vezes ir no banco, daí tu tinha que ir até lá pro cara dizer que não saiu teu crédito, então tu perde às vezes uma tarde inteira pra chegar lá, ficou uma hora na fila pra ser atendido e chega lá pro cara dizer que não saiu.

Agricultor, 35 anos, Dona Francisca

É mesma coisa comparar assim com energia elétrica, mesma coisa. Quando não tinha não se sabia como é que era. Tu acha caro cem reais a taxa, mas tu vai pagar 500 pra ter. E a comunicação é a mesma coisa. Eu moro cem quilômetros daqui, lá no fundão. Eu tô na cidade direto com o celular lá no interior. Aqui a gente vem mostrar o produto, o pessoal leva um quilo desse ou leva aquilo, aí vem durante a semana, gostei e quero tantos, então já vem pronto já, assim é fundamental pra nós. Comunicação assim se tu ficar, até televisão, se eu ficar dois, três dias sem assistir reportagem, estou perdido, a gente não se situa mais. Não sabe o que tá acontecendo na região.

Agricultor, 44 anos, Pinhal Grande

Tem que saber usar.

Agricultor, 35 anos, Dona Francisca

Voltamos à correria que a gente tem hoje, do jeito que as coisa vão indo, ele faz tu ganhar tempo e faz tu reduzir custo, desde que tu também olha aquela parte, como ele tava dizendo antes pra tu não usar pro lado errado e, ao mesmo tempo, não usar ele como um consumo, porque a família (inaudível) tem esse aqui, tem esse modelo.

Agricultor, 50 anos, Palma

Quando tu vê passa do teu orçamento.

Agricultor, 35 anos, Dona Francisca

Depende como tu olhar, ele vai se tornar um custo pra ti, mas depende como tu usar, pra nós hoje é um, é um ganho de tempo porque a gente sabe que cada vez tu tem que correr mais pra acompanhar aquela distância que tá ficando, aquela lacuna que tá ficando. Entre tu ganhar dinheiro como era uns anos atrás e o trabalho isso tá olha, não dá pra pensar se hoje não tivesse isso aí.

Agricultor, 50 anos, Palma

12. Em todos lugares pega?

Lugar baixo já às vezes não pega.

Agricultor, 44 anos, Pinhal Grande

É deficiente.

Agricultor, 46 anos, Distrito de Santa Maria

13. Ter essas coisas pode ajudar os jovens a ficarem no campo?

Com certeza.

Agricultor, 44 anos, Pinhal Grande

Um pouquinho.

Agricultor, 60 anos, Distrito de Arroio do Só

Esses processos seguram. O que mais segurou a gurizada muitas vez no campo lá foi a moto. Tu pega plantador de fumo, se tu pegasse lá nos anos 60, 70, 80 ainda, o cara que plantava fumo não tinha nada, nem luz elétrica. Plantava, vamos dizer, 20, 30 mil pés, que é o que uma família consegue plantar. Os caras tiravam pra comer. Hoje eles têm, porque a própria estrutura da economia proporcionou, senão os caras tinham ido embora, aí quem que vai plantar?

Agricultor, 35 anos, Dona Francisca

14. Ela é uma das atividades mais estruturadas?

Ela é um acompanhamento, mas, por exemplo, pra ele segurar o povo no campo plantando, porque se o povo fosse todo mundo embora quem ia plantar fumo? Ninguém. Porque a estrutura do fumo é uma estrutura que tu não mecaniza, não faz que nem a soja que ninguém mais, é tudo mecanizado. Tu pega dois, três faz. Eles proporcionaram pro cara comprar no mínimo um carro, pegava aquela serra do Agudo, lá para cima e coisa, hoje todo mundo tem um carrinho, uma motinho pra poder segurar, dá uma ida na cidade porque senão ele ia embora, e aí o celular pegando, eles levaram esse meio, tinha que fazer senão o povo ia embora. E assim pra o povo nascido no campo tem que ter as condições, tem que ter essa estrutura da economia que dá na televisão tá dentro de todo mundo. Tu olhou na televisão, tu nota aqui lá na feira, essas reportagens de saúde, Globo Repórter seguido eles fazem, o dia em que eles mostram aquelas coisas de alimentação pode contar que o dia aqui. Então a mídia vem a partir dessas coisas a televisão, apareceu na televisão, apareceu na Internet, na rádio.

Agricultor, 35 anos, Dona Francisca

E um pouco é, como é que é, aquele racismo cultural. Aquele lá é um colono. O cara da colônia, quem mora na cidade que conhece para no centro de Santa Maria e tu enxerga o colono.

Agricultor, 50 anos, Palma

Eu vou contar uma historiazinha pra vocês, um cara que era fiscal de empresa [de ônibus. Um dia na antiga rodoviária nós tava ali e ele falando, sabe o que ele disse? Nós tava falando de aposentadoria, sabe o que ele disse? Ele disse que colono não precisava se aposentar. Ele disse claramente, tem gente viva até hoje que assistiu na antiga rodoviária de Santa Maria, ele disso isso, ele disse que colono quando ficasse velho tinha que morrer, não precisava se aposentar, isso ele disse claro com todas as letras. Aí eu disse, escute quando o senhor chega a Santa Maria o senhor vai lamber no asfalto ou o senhor vai numa churrascaria comer? Aquela comida que o senhor como lá, de onde é que vem?

Agricultor, 75 anos, Distrito de Santo Antão

15. Mas vocês acham que essa discriminação ainda é presente hoje?

Por isso que se cria aquela cultura da juventude sair. Isso tá enraizado. Quem passou por isso sabe bem como é que é. Eu sei da minha infância da minha juventude, passei passo a passo por isso aí. Ela é tímida, mas existe. Então a gurizada de hoje, por isso que, tudo isso que vem acompanhado, os meios de comunicação, esses meios, toda essa base, a própria família, ela já anda preparada pra isso, tu já abre os braços pra tudo, se teu filho pode comprar um carro, se teu filho pode comprar uma moto, se o filho pode, vai ajudando pra que eles não ficam privado daquela parte pra transformar ele naquele colono, naquele agricultor, naquela taxa, então tu vai ajudando ele, pra ele acompanhar a cidade pra acompanhar aquela outra cultura. Se por isso, a temática da gente, eu sei o meu pai me tirou da, naquela época eu estudei até a quarta série, aí repeti a quinta, aí não precisa mais estudar. Aí repeti a quinta série, aí depois quando tinha 20 anos, aí eu voltei a estudar, fiz oitava, estudei, fiz magistério, lecionei depois, parei, voltei na agricultura, então eu sei da dificuldade que é tu, a primeira vez que eu botei os pés lá em Cachoeira do Sul pra estudar, naquelas avenidas lá nem olhava pro lado, tac, tac, pro colégio, tac, tac, pra minha tia e volta pra cá. Aí meu tio dizia, tu não vai sair pra praça? Tu sabia que o outro pessoal te olha diferente, tu vê, tu ia num baile lá num clube lá dentro meu primo, tu não te sentia, hoje sim a realidade é outra. A nossa gurizada, os nossos jovens, que nem ele disse, criança de sete anos, ela já sabe praticamente o que ela quer ser e ela vai em cima disso, ela vai em busca daquilo. Só que nós éramos puxados pra trás, não tinha essa liberdade. Hoje tu dá liberdade e ajuda quando tu sentir que tem abertura, tu ajuda o teu filho pra que ele vá desde pequeno.

Agricultor, 50 anos, Palma

16. Mas vocês incentivam que os filhos não voltem?

Na campanha política que nós estamos se encontrando hoje, não dá pra incentivar. Eu principalmente, eu pra mim, tenho três filhos, mas graças a Deus, tem o menor, mas os outros dois mais velhos tão no caminho certo. É que lá fora é péssimo.

Agricultor, 60 anos, Distrito de Arroio do Só

17. O que é o caminho certo?

Pegar uma boa faculdade, se formar, estudar e pegar um bom trabalho que não é, eles vão passar um trecho difícil na hora em que eles tem que estudar, que não é fácil de estudar, não é, mas eles se esforçando qualquer um consegue. E aí eles tendo um bom diploma na mão, eles tão feito na vida. Porque eu tenho o meu guri mais velho, ele se encontra lá na Flórida, ele estudou agronomia que é um serviço praticamente pra fora. Ela tá terminando o doutorado dele, se encontra lá, eu acho que dá muito mais ele ser o que ele é, do que trabalhar numa área pequena. Como é que vai sobrar um bom salário numa área pequena pra nós se defender? É claro ele estudou, ele se esforçou, deixou de ir a festa, deixou de ir a baile, deixou de ir a aniversário, pra quê? Pra estudar. Mas agora quando ele voltar de lá, ele vai ter uma recompensa boa. Onde é que ele vai tirar um bom salário numa área pequena? E agora ele com o estudo que ele tem, ele vai superar, a minha propriedade, ele vai superar brincando. Pelo estudo dele. Então é como eu digo, não há o incentivo de ficar ali, pra ganhar dez, se ele estudar e se formar e conseguir um bom trabalho ele ganha trinta. É isso aí.

Agricultor, 60 anos, Distrito de Arroio do Só

Eu disse pros meus dois [filhos] assim ó, se tu estudar tu tem que ser o primeiro, tu tem que ir em busca do primeiro, o segundo é o segundo. Ou tu é o primeiro, ou tu tá depois na fila com os outros. Mas eu deixei eles preparados dentro da propriedade. No dia em que eu não tiver lá, e eles precisarem voltar eles vão saber reagir dali pra frente também. Então eu deixei as duas chances pra eles, vocês podem ir, eu hoje ainda tô empurrando eles pra ir, que nem eu disse, quanto mais longe puder ir, quanto melhor eles puderem estar melhor. Mas eu deixei eles preparados também se precisarem voltar, vão saber se virar também.

Agricultor, 50 anos, Distrito de Palma

18. O senhor falava que não teve essa escolha?

É que de primeiro, ali nos anos sessenta, setenta por aí, a pessoa sobrevivia numa área pequena bem tranquila. Não precisava muito trabalho pra se manter ali dentro. Hoje não, hoje é difícil se manter numa área assim, muito difícil. Não é que seja, sobrevive, mas trabalhando, se esforçando no trabalho como o cara que estudar também, ele tem que esforçar, arrumar um bom emprego também. Ah, por que eu tô bem empregado e se atira pra trás, não aí ele não consegue. Mas são muito menos horas de trabalho em um emprego, do que lá fora. Essa aí é a grande diferença que existe. Que aqui são oito horas de trabalho, mas tu bota mais uma pra ir outra pra voltar, dez horas. E lá, o que o cara faz em dez horas? Não faz quase nada. Ele tem que trabalhar sábado, domingo, dia de chuva, não tem horário, tem dias que tem trabalhar até às dez horas da noite, no outro dia tem que trabalhar até a uma da madrugada, às cinco horas tem que ir de novo, então é essa aí a diferença.

Agricultor, 60 anos, Distrito de Arroio do Só

Não determina muito a área de terra. E diploma não dá bóia na mesa de ninguém. Isso claro que no campo hoje quanto mais conhecimento saber, tu tiver melhor. Eu tive faculdade, fiz faculdade, estudei, voltei embora porque eu não nasci pra andar com uma canga no pescoço. Fui trabalhar com carteira assinada, essas coisas. Mas não troco, eu tenho minhas duas crianças hoje, um piá de quatro, cinco anos, vive comigo, vai na roça junto, vai por lá. Se ele um dia quiser sair como nós vamos a estudar e coisa, isso é importante hoje, porque o cara no campo hoje, tu tem que ter a informação. Nós, meus irmãos, nós fizemos quase todos técnicos, quando nós voltávamos os vizinhos diziam: foi estudar pra vir aqui de volta, então não precisava ir. Tá louco meu, desde quando? Agricultor não pode estudar então. Tem que ser burro, tem que ser analfabeto. Numa estrutura que nós temos hoje, então esse processo é interessante. Só que se tu não criar nele esse vínculo com os filhos, porque a mídia tá ali, os caras querem é levar embora né, se nós não criarmos e ficarmos lá trabalhando pra depois nossos filhos irem embora lá não sei aonde. Manda embora porque a própria estrutura busca. Então pra mandar embora é bem fácil. Eu se quisesse tinha ido muito fácil embora, porque tu sai pra estudar, quando vê, pra ti ganhar hoje no campo na mesma estrutura econômica, se tu olhar pro lado econômico, o que um ganha assalariado, qualquer diploma, ou mesmo um empregado aqui, tu não tira no campo se tu olhar pelo viés econômico, dinheiro, como é que tu vai tirar no campo, mil reais, o mínimo, o cara que trabalhar o mínimo vai tirar dois, três “pila” aí, pra se sobreviver numa cidade como Santa Maria. Mas no campo pro cara fazer isso, se tu olhar no montante do mês, mas no interior às vezes tu não pode fazer por esse viés, se tu fizer pelo econômico, de tu ter, todo mês, três,

quatro mil, então vai embora, vai embora mesmo, se olhar por esse ponto. Tem que olhar pelo conjunto. A propriedade é um conjunto. Não é uma coisa só.

Agricultor, 35 anos, Dona Francisca

O bem estar familiar. A qualidade de vida.

Agricultor, 50 anos, Palma

Eu acho assim, tenho consciência disso, que o melhor lugar pra gente viver, pra nós vivermos é lá fora. As nossas raízes tão aí, vamos cantar a nossa aldeia um pouco, vamos desenvolver, vamos investir, vamos sempre melhorando a propriedade que, eu acho o seguinte, pro meu gosto eu jamais vou sair de lá. Tem que olhar o lado do capital, mas no fundo o que se resulta? Qualidade de vida. Tu ter dez, quinze, vinte mil, mas se eu sou infeliz aqui na cidade, eu estou à mercê do patrão, do emprego, o stress da cidade.

Agricultor, 44 anos, Pinhal Grande

O que muito vai acontecer, o que é uma política hoje pro campo, muitos vão prestar serviço uma parte do dia fora e outra dentro da propriedade. Quem nem o filho do [cita o nome do colega]. Uma parte da família presta serviço fora, em outras coisas, e outra parte toca a propriedade. Então é esse meio que eles determinaram se pegar na região de Taquari isso ali, já é bem mais próximo da cidade, é bem mais marcado isso. Dois, três da família, porque esse processo de deslocamento, hoje tu quiser trabalhar, fazer 50, 60 quilômetros, isso de distância, é acessível, tu consegue fazer. Quisesse trabalhar hoje aqui em Santa [Maria] e ir embora lá em Dona Chica são 70 quilômetros. Isso aí tu faz brincando, aí se tu pegar, meia hora, uma hora tu faz isso aí, em duas horas então, tu consegue fazer, tem muita gente que faz se tu quiser, essa relação tem muita gente que volta. Tu vende uma parte do teu trabalho pra fora.

Agricultor, 35 anos, Dona Francisca

Achei interessante que fez aquela reflexão que até os anos 80 ali se vivia bem, se vivia tranquilo dentro da propriedade rural, na agricultura familiar. Só que aí, por exemplo, se voltar no passado lembrando que é em 79, 80, começou um embate, agricultura familiar e empresarial, que foi a época da revolução verde, agroecologia, então começou aquele embate, e aí o sistema, foi diluindo um pouco, diluindo com a agricultura familiar, e infelizmente com os meios de propaganda, comunicação, o ensino, tudo isso vem a contribuir, tudo isso como o [cita o nome do colega] falou: uma menininha de 7 anos diz: eu não quero mais estar na roça. Minha vida tá lá. Lá no quarto lá, em cima da mesa, porque ela tem um computador, lá eu tô na Internet. Lá não trabalha porque não tem que levantar de manhã a hora que o sol pegar e levar a terneira pro pasto. Mas a pequena propriedade se ela for bem planejada, bem trabalhada, todo sistema de produção, comercialização, todos os item, ela é muito lucrativa. Vale muito mais, a pessoa voltar e ter o conhecimento pra tocar uma pequena propriedade, que trabalhar de empregado oito horas entre aspas, daí como se diz, pega aí mais uma hora de metrô, mais quarenta minuto a pé, vai chegar ainda pra fazer uma janta, pra arrumar uma casa, pra tomar um banho, pra olhar as notícias, preparar o almoço de amanhã que eu tenho que eu tenho que voltar pra fábrica, eu vou dormir que horas? Madrugada. Quando eu pensei em dormir eu tenho que levantar pra fazer a trajetória de volta. E nós, nas propriedades, não temos isto, nós temos eu acho aí um pouco da contribuição de vida, ou seja, nós

estamos com a natureza, nós estamos produzindo o que nós queremos, nós estamos contribuindo com a população, com a produção de alimentos. A gente tá buscando o que a gente quer.

Agricultor, 46 anos, Distrito de Santa Maria

A vida lá fora não é ruim. Mas o problema é a diferença. Porque se vendia um saco de arroz, se comprava dois e meio de adubo. Hoje tá precisando o contrário, dois e meio de arroz para comprar um de adubo. Se vendia cinco, um saco de soja, comprava cinco de adubo. Hoje ainda tá mais ou menos faltando cinco reais de soja pra um de adubo. Se vendia vinte e dois sacos de arroz, comprava mil litros de óleo. Hoje quantos sacos de arroz precisam pra comprar mil de óleo a R$ 2,07 o litro e a dezesseis “pila” o saco de arroz? Aí, então, quem é que vai ficar trabalhando lá fora? Quem fica trabalhando lá fora? Então fora o desgaste das máquinas, o trabalho, tudo, tu vai botar tudo em cima, morando lá fora, precisa o ônibus não tem, uma coisa ou outra não tem, precisa um vidro de remédio não se encontra lá fora, tem que soltar do serviço vir do trabalho buscar, aí tem uma série de coisas que se começar falar, começa a aparecer.

Agricultor, 60 anos, Distrito de Arroio do Só

Aí você entrou numa questão muito interessante. Você coloca a saca do arroz que é produzida pelo agricultor e o preço do adubo que é produzido pela multinacional. Na realidade o que subiu foi o preço do adubo que é produzido por uma multinacional que desvalorizou o produto do agricultor que precisa de quê? Dois, três, quatro saco pra cobrir um saco de um produto de uma multinacional. Que é o sistema capitalista.

Agricultor, 46 anos, Distrito de Santa Maria

Se o combustível fosse barato e o trator fosse barato o que estaria o agricultor, estaria minado de maquinário e o pessoal mais afundado. Se a gasolina tivesse barata nós já não andávamos aqui em Santa Maria no trânsito de tanto que ia estar trancado tudo.

Agricultor, 50 anos,Distrito de Palma

O pessoal não olha o preço da gasolina.

Agricultor, 60 anos, Distrito de Arroio do Só

Eu acho uma outra questão muito simples, rápido assim, é nós pegarmos assim, como nós produzíamos nos anos 70: era a semente crioula, o híbrido, depois veio o transgênico, mutagênico. Hoje, um exemplo, uma quadra de arroz tu produzia, vamos botar o quê? 60 por ano?

Agricultor, 46 anos, Distrito de Santa Maria

Não. Antigamente? Bota cem.

Agricultor, 60 anos, Distrito de Arroio do Só

Quanto que tá produzindo hoje com o mutagênico?

Agricultor, 46 anos, Distrito de Santa Maria

Chega a quase 300.

Agricultor, 50 anos, Distrito de Palma

Então? Daí a desvalorização do preço. Porque triplicou.

Agricultor, 46 anos, Distrito de Santa Maria

Esses trezentos de hoje não estão cobrindo os cem de antigamente.

Agricultor, 60 anos, Distrito de Arroio do Só

É oferta e procura. Nós estamos dentro de mercado.

Agricultor , 44 anos, Pinhal Grande

E aí, condicionado ao dólar, tá em torno de 10 dólar o saco de arroz antigamente, e continua hoje.

Agricultor , 50 anos, Distrito de Palma

Nós temos que ser eficientes no que a gente faz, saber onde vai aplicar o dinheiro pra ver o resultado. E eu não tenho propriedade, eu não tenho terra, é do meu pai. Eu arrendo lá uns cantinhos. E o meu faturamento, a minha esposa é professora, ela tem 40 horas, ela fica assim mais ou menos em 20 por cento do meu faturamento. Pra dizer que, por pequena que seja, se souber administrar e fazer produzir, e nessa forma, na venda direta que agrega valor, eu acho assim ó, pra mim não precisa lugar melhor que aqui.

Agricultor, 44 anos, Pinhal Grande

Eu tenho dois hectares e meio, quando o secretário do, ministro agrário do desenvolvimento teve lá em casa, Cassel, aí ele olhou, quem conhece sabe, tem casa, tem galpão, tem aviário, tem açude, tem matinho, dois hectares e meio, tem dez cabeças de gado, tem três vacas de leite em produção, tem mais novilhas em casa, ele olhou pro campo assim: e como tu consegues com todo esse bicharedo se o pessoal, os grandes reclamam não pode ter mais de dois bichos por hectare pra sobreviver, eu não acredito, como é que tu consegues? Mas eu disse: ali tem um espacinho, lá tem outra carreira de pastagem. Tu corre, mas tu tem tudo que tu quiser. E olha, hoje eu digo, dois hectares e meio, eu vejo muitos com cem não chega...

Agricultor, 50 anos, Palma

A zona sul, é campo aquele estilo típico, e a serra.

Agricultor, 44 anos, Pinhal Grande

Aí tem um poblema, na tua propriedade tu tem isso aí, dentro de um campo nativo tu não consegue.

Agricultor, 60 anos, Distrito de Arroio do Só

Aí que tá, vamos qualificar, vamos investir. Não vamos esperar que um bicho caia do céu.

Agricultor, 50 anos, Distrito de Palma

Apêndice D – Transcrição do grupo de discussão com jovens rurais

1. Qual o papel dos jovens rurais?

Ajudar os pais no meio rural.

Aluno do terceiro ano do ensino médio, 16 anos

2. E o papel da mulher rural?

Acho que ajudando, na maioria das vezes, os pais da gente, fazendo o serviço rural, mais o serviço em casa que elas [mães] fazem e ajudam bastante também os pais, nos serviços de fora e a gente também está sempre ajudando os pais naquele mesmo serviço.

Aluna do primeiro ano do ensino médio, 15 anos

Um ajuda o outro.

Aluna do terceiro ano do ensino médio, 18 anos

Acho que seria uma divisão do trabalho.

Aluna A do segundo ano do ensino médio, 16 anos

A gente tá sempre ajudando, se eles vão cortar lenha assim num lugar a gente vai junto. Por exemplo, limpação de cuia tem bastante também, a gente tá sempre ajudando.

Aluna B do segundo ano do ensino médio, 16 anos

Geralmente o que o pai faz é o que o filho vai fazer também mais tarde.

Aluna do terceiro ano do ensino médio, 17 anos

O pai trabalha de pedreiro aqui no Arroio [do Só]. Eu não vou querer pro meu futuro trabalhar de pedreiro no Arroio [do Só].

Aluno do primeiro ano do ensino médio, 15 anos

Mas por enquanto tu tá ajudando ele aqui.

Aluna B do segundo ano do ensino médio, 16 anos

Não que a gente vai querer fazer, mas é o que a gente faz. Eu não, porque não moro mais com meus pais. Tipo a [cita o nome da colega], se a mãe dela vai limpar cuia, ela vai limpar cuia também. Tu também, teu pai fazia aquilo lá, tu ia junto ajudar.

Aluna do segundo ano do ensino médio, 17 anos

A minha mãe trabalha na cidade. Ela é diarista, trabalha num hotel, mas eu também não quero trabalhar de diarista.

Aluna do terceiro ano do ensino médio, 17 anos

3. O que vocês projetam para o futuro de vocês? Ficar ou sair daqui?

Sair! [Grupo fala em coro e com risos]

Eu não, eu prefiro ficar aqui.

Aluna do segundo ano do ensino médio, 17 anos

Tu já é casada, tu já tem o teu lugar, a gente não, tem que estudar e sair daqui. É bom o ensino médio aqui, porque a gente ah, seguir um caminho de estudar e depois ir pra cidade estudar mais.

Aluna B do segundo ano do ensino médio, 16 anos

Eu pretendo fazer mais alguma coisa, claro que eu não quero parar só no ensino médio, eu quero fazer jornalismo ainda pela frente, mas por enquanto pra mim tá bom aqui. Eu gosto do lugar aqui.

Aluna do segundo ano do ensino médio, 17 anos

4. Por que você quer sair?

Serviço, trabalho, estudo.

Aluno do terceiro ano do ensino médio, 16 anos

5. O que vocês buscam? O que tem na cidade que aqui não tem?

Aqui tem bastante serviço, vamos supor que tenha bastante serviços. Mas não são serviços que são muito lucrativos, eles são serviços bem complicadinhos também. Eu acho que lá na cidade a gente tem mais oportunidades.

Aluna do primeiro ano do ensino médio, 15 anos

E mais opção de serviços também. Aqui pra fora tu só vai limpar cuia.

Aluna do segundo ano do ensino médio, 17 anos

Fábrica de cuia. É só isso. Não tem mais nada.

Aluna B do segundo ano do ensino médio, 16 anos

Eu ainda tenho o mercado lá em cima, mas isso também é por acaso, não são todos que tem oportunidade. Antes eu também trabalhava com cuia. Não tem outra opção. É isso ou limpeza, mas aonde? Uma casa ou duas. Na cidade já tem de tudo, tem loja pra trabalhar, tem mais lugar pra ti pegar, fazer estágio e coisa na cidade.

Aluna do segundo ano do ensino médio, 17 anos

6. Vocês não pensam em trabalhar com agricultura no futuro?

Sei lá, agricultura envolve tudo, depende do tempo, a gente não sabe certo, se pode contar certo com aquilo, que a gente não sabe o que vai acontecer. Se tu planta uma lavoura de feijão, tu não sabe se vai dar. Na cidade não, se tu tá trabalhando numa loja, alguma coisa, tu sabe que tu tem aquele dinheiro no final do mês e pronto, e agricultura é uma vez por ano, tu vai plantar no começo do ano e vai colher no final do ano. Até lá...

Aluna do segundo ano do ensino médio, 17 anos

7. O que vocês acham que falta no interior?

Mais opção de serviço.

Aluna B do segundo ano do ensino médio, 16 anos

Mais opção de tudo, opção de lazer, entretenimento.

Aluna do segundo ano do ensino médio, 17 anos

Uma coisa que a gente fazia, se a gente quiser ir numa festa a gente que é jovem e que gosta a gente tem que ir pra cidade, que aqui é uma vez por ano. E ainda quando tem é ruim.

Aluna B do segundo ano do ensino médio, 16 anos

Tem um monte de norma. Não pode usar isso, não pode usar aquilo. Ali no CTG a mulher não pode ir de tênis, mulher não pode ir de bombacha, mulher não pode ir de saia. Homem não pode ir de boné, tem que ser social, e nós não...

Aluna do segundo ano do ensino médio, 17 anos

8. O que vocês acham de tecnologias como telefone celular e internet? É bom pro meio rural?

Facilita bastante.

Aluno da terceira série do ensino médio, 16 anos

É uma forma da gente tá convivendo com o mundo lá de fora, vamos dizer assim, porque a gente não sai daqui, a gente só vai do colégio pra casa e de casa pro colégio. Quando a gente sai pra cidade é aquela alegria (risos do grupo). Dá vontade de ir todos os dias e ficar. Não tem como ir, a gente vai a falência desse jeito. Então quando a gente tem uma internet, tem um celular que a gente possa se comunicar com as outras pessoas, bah!

Aluna do segundo ano do ensino médio, 17 anos

É só a passagem seis “pila”. Seis pra ir e seis pra voltar.

Aluna B do segundo ano do ensino médio, 16 anos

9. E o que vocês costumam procurar na Internet?

Eu geralmente entro no site de roupa, de bolsa,

Aluna do segundo ano do ensino médio, 17 anos

MSN, Orkut.

Aluno da terceira série do ensino médio, 16 anos

Essas redes sociais é o que tá bombando pra gente.

Aluna do segundo ano do ensino médio, 17 anos

Ajuda bastante nos estudos também, pra fazer pesquisa.

Aluna do primeiro ano do ensino médio, 15 anos

É verdade, a maioria dos trabalhos a gente faz pela Internet.

Aluna do segundo ano do ensino médio, 17 anos

10. Vocês acreditam que tecnologias de informação podem ajudar a atrair pessoas para o campo?

Eu acho que tudo conta. Se tivesse um lugar pra gente vir, tipo no colégio se tivessem abertos os computadores pra gente usar assim, livre, sabe, já seria bem melhor. Porque o dia que a gente vai na cidade, vai em uma *lan house* pra poder ter acesso à Internet. Então se os computadores tivessem livres pra gente usar já seria bem melhor. Se tivesse uma forma da gente usar. Quando eu morava lá em [cidade de São João do] Polêsine também não tinha *lan house*, não tinha nada, ainda tinha que tá indo pra outra cidade, tinha que ir pra Faxinal [do Soturno], aí colocaram uma *lan house* assim do governo, o governo colocou, aí ninguém mais saía de lá, [São João do] Polêsine tava bombando já na Internet.

Aluna do segundo ano do ensino médio, 17 anos

A gente passa mandando mensagem. Não tem internet, vai pelo telefone mesmo.

Aluna B do segundo ano do ensino médio, 16 anos

11. Funciona direito o celular aqui?

Depende do lugar.

Aluno do terceiro ano do ensino médio, 16 anos

12. O que vocês projetam para o futuro do meio rural?

O Arroio [do Só] já foi bem maior. O Arroio já teve de tudo: hotel, posto, hospital. Agora tá aí, uma vila de novo. Eu acho que cada vez vai caindo mais.

Aluna do segundo ano do ensino médio, 17 anos

Tinha até cartório.

Aluna B do segundo ano do ensino médio, 16 anos

Pra botar gasolina agora tem que ir na cidade.

Aluna do segundo ano do ensino médio, 17 anos

Eu quero ir embora de uma vez antes que piore.

Aluna do primeiro ano do ensino médio, 15 anos

O meio rural ele se acabando ele vai atingir um pouco a população da cidade também. Porque os supermercados, alguns lugares, eles são abastecidos pelo meio rural, as coisas que botam a vender nos mercados, as verduras, as frutas, são tiradas do meio rural, e como isso vai se acabando, não vai ter mais praticamente as pessoas que vão querer trabalhar nisso. Então não vai mais ter como eles produzir pra população da cidade, eu acho que isso vai afetar um pouco a cidade também.

Aluna do primeiro ano do ensino médio, 15 anos

Também tem certas profissões da cidade que, se termina o meio rural, não tem condições. Tipo medicina veterinária, veterinário tu tem que ir pra fora pra fazer alguma coisa, agronomia.

Aluna A do segundo ano do ensino médio, 16 anos

13. Vocês se sentem estimulados a buscar oportunidades aqui mesmo no meio rural? E a parte da família? O que eles dizem?

Pra gente estudar e sair do Arroio [do Só] porque aqui não tem futuro.

Aluna B do segundo ano do ensino médio, 16 anos

Tem pais que querem que os filhos sigam o caminho deles, vamos supor os agricultores eles querem que os filhos vão trabalhar com eles, nas máquinas, tem uns que gostam, que querem isso, mas tem outros que não, por exemplo, a mãe da [cita o nome da colega] que é diarista, ela não vai querer que a filha dela seja diarista também, vai querer que seja uma coisa melhor. Não que não seja um emprego digno, mas sempre tem uma coisa melhor do que isso.

Aluna do segundo ano do ensino médio, 17 anos

14. Vocês acreditam que têm melhores oportunidades que os pais de vocês?

Com certeza porque agora tudo é bem mais fácil pra nós, o acesso, tudo é mais fácil. Antigamente minha mãe ia de chinelo de dedo, cortava o lápis em três pedaços. Hoje em dia nós temos de tudo e ainda queremos mais, não adianta. A gente sempre quer mais.

Aluna do segundo ano do ensino médio, 17 anos

A gente tem ônibus que passa na frente de casa, tem bolsa escola pra quem é mais carente e precisa, a gente recebe pra estudar, antigamente não, tinha que pagar às vezes pra estudar, agora nós temos todas as mordomias.

Aluna do segundo ano do ensino médio, 17 anos

A minha mãe parou na quarta série mesmo, a vó queria que ela ajudasse na lavoura, pegasse na enxada, daí ela parou de estudar. Agora que ela terminou o ensino médio, começou a estudar agora depois de mais velha. Antigamente era difícil, só as famílias mais ricas mesmo, que podiam, que tinham condições mesmo pra conseguir alguma coisa. Família do meio rural geralmente era difícil.

Aluna do segundo ano do ensino médio, 17 anos

15. Sobre a mulher rural o que vocês acham?

Tem bastante dessas de antigamente. A minha sogra é uma que Deus o livre, tá louco, tem que ser tudo na linha, tem que ser tudo nas ordens do marido, se ele não quer ir num lugar, ela não pode ir. Tem que fazer a comida pronta naquela hora, a comida lavada naquela hora, a casa limpa naquela hora. Mas a geração mais nova já tá bem diferente. Já tem mulher que sai pra trabalhar, que não fica em casa. Tem mulher que trabalha junto do marido, vamos supor já tá mudando bastante também isso. E até nós, a gente não quer cumprir as ordens dos maridos.

Aluna do segundo ano do ensino médio, 17 anos

Elas estão mais independentes, não precisam depender tanto dos maridos também. Porque antigamente, vamos supor, uma mulher quer comprar alguma coisa, o dinheiro que ela ia utilizar pra comprar aquilo que ela queria era o marido que tinha que dar e ela tinha ainda que dar satisfação pra ele do que ela ia comprar. Mas hoje não, hoje elas trabalham, elas têm o que é delas, elas tão mais independentes. Elas se sentem mais livres pra fazer o que elas querem.

Aluna do primeiro ano do ensino médio, 15 anos

E é outra coisa mesmo a gente ter o dinheiro da gente.

Aluna do segundo ano do ensino médio, 17 anos

16. E o que os meninos acham disso?

Bastante. Vejo pela minha mãe mesmo que faz tudo o que o pai fala e coisa.

Aluno da terceira série do ensino médio, 16 anos

Acho que melhora a própria criação dos filhos. Hoje em dia eles já pensam em dividir as tarefas. Eu vejo por mim e pelos meus irmãos lá.

Aluna do segundo ano do ensino médio, 17 anos

17. Vocês consideram o machismo mais forte no meio rural?

Mais forte. [Grupo em coro]

É até hoje. Eu não tenho irmão, mas eu vejo a minha prima. Se ela vai sair, ela tem que pedir. A mãe dela manda nela bastante, mas o irmão dela é mais, aí ela tem que pedir uma semana antes e implorar, senão ele não deixa. E é irmão. Ainda bem que não tenho irmão.

Aluna B do segundo ano do ensino médio, 16 anos

18. O que vocês fazem para se divertir? Como é o dia a dia de vocês?

É só o colégio. Por isso que a gente vem pro colégio animado. Sim porque eu fico em casa, fico o dia inteiro lá atrás daquele balcão. A [cita o nome de uma colega] fica em casa, não tem o que fazer em casa. Faz o serviço de dentro de casa e não tem o que fazer depois. Agora fizeram uma pracinha ali, mas nós não vamos tá brincando na pracinha.

Aluna do segundo ano do ensino médio, 17 anos

Ou é deitar, ou é fazer o serviço.

Aluna B do segundo ano do ensino médio, 16 anos

Tinha escola aberta aqui no colégio, não tem mais. Os guris vêm pra quadra ficam jogando, não deixam nem pegar a bola.

Aluna B do segundo ano do ensino médio, 16 anos

De sábado eles fazem jogo de futebol. Antes as gurias jogavam, eu lembro que eu vinha aqui e jogava, tinha computador aberto de sábado pra quem quisesse, agora nem isso não tem mais.

Aluna do segundo ano do ensino médio, 17 anos

Nem jogo de futebol que faziam no Botafogo, o clube que tem aqui no Arroio [do Só], no inverno agora não dá, agora que tá abrindo de novo um solzinho, mas é só no verão porque aí não sai nada, não tem como pagar as contas e tudo.

Aluna B do segundo ano do ensino médio, 16 anos

De sábado essa escola era cheia sempre quando tinha escola aberta. Tinha bar e coisa, agora o Arroio [do Só] tá morrendo.

Aluna do segundo ano do ensino médio, 17 anos

Eu não fico um final de semana no Arroio.

Aluno do primeiro ano do ensino médio, 15 anos

Eu de sábado não tenho pra onde ir, de domingo só que eu vou visitar a minha vó, de sábado de noite que eu vou numa boate, num baile.

Aluna do segundo ano do ensino médio, 17 anos

Eu por exemplo lá em casa eu não tenho o que fazer praticamente. Quando eu não tô na frente dos cadernos estudando, eu tô olhando televisão e eu não gosto muito de olhar televisão também, ou escutando música sozinha no quarto porque não tem o que fazer. Não tem muitas opções.

Aluna do primeiro ano do ensino médio, 15 anos

19. Como vocês se sentem diante desse cenário?

Numa prisão. Parece que a gente não tem liberdade pra nada. Pra aproveitar.

Aluna do primeiro ano do ensino médio, 15 anos

Não que os pais não deixem, é que a gente não tem pra onde ir.

Aluna do segundo ano do ensino médio, 17 anos

E quando tem, tu não gosta. Bailezinho no clube, hum, uma banda que não tem nada a ver.

Aluna A do segundo ano do ensino médio, 16 anos

Tem alguns lugares também, que a gente quer ir, gosta, mais os pais não deixam porque acham que tem algum perigo.

Aluna do primeiro ano do ensino médio, 15 anos

20. Como vocês se locomovem?

Cavalo, a pé, de moto. De carro. [Grupo]

Eu piloto moto, eu dirijo carro. Aí, eu não tenho que depender do marido. Não adianta.

Aluna do segundo ano do ensino médio, 17 anos

Eu gostava de morar na cidade. Lá em [São João do] Polêsine, chegava de noite, assim no verão, que vai até mais tarde, escurece mais tarde, eu ia pra praça com as gurias. Eu tinha pra onde ir, tinha movimento, tem o colégio lá, tem tudo lá. Lá é bem mais movimentado, mas eu gosto aqui de fora, eu não tenho do que me queixar.

Tipo depende das amizades também, depende do envolvimento que tu tem com as pessoas do meio rural. Eu não faço as coisas do meio rural, eu não planto, eu trabalho no mercado, então pra mim isso já é melhor também. Mas, é claro, eu sinto falta das festas, das folias, que eu sou jovem, qualquer jovem sente falta disso.

Aluna do segundo ano do ensino médio, 17 anos

Eles tão sempre xingando a gente que não quer estudar, mas a gente vem pro colégio, quer brincar. Aí quando vai pros estudos a gente não quer nada então.

Aluna B do segundo ano do ensino médio, 16 anos

Eu acho que é por isso que a maioria dos alunos de fora tem grande dificuldade nos estudos porque aqui a gente não tem o quer fazer, aí acaba vindo pra escola em vez de prestar atenção no que tá estudando, a gente quer fazer folia, quer bagunçar, conversar toda a hora. Não presta atenção no que tá aprendendo. Aí quando sai lá pra fora seguir uma carreira, tu se perde.

Aluna do primeiro ano do ensino médio, 15 anos

A professora tá passando uma matéria e tu tá conversando.

Aluna do segundo ano do ensino médio, 17 anos

Passando mensagem.

Aluna B do segundo ano do ensino médio, 16 anos

De tarde eles não deixam a gente ficar no colégio, mandam a gente embora.

Aluna do segundo ano do ensino médio, 17 anos

A gente é mais família mesmo, a gente só anda com a família da gente. Só no colégio pra gente se encontrar.

Aluna do segundo ano do ensino médio, 17 anos

Aí a gente se encontra e fica mandando mensagem em todas as aulas.

Aluna B do segundo ano do ensino médio, 16 anos

21. O que seriam as TICs para vocês nesse sentido?

Uma porta aberta, uma luz no fim do túnel.

Aluna do segundo ano do ensino médio, 17 anos

22. Conseguiriam ficar sem essas TICs?

Eu fiquei meia hora sem o celular, eu já fico louca.

Aluna B do segundo ano do ensino médio, 17 anos

Esses dias eu fiquei acho que dois, três dias sem cartão. Mandava: me liga pros outros. Dependendo dos pais também pra comprar cartão de celular, porque não tem serviço. Então tem que fazer uma coisa boa. Esses dias eu faltei aula pra ficar com a minha irmã que a minha mãe tinha que sair. Eu digo: ah eu não vou faltar aula. Ela disse: eu te dou um cartão.

Aluna B do segundo ano do ensino médio, 16 anos

Aqui é ruim também porque não tem, ali tem um posto de saúde, mas vem só quinta de manhã e segunda de manhã o médico.

Aluna B do segundo ano do ensino médio, 16 anos

Se o pessoal tá doente morre aí no Arroio [do Só]. Até chegar na cidade com essas estradas do jeito que tão.

Aluna do segundo ano do ensino médio, 17 anos

Sente uma dor de dente nem dentista tem. O aparelho tá estragado eu fui ali ontem. Tive que ficar com dor de dente.

Aluna B do segundo ano do ensino médio, 16 anos

Eu tava com infecção urinária, eu vim ali três, quatro dias, eu tava quase morrendo de infecção, me retorcia em cima da cama, fiquei quinze dias sem vir na aula, mas não tinha médico. Cheguei ali, me disseram tu tá com infecção, mas eu sei que tô com infecção, eu quero medicamento. Aí me mandaram pra cidade, disseram que eu tinha que vir num posto de novo pegar não sei o quê, daí eu abandonei e fui pra uma clínica particular porque não adianta.

Aluna do segundo ano do ensino médio, 17 anos

E ela tem como ir se ela tiver doente pro hospital e a gente que não tem a gente tem que pagar. 50 “pila” cobram da gente pra levar ali no (Hospital) Universitário.

Aluna B do segundo ano do ensino médio, 16 anos

23. Falta muita coisa aqui?

Muita coisa. Não tem nada, falta tudo.

Aluna B do segundo ano do ensino médio, 16 anos

A gente tem um mercadinho, tem um postinho que não funciona, um correio, colégio.

Aluna do segundo ano do ensino médio, 17 anos

24. Como são as estradas por aqui?

O ônibus atolou ontem.

Aluna do segundo ano do ensino médio, 17 anos

Foi terça eu acho.

Aluno da terceira série do ensino médio, 16 anos

Eu e meus primos, a gente mora tudo perto, a gente tem que subir ainda campo e campo. Sempre chego atrasada no inverno porque tem que quebrar geada então eu saio às 8 horas de casa. É horrível agora, o barro lá, a gente tem que sair da estrada com um pano pra limpar o sapato. Eu já desisti de limpar tênis porque olha, é muito barro.

Aluna B do segundo ano do ensino médio, 16 anos

25. Vocês acham que se houvesse mais oportunidade no meio rural melhoraria alguma coisa?

Se tivesse mais oportunidade no meio rural tudo mudaria. Por exemplo, a gente vai comprar roupa e tem que ir pra cidade. Se tivesse uma loja aqui no Arroio [do Só] a gente não ia sair do Arroio [do Só] pra comprar lá na cidade.

Aluna do segundo ano do ensino médio, 17 anos

E que fosse mais barato né. Porque tinha a loja ali, tu comprava umas calças lá na cidade por 50, ela pedia 90, 100 reais.

Aluna A do segundo ano do ensino médio, 16 anos

Além de já ter dificuldades aqui, eu acho que as pessoas em vez de facilitar pra gente elas dificultam mais ainda pra gente. Esse é o problema.

Aluna do primeiro ano do ensino médio, 15 anos

Uma vizinha vai buscar roupa no Uruguai pra vender aqui. Lá no Uruguai ela comprava uma blusa por 30, aqui vende por 80. Não tem condições.

Aluna A do segundo ano do ensino médio, 16 anos

26. Não vale a pena ir para a cidade?

A gente vai pra cidade, a gente pesquisa os preços, a gente volta embora, a gente vai de novo, a gente compra, aí a gente gasta mais do que se a gente fosse ter aqui fora. A gente pega o ônibus aqui uma e pouco, chega lá já é duas horas, depois a gente pega às cinco horas pra voltar então a gente tem três horas pra tá lá, então é uma correria. Eu tive que ir duas vezes nessa semana pra cidade pra marcar um cabeleireiro pra mim porque aqui não tem corte, não tem nem cabeleireiro.

Aluna do segundo ano do ensino médio, 17 anos

27. Se depender da juventude rural, qual a tendência?

Não depende só da gente também. Depende das pessoas que fazem pela gente. Se um prefeito, vamos supor, pega e coloca um projeto para o jovem daqui, que tivesse alguma coisa pra gente fazer aqui no Arroio [do Só] já seria bem melhor pra gente. O prefeito tá prometendo colocar academia desde que se elegeu, mas até hoje nunca.

Aluna do segundo ano do ensino médio, 17 anos

28. Vocês conseguem mais informação pela internet e celular?

Eu acho que é dali que a gente tira a informação que a gente tem. Vem dali.

Aluna do primeiro ano do ensino médio, 15 anos

A maioria aqui não tem Internet em casa. Aí eu quando vou pra cidade nas minhas primas, eu sento na frente do computador, eu saio só quando tiver caindo de sono, porque daí vê aquilo, já acha legal.

Aluna B do segundo ano do ensino médio, 16 anos

Eu só uso quando vou na cidade que meu primo tem. Daí ele empresta, daí a gente usa. Tu tem bem mais informação. Tu entra no mundo. Bem diferente daqui.

Aluna do terceiro ano do ensino médio, 17 anos

A gente deixa de viver o que é aqui, na verdade, que é uma coisa parada, aquela rotina de sempre, uma coisa monótona, então se a gente tem uma Internet, a coisa já muda. Não é aquela coisa, não é tanto desinteresse pelo meio rural, se tu tem Internet, tu já tem mais acesso à tudo, tu quer saber o preço de uma coisa, uma música que tu quer escutar, uma música nova que ouviu, não tem aqui, o que tu vai fazer, esperar pelo rádio e gravar depois? Não tem. Aí tu pega, já tem Internet, já facilita bem mais.

Aluna do segundo ano do ensino médio, 17 anos

29. Mas vocês gostam do lugar ou não?

Não. Em função desses problemas, dessas faltas, de condições, de acessibilidade.

Aluna do primeiro ano do ensino médio, 15 anos

Eu gosto porque é sossegado, tu vai pra cidade, é louca. É bom de morar aqui, porque eu fui lá pras minhas primas, tá louco, é muito barulho. Eu se fosse pra lá ia demorar pra me acostumar. Aqui é bom pra gente ficar tranquilo.

Aluna B do segundo ano do ensino médio, 16 anos

Aqui tu tem o teu canto, se vai pra cidade Deus o livre, tu escuta um barulho de carro, tu fica louca. Aqui tu vê carro a cada cinco minutos e olhe lá. Eu gosto mais, eu queria que tivesse mais acesso, mais lazer, mais pra onde ir. Não só ver mato, mato, mato.

Aluna do segundo ano do ensino médio, 17 anos

A gente tem que gostar porque até a gente sair daqui o que a gente vai fazer?

Aluna B do segundo ano do ensino médio, 16 anos

É o que a gente tem. Não adianta.

Aluna do segundo ano do ensino médio, 17 anos

Talvez, às vezes, as coisas não evoluem porque as pessoas que já estão aqui, elas não tomam uma atitude, fazer alguma coisa pra melhorar isso aqui. Elas simplesmente, por exemplo, os nossos pais, eles vão dizendo: vocês vão pra lá procurar um futuro pra vocês, mas eles não se conscientizam em fazer alguma coisa. Eles que já tão aqui há algum tempo, buscar algo pra melhorar isso aqui.

Aluna do primeiro ano do ensino médio, 15 anos

Na verdade a gente sempre espera que o outro faça. A gente espera que fulano vai fazer aquilo, fulano vai fazer isso.

Aluna do segundo ano do ensino médio, 17 anos

Se chegasse em mim e pedisse uma ajuda, montar uma coisa aqui no colégio, ninguém faz.

Aluna B do segundo ano do ensino médio, 16 anos

Tem uma festinha agora no sábado. Precisar ler? Mas credo, eu já levanto a mão na hora. Porque é uma maneira de eu sair de casa pra eu me encontrar com os amigos de novo.

Aluna do segundo ano do ensino médio, 17 anos

E quando a gente tem alguma ideia ninguém ajuda, ninguém estimula a gente..

Aluna do segundo ano do ensino médio, 17 anos

A gente queria fazer uma boate no fim do ano. Ninguém nos ajudou, ninguém quer nos ajudar. A gente desistiu.

Aluna B do segundo ano do ensino médio, 16 anos

30. Quando vocês falam sobre o futuro, vocês pensam na UFSM?

Eu agora vou fazer Peies [programa de avaliação seriada da UFSM] também pra ver se eu consigo.

Aluna do terceiro ano do ensino médio, 17 anos

31. Quais as profissões que vocês escolheram?

Engenharia mecânica.

Aluno do terceiro ano do ensino médio, 16 anos

Eu quero fazer medicina veterinária ou agronomia.

Aluna A do segundo ano do ensino médio, 16 anos

Eu vou fazer jornalismo.

Aluna do segundo ano do ensino médio, 17 anos

Eu quero ser enfermeira.

Aluna B do segundo ano do ensino médio, 16 anos

Eu gostaria de fazer algo ligado à informática, informação, ou direito, administração, alguma coisa assim.

Aluna do primeiro ano do ensino médio, 15 anos

Eu quero seguir carreira militar.

Aluno do primeiro ano do ensino médio, 15 anos

Eu também quero me formar em veterinária.

Aluna do terceiro ano do ensino médio, 17 anos

Não decidi.

Aluna do terceiro ano do ensino médio, 18 anos

Ano passado ia ter um curso de inseminação artificial aqui no Arroio [do Só]. Aí pra quem quer fazer medicina veterinária, seria bom. Mas aí agora, quase ninguém quer fazer e o curso não vai ter mais. Se tem dez pra fazer o curso e no mínimo é 15, 20.

Aí eles não querem dar mais.

Aluna A do segundo ano do ensino médio, 16 anos

Que nem a gente tá fazendo um curso de informática na faculdade. A gente tem que pagar quinze reais pra ir lá. Vai dar 150 reais ao todo, isso que o curso é de graça.

Aluna B do segundo ano do ensino médio, 16 anos

A gente ia ir lá ao [Museu do Regimento] Mallet conhecer. Aí a professora de Português foi embora, não quiseram mais nos levar.

Aluna do terceiro ano do ensino médio, 17 anos

Falaram esses dias que iam levar a gente no planetário, desistiram.

Aluna A do segundo ano do ensino médio, 16 anos

Se eles desistem, como nós vamos ter estímulo?

Aluna do terceiro ano do ensino médio, 17 anos

Apêndice E – Ficha de identificação das famílias participantes da quarta etapa da metodologia Q

Nome do pai:

_____
Idade: _____
Atividades principais: _____
Filhos: _____ Idades: _____
Distrito: _____
Área da propriedade: _____
Equipamentos que existem na propriedade:
( ) televisão ( ) telefone celular ( ) telefone convencional ( ) telefone celular com acesso à Internet
( ) máquina fotográfica digital ( ) computador de mesa ( ) computador portátil ( ) internet
( ) antena parabólica ( ) antena de televisão por assinatura ( ) rádio ( ) DVD ( ) blue Ray ( ) tablet
( ) cd ( ) mp3 ( ) outro Qual? _____
Escolaridade: _____

Nome da mãe: _____
Idade: _____
Atividades principais: _____
TICs de uso pessoal: _____
Escolaridade: _____

Nome dos filhos: _____
Idade: _____
Atividades principais: _____
TICs de uso pessoal: _____
Escolaridade: _____

Nome dos filhos: _____
Idade: _____
Atividades principais: _____
TICs de uso pessoal: _____
Escolaridade: _____

Como é a rotina de cada um dos membros da família?

Quais as responsabilidades de cada um?

Como costumam se informar?

Apêndice F – Transcrição das entrevistas com informantes qualificados

Irmã Lourdes Dill

1. Qual o papel da mulher rural hoje?

Irmã Lourdes Dill - Pra mim, que a gente trabalha já há quase 25 anos nessa atividade, junto com os agricultores e agricultoras familiares, também artesãos e outros segmentos, o papel da mulher rural pra mim hoje é importante mais do que nunca. Ela sempre foi importante, mas ela tem um papel hoje muito importante, fazer essa ligação também campo e cidade. E a mulher rural hoje no meio rural ela é uma das puxadoras da comunicação entre a família e a comunidade, entre a família e a cidade, entre a família e a própria comercialização. A gente pode perceber no feirão colonial, nas bancas onde tem mulheres a comunicação flui melhor, não que os homens não tenham, mas os homens têm outro jeito. Então a mulher tem um papel muito importante. Uma pela sensibilidade que ela tem enquanto ser feminino, outra pela percepção que ela tem também. A própria acomodação de um produto numa banca, por exemplo, a própria colheita dos produtos, então tem um jeito feminino muito importante de tá fazendo isso. E a comunicação, eu vejo assim, ela tem um papel muito importante. E o papel da mulher então, que em anos idos, não era tão participativo que a mulher ficava muito mais dentro de casa, que quando se apresentava em uma reunião dizia eu sou do lar. Hoje não, a mulher diz eu sou agricultora familiar, eu sou da economia solidária, eu sou cooperativista, eu quero políticas públicas, eu quero também os direitos que o pessoal da cidade tem. Então a mulher se autoafirma hoje em um papel muito importante, na organização. E volta e meia tem encontros nacionais, regionais, do movimento das mulheres camponesas e nessa semana também em Brasília tem um grande grupo de mulheres, as margaridas que tão lá, também reivindicando os seus direitos, as suas buscas e também uma interação muito significativa com a economia solidária. Então eu vejo assim, o papel da mulher mais do que nunca, sua presença em todas as áreas, não apenas na área rural, mas em todas nessa temática da transversalidade, então eu acho que a mulher tem essa grande função e esse grande papel.

2. O que a senhora acha que mudou que a senhora fazia essa trajetória que antes a mulher ficava mais em casa. O que a senhora acha que mudou?

Irmã Lourdes Dill - Acho que a mulher se emancipou e ela se autoafirma também com autogestão. Antes também ela era muito submissa ao marido. Por exemplo, se ela queria comprar alguma coisa não tinha dinheiro, tinha que pedir pro marido, se ela queria sair de casa, ela tinha meio que pedir licença, hoje não, a mulher diz eu tô indo pra lá. E a mulher se autoafirma também nessa participação. Se os homens têm direitos, as mulheres também têm seus direitos. Uma das atribuições que a gente dá pra isso é exatamente a formação, a mulher hoje participa de muito mais espaços de formação integral do que participava há uns trinta, cinquenta anos atrás. E eu lembro assim quando iniciou o projeto Esperança/Cooesperança aqui na nossa arquidiocese, as reuniões que a gente fazia no começo eram muita participação só de homens. E a gente foi questionando isso, por que a mulher não vem? Ou mesmo nos assentamentos, nos movimentos. Os homens sempre eram maioria. E eu posso afirmar com muita alegria se a gente olha o cenário hoje do nosso trabalho como um todo, há quase 25 anos agora, as mulheres são uma grande maioria. Nós podemos

afirmar que a maioria dos grupos hoje, as mulheres são em torno de 70 por cento de participação, então isso é importante. Então acho que foi se construindo toda essa participação, a consciência, os direitos que as mulheres conseguiram em nível de Brasil também, a própria licença maternidade, a questão da aposentadoria, a questão do bloco do produtor que há uns vinte anos a mulher não podia fazer parte da aquisição do bloco do produtor. Hoje pode decidir, o casal decide, eles podem fazer um bloco coletivo com o nome dos dois ou então o homem faz um e a mulher faz outro mas não é legal isso, acho que o bonito é ser coletivo. E muitos casais hoje têm bloco de produtor coletivo, o que há vinte anos nem se cogitava. O bloco vinha em nome do homem, do chefe da família que chamavam. Esse é um aspecto. Um outro aspecto que eu acho que ajudou muito, essa reflexão que a humanidade tá fazendo sobre essa questão de gênero. Nós sabemos que a humanidade e a sociedade ela precisa ser conduzida por homens e mulheres com igual participação, seja na política, seja no social, seja na educação, seja na parte cultural, a própria igreja que ainda tem bastante a desejar também. Esse trabalho coletivo na questão de gênero, um pouco essa integração, homens e mulheres fazendo a mudança juntos. E por isso também significa que hoje temos muito mais mulheres na política, muitas mulheres entrando na questão das prefeituras, das câmaras municipais, das assembleias legislativas, a própria câmara federal, senado, nos últimos anos têm crescido significativamente essa participação, o que também é um dado importante.

3. E essas mulheres acabam fazendo políticas públicas para as mulheres?

Irmã Lourdes Dill - Exatamente. Quem tá lá representando, quem tá lá no poder constituído também busca mais e hoje nós temos vários programas. No Pronaf, por exemplo, tem o Pronaf mulher e tem vários programas que são conduzidos especialmente na linha da participação da mulher.

4. A questão do jovem rural, o que a senhora enxerga?

Irmã Lourdes Dill - É um grande desafio hoje o jovem rural porque assim a tendência do jovem é querer vir pra cidade. Isso é uma tendência normal e compreensível. Mas hoje já temos muitas iniciativas no Brasil também que motivam o jovem pra vir estudar, hoje tem ônibus na maioria das comunidades do interior que traz o jovem pra cidade pra estudar à noite, fazer uma faculdade e voltar para sua propriedade. Então nós temos vários cursos hoje que preparam o jovem pra ficar no meio rural. Por exemplo, em Santa Cruz do Sul tem uma escola de jovens rurais que funciona em sentido de alternância, eles ficam uma semana ou duas, não me lembro agora, reunidos, estudando como grupo, 40 ou 50 jovens, e depois eles fazem alternância na propriedade e planejam, replanejam junto com os pais a sua propriedade. É uma prática muito boa e que tem dado certo. Uma outra iniciativa que tem em vários lugares é a escola das casas familiares rurais. Ela tem um pouco a mesma metodologia, ficam algumas semanas também reunidos, estudando a teoria, aprofundando e depois eles vão para as propriedades. Um curso que dura dois anos. Tem vários lugares do Rio Grande do Sul e do Brasil que têm. Tem dado certo também. Uma outra motivação boa também são as feiras. As feiras motivam o jovem a ter de novo perspectiva porque na feira ele tem uma visibilidade de comercializar o produto que ele produz. E pra isso também na feira de economia solidária do MERCOSUL aqui em Santa Maria, o papel do levante da juventude, que reúne em torno de quinhentos jovens a cada ano, é essa reflexão. O jovem se prepara, ele

luta, ele quer as políticas públicas, a meta é se preparar para ficar no campo. Então nós conseguimos reunir em todo o estado do Rio Grande do Sul em torno de quinhentos jovens sempre no levante da juventude, já na sétima edição e ela tem contribuído muito para essa clareza, o jovem vem pra cidade, ele estuda, ele se prepara, mas ele vai atuar lá no interior. E pra isso a tecnologia precisa ir pro meio rural com mais qualificação. No meio rural tem que ter os telefones necessários, tem que ter computador, Internet, tudo isso que a cidade tem. A maioria dos lugares hoje já tem luz elétrica, há vinte, trinta anos não tinha. Hoje tem água encanada e o necessário tem que ir pra colônia também. Então com isso nós conseguimos motivar o jovem pra ficar lá.

5. Qual a contribução das tecnologias de informação e comunicação pro meio rural?

Irmã Lourdes Dill - Agiliza e favorece muito a comunicação. Se vai olhar hoje é fácil, mesmo as famílias, os grupos se comunicarem. E a própria ligação com a cidade, ela qualifica. Muitas vezes, em vez de o agricultor fazer uma viagem pra cidade, ele primeiro telefona: escuta, em tal loja eu preciso comprar tal coisa, será que tem isso? Eu vou ligar. Então muitas vezes até barateia custos. Porque ele faz também desse instrumento de comunicação uma possibilidade de organização melhor. Então eu penso que qualifica muito e por isso todas as formas de entrada da comunicação no meio rural são muito importantes. A gente que viaja pelo interior, precisa ainda qualificar, por exemplo, essa questão das antenas dos celulares, tem muitos lugares onde é muito montanhoso, o celular muitas vezes não pega, porque não tem uma antena qualificada na região, então eu acho que tem que qualificar muito mais essa parte.

6. E na questão da Internet, ainda é muito pouco no meio rural?

Irmã Lourdes Dill - É pouco. Tem um dos projetos do governo Dilma agora que ela tem na meta dos quatro anos tentar informatizar o que for possível no meio rural, é um dos projetos. Tomara que dê certo e tomara que agilize. Em muitos lugares, muitas vezes, as pessoas acessam nas escolas, nos clubes, lugares da comunidade, mas ainda em geral é precário.

7. Qual a relação que a senhora vê entre a mulher rural e as tecnologias de informação e comunicação?

Irmã Lourdes Dill - Ela busca, não digo que todas, mas as mulheres, especialmente as mais novas, já buscam bem mais. Mulher de uma certa idade já é mais difícil. Mas as mulheres que tem uma meia idade, a maioria busca com eficiência. E hoje a própria feira, se a gente olhar quando a feira iniciou e a feira hoje, ela tem uma agilidade muito grande na comunicação, a própria feira como um todo com os empreendimentos. Então hoje eu poderia dizer assim que 80 por cento da comunicação da feira ela vai via Internet. Não digo 100 por cento ainda porque tem empreendimentos bem no meio rural que ainda não têm, então nós trabalhamos ainda com correio convencional. E também o pessoal pede informação, acessa muito e o papel do site é muito importante. Vamos dizer que dos 800 empreendimentos que estiveram expondo na feira, a gente podia quase que afirmar que em torno de 600 empreendimentos já têm essa qualificação hoje. Isso é

importante. E muitas vezes se a família não tem, o grupo não tem lá na sua propriedade, ele busca com a Emater, com a universidade, com a prefeitura, com os amigos. Diz: eu não tenho e-mail, mas eu busco lá, me manda pra tal lugar, até os índios fazem isto. Os índios, em geral, não têm acesso a essa tecnologia, tem acesso ao celular, mas ainda a parte do computador eles têm menos acesso, então também eles já fazem isso, eles veem no telefone e ligam pra gente e dizem: eu tenho tal e-mail, gostaria que mandasse o material da feira pra tal e-mail e lá ele vai acessar. Então isso as mulheres também fazem muito, os empreendimentos como um todo, eles buscam informações, o que há uns 20 anos não tinha essa sede de informação, hoje tem. A mesma coisa em relação aos eventos, eles buscam muito as informações, em tal lugar tem uma feira, vamos ligar pra lá ver se dá para ir, então essa informação também flui devido ao avanço da tecnologia.

8. Antes eles ficavam em papel mais passivo?

Irmã Lourdes Dill - Hoje é muito mais interativo. Eu acho que a comunicação tem um papel muito importante nessa transversalidade da comunicação como um todo.

9. Há alguns anos o marido talvez fosse a única informação da mulher?

Irmã Lourdes Dill - A gente confirma isso. Se o marido ia pra cidade e trazia informações que ele não queria repassar pra mulher, ele não passava. Vamos supor que tinha um encontro x ou um evento x lá que a mulher até ia gostar de ir, mas o homem dizia: não vou comunicar. Então hoje não, hoje a mulher fica sabendo por n comunicações, é diferente. Então no interior tem às vezes atividades, tem um curso, uma palestra x. Eu vou seguido pro interior nas celebrações também, uma coisa que é muito usada no interior, nas celebrações das comunidades, ou, às vezes, as missas, os cultos, então sempre no final da celebração, tem o espaço pra avisos. E quem tem um aviso, um curso, uma palestra, já vai lá, então a comunidade toda fica sabendo. E à medida que um, dois sabem, vão multiplicando. Isso também facilita muito.

10. Na feira, mais importante do que vender é o espaço de convivência proporcionado pelo projeto?

Irmã Lourdes Dill - É muito legal essa confraternização, essa troca de experiência. Porque a venda é uma parte, mas com certeza não é a parte mais importante. Porque se a convivência, a organização do grupo vai bem, a parte econômica é uma consequência. Ela é muito importante a parte econômica, mas ela é consequência. Então essa troca de experiência, é muito bonito isso. Uma coisa, mais no feirão colonial que a gente percebe, ao longo desses anos, tem nascido muita criança de família x, y, então a convivência que a criança começa a ter nesse meio e as crianças se criam no meio da feira. Eu vejo assim as mulheres levam criança recém nascida de uma semana, duas semanas, levam lá e toda rede fica acariciando essa criança, então se torna quase um patrimônio comum, então, com isso, as crianças vão se aculturando nessa cultura da solidariedade. Uma outra experiência também muito importante: muitos pais têm filhos aqui na cidade estudando, eles param aqui em Santa Maria, estudam e sábado eles vão ajudar no feirão, na banca, trabalhar, bonito isso. Pra eles é uma forma de não perder esse vínculo, é uma contribuição

pro grupo no caso, e pra ele também é uma experiência de interação, de não perder suas raízes.

11. De modo geral os filhos não querem voltar e até às vezes os pais empurram os filhos para a cidade. O que a senhora acha disso?

Irmã Lourdes Dill - Santa Maria eu acho, que todo mundo tá vendo, que na medida em que passa o tempo, as famílias que são de mais idade no meio rural, tem muita propriedade que vai se extinguir. Isso o futuro tá desenhado. E também faz parte de um projeto globalizante que o mundo hoje tem. Trazer o povo, a maioria pra cidade, o que é prejuízo. Se nós vamos olhar hoje a violência que tem na cidade, a droga, toda essa função que envolve questões trágicas de morte. Muita gente vem pra cidade não está preparada, em segundo lugar, fica muitas vezes na cidade, a pessoa fica ociosa, não tem muita alternativa de sobrevivência, nem moradia digna, qualificada, então a pessoa busca qualquer coisa e, muitas vezes, o refúgio é na droga. Isso é preocupante.

12. Existe uma ilusão em relação à vida na cidade?

Irmã Lourdes Dill - Tem muita ilusão. O jovem que vem pra cidade não preparado, ela passa por muita, e daí voltar? Pra muitos, eles acham que é humilhante voltar pro meio rural. Então se alguém vem pra cidade sem a certeza de poder estudar, sem certeza de um trabalho, sem certeza de uma moradia.

13. Por que seria humilhante voltar na visão deles?

Irmã Lourdes Dill - É um preconceito que a própria sociedade produz. Eu conheço alguns casos, não são muitos, de pessoas que vieram pra cidade, pra ficar na cidade um tempo x e disseram: não, meu lugar é lá fora, volto lá pra fora, já vi casos, não são muitos, mas alguns. A comunidade discrimina. Quando o jovem vai na cidade, pensando que vai ele fazer a vida dele na cidade e volta pro interior, a comunidade discrimina, isso é verdade. E essa preocupação mesmo, se nós vamos olhar o mundo globalizado, toda essa questão da agricultura, que nós sabemos que o latifúndio, ele não produz para o consumo. A gente não vê nenhum latifúndio produzir feijão, hortaliças, criar animais de corte. O latifúndio, o que ele produz? Soja, fumo, eucaliptos, as grandes propriedades de gado, mas normalmente pra exportação, normalmente não é para o consumo local. Daí vem uma preocupação muito grande com o futuro: como se dará o futuro, vamos imaginar pra frente vinte anos, o futuro da agricultura da pequena propriedade? A gente não sabe como vai ser.

14. O projeto Esperança tem alguma iniciativa específica para a juventude rural?

Irmã Lourdes Dill - Específica não. Nós trabalhamos isso de forma integrada, um pouco criando essa consciência na formação, mas uma coisa bem pontual, não temos. Claro tem a motivação do trabalho, a formação como um todo, mas específica não tem. Agora a gente trabalha muito integrada com a pastoral da terra que é uma pastoral que tem uma articulação nacional, tá presente em todos os estados, todas as dioceses e aqui em Santa Maria também a pastoral da terra está

integrada com o projeto Esperança/Cooesperança. Então tem os encontros, cursos, tem as romarias da terra também que tem esse caráter de poder fortalecer essa consciência de que nós precisamos manter a agricultura familiar no campo de forma qualificada.

15. Alguns agricultores reclamam que o ensino no meio rural é igual ao ensino urbano. O que a senhora acha disso?

Irmã Lourdes Dill - O meio, a cultura é totalmente diferente. O que tá acontecendo hoje? Pequenas escolas do meio rural municipais, quantas escolas já fecharam? Se for dar uma rastreada no Rio Grande do Sul todo, quanta escola no Rio Grande do Sul, no interior fechou? Claro, aí tem várias explicações. Uma: tem menos filhos hoje. Há trinta, quarenta anos atrás tinham bem mais filhos, então viabilizava uma escola municipal lá no interior, hoje não. Hoje é mais fácil a prefeitura pegar, qualquer prefeitura, contratar um ônibus, buscar esse aluno lá na sua propriedade, nas suas casas e trazer pra outra escola, normalmente que tem o ensino fundamental, primeira a oitava série. Até nós temos vários grupos na região e no Rio Grande do Sul também, grupos que organizaram agroindústrias nas escolas fechadas. Foram cedidas, feitos contratos de comodato e outras comunidades transformaram em moradia para famílias que não tinham moradia. Mas tem muita escola que numa época x foi construída no Rio Grande do Sul em nível municipal e mesmo escolas estaduais que fecharam. Mas muito mais municipais, pequenas escolas, que antes funcionavam até quinta série.

16. Na escola de Arroio do Só, os estudantes afirmam que não querem permanecer no local. O que a senhora acha disso?

Irmã Lourdes Dill - É bem complicado. A gente não sabe como o futuro disso vai dar conta.

17. O que a senhora projeta, qual seria o caminho?

Irmã Lourdes Dill - Eu penso, são vários caminhos que nós tentamos trabalhar integrados também na formação que é a organização do povo no meio rural, políticas públicas e viabilidade econômica também, por exemplo, pra aquilo que ele produz, então hoje quase que a palavra de ordem no meio rural, na pequena propriedade é a diversificação. Não adianta um produtor achar que ele vai só criar galinha ou vai só trabalhar com leite. Tem horas que o leite fica lá em baixo o preço. Então, diversificar, plantar de tudo um pouco e isso que também está sendo viável e viabilizando também a vinda dele nas feiras. Quem tem uma banca assim bem diversificada, ele se dá bem, porque o consumidor ele não vai na feira só comprar tomate, só comprar batatinha, só comprar alface, ele vai comprar na feira diversificado. E o consumidor, ele cria uma relação de amizade com o produtor, isso é importante, isso é muito importante para o produtor, isso autoafirma ele também pra ficar no meio rural.

18. Na contramão disso tudo, existe uma valorização do campo pela cidade?
Irmã Lourdes Dill - E também nós temos vários consumidores no feirão, por exemplo, quando dá uma folga eles visitam as propriedades pra certificar a questão da ecologia e ver onde é produzido o alimento que ele come. Isso é bonito. Se

alguém tivesse tempo de fazer disso um projeto de turismo seria muito interessante, mas falta gente. Então é bem interessante.

19. Faltam muitas coisas básicas no campo?

Irmã Lourdes Dill - Exatamente. A estrada, política pública, a saúde, a educação, a informação, toda a questão da comunicação. Aquela discussão que tinha um tempo atrás sobre a criação de novos municípios, ela até é um pouco, eu diria esse retrato, não quer dizer que isso tem que acontecer, mas é uma ansiedade do povo em ter as condições que a cidade tem. Por exemplo, o próprio Arroio do Só, depois lá o Passo do Verde, a região lá de Santa Flora, Boca do Monte, esses lugares, por que eles levantaram isso? Claro que tem fundo político também, não podemos negar, mas eles também têm esse sonho de eles lá na Santa Flora ter o que a cidade tem, na linha da educação, na linha de saúde, na linha de comunicação, de políticas públicas, serviço bancário, porque toda vez que eles lá precisam de qualquer serviço bancário eles precisam vir pra cidade, tendo estrada ruim é um transtorno. Muitas vezes eles não têm transporte próprio.

20. E as passagens de ônibus são caras?

Irmã Lourdes Dill - Mas isso as prefeituras hoje têm obrigação de viabilizar, os ônibus pra estudo. Tem uma lei que ampara que em cada região deve ter os ônibus para trazer o jovem pra cidade pra estudar e voltar na mesma noite. Então essas reivindicações que eles fazem, elas são muito justas. No nível de Rio Grande do Sul uma outra preocupação, tava mais forte no outro governo, agora já cessou um pouco mais, porque há um regramento também nisso, mas assim, de uns cinco ou seis anos pra cá, houve uma pulverização eu diria assim, dessas multinacionais, especialmente do eucalipto pras áreas, exatamente, eles focavam o pequeno agricultor, aquele que tava insatisfeito, não queria mais ficar lá e compravam essas terras pra comprar eucalipto. Isso é tragédia. É tragédia para o Rio Grande do Sul. Isso é impossível nós transformarmos o Rio Grande do Sul que é o celeiro de produção da agricultura familiar mesmo, do agronegócio, transformar o Rio Grande do Sul em produção de eucalipto. Isso é impossível. Então a gente via muito no meio rural o pessoal fazer isso. Estava insatisfeito, eu vou ir pra cidade, vou vender minha terra, ponho o dinheiro no banco e vivo disso. Depois se aposenta. E nós fizemos contrapontos. Quando foi o fórum da igreja católica na PUC, eu acho que foi em 2006, aí nós fizemos lá um confronto que quase que tiveram que chamar a polícia, mas um pouco pra dar esse choque. No sentido assim de que teve várias organizações lá e foi bem o foco forte aquela época, aí nós criamos um movimento forte e reagimos pra um pouco contrapor essa metodologia. Nessas grandes extensões que eles estavam querendo fazer, isso é impossível. A mesmo coisa o fumo se nós vamos olhar. Muitos agricultores ainda plantam o fumo no Rio Grande do Sul, mas o fumo também está com os dias contados. A gente participou, desde vinte e poucos anos atrás, das alternativas à cultura do fumo. É uma iniciativa também do Dom Ivo, da nossa diocese, Projeto Esperança/Cooesperança, com outras dioceses. Agora já temos no dia 25 de agosto um encontro que reúne três estados pra refletir o tema. Vai ser ali em Cortado, Novo Cabrais. O fumo é também uma cultura muito preocupante porque ela é uma cultura excludente, ela concentra a renda na mão das multinacionais, explora o agricultor, o plantador de fumo, paga mal na hora da colheita e além do mais toda a questão da saúde que esse agricultor

está comprometido com sua família pelo veneno, por um trabalho de escravo de tanto tempo e quando chega na hora de vender, praticamente não vale nada, vale pouco. Isso é um aspecto. Outro aspecto que nós refletimos muito é que toda a questão da saúde, hoje o fumo no mundo mata mais de 5 milhões de pessoas e no Brasil mais de 200 mil pessoas, isso está comprovado cientificamente. E tem todo um movimento de uns dez anos pra cá sobre a convenção Quadro. São hoje 192 países que aderiram já, fizeram o acordo e o Brasil em 2004 estava na mira de não entrar. Aí nós fizemos muitos seminários e também houve momentos de debate, audiências públicas, onde houve muitos confrontos, no sentido de refletir e tornar importante que o Brasil entrasse na ratificação. E conseguimos vencer, o Brasil entrou, assinou o acordo da convenção Quadro e hoje tem no governo federal, no Pronaf, uma política pública também que apoia agricultores familiares que queiram parar na produção do fumo e trabalhar com alternativas. E nós no projeto Esperança/Cooesperança temos vários grupos que são ex-plantadores de fumo e estão hoje na diversificação das culturas.

21. Algo mais a senhora gostaria de acrescentar?

Irmã Lourdes Dill - Eu queria só de dizer a importância de um trabalho desses que você fez e nesse enfoque, você como comunicadora e jornalista e pra ti acho que é uma experiência interessante e alguém aprofundar esse tema. Eu fiquei muito feliz com essa busca, também a valorização da mulher rural que, muitas vezes, não recebe a atenção que ela merece.

22. Os produtores colocam que se eles não tiverem o apoio das mulheres e dos jovens eles não vão permanecer no campo.

Irmã Lourdes Dill - Eles não vão ficar. A mulher é uma motivadora ainda de ficar. Muitas vezes ainda puxa pra trás. E por isso é muito importante que ela esteja realizada, esteja satisfeita em ficar lá fora porque ela faz com que o homem também fique lá fora. A mulher é uma norteadora da decisão de ficar lá fora, na colônia. Então os homens sentem isso, esse papel. E quanto mais a mulher tiver condições de ter o seu dinheirinho, pra comprar as coisas pra dentro de casa, mais satisfeita ela fica também em ficar lá fora. Eu já vi comentários de pessoas, pessoas também ignorantes, que diziam assim: por que no meio rural tem que ter casa bonita? Eu disse: tem que ter casa tão bonita como na cidade. O direito da moradia digna no meio rural é tão digno como na cidade, então também essa cultura tá mudando também. Então quem faz uma casa no meio rural faz uma casa de alvenaria, faz uma casa bem feita, uma casa com uma área bonita, enfeita de plantas, tudo isso tem que ir se qualificando.

23. Nós percebemos nos grupos um estresse por parte das mulheres rurais. Ela não consegue dar conta do trabalho e fica insatisfeita com isso.

Irmã Lourdes Dill - A mulher que atua na lavoura na realidade ela tem três jornadas de trabalho. Ela tem todo o dia, as mulheres que acompanham os maridos na lavoura, elas atuam de manhã, tarde e o que acabam fazendo de noite? Elas fazem o serviço de casa. Ou lava roupa, passa roupa, prepara a comida, faz o pão, faz a limpeza da casa, tudo. A mulher tem três jornadas bem carregadas de trabalho. Isso talvez faça com que a mulher no meio rural ela se estressa bastante. Mas tem já

mulheres na sua emancipação, que dividem o tempo: vai junto na lavoura, mas ela tira o seu tempo pra fazer o serviço de casa durante o dia, o que é justo. Que na parte da noite, ela possa ter o seu lazer também, a televisão, com os filhos, com a família, ou um passeio, uma atividade cultural, então vejo muitas mulheres já hoje se organizar.

24. Isso depende das mulheres?

Irmã Lourdes Dill - Depende dela na sua reorganização e depende também um pouco do número de pessoas que estão na família pra ajudar. Se for só o casal, ou se for o casal mais um filho, tudo complica mais.

25. Espera-se que a mulher faça tudo como uma obrigação?

Irmã Lourdes Dill - Isso diminuiu já bastante. Por exemplo, antigamente, eu lembro, não é um tempo tão distante, que aos domingos o homem saía pros jogos, lazer e a mulher ficava em casa fazendo tudo: fazia comida, cuidava dos animais, limpava a casa, cuidava dos filhos e hoje não. A mulher diz: eu também vou sair. Se o homem sai ela também tem direito. Volta pra casa e faz o serviço junto. Então isso é uma família que precisa se reeducar, mas isso tem que ter muita afirmação da mulher e a mulher que ajuda a nortear isso.

26. A senhora acha que ainda existe muita dominação masculina no meio rural?

Irmã Lourdes Dill - Ainda tem. Têm os dois lados. Muitas vezes o machismo é predominante, mas também as mulheres que não se autoafirmam. Acho que tem problema ainda acho que dos dois lados. Não digo que é um número tão elevado hoje, é bem menos. Eu lembro quando teve agora em março o dia internacional da mulher eu conversei assim aleatoriamente com algumas mulheres perguntando. Pois é, primeira vez que a gente sai de casa, mas daqui pra frente nunca mais nós vamos faltar. Mulheres que nunca tinham saído de casa e aquele dia foi muito legal. Mulher assim de idade, 50, 60, 70 anos e elas ali, felizes, participando, e dizendo daqui pra frente... Outras mulheres já tinham ido muitas vezes e a mesma coisa um pouco em relação às feiras, as mulheres que vêm uma, duas, três vezes, elas se emancipam e vêm participar sempre. Isso é uma condição que elas mesmas se colocam. Então é bonito todo esse envolvimento e no planejamento familiar entra muito essa questão de se dividir as tarefas, é claro depende ainda muito dessa compreensão da questão de gênero, mas os casos novos já fazem muito mais isso, mesmo no meio rural.

27. Vocês, enquanto projeto, promovem essa valorização?

Irmã Lourdes Dill - Às vezes eu me choco quando eu vou a agendas políticas, às vezes fazem um palcão lá só de homens. Ou então, ao contrário, só de mulheres. A gente é contra isso, cem por cento contra. O que nós cuidamos no projeto, por exemplo, a prática, por exemplo, forma uma mesa pra qualquer evento então nós cuidamos a paridade homens e mulheres. Na abertura da feira, por exemplo, um empreendimento levado pelos homens, outro levado pelas mulheres, então a questão de gênero, a paridade. Isso é fundamental, isso cria também cultura. Nós

fomos a um evento no dia 9 de abril com um grupo de catadores em um ônibus, nós participamos da abertura, mas um palcão só de homens. E daí qual é o choque? Por trás dos bastidores, quem preparou foram as mulheres. Fica ruim porque elas ajudaram a preparar dia e noite toda uma festa, todo um cenário e depois na hora... Mas eu penso que nós estamos em uma caminhada muito bonita, tenho dito que nós como igreja temos que melhorar muita coisa ainda, a igreja ainda é bastante machista, mas tudo isso é uma conquista que vai se construindo, ela precisa ser construída, ela precisa ser fortalecida e nós também mulheres ocupar o espaço que temos. E assim, passo a passo, eu acho que as coisas vão mudando. Nós também esse ano como igreja fizemos duas experiências, claro, motivadas também por nossa luta, nossa participação. Nós tivemos dois momentos importantes que a campanha da fraternidade esse ano foi sobre a vida no planeta, a questão da ecologia, e daí nós tentamos inserir nos encontros preparatórios de reflexão os catadores e a maioria são mulheres, a maioria são negras, então esse foi também um papel muito importante. Foi uma inovação então no encontro, no lançamento, na catedral e depois pra repetir um pouco o gesto e fortalecer um pouco essa conexão nós conseguimos também na quinta-feira santa, no lava-pés, conseguimos levar doze catadores, também foi uma inovação, e nesses doze catadores, que sempre iam só homens, nós conseguimos colocar a metade mulheres. Isso foi uma grande inovação. A gente não comunicou pra ninguém. Colocamos jovens, crianças, homens e mulheres adultos também. Quem entendeu valorizou muito. A gente não comunicou isso muito antes porque senão podia ter preconceito: não, os apóstolos eram homens. Então nesse tipo de inovação a gente tem que ter muita coragem. Tem que se lançar e fazer.

Joel Orlando Bevilaqua Marin

1. Qual o papel da mulher rural?

Joel Orlando Bevilaqua Marin - Eu acredito que grande parte do papel da mulher ainda continua a cuidadora do lar. Pelas experiências que a gente vê as mulheres ainda têm esse fardo que é histórico de continuar no cuidado da família. Ela ainda é a principal agregadora e organizadora das relações sociais familiares. No entanto, a gente vem observando que, em função das próprias transformações que vêm ocorrendo no espaço rural, muitas mulheres também estão assumindo cargos de direção de cooperativas, de sindicatos, mas eu não vou dizer que seja generalizado. São mulheres que, dependendo as condições familiares, históricas, de algumas circunstâncias, elas surgem e começam a liderar. Eu conheci, como já te falei, a minha experiência é de Goiás, a liderança do sindicato da cooperativa está na mão de uma mulher há muito tempo. E que ela acumulou um conjunto de informações e de relações, informações de políticas públicas, informações acerca da administração propriamente dita do sindicato e da cooperativa e de um domínio de um discurso que faz com que elas consigam verbalizar e captar alguns anseios e domínio de certos instrumentos e recursos burocráticos, administrativos e que conseguem galgar um espaço que é tido como historicamente masculino como a direção de sindicatos e cooperativas.

2. E na questão do jovem?

Joel Orlando Bevilaqua Marin - O que eu tenho observado é que em termos de preocupação com o jovem, em termos de políticas públicas, estão orientadas muito mais pensando na educação escolar. Qual é, realmente, a instituição ou o espaço que os jovens, que a sociedade pensa como legítimo e adequado, enfim que se pensa pro jovem? É a escola. Eu já trabalhei em assentamentos rurais que os jovens têm uma participação na decisão do movimento ou nas mobilizações muito pequena. Onde que ele consegue? São naqueles momentos que se referem à religião, eu falo o reconhecimento mais das comunidades, da religião e do lazer. Então esses se reconhecem como espaços onde os jovens estão mais autorizados, digamos assim, do que propriamente os adultos. Ali é um espaço que é legitimado, que eles conquistam e que tanto os jovens como os adultos reconhecem que ali, digamos assim, é o espaço onde eles podem se mobilizar. Em termos de sociedade mais abrangente, o que tá se pensando em termos de políticas, que o jovem possa se manifestar e ser acolhido, eu vejo a escola a principal. Se você for ver, tem a política do crédito rural, Pronaf Jovem, mas eu tenho dúvidas de qual é o alcance. Eu não tenho estudos, mas qual é o alcance efetivo dos jovens nessa política pública que está dirigida a eles, especificamente? Eu não acredito que os jovens realmente percebam que essa é uma política que realmente é pra eles e que eles devem usar. A minha leitura que eu faço que o espaço é a escola para galgar outros espaços que não são do meio rural, ou seja, a escola como possibilidade de saída.

3. A própria família almeja isso?

Joel Orlando Bevilaqua Marin - Pegando a experiência aqui de Agudo que ali tem um condicionante mais grave que é a restrição em relação à produção de fumo, que tem a convenção Quadro e, por isso tem políticas para substituir o fumo, enfim a gente tem políticas que são mais restritivas inclusive a proibição do trabalho para menores de 18 anos no fumo, então o que a gente vê? De uma certa maneira, a família vê como a única possibilidade ou a melhor possibilidade a saída. E essa saída, especialmente aqui no sul, a gente vê que é a escola. A escola é que vai dotar dos saberes, dos conhecimentos reconhecidos pela sociedade, que vão possibilitar a colocação seja na universidade, seja no mercado de trabalho. A família reduz muito o número de integrantes, então a população rural, a família é muito pequena e as economias da família e os esforços que ela faz são no sentido da busca de uma melhor qualificação. E a instituição que mais próximo deles está é a escola. Talvez a única. Tem a política do Pronaf Jovem, mas que talvez eles não percebam como uma possibilidade.

4. Alguns agricultores acreditam que a escola rural deveria ser diferenciada da escola urbana. O que o senhor pensa disso?

Joel Orlando Bevilaqua Marin - Essa é uma longa discussão de que se fala que historicamente a escola não estava adequada para a realidade rural, sempre preparou para a migração. Fica a questão: será que não está se produzindo uma escola diferenciada pra sujeitos que serão diferenciados ou uma tentativa de que eles devem ser fixados no espaço rural? Eu tenho uma certa dificuldade de pensar uma escola específica para o espaço rural com um condicionante de eles

permanecerem no espaço rural. Eu acho que não é por aí. Eu acho que é um conjunto amplo de questões que passam pela baixa remuneração da família, pela desvalorização do trabalho doméstico da mulher rural, como eu falei, eu vejo que as mulheres ainda, claro que elas estão nas cooperativas, nas associações, mas ainda o espaço doméstico é uma atribuição muito mais dela. E é um trabalho que não é reconhecido e nem remunerado. Uma grande desvalorização, as pessoas têm vergonha de dizer que são filhos de agricultores, são poucas as que falam: eu sou agricultora com muito orgulho. Tem todo um desprestígio muito grande. Aí eu falo no plano das representações do que é o trabalho agrícola e mais do que isso, remuneração. A remuneração das famílias é muito baixa e isso não possibilita a permanência de muitos filhos e, além disso, há um outro limite que é terra. Eu não sei se você fez estudos de estrutura fundiária. Será que a terra hoje existente, ela tem quantidade e qualidade pra abrigar novas famílias. Ou há condições de investimento nessas propriedades pra romper isso, porque o que a gente vê é que a renda é muito baixa, o trabalho é fatigante e não bem remunerado e não socialmente reconhecido. E aí o que acontece? As pessoas têm vergonha.

5. Por que as jovens rurais ainda têm anseio maior em vir pra cidade?

Joel Orlando Bevilaqua Marin - Eu vejo que é um conjunto de situações. Primeiro que a mulher só teve aposentadoria efetiva, você sabe muito bem, em 91, exatamente 20 anos, ou seja, se fala, e a maior parte das análises mostra que a mulher não tem reconhecimento dentro da família, mas o Estado, antes de mais ninguém, não reconheceu a mulher rural como trabalhadora. Tanto é que não tinha direitos à aposentadoria, não tinha direitos à maternidade, não tinha direitos. Não havia reconhecimento público dessa trabalhadora, o que é muito recente. E aí eu concordo com várias análises como da Anita Brumer, a [Maria Ignez] Paulilo que falam que a mulher também não tinha direitos dentro da família. Quando se pensava em herança, a herança era para os filhos homens, ou seja, havia o reconhecimento do futuro trabalhador homem. A mulher herdava a partir da possibilidade do casamento de alguém que tinha terra. Então o que aconteceu? Houve um fechamento de uma fronteira agrícola. Até a geração dos anos 50 tinha a fronteira agrícola e a fronteira agrícola era uma possibilidade. Se aqui eu não tenho terra, eu posso me tornar, ou constituir, ou me reproduzir socialmente numa região de fronteira agrícola. Na medida em que nos anos 60 e, especialmente nos anos 70, há um fechamento da fronteira agrícola, o que se abre pra essa mulher? É o espaço urbano. Na família não tem reconhecimento, não consegue mais ser agricultora, e há também um outro elemento no caso de Santa Maria que é a universidade federal de Santa Maria, e aí eu falo em ensino técnico e ensino profissionalizante. E toda a rede de ensino privada que teve aqui, era a FIC, que abriu grandes possibilidades de continuidade dos estudos. Se houve o fechamento da fronteira agrícola, houve, em contrapartida, a abertura e a ampliação da continuidade do ensino que possibilitou o acesso ao ensino médio ou superior. E também a ampliação dos serviços. Aqui nós temos o comércio, o comércio também absorveu, hospitais, eu vi que nessa região de Silveira Martins, muitas mulheres foram trabalhar de enfermeira nesses serviços ligados à saúde, ao comércio, que abriu possibilidades. Então o que aconteceu? Nessas últimas décadas, as mulheres começaram a perceber outras possibilidades que passam pelas ocupações urbanas. Com isso, é também uma busca pelo reconhecimento de uma trabalhadora porque no mercado, no comércio ou nos serviços ela tem um reconhecimento de trabalhadora. Ela tem direitos, ela conquista

direitos. Conquista uma autonomia pessoal. Ali ela não está à sombra de uma família, mas ela está construindo a sua identidade e tendo a sua renda e, por consequência a sua autonomia pessoal. Eu vejo que, em parte, essa ampliação que houve para as mulheres elas se dão conta, o mundo urbano se abre pra elas, e mais do que isso, aí você tá fazendo com os meios de comunicação, a televisão chega nessa região nos anos 60, 70, especialmente nos anos 70 e 80, chega nessa região, tem rodovias que melhoram, tem acesso aos meios de transporte, ou seja, o mundo urbano chega mais, chega até eles. Então não existe fronteira agrícola? Mas tem um mundo que tá conectado, um mundo que se abre pra ela, de possibilidade de trabalho, possibilidade de estudo, possibilidade de reconhecimento da condição de trabalhadora e uma autonomia pessoal. E isso é importante. E aí a questão da escolaridade se torna um fator importante. É um projeto internacional de proposição de políticas públicas pra juventude a partir dos anos 50, 60 e 70 mais precisamente e, dentre as políticas é o acesso à escola, aí então a escola chega mais perto. A universidade é perto, está ali, é uma questão de acessar, passar no vestibular enfim e adentrar, ou seja, há uma valorização. Enquanto que o homem é mais apegado, ou seja, ele ainda consegue continuar percebendo o espaço rural como uma forma de vida, ele é herdeiro, ele tem é muito mais amor ao trabalho agrícola, ela não, ela é mais desapegada.

6. Muitas vezes a mãe não quer o mesmo futuro pra filha?

Joel Orlando Bevilaqua Marin - Exatamente e se casar com um agricultor, namorar é uma continuidade desse projeto. Por isso que o estudo é que vai ter o capital cultural e possibilita até novos parceiros pra elas.

7. As mulheres rurais estão muito estressadas como as mulheres urbanas?

Joel Orlando Bevilaqua Marin - Isso é em parte pela própria integração das cadeias produtivas que impõem um ritmo, impõe uma qualidade, há uma redução da mão de obra, então quer dizer que, quem fica amplia a jornada de trabalho. Pela própria migração do jovem. O que é o jovem? O jovem é a força do trabalho renovada, rejuvenescida e quando esse jovem se ocupa mais da escolarização, quer queira, quer não, acaba mais para os adultos. Então eles têm que cumprir isso aí, por quê? As demandas de consumo aumentam, as imposições de qualidade e quantidade nessas cadeias produtivas estão aí, pega a do fumo, do leite, leite não tem sábado, não tem domingo, não tem feriado, elas têm que tirar, elas têm que alimentar os animais. Ou seja, há uma imposição desse ritmo e, mais do que isso, eles têm que ter uma quantidade mínima pra ter uma renda. Tem as agroindústrias, tem os compromissos, tem as feiras, as demandas, então quer dizer, todas as transformações que vão ocorrendo assim são no sentido da intensificação do trabalho, na busca de uma maior produção de mercadorias e isso acaba pesando pra quem fica. Então por isso que as mulheres hoje, a mão de obra disponível é muito pequena. A nossa pesquisa em Agudo, quase 70 por cento das famílias têm menos de quatro integrantes. Então assim, pouca gente. Num universo de trinta pessoas, 20 por cento tinha apenas um filho e 70 por cento dois integrantes. Então é uma família que está reduzida e, por consequência, as exigências de quem permanece aumentam.

8. E ainda essa família tem várias outras despesas que não existiam?

Joel Orlando Bevilaqua Marin - As imposições do mercado tanto pra produzir, pra produzir você precisa comprar novos insumos, adubos, máquinas, implementos, um monte de exigências e, além disso, essa intensificação do ritmo por um outro lado acaba reduzindo aquela produção que era de subsistência. Por isso eles entram mais nessa lógica da mercantilização, da lógica mercantil. E aí a necessidade do consumo é maior.

9. O senhor acredita que existe uma ilusão por parte de quem vive no campo sobre a realidade da vida na cidade?

Joel Orlando Bevilaqua Marin - Eu acho que eles têm muito claro o que significa a vida no espaço rural. O que vem pela frente eles não têm muita clareza, mas eles acreditam que, e aí com base em outros exemplos, com base na crença e na ascensão social por meio do estudo, eu acho que nessa fé e nessa crença que eles se lançam. Inclusive eu trabalhei em Goiás e trabalhei aqui e aqui a gente vê que aqui os alunos são mais dedicados, investem mais, prestam mais atenção, valorizam mais o ensino do que lá, porque lá é uma classe média alta. E aí eu falo do público que eu dou aula que é o público das áreas que vêm estudar agronomia, veterinária e zootecnia. Eles sabem exatamente a vida que eles levam, o trabalho que eles levam, e, especialmente as mulheres, não querem que a sina da mãe se repita na filha. O que vem pela frente? Não sei. Mas o que tá aqui não é tão satisfatório. Eu vejo dessa maneira.

10. O senhor acredita que as tecnologias de informação podem trazer algum benefício pra essas propriedades, pra essas famílias rurais?

Joel Orlando Bevilaqua Marin - Eu vejo que sim. O mundo está se conectando e a gente viu ali em Agudo que onde tem possibilidade de Internet eles instalam. Onde não tem, eles compram um computador nem que seja pra fazer as tarefinhas de casa e fazer os joguinhos. Então é um desejo porque os filhos, as crianças, os jovens veem os que estão na cidade acessarem e a escola está ensinando. Você vai a Agudo, as escolas rurais têm computador e então tem esse desejo de consumo. E os pais procuram proporcionar isso, até mesmo como uma forma de ele estar ali, ele pode acessar, ele está brincando, mas ele está perto de mim, ou seja, é uma forma sim de melhorar as condições de vida, de acessar a informação, o conhecimento, isso vai facilitar, mas é também uma forma de que eles fiquem bem em casa e quando eles estão ali eles têm o e-mail, acesso à comunicação, meio de informação ou mesmo ao lazer. Em várias casas lá em Agudo o computador estava conectado na tomada, não tinha Internet, mas eram joguinhos, eles compravam joguinhos, esses de criança. É um outro elemento. O que a gente observa também aí é o telefone celular, praticamente todos eles, é uma maneira de eles estarem conectados com os amigos, saber o que acontece, fazer encontros, também negócios, ou seja, eles têm como instrumento também de acessar a informação do mercado. Uma outra tecnologia que é muito valorizada, eu falo mais Goiás do que aqui propriamente, é a moto, tanto pra menino como pra menina. É questão de acessar, ir e voltar barato, quer dizer é um meio de transporte barato, ágil e de fácil manutenção. Todos os jovens que eu ia lá pra Goías, todos os jovens tinham moto. Compravam em suaves prestações.

11. Alguns jovens reclamam que se sentem em uma prisão no meio rural.

Joel Orlando Bevilaqua Marin - Essa questão da prisão tem me chamado a atenção. O que acontecia e eu fui jovem rural é que há um tempo tinha muito jovem, tinha muita criança. Hoje você imagina, um único filho com um vizinho que tem lá na outra ponta, ou seja, hoje o jovem está vivendo o problema solidão. E o espaço único de convivência é a escola. Está chegando o problema que é a individualização e a dificuldade dos encontros, das brincadeiras, de ir na casa do vizinho. Então tem esses problemas, falta lazer e aí tem os que dizem: o espaço da cidade tem mais lazer, tem mais oportunidade, quando na verdade não é isso não. A maior parte, quando eles vêm pra cidade, chega o fim de semana, eles vão pra casa porque eles querem buscar o aconchego da família, o estilo de liberdade que eles não têm, eles vão buscar comida, comer a comida do pai e da mãe, enfim é uma coisa que é essa eterna busca, mas que é interessante. Parte dessas tecnologias aí como o computador, o celular ou a moto, que ter também a moto é algo que facilita os deslocamentos e os encontros, eu vejo que em parte se deve à redução dos convívios pessoais, das relações pessoais, então são formas de eles se conectarem.

12. Como o senhor vê a relação das mulheres com as tecnologias?

Joel Orlando Bevilaqua Marin - Eu acho que talvez a mulher em função desse papel de agregadora, de administradora das relações sociais familiares, porque o homem se ocupa mais das atividades produtivas do que esse cuidado, quer dizer, dificilmente um filho ou uma filha vai falar para um pai dos desejos e sonhos enfim das ansiedades. Vai se falar muito mais com a mãe, isso é natural, pela própria abertura e convivência maior dos filhos com a mãe. Então eu acredito que a mulher seja essa fomentadora dessas oportunidades. E até mesmo porque ela é menos ligada na terra que o homem, de maneira geral ela é menos ligada. Ela está preocupada com esses vínculos. Houve mudanças sem dúvida no papel da mulher e a própria visão da mulher na família. Essas famílias mudaram. Não é a mesma família que estava se constituindo nos anos 50 e 60. Elas presenciaram muitas das transformações e, se você for ver, essas mulheres tiveram mais escolarização que as mães delas, também estão mais conectadas com esse mundo. São mudanças que vêm ocorrendo no mundo contemporâneo, inclusive pelo que a gente vê, elas são apoiadas nas iniciativas de buscar o mercado, de participar da feira. Lá em Goiás quem vendia os produtos eram as mulheres. Elas é que estavam ali negociando, muitas vezes elas nem trabalhavam tanto na produção, mas naquele momento da comercialização lá estavam colocando as verduras, colocando o queijo, elas têm essa necessidade pra desenvolver essas habilidades. Eu acho que é importante que a gente não entre em generalizações porque senão a gente acaba negligenciando muitas particularidades, mas que mudanças estão em curso, estão. O mundo está mudando e elas estão mudando, a própria mercantilização, as relações estão mais mercantilizadas do que há um tempo. E mais do que isso, é isso que você falou, consumo. Elas querem consumir e elas não querem depender só do marido, então quer dizer, essa busca de uma renda e, por meio dessa renda, uma autonomia pessoal e uma conquista e acesso aos mercados, isso é evidente, os produtos, os desejos de consumo. Não tem como se esconder, o mundo tá ali.

13. Antes o mundo da mulher era mais restrito?

Joel Orlando Bevilaqua Marin - Era a família. Hoje as relações se ampliaram e grande parte desse mundo se deve à televisão, à luz, aos meios de transporte, aos meios de comunicação, o maior acesso à informação e ao ensino e pelas próprias transformações. Os homens também mudaram. Os homens também estão cuidando de crianças. Os homens também estão se preocupando com a qualidade da casa.

14. Essa divisão de tarefas domésticas hoje mais comum no meio urbano está chegando ao campo?

Joel Orlando Bevilaqua Marin - Os vínculos entre o rural e o urbano vão se reduzindo, sem dúvida. Seja pelas tecnologias e aí mercadorias, ou pela informação, pelo conhecimento, pelos valores que vão se transformando, então é pacífico. Agora, o que é claro, é que esses meios de comunicação a mulher valoriza mais, eu acredito que sim.

15. Por quê?

Joel Orlando Bevilaqua Marin - É possibilitar o bem estar pros filhos porque eles percebem que se ele estiver conectado, se ele estiver bem, ele vai ficar mais tempo aqui. São questões da própria organização das relações familiares. É o bem estar e a mulher percebe isso.

16. Ter políticas públicas que facilitem a comunicação no meio rural é importante?

Joel Orlando Bevilaqua Marin - Se expandir a Internet eu tenho certeza que os agricultores imediatamente vão acessar. Vão acessar porque eles têm esse desejo de ter esse conforto a mais. Assim como popularizou, teve possibilidade de expansão tecnológica do celular eles assumiram, eles adotaram, eles consumiram, a Internet também será. O computador já está chegando antes da Internet, ou seja, já está indo na frente. É um recurso a mais. Se não é pra acessar a Internet, é pra elaborar o trabalhinho, é pra brincar.

17. O que o senhor projeto como o futuro da agricultura familiar?

Joel Orlando Bevilaqua Marin - Têm jovens que querem permanecer no espaço rural, mas é uma minoria que pretende permanecer. Então quer dizer, eu vejo que o processo de esvaziamento do espaço rural continuará. Eu falo de agricultores familiares. A visão que eu tenho é que a população rural tende a reduzir e, mais do que isso, a dificuldade de constituição de novas famílias pela maior migração feminina. As mulheres, no meu entendimento, continuarão migrando. Poucas, muito poucas, são as jovens que continuam projetando o espaço rural. Não vejo muita saída e eu vejo como possibilidade, eu acho assim que o desenvolvimento tecnológico vai continuar, acesso às estradas, em Ivorá vai chegar o asfalto, adiante de Nova Palma em Pinhal Grande vai chegar, Vale Vêneto vai chegar. Há uma expansão dessa rede de transporte, eu vejo dessa maneira. Continua a melhoria tecnológica, vai chegar até eles, agricultores dali de Agudo já acessam Internet.

18. Esse processo é muito preocupante.

Joel Orlando Bevilaqua Marin - É claro que é preocupante e triste na verdade, mas não vejo nenhuma política pública hoje que venha a reverter esse quadro. Não existe e o que vier já vem tarde. Não vejo. O Pronaf não adianta, a escola que tem vai no sentido de aprofundar, de aumentar, de facilitar a saída. Eu não vejo, sinceramente não vejo. O que eu vejo é o aumento dessas residências de descanso, taperas, casas que não tem sucessor, eu acredito que vai haver maior valorização do meio ambiente. Lá em Agudo, de 30 famílias, nós encontramos uma que a menina estava noiva, ia casar com um jovem, o menino está projetando permanecer na agricultura. Praticamente toda a família está projetando viver ali da agricultura. Nós chegávamos de manhã, a maior parte das meninas estava de pantufa, de pijama, isso eram nove, dez horas, fazendo os trabalhos. Não tinham vínculo maior com o trabalho. E os pais diziam: eu quero que eles estudem, vão para o estudo. Aqui não é futuro. Eu vejo dessa maneira. O que eu vejo é crescimento das propriedades de descanso, muitos agricultores vendendo suas terras e o mercado, que está se abrindo um mercado imobiliário nessas regiões, de propriedades sem sucessor, ou agricultores que começam a se dedicar mais aos serviços do que propriamente à agricultura. Vejo também que o desejo e o acesso à educação, a prioridade, dessas meninas de pantufas é estudar, é se preparar. Não está na escola, mas vai lá se preparar pras tarefas, deveres, pra depois ir no outro período pra escola. Não foram uma ou duas famílias. Os filhos eram poupados do trabalho. Até eles ficavam sentidos que eles precisavam de ajuda, mas eles liberam para o estudo. Eu lembro de um caso, a maior tristeza, de uma mãe que o filho não ia bem na escola. Ela disse: eu comprei computador, ele tem tamanho não está trabalhando, eu queria que ele estudasse e o menino só quer jogar futebol. E aí era um dilema dessa mãe que o filho não correspondia à uma expectativa dela no sentido de um bom desempenho escolar. É uma frustração muito grande. Teve lá uma mulher, música pro menino, tinha Internet e a música. Ele estava tocando violino e, mais do que isso, ela acompanhava esse filho em todos os eventos em que ele ia se apresentar e que tinha, liberava o menino. Comprou um instrumento musical. Eu entrevistei agricultor que tocava em um conjunto, ele tinha uma filha, ela chegou depois, estava brincando na vizinha, não estava nem estudando, todos os trejeitos, todos os comportamentos, não é nada de quem vive no espaço rural. Linguagem, postura, jeito. São formas de saberes, corporalidades que devem ser introjetadas pra eles acessarem. Então por isso é importante pra eles assistir televisão, ter Internet, ter esses joguinhos, isso tudo faz parte de uma linguagem que é contemporânea deles. Então não dá pra idealizar esse caipira ou esse colono do século passado, nós estamos diante de uma outra realidade que mudou, mudou consideravelmente.

19. Qual mãe não vai querer o melhor pro seu filho?

Joel Orlando Bevilaqua Marin - Elas não percebem aquilo como bom. Lá em Goiás acontecia outra coisa. Os pais residindo na cidade e, especialmente, o marido trabalhava na lavoura. Aqui não aconteceu muito isso. A maior parte das famílias que nós entrevistamos morava na propriedade, mas lá em Goiás já tem isso. Mudam-se para a cidade para possibilitar o acesso à educação porque lá acabaram com as escolas rurais, então todas crianças são transportadas. E algumas mulheres

percebem que, se elas ficarem na cidade, estão proporcionando melhores condições de educação, de informação, e aí o marido vai e volta.

Lérida Pavanello

1. Qual o papel da mulher rural hoje?

Lérida Pavanello - Pra ti ter uma ideia, de trezentos e cinquenta sindicatos eu sou a mulher número 40 de presidente, nós somos em 40 no Rio Grande do Sul. A mulher sempre teve um papel fundamental dentro da propriedade. Só que hoje o acesso da mulher a todos os tipos de informação é bem mais amplo. Ainda agora a gente discutia sobre o que era o próprio movimento sindical há quarenta anos, quarenta e cinco, que no início do próprio movimento sindical, as mulheres eram totalmente deixadas de lado. Embora a gente saiba que a mulher desde os primórdios dos tempos na propriedade ela sempre foi muito atuante como uma trabalhadora, só que ela nunca teve voz ativa e isso traz reflexos até nos dias de hoje. Embora hoje a gente tenha um processo bastante aberto, acelerado, da mulher inserida, da mulher que deixa até os próprios afazeres, porque até bem pouco tempo a mulher não deixava de fazer o trabalho dela pra sair para lugar nenhum. Em uma reunião, em uma capacitação, em algum curso de capacitação, a mulher simplesmente tinha o papel de trabalhar na propriedade e ela não tinha reconhecimento nenhum disso que ela fazia, tanto que se ela precisasse de qualquer tipo de dinheiro pra qualquer tipo de coisa ela não tinha decisão sobre a renda da família. Ela era sempre submissa ao marido e isso traz resultados até hoje pra nós e dentro do sindicato também isso não foi diferente. Quando os sindicatos foram criados ela era simplesmente a excluída. E com o passar do tempo, com esse processo da história que as mulheres foram se alertando, percebendo, se dando conta que lá na propriedade a gente também era a metade da força do trabalho, elas começaram a perceber que também tinham capacidade que podiam fazer alguma coisa, que podiam fazer diferente. E lá pela década de oitenta que a gente teve essa abertura, esse espaço dentro do sindicato. E eu acho que fundamental pra nós naquela época e até hoje ainda está sendo, só que a gente sabe que as mulheres ainda resistem muito de deixar as coisas, os afazeres delas lá na propriedade, pra sair pra alguma reunião, encontro, embora isso seja ainda bem mais melhorado, mas a gente sabe que ainda a gente tem essa resistência pela própria cultura, pela própria forma que a humanidade era dominada. As mulheres eram submissas a tudo e pra mulher trabalhadora rural isso era mais profundo ainda. As nossas avós, bisavós, elas praticamente morreram no anonimato embora contribuindo com toda a força do trabalho que elas tinham, porque elas davam a vida na lavoura e ainda tinham que chegar em casa, fazer todo o trabalho sozinha, cuidar dos filhos e tudo isso era coisa nossa, das mulheres. E quando as primeiras mulheres conseguiram a aposentadoria rural, que isso foi uma conquista de 91 pra cá, bem pouco tempo, 20 anos, muitas delas nem o salário delas conseguiam administrar. Eram ainda os maridos que pegavam, gastavam, gerenciavam os recursos que elas tinham da própria aposentadoria. E isso até nos dias de hoje não dá pra dizer que não existe. Ainda tem isso. Claro que são menos mulheres que passam por isso, mas ainda tem e a gente sabe que é bem difícil deixar de se dominar. Por tudo isso que eu te falei. Mas hoje está muito mais gratificante esse trabalho. A gente sabe que a mulherada, ela está mais participativa, ela consegue mais deixar de fazer as coisas em casa e de não se sentir tão

centralizadora dos trabalhos. Hoje ela consegue, se ela não faz que alguém faça, ela consegue até vir para o movimento sindical sem se sentir culpada por não estar fazendo o trabalho.

2. Isso é uma mudança que ela precisa ter?

Lérida Pavanello - Muitas vezes a própria mulher tem essa dificuldade de se desvencilhar de toda essa cultura que veio de antigamente pra cá, pelo fato de que ela carrega consigo aquela coisa assim: isso é coisa de mulher, esse trabalho é meu, isso se eu não fizer os outros não vão fazer por mim. A gente tem muito disso ainda no meio rural, da mulherada se achar culpada se acontecer qualquer coisa e ela não tiver em casa, a culpa é minha. Então isso atrapalhou muito e continua atrapalhando embora a gente saiba que hoje as mulheres participam mais e o próprio sindicato depois disso deu abertura pras mulheres. Embora a gente saiba que é muito difícil. A gente sabe que muitas lideranças femininas, elas têm um potencial, uma capacidade incrível e, às vezes pela insegurança, pela falta de confiança em si própria, as mulheres têm dificuldade de colocar isso pra fora, de conseguir até se expressar. Tu vais a um evento, tu conheces uma liderança que ela é muito atuante, muito participativa, mas num evento ela não tem condições de falar. Eu acredito que é em função do sempre ficar no anonimato que atrapalha um pouco. Mas hoje a gente sabe que a mulher está conseguindo, tanto que eu te digo que hoje lá eu sou presidente do sindicato tendo que enfrentar sérias dificuldades pra chegar aonde eu cheguei, não foi uma coisa que eu ganhei de mão beijada, foi através do meu trabalho e da minha dedicação e pela própria liderança que os associados foram indicando meu nome. Então tudo o que acontece de mudança na vida da mulher não vem de graça, tudo tem uma história, uma conquista.

3. E a questão do jovem rural, qual o papel dele atualmente?

Lérida Pavanello - O jovem de hoje tem mais informação de tudo, ele tem mais acesso a tudo e ele tem um deslumbramento pelo urbano e isso tudo faz com que a própria educação passa um pouco isso, a própria convivência com o pessoal na cidade faz com que ele veja o meio rural como um atraso. Ele gosta de sair, se divertir e, muitas vezes, isso não tem no meio rural. Ele procura estar sempre em contato com o novo e muitas vezes no meio rural isso ainda não acontece. O jovem, por si só, ele tem um sonho diferente. A gente tem muita dificuldade, falando por mim mesma, que eu tenho dois filhos, um casal, e eles estão naquela fase. Pra eles, o meio rural não é um lugar bom de viver. E eu não estou só falando de mim, eu estou falando de um modo geral. Porque pra eles a cidade é mais atrativa. Eu praticamente nasci e me criei no meio rural, trabalho até hoje, mesmo presidente de sindicato, eu tenho a minha propriedade no interior e assim que eu chego em casa eu sou uma trabalhadora rural e quero continuar sendo pra minha vida toda. Hoje bem mais estruturada do que há vinte e seis anos atrás quando a gente se casou. Quando a gente casou a gente não tinha nada e tudo o que a gente tem hoje não é muita coisa, mas tudo foi conquistado graças ao nosso trabalho. Então eu digo assim que o meio rural ele é possível, ele é viável e tem como tu sobreviver, viver com qualidade e dignidade de vida dentro de uma propriedade do meio rural.

4. O que vocês produzem?

Lérida Pavanello - A gente produz de tudo um pouco. Eu moro lá em Santiago e faz 20 anos que a gente mudou completamente o que a gente produzia dentro da propriedade. Quando a gente casou, o meu marido era produtor de soja, só que nós não tínhamos nenhum pedaço de terra. Ele arrendava e plantava na terra do pai dele. Depois de uns três ou quatro anos eu consegui convencer ele de que aquilo não era rentável pra nós, que a gente não tinha dinheiro, nunca tinha dinheiro, então a gente começou a diversificar a nossa produção, a gente começou a plantar alguns produtos pra vender direto para o consumidor na cidade. E foi isso que a gente fez e é isso que a gente faz até hoje. Faz 20 anos que nós produzimos de tudo um pouco pra vender na cidade. Hoje a gente comercializa no horto mercado em Santiago que é a feira do produtor, nós somos em 42 famílias que comercializam os produtos lá dos mais diversos, dos mais variados. Nesses 20 anos muita coisa a gente deixou de fazer, inventou coisas novas, enfim, está se mantendo disso. E a minha filha mais nova, que tem 20 anos, é ela que eu estou conseguindo manter lá em casa, trabalhando, nos ajudando a tocar a propriedade e ela está ganhando o dinheiro dela com isso. E eu brigo muito pra que ela permaneça lá porque eu acredito muito que é possível viver no meio rural ganhando dinheiro e sendo feliz ao mesmo tempo. Não é porque tu trabalhas ou no pesado ou em alguma coisa que não é tão limpa porque lá tu tens que cuidar do porco, da vaca, tirar o leite, fazer tudo isso. E isso tudo eu estou conseguindo que a minha filha faça. E a gente também oportuniza, porque o jovem de hoje quer ter o dinheiro dele, ele não vai se matar trabalhando, se chegar no final do mês ou da semana e não tiver dinheiro pra sair, não tiver dinheiro pra comprar uma roupa diferente, um calçado diferente. Então o jovem que permanece na propriedade, ele tem que ter esse incentivo. O pai e a mãe têm que ter a consciência de que o filho não é um empregado que vai se contentar e, muitas vezes, ainda não tem essa consciência. Então isso muitas vezes atrapalha a permanência do jovem e ele pode pensar assim, eu saio daqui, eu vou lá na cidade, eu ganho um salário mínimo, mas é meu. Eu vou gerenciar esse dinheiro. Então, nesse sentido, a gente teve uma experiência também com a nossa filha dessa forma, porque ela queria muito ir trabalhar na cidade porque ela achava que era melhor pra ela e eu resisti até certo ponto, mas depois eu deixei pra ela poder experimentar os dois lados. Porque às vezes tu sonhas uma coisa que tu vais ver de perto e não é. Daí a gente conversou eu e meu marido, vamos deixar que ela vá pra ela ter a experiência do outro lado. E daí o que acontecia? Ela saía de casa todo o dia, a gente mora a quinze quilômetros da cidade. Ela saía todo o dia de casa para a cidade de moto, ia, trabalhava, voltava, ela trabalhava até sábado ao meio dia e acabava que com o salário que ela ganhava ela não conseguia se manter. Aí eu disse se é pra fazer isso, fica em casa que tu ganhas bem mais que isso. Então é isso que ela fez. Ela saiu do emprego e ela está lá hoje trabalhando, ganhando o dinheiro dela, bem mais que o salário mínimo e ela está em casa e eu acredito que ela possa, não sei se dar continuidade pro futuro de tudo isso que a gente faz, mas pelo menos levar por mais um tempo. Porque a gente sabe nos nossos municípios aonde é mais distante e tudo é mais dificultoso, não tem muita alternativa de emprego. O que tu tens lá tu vais ganhar o mínimo. E pra sair de casa tu vais ter aquela história, ter que alugar casa. Então ela está em casa, ganhando o dinheiro dela, se mantendo com o dinheiro dela e, ao mesmo tempo, a gente está conseguindo tocar a propriedade, que não é fácil, porque hoje no meio rural o que mais está faltando é mão de obra, assim como na cidade não é diferente. E o jovem

do meio rural ele tem essa coisa, ele quer se expandir, ele quer crescer, ele tem o sonho dele e ele precisa realizar esse sonho então eu acho que pro jovem também não está sendo fácil por essa questão, sempre foram o pai e a mãe que mandaram, que determinaram, que eles tinham que fazer o que eles queriam. E essa cultura ainda é bem complicada, ainda está tendo muita resistência de mudança. Acho que um pouco isso ainda faz com que os jovens se afastem.

5. A gente percebe que mais as meninas querem sair do meio rural. Por que isso acontece?

Lérida Pavanello - Uma porque sempre os pais levam um pouco a esse incentivo. Estuda, te forma, sai de casa. Tem muitos pais que fazem isso. Dizem: estuda pra ti não sofrer que nem tua mãe, estuda pra ti não sofrem que nem o teu pai. Porque eles sempre tiveram na mente que o trabalho na roça era um sacrifício. O agricultor, até bem pouco tempo, era visto como um coitadinho, como aquele que estava lá, estava no sofrimento e hoje a gente sabe que a realidade não é essa. A gente sabe que o agricultor ele está sendo visto como alguém que faz parte da história, que faz o processo, que faz desenvolvimento e ele está tendo mil e uma oportunidades. Hoje a gente tem políticas voltadas pra agricultura, principalmente pra nossa agricultura familiar, que fazem com que, quem queira trabalhar, tenha condições. E isso até bem pouco tempo não existia. Até bem pouco tempo o agricultor vivia lá no anonimato dele. E hoje a gente tá vendo um pouco da valorização. Uma questão que ajudou muito e está ajudando ainda pra que os nossos filhos não gostem da agricultura é a escola que também tem um pouco de culpa nesse processo. A escola do meio rural, ela tem os professores que vão da cidade pra dar aula lá. E esse professor que vai, ele dificilmente conhece a realidade de quem tá lá. E ele vai falar do que ele sabe, do que ele aprendeu na faculdade, e ele na faculdade aprendeu só o que era urbano. Nós não temos hoje uma faculdade que forma professor pro meio rural, nunca tivemos e a gente acredita que nem vai ter isso. Eu ouvi professora dizendo: estuda pra ti não ser que nem teu pai, ou seja, ela estava dizendo pra ele que ser agricultor não é uma coisa boa. Então tudo isso fez com que o processo fosse se acelerando. E não é diferente quando o nosso filho chega na cidade pra estudar. Muitas vezes ele é ridicularizado porque chega lá, está com um calçadinho mais inferior, ele é visto como aquele que é de fora. E eu penso também que a escola urbana ela precisa mudar um pouco isso. A juventude hoje, a adolescência hoje está tão difícil de lidar. A gente percebe assim que muitos valores se perderam. Ninguém mais respeita ninguém. Ninguém mais valoriza ninguém. E eu acho que talvez isso precise ser resgatado, não sei se o processo vai reverter algum dia, mas que não seja tão acelerado. A gente tem municípios que ainda têm 40 por cento da população no meio rural, tem municípios que têm 30 por cento, tem municípios que têm 50 por cento. O nosso município de Santiago tem nove por cento da população rural. Então hoje se tu começasses a agir de uma forma pra reverter, não sei se reverte. Mas tem alguns casos que de repente ainda tem como desacelerar esse processo porque hoje em dia os jovens não querem ficar no meio rural. Por tudo isso. Porque tu tens um trabalho mais penoso, embora ganha mais, eles não querem assumir isso.

6. A senhora acha que a escola deveria ser mais voltada ao meio rural?

Lérida Pavanello - Deveria e deve com urgência. Isso até é um processo que a gente fala como sindicato também de poder estar agindo nesse processo. Porque se tu vais esperar pela prefeitura, pelo governo do estado ou pelo governo federal, as coisas não vão acontecer. Então quando tu falas em educação diferente no meio rural é uma coisa que nós vamos ter que buscar. Se nós não fizermos isso, não vai acontecer nunca. O que se observa é que ninguém quer ficar no meio rural. Não é só a falta de oportunidades. Não é só isso. Porque aquilo que eu te falei, lá em casa tem oportunidade. Eu tenho que brigar pra que a minha filha permaneça lá.

7. Existe uma ilusão em relação à vida na cidade?

Lérida Pavanello - É essa ilusão de que lá é mais fácil. E daqui a pouco na cabeça deles é mais fácil e se torna fácil porque o pai e a mãe também muitas vezes ajudam nisso. O que acontece? Se tu vai olhar para o que o cidadão vai ganhar lá na cidade, isso tu pode ver, em todas as famílias acontece, se tem um filho que está lá fora e que vai morar pra cidade, geralmente no final de semana ele vai pra casa do pai e da mãe. E lá na casa do pai e da mãe ele almoça, ele janta, ele posa, toma café e ainda ele leva o rancho pra casa. E leva a roupa pra lavar em casa. Então ele não se dá conta que só nisso ele já ganhou um monte de dinheiro e que se o pai e a mãe não tivessem lá pra produzir isso, ele ia ter que comprar lá na cidade. Eles levam o leite, o queijo, o ovo, a galinha, o feijão, a mandioca, e tudo isso o pai, muitas vezes, não se dá conta que está ajudando o filho que está lá na cidade a permanecer na cidade. E essa conta, nem a gente faz. Quem mora lá fora nunca sabe o que deixou de comprar, porque não faz essa conta. E se vai fazer, vai te apavorar. Porque muita coisa que tu produzes na tua propriedade tu deixas de comprar. E só aí, muitas vezes, dá mais de um salário mínimo por mês que tu economizas. Ou seja, que tu estás produzindo e não estás te dando conta.

8. Se a senhora não deixasse sua filha ir pra cidade, talvez ela ficasse sempre com a ideia de que a cidade era melhor.

Lérida Pavanello - Por isso que a gente acabou, eu e meu marido refletindo, dizendo: vamos deixar que ela experimente senão ela ia ficar a vida inteira revoltada, achando que lá não era o melhor lugar. Aí ela foi e viu com os próprios olhos que em casa ela estava bem. Tanto que hoje ela está numa boa em casa fazendo o trabalho dela e ela sabe que ela tem o sábado e o domingo, então ela está tranquila, ela está numa boa. E ela estuda de noite. Ela vai e volta, vai para o colégio e volta pra casa. Então eu acho que ela teve a oportunidade de ver que a vida na cidade não é aquele sonho que eles acham que é. E tem muitos que não tem a oportunidade de voltar depois. Tem muitos jovens que vão e depois não voltam mais. Os pais vendem ou deixam de fazer o que estavam fazendo, porque a estrutura na propriedade se tu não tocares alguma coisa que deixou de fazer hoje, quando vai fazer daqui a um ano ou dois já passou. Tem muita gente hoje que se tivesse a oportunidade de voltar pra casa voltava, mas tem gente que não tem mais pra onde voltar. E a gente percebe lá na nossa região mesmo, tem muitos que trabalham na cidade, se aposentam e quando conseguem se aposentar conseguem comprar um terreno e voltam pra casa, voltam para o interior. Nesse sentido, porque o meio rural hoje ele é muito bom pra viver, porque se tu vais olhar hoje no meio

rural tem tudo e aquela coisa, tu estás no sossego, no teu canto. Tu não tens essa tranquilidade, esse sossego na cidade, por mais que seja uma cidade pequena, a nossa já não é tão pequena, mas uma cidade que nem Santiago. Aonde tu vais tens que estar te cuidando e lá fora no teu canto sossegado, ninguém vai incomodar.

9. A senhora considera que as tecnologias de informação trazem algum benefício pra quem está no meio rural?

Lérida Pavanello - Com certeza sim. Até o celular às vezes parece uma coisa meio que inútil, mas daí muitas vezes tu deixas de fazer uma viagem até a cidade porque tu tens o celular pra falar com alguém lá na cidade. Então hoje tudo isso é de muita utilidade para o agricultor. Porque tu economizas tempo, dinheiro e acontecem muitas coisas que até parecem ser hilárias. Daqui a pouco tu estás com uma vaca doente, pelo celular tu compras o remédio e o ônibus traz na tua porta. Tu economizas uma viagem de carro, ou de ônibus, ou do que for. Então tem tudo isso. Com certeza tudo que tem de tecnologia, não só de comunicação, mas dos próprios equipamentos de maquinário, tudo que tem de inovação para o agricultor, porque eu lembro muito bem, há oito anos tudo era dificultoso na vida do agricultor. Hoje não. Hoje tu tens os próprios meios de plantação, do plantio direto, isso tudo economizou tempo para o agricultor. Então tudo isso veio ajudar ainda mais aquilo que tu estavas fazendo.

10. E o computador, a senhora acha que está chegando ao meio rural?

Lérida Pavanello – Tem várias comunidades que tem, tem muitas comunidades que conseguem ter acesso através dos próprios modems, através dos telefones, tem muitos que não estão pegando direito. A gente sabe que tem muitos agricultores que estão conectados direto na Internet sem problema nenhum e eu acho que isso também ajuda bastante.

11. O que pode auxiliar?

Lérida Pavanello - A informação porque hoje em dia tudo está na Internet. O que o agricultor precisa está lá. Qualquer dúvida que ele tem, ele vai lá pesquisar. Então eu acho que isso até tira um pouco daquela vontade de estar fora da propriedade. A Internet está lá também. Pra quê eu vou sair daqui? Nós lá em Santiago a gente tem extensão de base no sindicato de Capão do Cipó e Unistalda e, principalmente, o pessoal de Capão do Cipó têm acesso à Internet. A gente percebe que eles se realizam com aquilo. Eles acham a melhor coisa que aconteceu nos últimos anos.

12. Isso poderia contribuir para manter os jovens no campo?

Lérida Pavanello - Ajuda. Não cem por cento, mas alguns ficam. Não é aquilo que faltava. Porque quem tem vontade de ficar, de um jeito ou de outro, ele permanece. Agora tem aquelas cabeças que dizem: eu não quero, não é pra mim, eu não quero ficar aqui, eu não quero trabalhar e vai tentar achar qualquer outra coisa e sair. Mas quem realmente quer, consegue. A gente consegue perceber como tem os jovens que permaneceram e que buscam financiamento, buscam comprar um equipamento, que buscam comprar até um pedaço de terra e como isso motiva e faz com que eles se sintam motivados a melhorar cada vez mais, porque a gente sabe que a gente

também passou por essa fase. Quando tu és jovem, tu tens o sonho, tu quer realizar, quer comprar, quer expandir, quer melhorar a tua vida, então isso a gente percebe que os jovens que querem permanecer lá, eles buscam alternativas, eles buscam recursos e eles conseguem melhorar de vida através do trabalho. Porque hoje tem forma de acesso a crédito pra praticamente tudo então isso, pra quem quer realmente trabalhar, se esforçar, se dedicar, eles conseguem melhorar muito a vida deles.

13. Qual a importância da mulher rural de hoje ter mais informação?

Lérida Pavanello - Ajuda muito. Embora a gente saiba que ainda tem mulheres que, isso é dolorido de falar, a gente sabe que, apesar de todos os esclarecimentos, de toda a briga nossa pra mulherada se libertar, não se sentir submissa e se sentir parte da história, porque as mulheres nunca foram de fazer de conta que trabalharam. Apesar de toda a informação, apesar de todo o trabalho que a gente faz, ainda tem mulheres que são, dá pra se dizer, prisioneiras dos maridos. Ainda tem mulher nessa situação. Isso dói demais pra gente falar porque tu não entendes por que alguém se submete a alguém. Infelizmente no meio rural tem muita mulher que sofre de violência, de todos os tipos, de espancamento, de ficar prisioneira dentro de casa, de fazer o que o marido quer, ainda tem mulher que passa por isso. Apesar de tudo que tu já fazes e tenta esclarecer porque hoje tu não tens só informação dentro da tua casa, televisão, a Emater trabalha com isso, o sindicato trabalha com isso, a assistência social trabalha com isso. Tem um monte de entidades que trabalham com isso. A informação chega de várias formas e ainda a gente vê mulher que não consegue se livrar. Infelizmente ainda tem. Aí, o que fazer pra que isso não aconteça? Acho que isso tem que ser da mulher. Se tu não buscares dentro de ti alguma força pra ti se sobressair, pra ti fazer valer a tua opinião, pra ti fazer valer o teu trabalho, a tua força de vontade, tu não vais conseguir nunca. A gente tem ainda disso, infelizmente.

14. As tecnologias de informação auxiliam para diminuir o isolamento?

Lérida Pavanello – Sim, mas talvez o isolamento hoje seja por tantos meios de comunicação porque eu lembro que até um tempo atrás as pessoas se visitavam mais, tinham mais tempo pra sair. Hoje em dia por todas as tarefas da família, porque quem mora no meio rural não tem sossego hoje, todo o dia é corrido do mesmo estilo do meio urbano. Aí as pessoas acabam vivendo mais dentro de casa do que algum tempo atrás.

15. Por o dia a dia do meio rural está tão atribulado, principalmente para as mulheres?

Lérida Pavanello - Se tu for olhar há vinte, trinta anos, a casa da mulher que vivia no meio rural era diferente. Ela tinha no máximo uma peça ou duas de casa com chão batido e era isso. Hoje não. Hoje as propriedades do meio rural são muito bonitas, muito grandes. Aí tem o pátio, daí tem a bicharada, as vacas, e, geralmente, as mulheres são a liderança da escola, da igreja, do clube de mães, da ginástica, e daí tu tens que ir pra lavoura, ao sindicato, tudo isso faz com que a vida da agricultora seja corrida. Tu não vês mais agricultores que têm tempo. E quem mora no meio rural tem que fazer de tudo um pouco pra dar conta, porque antes tu não

tinhas luz pra pagar todo o mês, hoje tu tens, tu não tinhas conta do telefone pra pagar todo mês, agora tu tens. Então tu tens que correr atrás da mesma forma como quem mora na cidade. Os mesmos compromissos. Só que daqui a pouco tu não vais ter o aluguel pra pagar porque tu estás morando na tua casa, mas é luz, é água, é telefone, é combustível, é alimentação, tudo isso. Então tu tens que estar sempre correndo atrás. Não é mais aquele sosseguinho de que era há um tempo. Há vinte, trinta anos, as pessoas compravam talvez a erva e o açúcar. Hoje não é mais assim. Apesar de toda a produção que tem na propriedade, mas daí é o combustível, o telefone, a luz, a água e tudo isso vai dinheiro. Tem que ter todo o mês. Não é uma vez por ano que nem era algum tempo atrás. Algum tempo atrás, tu vivias da produção do fumo, lá na minha região era isso, e da produção de soja. Hoje não é só isso. Tu tens que ter isso e muito mais pra ti poder dar conta. Então vira também um agito e quem mora lá no meio rural pensando que a vida é mansa e que tu podes sentar na sombra, essas pessoas se dão bem.

16. O que a senhora vê como o futuro da agricultura familiar aqui na nossa região?

Lérida Pavanello - Eu vejo o meio rural vazio e nós não vamos ter como reverter isso. Porque tu não consegues fazer com que esse jovem que está lá hoje permaneça. E não é por falta de alternativa. Se fosse isso, há uns vinte anos tu dizias: hoje não tem como ficar aqui porque na verdade quase não tinha. Hoje tu tens várias formas de permanecer no campo ganhando dinheiro com qualidade de vida, com geração de renda, tu podes ficar muito tranquilo e, mesmo assim, tu não consegues cativar os jovens a permanecer. Tu não vislumbras um futuro onde os jovens permaneçam. E a gente tem um dilema muito grande porque se a gente for olhar pras propriedades rurais hoje, eu acredito que cinquenta por cento delas ou até mais que isso, se tu vais olhar a fundo, não tem quem vai ficar lá. E a gente tem no meio rural muita coisa bonita e muita coisa boa que, como certeza, daqui a vinte, trinta, quarenta anos, vai deixar de existir. Ou, eu ainda posso até estar sonhando, alguém vai voltar. De repente alguém volte. Porque eu acredito muito que a agricultura familiar daqui pra frente, já é valorizada, porque até bem pouco tempo atrás, tu falavas em agricultor, tu estavas falando em alguém que não existia. Hoje não. Tu falas em agricultura familiar e estás falando em quem está lá na roça e produz setenta por cento da comida que vai pra mesa de todo o mundo. Tu estás falando de alguém muito especial e que hoje está tendo um olhar diferente, se tu fores olhar lá dentro do município, o prefeito está preocupado com isso, o governo do estado está preocupado com isso, o governo federal está preocupado com isso. Embora talvez seja um pouco tarde demais. Mas eu quero acreditar que alguém vai continuar e esse que continuar vai se dar bem. Eu acredito nisso porque não tem outra alternativa porque as pessoas que estão na cidade precisam de comida e quem faz isso é o agricultor familiar. Apesar das tecnologias estarem aí, porque hoje até máquina de colher fumo dizem que já tem, mas ainda quem planta o básico e o mínimo é o agricultor familiar. Tem muita coisa que não tem como a máquina fazer. Então assim, eu acredito que alguém volte daqui pra frente e que alguém se motive a ficar lá também. E essas pessoas que se motivarem a ficar, com certeza vão se dar bem.

17. Como a senhora foi recebida como presidente do sindicato dos trabalhadores rurais pelos associados, pelos homens?

Lérida Pavanello - Faz cinco meses, mas eu me surpreendi pela recepção ótima que eu tive. Nos últimos quatro anos eu era diretora executiva na Fetag, fiquei quatro anos em Porto Alegre e, nesses quatro anos, eu era secretária do sindicato lá em Santiago que eu não pude fazer muita coisa porque eu passava em Porto Alegre, de segunda a sexta. Mas, mesmo de longe, eu tenho certeza de que eu fiz muito mais do que se eu estivesse lá dentro do sindicato. Então eu tenho a plena convicção de que eu fiz muito nesses quatro anos, mesmo estando longe. E daí nesses quatro anos, pelas poucas ações que eu tive, os associados tinham uma expectativa muito grande comigo assumindo lá. E tu não tens ideia da recepção que eu tive, da acolhida e todo mundo fica muito feliz. Tem pessoas que eu ainda não conheço e tem pessoas que chegam lá e dizem: és tu a presidente, eu não te conhecia ainda.

18. Quantos associados vocês têm?

Lérida Pavanello - O ano passado [2010] fechou em 1926, eu acredito que esse ano vai fechar um pouco mais porque tem pessoas que deixaram de pagar e estão voltando, eu acho que nós vamos ter uma surpresa boa no final do ano. E da mulherada também eu tive uma boa recepção porque muitas vezes o que acontece com as mulheres? Elas têm um pouco de receio de alguém que está sendo líder delas, parece que elas ficam meio com restrição e, graças a Deus, comigo isso não aconteceu. Eu estou muito feliz porque trabalhar com agricultor, eu sendo uma agricultora, é uma coisa pra mim tranquila e a recepção deles é muito boa. E a gratificação da gente é que tu estás todo o dia ali e tu estás todo o dia podendo ajudar alguém de alguma forma. Então isso pra mim é gratificante demais.

19. A senhora teve apoio da família?

Lérida Pavanello - Eu acho que mulher nenhuma consegue chegar a lugar nenhum se não tiver apoio da família. Eu tive apoio tanto do meu marido como dos filhos. Eu fiquei esses quatro anos em Porto Alegre e eles tomavam conta de lá. Eu me sinto realizada porque, muitas vezes, a gente vê assim, meninas e meninos que estão lá no meio rural e que, muitas vezes, não sabem nem o que o pai e a mãe fazem. Não sabem nem do que se trata, nem de onde sai o dinheiro pra eles gastarem e, lá em casa, não é assim. Na nossa casa todo mundo sabe de tudo, todo mundo faz de tudo e, com essa minha saída esses quatro anos, lá em casa nada parou. Por isso eu digo assim que, quando tu queres fazer as coisas, quando tu tens vontade, quando tu tens o apoio, tudo acontece. Então o meu marido numa boa, ele que me apoiou até porque, no início, eu não tinha aceitado ficar na Fetag quatro anos e ele me disse assim: tu não podes perder essa oportunidade porque oportunidade não é pra todos então ele foi meu maior incentivador. Até hoje. E eu vejo que a mulherada, muitas delas desistem porque justamente por isso, porque no momento em que tu sais de casa, pensando lá na tua casa, e no mau humor, naquela coisa que não se acerta. Então pra mim foi muito bom. Eu agradeço a Deus e a minha família por isso porque a gente sabe que é bem difícil quando tu não tens apoio. Se tu não tens apoio tu não consegues nada.

Jorge Aristimunha

1. De acordo com a pesquisa feita por vocês, qual o papel da mulher rural hoje?

Jorge Aristimunha - Os nossos dados são ainda não conclusivos, nós estamos em uma fase preliminar e eles vão ser revisados, a gente vai fechar a tabulação desse trabalho que não está concluído, foi só uma primeira visão muito rápida. Mas a questão da mulher no meio rural, os dados eles corroboram a realidade que a gente tem encontrado nessas discussões, no debate com os agricultores e nesse levantamento de campo, foram com quatro mil e 500 famílias que nós estamos fazendo em 34 municípios do território, mostra um panorama que, se não é desconhecido, ele não é de outras regiões, de outros locais do país e de outros países, mas ele confirma um pouco a nossa realidade atual. Especificamente sobre a mulher, o que nós observamos e discutimos com os agricultores e eles corroboraram com os achados que nós tivemos nesse trabalho: primeiro, eles consideram, e isso é fato mesmo, que a agricultura ainda é um trabalho considerado pesado, esse é o termo que eles usam. Então isso confirma mesmo o fato da masculinização no campo que não é um fenômeno novo, já é conhecido em outros países e se evidencia hoje no Brasil e, particularmente, na nossa região. No Brasil não é tanto, não é tanto em termos de Brasil, mas na nossa região quando a agricultura atinge certo estágio, esse fenômeno começa realmente a acontecer. E isso foi confirmado, nós temos em algumas regiões e em algumas microrregiões, nós vamos confirmar os dados e isso parece bem mais evidente, o índice de homens sozinhos no campo. Homens que ficam por várias razões. As mulheres saem mais do campo para a cidade, entre outras razões, pra fugir da atividade agrícola propriamente dita, exercendo outras atividades profissionais, a mulher tem mais anos de estudo, estuda mais pra se preparar pra outras carreiras, pra exercer outras atividades, mães que acompanham os filhos, às vezes ela não deixa de ser agricultora, ela não vai em busca de um trabalho, mas ela vai para a cidade acompanhar os filhos que vão estudar. E as meninas tendem a sair mais do campo e isso tem demonstrado. Então é uma questão que a gente vem discutindo muito, a agricultura está ficando uma atividade eminentemente, o rural está ficando masculinizado. E as mulheres, por não quererem continuar na agricultura em maior parte que os homens, fogem do meio rural. Como é que nós podemos reverter esse fenômeno? E é essa talvez a grande questão. Nós teremos que encontrar outras oportunidades e isso não há a maior dúvida, a questão são quais, encontrar outras oportunidades de trabalho e geração de renda para as mulheres fora da agricultura, mas que elas possam permanecer no meio rural. Elas não saem do meio rural porque querem, elas saem do meio rural em busca de outras oportunidades, fora da agricultura, então nós temos que encontrar essas oportunidades lá no meio rural e ofertar essas oportunidades. E aí precisam políticas públicas, precisa um trabalho muito grande de identificação, que novos processos no século XXI podem ser executados no meio rural, novas atividades. Hoje as tecnologias de informação, como, por exemplo a Internet, permitem que uma mulher possa exercer qualquer atividade até mesmo, vamos dizer assim intelectual, um trabalho intelectual no campo. Tu és da área de comunicação, nada impede que um jornalista, que um cronista, que um comentarista, resida lá no meio rural, faça crônicas.

2. Qual a contribuição que as TICs podem dar para o meio rural?

Jorge Aristimunha - Eu não tenho a menor dúvida que, não só pra isso, mas pra outras questões, a tecnologia da informação, ela é a revolução do século XX, talvez uma das maiores revoluções da humanidade tenha sido o grande avanço das tecnologias de informação no século XX. Notadamente a Internet, especificamente, o acesso à informática, porque ele traz o mundo pra dentro da tua sala e o agricultor precisa disso e hoje nós temos muitos agricultores já com sistemas de informação, conectados no mundo, e isso se acelera rapidamente. Nós temos até alguns trabalhos no território com casas digitais, tem uma política pública do ministério das comunicações que é ponto GSAC, que são pontos de Internet gratuita no meio rural, e que o sinal é distribuído gratuitamente em escolas, em unidades, postos avançados, por exemplo, aqui em Santa Maria tem vários pontos, a Brigada Militar tem ponto de GSAC, lá no interior, nas unidades. E a comunidade ao redor se beneficia do sinal aberto, o sinal é aberto. O meio rural hoje, sem dúvida, vai ser também assim como foi pras áreas urbanas, o meio rural vai ser uma grande ferramenta, vai transformar o mundo rural porque esse acesso dos produtores, da família rural, do jovem que está estudando, do jovem estudante que hoje precisa, da mulher, do homem, vai gerar uma série de transformações, uma delas é o acesso à informação que ele necessitar. E abre-se tanto para o jovem como para qualquer pessoa, mas abre-se um campo fantástico de oportunidades de negócio fora da agricultura no futuro.

3. O senhor acredita que esse processo está muito lento? Já é uma realidade no campo a Internet?

Jorge Aristimunha - No nosso levantamento de campo esse aspecto não foi abordado. Eu acho que ela não é com essa velocidade, eu acho que ela está talvez na velocidade adequada de aprendizagem. Quando tu tens uma tecnologia de revolução assim muito rápida, há uma ruptura muito grande na tua normalidade. Nós ainda não dominamos mesmo o acesso à Internet, ainda hoje, embora esteja disseminado no meio urbano, ele não está, a meu juízo, ainda num ponto de equilíbrio ideal. Por exemplo, volta e meia nós temos problemas, grau de dependência, as informações estão todas, dá uma pane elétrica, o que é muito comum, nós perdemos um dia de trabalho, porque a gente fica muito dependente. E o agricultor, ele está numa velocidade mais lenta e eu acho até interessante que seja pra ele ir se habituando, ir se acomodando, essas coisas têm que entrar um pouco lentamente.

4. Dentro desse cenário, o que o senhor entende hoje como o papel do jovem rural?

Jorge Aristimunha- Essa é outra questão interessante e, ao mesmo tempo deve ser aprofundada, porque há uma discussão muito grande na questão sucessão, uma geração nova que vem vindo e também como isso tem acontecido com a questão de gênero, com a mulher, gerações também tem acontecido isso. Os jovens, grande parte deles, ou significativamente não querem ser agricultores, não querem continuar na agricultura, possivelmente porque a agricultura, principalmente a agricultura familiar e especificamente dela que a gente trata, ela não tem sido vista como atividade de boa remuneração, então os agricultores alegam, as condições de

vida são um tanto mais difíceis, as remunerações alegadas pelos agricultores, embora a gente possa ver um certo grau de conforto, um certo bem estar, qualidade de vida no meio rural, porque às vezes há uma certa ilusão, ainda há uma ilusão no meio rural com as virtudes da cidade, como se os empregos fossem fáceis e tal. Mas, de qualquer forma, os jovens tendem a seguir outras carreiras. Nós estamos enfrentando uma geração atual, e eu acho isso muito coerente, me parece muito coerente, que o jovem tem a opção de escolha profissional. Eu tenho dito isso, conversado com o pessoal, nos debates, nas oportunidades que eu tenho, quando se trata dessa questão da juventude, que às vezes eu brigo, quando dizem quem nasce no meio dos agricultores, nasce meio amaldiçoado. Claro que isso é uma expressão forte e jocosa. E eu pergunto para o pessoal: vocês conhecem algum agricultor que não é filho de agricultor? Parece que ser agricultor é uma sina familiar. Nasceu lá, tu terás que ser agricultor. Eu digo não. O jovem agricultor pode ser o que quiser. Ele tem direito a ser, não é porque ele nasceu no meio da agricultura que ele tem que ser agricultor. Ele pode ser qualquer coisa, o agricultor é uma profissão. E qualquer pessoa pode abraçar a agricultura, daqui pra frente, para o futuro, como profissão. Eu quero me tornar agricultor, eu não nasço agricultor. Eu quero ser agricultor, se preparar e se tornar agricultor assim como se torna médico, se torna jornalista, se torna agrônomo, veterinário, qualquer outra coisa. Então o jovem de hoje do meio rural, não é por nascer no berço de agricultura, que ele precisa ser agricultor. E os jovens estão demonstrando isso, grande parte deles não quer ser agricultor. Então é um debate que a gente tem que aprofundar e encontrar esses mecanismos. O agricultor do futuro será um profissional que optar pela agricultura, não porque nasceu nela. Esse é o debate que a gente tem que fazer com o jovem e aí nós temos que começar a pensar um tipo de educação. O jovem rural também tem que ter uma educação de alto nível. Muita gente diz assim: nós temos que ensinar o jovem desde criança, treiná-lo para ser agricultor e, portanto, não vai sobrar tempo pra estudar inglês, pra estudar francês, e como ele vai chegar no vestibular numa federal e querer entrar numa faculdade de medicina? Não tem a menor chance se for um ensino de péssima qualidade lá. Ele tem que ter um ensino de alta qualidade pra que ele possa depois fazer a sua opção profissional.

5. Hoje uma das reclamações é que não existe nada específico nas escolas do meio rural. O ensino é o mesmo do urbano. O que o senhor acha disso?

Jorge Aristimunha - Acho que tem ser. Por que tem que ser diferente? Ele não é marcado. Ele não é marcado para ser agricultor. Porque senão nós vamos marcar a sina dele, e se ele quiser ser médico? Como ele vai ter chance se o ensino dele for diferente? O que é diferente, isso sim e o que nós precisamos, é que o ensino contextualize tempo e espaço e o ensino é deslocado das realidades, isso sim. Então o ensino no meio rural não contextualiza a realidade no meio rural pra usar aquilo como ferramenta pedagógica. O professor não está preparado pra entender de rural e, portanto, usá-la na realidade para o debate com o aluno. Construir a história do local. Mas aqui na cidade também não está preparado. Pega o ensino fundamental e o ensino médio, tu conheces a história dos Estados Unidos, tu conheces a história do Brasil e não conheces nem sequer a história de Santa Maria. Que contexto significa isso? Como é que tu contextualizas isso, realidade, o teu mundo, isso serve tanto pra urbano como pra rural, o problema está em ferramentas pedagógicas. O ensino não está adequado pra contextos reais então ele é desfocado e o rural também. O ensino rural não deve ser um ensino que prepare o

indivíduo, que aprisione mais o jovem rural pra ser agricultor, não ele vai ser agricultor se quiser ser. Agora ele tem que contextualizar o mundo dele. Essa é a grande falha. Assim como nós temos que contextualizar aqui no urbano. Se nós fizermos um ensino desqualificado lá, que é muito assim: vamos dar treinamento, vamos fazer ocupação agrícola, aí ele não vai ter tempo pra fazer um ensino de qualidade. E como ele vai ter chance de ser outra coisa? Na realidade, essa visão de que o ensino lá tem que associar o agrícola, faz com que na realidade a gente reforce a ideia de que quem nasceu lá tem que ser agricultor. Não. Acabou isso. Não é por um lugar onde um indivíduo nasceu que é o destino dele. O destino terá que ser uma opção. A profissão também.

6. Sobre essa questão da ilusão de que a vida na cidade é melhor, isso ainda é muito frequente?

Jorge Aristimunha - Eles alegam e isso é uma coisa que a gente tem que começar a contextualizar mesmo e preparar o jovem para o mercado de trabalho, qualquer que seja o mercado de trabalho que ele optar. Eles argumentam, e com algumas razões, eles têm argumentações que são fortes mesmo. Por exemplo, aposentadoria rural hoje é de um salário mínimo e é só com isso. Ele não tem a opção de se aposentar com dois, três, quatro, quatro ou cinco. Noutra atividade pode. A aposentadoria é diferenciada. Por ser rural é um salário mínimo. Agora se tu fores aqui, pode ser dois, três, quatro, cinco salários mínimos. Mesmo que ele tenha uma produção grande, uma produção significativa. Ele não paga previdência. Ele paga os três por cento do Funrural, é do Funrural que sai o fundo previdenciário pra previdência. Então mesmo ele recolhendo um Funrural elevado, e isso acontece, claro a gente tem que fazer as correlações, a aposentadoria dele será um salário mínimo. E isso tem que ser revisto. Isso é injusto, é incorreto, não é adequado. E eles têm razão. O fato de ele trabalhar sábado e domingo é real na percepção dele, por quê? Porque ele mora no serviço. E aí que dá uma ilusão. Se a pessoa mora no serviço, ela trabalha sábado e domingo na cidade também. É que o agricultor familiar, a gente não consegue distinguir, e os clássicos têm muita dificuldade na economia, por exemplo, a gente faz a divisão clássica do trabalho e é muito simples tem a visão clássica de: tem o trabalho, oito horas, dez horas ou doze horas, é remunerado, tem hora extra, fecha o serviço vai pra casa, pode até levar algum serviço pra casa, mas tu separas distintamente o que é trabalho, o que é vida, o que é família. Normalmente. O agricultor não consegue separar isso. Para os agricultores familiares vida e trabalho são indissociáveis. Tu não consegues separar em que momento é trabalho, em que momento não é trabalho. Quando ele está arrumando uma goteira de uma telha que quebrou na casa dele, ele está trabalhando e é o escritório dele. É ali que ele pensa, é ali que ele faz os negócios, é ali que ele calcula, ele faz os registros, a casa é o escritório dele. Nas outras atividades não. O escritório é o escritório. A casa é a casa. Se eu estou arrumando uma goteira da minha casa é da minha casa. Do serviço é do serviço. Eu consigo separar as coisas. Um agricultor não. O lazer: quando eu faço o lazer numa indústria, numa empresa, faz parte da dinâmica do trabalho, eu dou intervalo pros meus funcionários, distensão social do trabalho, tem meia hora de intervalo, o lanche, da turminha que enfim, brinca ali, o ping pong, isso tudo faz parte da rotina trabalhista. Quando o agricultor faz isso lá, se for jogar bocha no meio da tarde, é vadio. Isso também faz parte da distensão do trabalho. Então como tu separas? Então essa é a dificuldade dos agricultores, e isso vem pro jovem, aquela sensação de que tu trabalhas de

sábado a domingo, de sol a sol, não é bem, é pela dificuldade de tu separar o que é trabalho e o que é vida.

7. As pessoas que são autônomas têm essa mesma dificuldade?

Jorge Aristimunha - Se ele morar no emprego, sim. Quando ele não mora no emprego, ele separa. Agora quando a vida dele é abrir o bolicho de sábado a sábado e tem empreendimentos familiares na área urbana, por exemplo, nas zonas urbanas, pequenos mercadinhos familiares, que eles abrem de domingo a domingo. Tu vais lá, está sempre aberto, a família está sempre ali e o indivíduo mora lá, também é essa dificuldade. Mas nos agricultores isso é muito nítido e dá a eles uma sensação de maior carga de trabalho. O que não é real.

8. E na questão da mulher, além do trabalho que ela faz, ainda cuida da casa. Seria por isso que elas estariam rejeitando o meio rural?

Jorge Aristimunha - O que ela rejeita não é o mundo rural, é o trabalho agrícola. É diferente. Ela não desgosta do mundo rural. Ela quer oportunidades de trabalho, que não agrícolas. E por ser um trabalho assim mais penoso, a penosidade do trabalho agrícola é realmente, é maior. Mas veja, em algumas atividades onde se diminui a penosidade do trabalho, até o trabalho feminino é preponderante. Por exemplo, na atividade leiteira, que é um trabalho de menor penosidade, o local é abrigado normalmente, as vacas são animais mansos de índole mansa, não é um trabalho pesado, o homem faz as lavouras, faz as pastagens e a mulher se dedica a cuidar das vacas em roda da casa, tem ordenha mecânica, trabalha com água quente. Em uma atividade de pouca penosidade, há uma tendência muito grande que as mulheres são maioria que executam esse trabalho, por quê? Porque ele requer menor penosidade. O que as mulheres fogem é da penosidade do trabalho rural mesmo. Tu ires para o sol, para o meio da lavoura, frio, é um trabalho realmente mais penoso. E por isso ele tende a ser mais masculino, historicamente. Antigamente a mulher ombreava, digamos assim, porque ela era mão de obra, a família não podia dispensar, até as crianças pequenas iam pra lavoura junto com os pais, porque era enxada, trabalho manual, não podia dispensar ninguém do trabalho porque se dispensasse, diminuía a renda, passavam fome. Então todos ombreavam igualmente. À medida que as tecnologias avançaram, foram liberando mais força de trabalho. Trator, então ficou mais o homem, então a agricultura é uma atividade mais masculinizada mesmo, pelo esforço físico.

9. O homem está trabalhando hoje mais sozinho na agricultura?

Jorge Aristimunha - Ainda se a gente pensar na agricultura como um conjunto, a mulher ainda é uma trabalhadora rural. Mas ela tende e cada vez vem diminuindo mais a presença feminina nas tarefas mais rudes da agricultura. A mulher vem se preservando, à medida que a tecnologia libera mão de obra, a primeira mão de obra a ser liberada é a infantil, criança e depois a mulher. Se eu não precisar duas pessoas, uma só faz o serviço, fica o homem. Isso de forma genérica. A gente até poderia medir, o nosso trabalho talvez dê alguma mensuração nesse sentido. Agora, se tu vais pra regiões onde o trabalho é eminentemente braçal, aí a mulher ombreia junto. Por exemplo, na região do fumo, o trabalho da mulher é junto com o homem, não dá pra liberar mão de obra porque a família não consegue dar conta do recado

só com o homem trabalhando. Agora tu pegar áreas mecanizadas, a área do arroz, o homem trabalha praticamente sozinho porque tudo é mecânico. Nos cultivos do arroz, tu não vês muito a presença feminina.

10. Nós percebemos uma correria, um estresse muito grande na vida das mulheres. Ela já teria uma rotina tão atribulada como a mulher da cidade?

Jorge Aristimunha - Não. Acho que é mais tranquilo. Ainda o rural, talvez em alguma atividade, eu especificamente, não conheço intimamente o trabalho das mulheres com porongo que tu possas ter percebido, porque o porongo ele tem uma particularidade, embora eu não tenha trabalhado, é que o nosso produtor de porongo ele é quase que um artesão também, ele faz todo o processo, ele não é só agricultor. Então ele planta, limpa e ele faz o processamento mínimo, pra então, ele faz outra parte, e aí tu envolves outra dinâmica de trabalho que é seriada e aí tu entras em um ritmo de trabalho como se fosse industrial. É o caso, por exemplo, da avicultura, não na nossa região, da suinocultura. A nossa produção avícola e suína hoje, principalmente em Santa Catarina, mas no Rio Grande do Sul também, sob a forma de integração, ela é quase uma produção industrial, ela é uma atividade agropecuária, mas o ritmo de trabalho ele é seriado porque ele é todo seriado, não é como na atividade agrícola que faz uma etapa, faz outra, faz outra. Isso é agricultura. Agricultura, a dinâmica dela que se diferencia da indústria, do comércio é que tu fazes processos e que respeitam sazonalidade climática ou biológica. Então tu fazes uma coisa, tu fazes outra e faz uma coisa de cada vez. Nos processos industriais tu fazes um monte de coisas ao mesmo tempo e seriado, repetitivos, repetitivos, repetitivos. Na avicultura é isso, tu tens que alimentar, tem que botar água, tem que revisar os bebedouros, tem que pesar e todos os dias tu repetes uma rotina. Isso dá um estresse muito grande, o agricultor não tem a liberdade como tu tens na agricultura. Esse ritmo industrial é diferente aí, sim, isso começa a causar sofrimento porque tem um outro problema aí, que a gente vê, alguns autores relatam isso, e eu percebo isso, que é o estresse na realidade e aí vem o dilema, a sociedade da neurose da informação. A culpa é da informação, entre aspas. Tu não consegues lidar com excesso de informação, excesso de informação causa neurose. Tu não consegues e cada vez nós estamos ficando mais neuróticos. Essa sensação de depressão, que na verdade o pessoal culpa a depressão, nós estamos ansiolíticos. Nós estamos na sociedade da ansiedade, por quê? O fenômeno se chama excesso de informação. Tu não processas, é muita rapidez, tu estás num ritmo em que tu tá sempre atrás, tu tá sempre atrás, e precisa mais, e precisa mais, e aí vem esse negócio da Internet, e é por isso que é bom que seja nos agricultores lento. Nós vamos precisar nos adaptar. Ela é angustiante. Ela traumatiza uma sociedade porque tu começas a ter informação, informação e tu te sentes atrás e tu não estás atualizado, tu nunca estás atualizado o suficiente na tua ansiedade. E tu precisas mais e mais e mais. Hoje as pessoas, e eu conheço muitos e eu tento me policiar, não conseguem passar o dia sem olhar e-mail, como se fosse a coisa mais importante. Aí tu vais ver e 90 por cento é lixo. E aquilo te deixa mais nervoso ainda. Tu começas a ficar irritado, tu começas já de manhã irritado com os caras que te mandam coisas e isso não tem controle. Então tu já começas o teu dia ansioso. Eu acordo de manhã cedo e sempre levantei cedo a minha vida inteira, e acordo mesmo de madrugada, tomo mate e eu até hoje resisto, consigo resistir, eu não vou abrir e-mails de madrugada. E tem muitas pessoas que eu acho que a primeira coisa que fazem quando saem da cama, faz o mate, toma o café, é já ir para o

computador olhar o e-mail. Porque ele diz assim: eu não posso sair da cama, começar o dia sem me informar. Tem que resistir a esse negócio. O que está acontecendo? O ritmo então da informação, e aí voltando um pouquinho àquela tua questão, eu acho que não é tanto a questão da ansiedade do ritmo do trabalho, mas desse envolvimento com o seriado. Outras atividades são mais tranquilas. Não vejo nas mulheres assim essa ansiedade. A própria atividade do leite, eu uso isso como exemplo, que é uma atividade pra mim muito familiar, as mulheres são mais tranquilas. A atividade te deixa mais tranquilo porque ela é pausada, ela é lenta, tu requeres muita paciência, os animais são dóceis, as vacas leiteiras são dóceis. Então tem que ser assim e tem que ir se habituando ao ritmo desse trabalho. É tranquilo, é pausado, é sem correria, sem grito e vai te tornando uma pessoa mais tranquila. Tem lugares aí que o pessoal bota música e tu vais se ambientando nisso. E tem outra característica que, a meu ver, é muito responsável por essa tranquilidade dos agricultores, os agricultores são mais tranquilos, mais reservados e isso é bom, é um ponto de sabedoria eu digo, os agricultores são muito acostumados com o trabalho solitário então normalmente, historicamente, tu vais pra uma lavoura, tu vais sozinho, passa o dia inteiro sozinho, tu não trabalhas em grupo, não é um trabalho coletivo. Mesmo a família, às vezes, trabalha em um canto aqui, outro lá, eles não trabalham assim conversando, debatendo, discutindo. O trabalho requer concentração e normalmente é um trabalho de solidão. Isso se torna reflexivo, mais tranquilo. Tu não tens tanta pressa, teu ritmo não é enlouquecedor, tu não é atordoado, então os indivíduos, via de regra, são mais tranquilos. Isso está terminando. A gente já percebe problemas e acredito que essa rotina da vida urbana está invadindo o campo. O campo está se tornando com hábitos urbanos. Está se tornando urbanizado no sentido em que adota hábitos como o celular, os agricultores já não vão pra lavoura sem o celular, antes ele ia, não precisava de telefone. Hoje é uma necessidade, então ele não vai, fica um negócio que tu começas a fica prisioneiro um pouco dos hábitos urbanos, os próprios agricultores já precisam do celular na cintura quando vão pro meio da lavoura. O urbano tem uma visão romântica do rural, mítica e eu acho que nós somos culpados também, nós eu digo os profissionais que trabalham com o rural, mas muito midiático. Aquela visão bonita, casa no campo, cerquinha branca. Então o pessoal diz assim: o rural lá não precisa de nada, basta ele sentar que a laranja cai do céu, tem a laranja no pé, como se aquilo não desse trabalho. O problema está aqui na cidade então os recursos tem que vir pra cidade. O rural se vira sozinho. Eles são chorões porque lá é maravilhoso, lá tem ar puro, tudo é de graça, parece que é uma dádiva da natureza que tudo está lá caindo do céu.

11. Faltam ainda muitas coisas no rural?

Jorge Aristimunha - Claro, embora hoje melhorou. Claro hoje tu tens, o meio rural está muito melhor e isso eles reconhecem, eles dizem, hoje é muito melhor, mas ainda faltam coisas elementares. Todos têm luz, porém não tem força. Liga um chuveiro e um motor cai a boia, liga a ordenhadeira e alguém vai tomar banho no chuveiro elétrico, pronto. Ligou o motor do poço, cai a luz. Então, por exemplo, isso é gritante no meio rural, é uma deficiência brutal. Agora está pra ser revolvido. Até foi feita uma reunião, uma decisão da Anatel que as empresas de eletrificação terão que botar energia suficiente sem custos adicionais para o agricultor. Isso vai ter que mudar. Tem que mudar mesmo porque eles não conseguem nem sequer ter as condições de trabalho que necessitam, energia para o trabalho e para o conforto que

ele necessita. Isso é um problema generalizado no meio rural. Não tem força suficiente, ele liga dois motores e cai a luz. É uma rede muito fraca, poucos watts e não suporta. Quer botar um quebrador, quer botar um misturador, enfim.

12. O que o senhor vê como futuro do meio rural em Santa Maria?

Jorge Aristimunha - A gente tem que tratar Santa Maria porque Santa Maria é um polo urbano então ele é de exceção. Ele não é o normal, ele é uma, digamos assim, uma metrópole, quase, que o rural de Santa Maria é enorme, é enorme, é um dos maiores, nós temos aí mais de duas mil propriedades rurais no município de Santa Maria. Mas ele tem que ser tratado de uma forma diferente exatamente por essa urbanização enorme, a cidade é muito grande por isso o rural parece pequeno. O rural de Santa Maria é um dos maiores que tem. Mas eu vejo assim, especificamente de Santa Maria, o agricultor, e não é de Santa Maria, mas em cidades, o que eu chamaria de agricultores metropolitanos. Isso é muito interessante. Porque são agricultores que estão no rural, mas, ao mesmo tempo, eles se locomovem muito bem dentro de uma metrópole. Se a gente observar os agricultores ao redor de Porto Alegre, é fantástica a dinâmica deles. Eles tão lá no meio rural, mas, no entanto, eles frequentam a cidade e aproveitam as oportunidades. Santa Maria, às vezes, aparece um indivíduo de bicicleta com uma garrafa pet e leite ainda, em pleno século XXI em Santa Maria, o cara passa aqui na frente da regional às três da tarde com uma caixinha atrás e é o agricultor provavelmente das cercanias que vem e ainda tem a oportunidade de vender o produto de forma ilegal, de forma mais inadequada possível, mas encontra oportunidades. Com o tamanho da cidade isso passa despercebido. Noutra cidade ele já seria detido logo ali, todo mundo veria. O que eu quero dizer é que esses agricultores eles aproveitam a oportunidade, esses agricultores eles se locomovem, eles têm acesso aos mercados, eles têm acesso à informação, feiras, um mercado consumidor enorme que os agricultores estão aproveitando. Então eles são diferentes no sentido de que os agricultores familiares metropolitanos têm enormes oportunidades e eu vejo que isso é uma coisa positiva. Ao mesmo tempo em que ele está lá, ele tem oportunidade hoje dos filhos estudarem com muito mais facilidade e acessarem até uma universidade. Eu conheço muitos agricultores de Santa Maria que os filhos moram lá e fazem curso superior aqui então isso é uma oportunidade fantástica que a maioria não tem no campo. Morando lá no interior já é mais complicado. Isso realiza a família, a família se sente bem e o filho continua morando, continua em casa e isso às vezes é uma coisa importante pra família. Propicia maior tempo de permanência dos filhos junto ao seio familiar que, mesmo em famílias urbanas de outras regiões, os filhos saem cedo hoje de casa, 16 ou 17 anos eles tão abandonando porque precisam estudar, fazer uma faculdade, fazer um curso superior e saem e não voltam mais. E aqui os filhos permanecem então a gente vai ver jovens de 25, 26, 27 anos, até 30 anos, que enquanto não casam e às vezes casam e permanecem, tão permanecendo com os pais, e isso pra família é bom, é positivo.

13. Mas muitos jovens não querem permanecer no meio rural e os pais reclamam que não sabem o que será das propriedades? A agricultura familiar poderá terminar em Santa Maria?

Jorge Aristimunha - Não, eu não vejo assim porque esse é um fenômeno conhecido, o fenômeno da sucessão. Os agricultores do futuro serão aqueles que

desejarem ser agricultores. Então nós vamos ter indivíduos que não têm tradição agrícola, não são oriundos de famílias agrícolas e vão se tornar agricultores. Nós vamos ter indivíduos que nasceram na cidade, ele vai ter que ter um aprendizado, vai ter que ir se formando. Vão ser indivíduos preparados.

14. Precisa haver mais políticas públicas direcionadas ao campo?

Jorge Aristimunha - Sem dúvida. Uma delas é acharmos formas e oportunidades de aumentar a geração de renda e, principalmente, ter uma boa renda líquida. E muitos jovens estão voltando. Também há outro fenômeno que a gente teria que medir, eu não saberia te dizer, mas já é perceptível, muitos jovens saem do campo, vão pra cidade e estão retornando. Aí cai a ficha. Aqui não é tão bom, aqui é uma concorrência muito grande, tem que estar muito bem preparado, muito bem qualificado, cada vez mais a exigência dos empregos urbanos será maior e muitos jovens tão voltando. A gente já percebe. Claro a gente não tem isso ainda mensurado, não está medido com que intensidade, com que quantidade, mas já está havendo um fenômeno de retorno e acho que isso vai crescer. Eu acho que isso é uma tendência, por quê? Porque lá tem grandes virtudes. Se tu for preparado pra ser um agricultor, ter uma razoável renda, lá tem virtudes. E políticas públicas que favoreçam esse retorno. Nós temos que investir em boas estradas, boas condições de vida, moradia, comunicação, acesso fácil, saúde. Hoje as famílias rurais têm que ter veículo, condução e muitos tão tendo. O indivíduo tem que ter autonomia de ir e vir.

15. Qual o papel da Emater nisso tudo?

Jorge Aristimunha - Em tudo. Os extensionistas da Emater são, talvez, os únicos que vão no fundo, no fundo, no fundo, que chegam lá e, às vezes, aonde ninguém vai, vamos nós. E esse é o papel nosso. De fazer essa ponte, esse vínculo. Hoje nem a igreja, que antigamente ia, não vai mais. Vamos nós e a Brigada [Militar] e ninguém gosta quando a Brigada vai, porque lá no fundo, no fundo, não vai ninguém durante o ano e às vezes vamos nós. E esse é o papel da extensão: identificar essas problemáticas, refletir com os agricultores, construir oportunidades, levar políticas públicas, detectar a necessidade de novas políticas públicas, além das tradicionais, não só a questão das tecnologias de produção, de tentar compreender esse novo mundo rural que ele é diferente, tentar compreender suas necessidades e estar lá pra apoiar, ver como nós podemos construir um mundo rural melhor.

16. Os produtores reclamam da falta de estrutura da Emater. Principalmente as municipais têm quadro de funcionários reduzido.

Jorge Aristimunha - É verdade. Nós estamos recuperando. Como nós somos uma instituição ligada a governo, nós atuamos conforme política pública de governo. Nesse governo a agricultura familiar adquire uma outra importância. Então a Emater sofreu muito, nós tivemos perdas que não foram repostas, nós perdemos no estado quase quinhentos extensionistas, enfim funcionários que não foram repostos. Isso demonstra que não tem importância, deixa que os agricultores fiquem sem Emater. Como é que um técnico sozinho vai atender e dar conta de tudo isso? Não consegue. Nós estamos tentando repor as equipes, só na região de Santa Maria nós

tivemos agora nesse ano uma reposição de quase cinquenta funcionários, cinquenta extensionistas.

17. Quantos municípios que a Emater regional atende?

Jorge Aristimunha - 52 municípios. Na Emater municipal de Santa Maria tem um veterinário, dois agrônomos, dois técnicos e uma extensionista de bem estar. São seis extensionistas. Uma equipe bastante grande. O normal da Emater é três extensionistas.

Delcimar Borin

1. Qual o papel da mulher rural?

Delcimar Borin - O papel da mulher é determinante. Tu não consegues falar em agricultura familiar sem destacar o papel da mulher não só na constituição familiar, mas na questão da produção também. Ainda se tem um pouco aquela visão de que na agricultura o trabalho é predominante dos homens, mas a mulher, ainda nos dias de hoje, apesar da evolução da agricultura, a mulher ainda hoje é a sustentação da família. Aqueles trabalhos domésticos, na horta, ajudando o marido também na lavoura, ainda tem muito agricultor familiar rudimentar, que não é só com máquinas, não é só cultivos de monocultura, então principalmente nessas regiões onde tem bastante hortigranjeiros, leite, por exemplo, a mulher é a que está na frente. Na produção de queijo, na questão de hortifruti, as mulheres são o pilar, então uma família que não tem a mulher no auxílio lá, digamos onde tem a mulher que trabalha fora e fica só o homem na propriedade, fica uma coisa mais quebrada, parece que a propriedade já não consegue... Porque depende, a agricultura familiar depende da mão de obra familiar, já diz tudo, marido, mulher, esposa e, obviamente, os filhos. E essa questão da permanência do jovem, ela passa por aí também. Eu sempre digo que as mulheres são umas das responsáveis também pela saída do jovem do meio rural porque, eu não sei se é pelo fato do trabalho na agricultura ser um trabalho pesado, não é fácil tu trabalhares num sol de 40 graus ou numa geada de zero grau, menos um, menos dois. Então a mulher, a mãe acaba passando mais para o filho e para as filhas em especial que o caminho, de repente, é buscar outro trabalho que não seja tão sacrificante, tão puxado como é o da agricultura. Então a gente sempre tem esse debate. Às vezes, o homem, o pai, o chefe da família, ainda tem a visão do filho dar continuidade, mas a gente percebe assim que as mães, as mulheres, elas estão estimulando a saída mesmo. E aí tem outros fatores até mesmo na questão do êxodo rural, a própria questão da renda, que ainda temos hoje mulheres, por exemplo, que a renda concentra toda no chefe da família, o homem no caso. E isso é uma coisa que o sindicato vem trabalhando nesses grupos do interior que a mulher tem que ter a renda dela. Ela não pode ficar submissa. Ela trabalha o mesmo turno ou mais horários de trabalho, mais do que o homem e ainda temos mulheres no interior que, por exemplo, ela vende os ovos, vende o queijo, vende o leite e tudo mais, e o homem concentra toda a renda nele. E aí, eventualmente, no momento em que ela precisa, ele faz esse retorno financeiro, mas não tem aquela liberdade que a gente percebe. As mulheres que têm a independência financeira, que elas podem ter fruto do seu trabalho, o seu ganho, a gente percebe a diferença. São mulheres livres, têm autoestima, elas têm liberdade de poder comprar a roupa que elas querem, que elas têm dinheiro delas, o ganho delas. Isso é determinante. Então num

momento que tu tens numa família também que o pai concentra toda a renda, que não é muita, vamos e convenhamos, a gente vai falar de renda na agricultura hoje, é uma calamidade porque tu tens muito custo de produção, muitas despesas, a sociedade moderna que chegou ao meio rural, tu tens despesa aí com energia elétrica, telefone, o conforto da cidade moderna chegou ao meio rural e isso tem um custo. E o custo de produção vem sempre aumentando e a tua produção, a tua renda agrícola não consegue alcançar então a renda já é pouca, fica concentrada na mão do marido ou do pai da família, do chefe da família e aí fica o filho e a esposa dependentes, sem essa autonomia? Isso faz com que as próprias mães acabem passando essa coisa para os filhos: vai, segue em frente, vai estudar, vai trabalhar, vai ter o teu próprio ganho.

2. O incentivo é pra que eles estudem e não retornem? Ou estudem e voltem com mais qualificação?

Delcimar Borin - A sociedade como um todo não está preocupada com a questão do jovem continuar. Em reuniões com lideranças o pessoal diz: não tem incentivo para o jovem ficar no meio rural. As famílias estão se vendo em um isolamento, é um envelhecimento no meio rural. De dez anos pra cá, que eu estou participando do movimento sindical é assustador ver como as comunidades estão envelhecidas. E eu fico pensando daqui a dez, quinze anos, que não tiver mais esses idosos, o que vai ser do meio rural? As unidades familiares de produção vão ser totalmente reduzidas. Boa parte está saindo pra estudar. Não tem ensino médio no interior, uma das maiores brigas quando eu vou às reuniões por aí afora. Eu não consigo compreender um país, um estado, enfim, que fala tanto em educação, que preza tanto a educação, um município que nem o nosso que tem universidade e agora tão investindo no ensino técnico e tudo o mais, e ele não investe nada no ensino no meio rural. Então o jovem filho de agricultor, ele concluiu o ensino fundamental até a oitava série, que foi o meu caso, e daí depois pra ti, em plena idade assim que o jovem está se formando, que ele está naquela busca do conhecimento, então agora tu tens duas opções: ou tu ficas em casa e vai pra lavoura, vai trabalhar e aí depender de todas essas dificuldades, de renda, enfim, e de um trabalho mais pesado ou tu vais pra cidade e vai estudar e aí no momento em que vem pra cidade estudar as chances dele não voltar são muito grandes. Eu conheço alguns casos raros de colegas meus que estudaram no mesmo colégio no interior até o ensino fundamental que vieram pra cidade, concluíram o ensino médio e depois retornaram pra fora. Eu conheço alguns casos e eles estão bem. Posso dizer assim que eles estão produzindo bem, participam aqui do sindicato, eles estão bem. Talvez esses casos porque desde pequenos eles trabalham na agricultura, eles têm aquele vínculo pela terra, então essa questão assim, sucessão rural ela é tão ampla, tão complexa. Mas fechando nessa questão da educação, então tu imaginas um jovem com 13, 14 anos, tem que vir pra cidade para estudar. Eu tive que optar por não vir estudar. Até noventa, eu estava fadado, condenado a estudar até a quarta série porque a escola do interior era só até a quarta série. Então já depois dali, no máximo até a quinta série. Então eu já sabia, aqui linha final. E na época do então prefeito Evandro Behr, ele foi capaz de fazer uma coisa que nos possibilitou eu não ter interrompido meus estudos naquele momento, ter ido até a oitava série, e possibilitou que vários jovens que já estavam com 20, 25 anos, que tinham parado na quarta série retornassem e concluíssem os estudos até a oitava série. Claro, pra algumas comunidades foi um processo traumático porque acabou, inclusive, aí não

sei de quem é que partiu, demolição daqueles coleginhos no interior, que eram também uma sede da comunidade, o pessoal se reunia, fazia os encontros, as missas, as novenas e aí demoliram, desmancharam aqueles coleginhos, eu acho que aquilo foi um pecado que não precisava ter sido feito. Enfim, mas juntaram aqueles coleginhos que tinham cinco, seis, sete, oito, dez alunos no máximo e juntaram em escolas polo pra fazer então um processo de nuclearização. E isso possibilitou que vários e vários alunos que tinham parado de estudar, voltassem. Eu conheço pessoas, meu vizinhos, meus amigos que, inclusive, a partir de concluir o ensino fundamental, a oitava série lá com quase trinta anos, ainda vieram pra Santa Maria fazer faculdade. Eu estudei até a oitava série, tinha vontade, estava assim louco pra continuar, se tivesse um ensino médio lá no meio rural. Eu acho que se houvesse interesse e não há interesse porque a população rural hoje é de 20 por cento. A população rural no contexto da população nacional toda hoje é de 20 por cento. Pesquisas apontam que até 2018 vai ser 10 por cento a população total rural no Brasil, vai ter 90 por cento na área urbana. Só que no século XX era o contrário, era 80 por cento no meio rural e 20 por cento na área urbana, então houve uma inversão, a população se jogou para o aglomerado urbano por causa disso: é acesso à educação, fica mais fácil para o acesso à saúde, tudo é mais fácil estando mais próximo do centro, me parece. Imagina a pessoa, lá nos banhados, 60 quilômetros de Santa Maria, está doente, precisa de uma remoção, até chegar a Santa Maria... Então as pessoas acham que vir mais pra perto da cidade é mais fácil, tudo é mais fácil, então não há valorização do agricultor. Outro dia teve um casal novo que eles vieram pra Santa Maria, ele trabalhou três meses em um posto de combustível. O que deve ganhar um cara que trabalha em um posto? O mínimo. Aí eles foram fazer a conta do aluguel que eles estavam pagando, a água, o condomínio, uma série de coisas e chegaram à conclusão que eles não tinham condições de pagar.

3. Existe uma ilusão dos moradores rurais em relação à vida na cidade?

Delcimar Borin - Com certeza. As chamadas luzes da cidade são uma ilusão sim. Tu queres ver o fato claro da ilusão? Os agricultores, quando o jovem está na propriedade, entra toda a questão da renda, das dificuldades, tudo mais e o jovem às vezes não tem o seu ganho garantido. Aí ele vem pra cidade e os pais estão bancando ele pra estar aqui na cidade. Os pais estão pagando aluguel, os pais estão pagando todas as despesas dele pra ele estar aqui na cidade. A não ser que, e tem alguns casos que conseguem um bom emprego, mas pra ganhar bem, eu digo ganhar bem mais de mil reais. Caso contrário, pra manter aluguel, luz, telefone, 50 coisas, não consegue se manter. Aí precisa que os pais lá de fora mandem desde comida pra cá, o filho vai lá, busca carne, busca verdura, frutas, e, às vezes, os pais precisam ajudar inclusive com dinheiro pra manter. Não é fácil arrumar emprego e quando se arruma, não se vê em lugar nenhum, quem trabalha em loja e tudo mais ganhando um salário... Ganha uma salário mínimo, salário regional.

4. Por que você acredita que especialmente as mães desejam pras filhas uma vida diferente?

Delcimar Borin - Eu imagino que seja o reflexo das dificuldades que elas, enquanto mulheres, já passaram na vida, sofreram. E elas não querem que as filhas delas tenham as mesmas dificuldades, mesmo a agricultura tendo evoluído, não se tem a mão de obra braçal como era há 20, 30, 40 anos atrás, mas, mesmo assim, acabam

reproduzindo essa questão das mães não quererem que as filhas passem o trabalho, as dificuldades que elas passaram. Um exemplo bem clássico em casa. Por exemplo, a minha mãe até hoje tira leite de vaca pra fazer queijo. E ela disse pra mim, disse pra minha noiva, ela queria que a minha noiva arrumasse um trabalho na cidade. Disse: tu não vais pensar que ela vai passar que nem eu passava inverno e verão tirando leite de vaca pra vender queijo. Passar trabalho que nem eu estou passando. E a mãe está com bico de papagaio e com oito vacas tirando leite. Não está aposentada ainda. Lá em casa somos eu e meu irmão, dois homens e não tem filha mulher, mas se tivesse filha mulher, com certeza, a minha mãe seria uma que ia dizer pra ela assim: vai procurar alguma coisa. A minha sogra estimulou muito também a minha guria que ela tinha continuar estudando pra não ficar dependendo do trabalho na agricultura. As mulheres de 40, 50 anos assim, foram mulheres que trabalharam muito duro e aí as mães não estimulando, não incentivando, não ensinando, porque a questão de tu teres jovens, sejam meninos ou meninas com amor pela terra, isso vem desde o berço, isso vem desde pequeno. Então se os pais não estimulam, não incentivam, ou pelo contrário, só apontam as dificuldades, ou enfim os problemas, a questão da renda e tudo mais, isso acaba sendo absorvido por esse jovem e aí ele chega a uma escola onde não se valoriza o papel da agricultura. Por que a gente discute tanto no movimento sindical que o ensino nas escolas rurais deveria ser voltado ao meio rural, ao meio em que ele está inserido?

5. O ensino é igual ao ensino da cidade. Deveria ter coisas específicas?

Delcimar Borin - Deveria ter matérias mais específicas para o meio rural. Eu tinha professor de matemática que me ensinou fazer canteiro em uma horta. Por outro lado tinha professor lá que dizia o seguinte: o que tu queres ficar aí fora? Tem potencial, tem que seguir estudando. Então eu imagino que, ainda hoje, têm esses dois lados também. Há professores que têm uma identificação com o rural, que até estimulam, mas a grande maioria, por não ter aquele vínculo com a terra, sai da cidade pra dar aula em uma escola do interior, qual a visão que eles vão carregando pra lá? Uma visão urbanizada. Uma visão de estimular a sair. E aí vai somando essa cadeia. Nós temos leis hoje sobre a questão do trabalho infantil. A princípio se imaginava que fosse só a questão da cadeia do fumo, criança não pode trabalhar na cultura do fumo, mas em nenhuma atividade agrícola o jovem pode trabalhar antes dos 18 anos. Cursos de capacitação, por exemplo, pelo SENAR, que é o serviço nacional de aprendizagem rural, a maioria dos cursos tem que ser a partir dos 16 anos. Não se compreende que na agricultura familiar a figura do jovem adolescente, no caso, ele é uma figura de aprendizagem. E aí acabam pegando aquela questão do trabalho infantil que existe, infelizmente no nosso país ainda existe, trabalho escravo, degradante, enfim, e acabam criando uma norma geral. Como os estados do sul onde tem maior número de agricultura familiar, aí botam uma norma dessas de que o filho não pode trabalhar. Aí tu imaginas um jovem com 18 anos, se ele vai se interessar por uma coisa que ele nunca foi incentivado, que ele nunca pode trabalhar? Ele não aprendeu a ter o amor pela terra, a produzir, a colher. Porque isso é uma coisa assim, eu te digo por experiência própria, a pessoa que se cria na agricultura, parece uma coisa assim. Quando está esse inverno, quando começar aquele calorzinho de primavera, tu não vês a hora de passar o período do frio pra começar a fazer uma lavoura, começar a plantar e tudo o mais. É muito além de uma questão econômica. Porque se fosse só por uma questão econômica os agricultores já tinham chutado o balde. É uma vocação, mas isso se aprende desde pequeno, de

tu veres uma planta nascendo, depois ir lá e colher. Eu, com toda a dificuldade que tenho, passo aqui a semana inteira, ainda planto porque a coisa que eu mais gosto é chegar no final da tarde, que eu vou e volto todos os dias, eu chegar em casa e largar os pés na terra e poder ir pra lavoura. Ver se não tem uma formiga, senão precisa carpir, é uma coisa que está dentro da gente desde o berço, desde sempre. E aí a gente vê onde os jovens estão saindo? Onde não tem isso. Não tem essa corrente, essa coisa de ter sido estimulado, incentivado desde pequeno. Tanto fez como tanto faz. E a gente vê os piás que desde novos estão sempre junto com os pais, são os "rabinhos", essas crianças, esses guris vão ser agricultores no futuro. Agora vai pegar um cara com dezesseis anos, que é na fase que só quer festa, só quer folia e tudo mais, não vai querer.

6. Diante desse cenário, qual o futuro da agricultura familiar?

Delcimar Borin - Difícil fazer uma previsão. Vão ficar poucos. Está reduzindo e vai reduzir cada vez mais. Não vai terminar a figura do agricultor familiar, eu acho que os poucos que vão ficar vão se consolidar, até porque há uma demanda crescente de alimentos e daí têm sido criados programas como da merenda escolar, pena não terem surgido programas assim há mais anos. Como uma escola do meio rural compra comida industrializada? Sendo que ali, na própria comunidade, tem tudo. Isso acontecia nas escolas rurais mesmo. Aonde eu estudei a gente tinha uma horta muito linda, estufa, então nós tínhamos um dia por semana, um turno lá que era o turno da horta. Todas as turmas passavam pela horta. Mas sobre o futuro vai ser uma população reduzida e só lidando como monocultura, agricultura de cana pra produzir álcool ou soja pra fazer óleo, mas a comida mesmo que a pessoa come que é o arroz, o feijão, mandioca, isso aí é outro tipo de agricultura. Vai chegar num ponto em que o governo vai ter que fixar uma política agrícola definida, vai ter que ter uma política agrícola, que não tem. Hoje existem programas que dão crédito, mas que não asseguram a renda. Então tem muita gente que está com a corda no pescoço, com três operações de crédito, devendo no banco. Eu acho que o agricultor não tinha que pagar juro de coisa nenhuma. Ele tinha que ter um crédito pra fazer a lavoura e que no outro ano ele pagasse a mesma coisa ou menos, que seria o chamado subsídio que os países da Europa e os americanos fazem porque lá eles já estão com esse problema de uma agricultura encolhida, reduzida. Nós ainda teríamos a chance de se tivesse condição de dar um subsídio de manter esses jovens no meio rural. Basta se tivesse uma garantia assim que ele fosse plantar que ele colher, que ele não fosse ficar com o dinheiro no banco e que ele fosse vender por um preço justo, com certeza, muitos jovens iriam ficar.

7. Sobre a questão das tecnologias de informação e comunicação, elas trazem algum benefício para o meio rural?

Delcimar Borin - Com certeza. Eu lembro bem quando nós não tínhamos telefone, por exemplo, às vezes pra dar um recado pra um vizinho era uma dificuldade pra tu te comunicares com as pessoas. Hoje tu pegas o telefone, em segundos, minutos, tu já resolves um baita de um problema. Então eu acredito que tenha auxiliado inclusive os agricultores, ele gasta com um telefone, é um investimento, ele gasta, mas ao mesmo tempo ele economiza. Ele deixa de sair de casa, ele faz tudo por telefone, ele compra por telefone. O telefone é ótimo. A questão da Internet, como ainda são poucos que estão conseguindo acesso, eu não consegui ainda vislumbrar

até onde isso está se avançando. Conheço algumas pessoas que têm Internet, eles vão ali ver a questão do tempo, tem alguns que tão buscando essas informações, até pra questão do plantio, como vai ser a primavera? Como está o preço das commodities na bolsa nos Estados Unidos? Eles acompanham. Quem tem parabólica, por exemplo, produtores, pecuaristas, também no meio rural que conseguem acompanhar esses remates e tudo mais.

8. Políticas e incentivos nesse sentido poderiam incentivar as mulheres e jovens a permanecer no meio rural?

Delcimar Borin - Eu ainda acho que o grande balizador para o incentivo tanto para as mulheres como para os jovens rurais é a questão da renda. Parte dali. A família que tem renda ela vai buscar essas tecnologias. Agora como tu vai buscar tecnologia se tu não tens renda? Tu passas cinco, seis meses em cima de uma lavoura trabalhando e depois na hora de vender a produção, tu mal consegues pagar as contas. Então às vezes tu não consegues chegar nessas tecnologias. Mas eu acho que é uma coisa que preocupa muito a questão do interior, essa questão do ensino, da saúde, principalmente como a gente tem uma população rural idosa, a gente sabe no interior onde tem os agentes de saúde o resultado positivo que deu. Mas isso é mínimo. Então acho que a questão da educação, melhorar a questão da saúde no interior e a questão da renda, nós temos três coisas que dariam uma alavancada. Como um jovem vai querer ficar no meio rural se nem estrada ele tem direito? Falta o básico. O agricultor ainda não é tão exigente, ele planta, ele colhe, ele quer vender bem o seu produto, que é do que ele sobrevive, ele não tem ganho no final do mês. Mas não tem nem estrada, a saúde é esse caos.

9. Sobre a mulher, ela tem mais informação, ela tem um papel mais atuante dentro da família?

Delcimar Borin - Eu ainda conheço mulheres que não são valorizadas em casa pelo marido, são discriminadas, não têm apoio do marido para participar de uma atividade de igreja ou de um grupo ou participar da vida do sindicato. Nos nossos grupos a maioria dos participantes são mulheres. Tem bastante clube de mães no interior que as mulheres assumiram, as comunidades da igreja católica quem assume em franca maioria são as mulheres, a nossa liderança no sindicato hoje, muitas são mulheres, então as mulheres estão assumindo o seu papel, tanto é que na nossa diretoria nós temos 50 por cento de mulheres na diretoria que, alguns anos atrás, basicamente eram só os homens. Quando se estabeleceu que no mínimo teria que ter 30 por cento de mulheres na diretoria de certa forma impôs, mas de certa forma auxiliou, então isso permitiu que as mulheres fossem entrando. Eu acho que hoje, em sua franca maioria, a mulher chegou à igualdade tão almejada. Os programas de habitação, quem vem, correm atrás da documentação para encaminhar a casa, são as mulheres.

10. Hoje a mulher recebe informações de várias formas?

Delcimar Borin - A gente sabe casos de mulheres que elas peleiam em casa porque elas querem ter a documentação delas, ter o bloco delas, porque até uns anos atrás o homem se aposentava, às vezes nem botava a mulher no bloco, nem estava aí. E hoje a mulher está sabendo que ela tem que ter o nome dela no bloco

do produtor, e se o marido não quer mais e dá baixa, ela ter o bloco dela. Há casos daquelas que não sabem, mas a mulher, ela está correndo atrás, ela está buscando informação e está garantindo os direitos dela.

11. Essa informação traz mais poder para as mulheres?

Delcimar Borin - Eu acredito que sim porque no momento em que a mulher sabe o direito que ela tem e ela sabe das obrigações que ela tem que ter pra ter os direitos, com certeza ela deixa de ser dependente. Ela começa a ser independente.

12. Os grupos do sindicato no interior têm papel importante nesse sentido?

Delcimar Borin - Sim, na saúde, na questão dos direitos, da aposentadoria, enfim informações pro trabalhador e aí é diferente de município pra município. Onde não se tem um trabalho muito assim da área de informação com as mulheres e dependendo da cultura também, tu percebes que as mulheres são mais quietinhas, não se manifestam, não levantam a voz, elas se encolhem. Tem muito a questão cultural também nisso. Aqui também está mudando essa cultura. O quadro social nosso está quase meio a meio.

Gilmar Desconzi

1. Qual a papel da mulher rural?

Gilmar Desconzi - Hoje a mulher rural, na verdade, ela está participando de todo o processo. E isso, cada vez, a gente vem notando mais. Se nós pegarmos no SENAR, os participantes dos cursos, dos treinamentos, a maioria hoje já é mulher, tanto de produção, como de gestão, promoção social, no geral a maior quantidade é do público feminino. O SENAR criou alguns programas pra gestão rural voltados exclusivamente pra mulher. Nós temos um programa chamado Com licença, eu vou à luta, são cinco encontros um dia por semana onde trata toda a questão da gestão da propriedade, a questão da legislação, a questão ambiental, então todo o processo produtivo na parte da gestão, voltado exclusivamente para o público feminino esse curso. Foi idealizado até pela senadora Kátia Abreu que é a presidente da CNA e presidente do SENAR nacional e o curso piloto foi feito aqui no Rio Grande do Sul pensando na mulher participar mais ainda da gestão da propriedade. Porque a mulher é sempre mais detalhista e no controle da anotação, da documentação ela tem se mostrado muito mais eficaz do que o próprio homem em certos momentos. Então foi criado este programa, a gente fez o piloto no Rio Grande do Sul pro SENAR nacional e foi melhorado e hoje ele está a nível nacional, disponibilizado pelo SENAR nacional para todo o Brasil para a gestão da propriedade rural. E outros cursos que a gente tem também normais do SENAR que se adequaram à gestão.

2. A mulher começa a ter um papel de protagonista?

Gilmar Desconzi - Não só protagonista, lado a lado também com o homem, às vezes o homem está ficando mais com a parte pesada, vamos dizer assim, de tocar a lavoura ou tocar a pecuária e a mulher está se inserindo na questão administrativa, na gestão da propriedade. Isso a gente vem notando nos últimos anos um

incremento nisso. O que aconteceu no meio urbano hoje está indo pro meio rural também.

3. Quais são as características que levam a mulher a ter uma habilidade para a gestão?

Gilmar Desconzi - Ela é mais receptiva à inovação. Quando tu falas com o público masculino, às vezes, por ele já ter uma experiência ele é mais reticente, ele é mais difícil de aceitar as mudanças. E a mulher não. Talvez por ela não ter esse conhecimento mais aprofundado, na ânsia de buscar informações mais seguras, ela aceita mais as novas tecnologias.

4. E nesse cenário, como vocês percebem o papel do jovem rural?

Gilmar Desconzi - O que a gente está notando ainda é uma grande evasão, um êxodo rural dos jovens. Alguns locais até nos colocam que está ficando masculinizado o interior porque a menina vai estudar, arruma um emprego na cidade e não volta mais. E o guri que fica lá trabalhando às vezes, ou que faz um curso técnico e volta pra propriedade, ele fica solteiro porque hoje é difícil a mulher voltar. Então a gente tem notado isso ainda. Bastante evasão e bastante masculinização do meio rural.

5. Existe algo que poderia ser feito para reverter esse processo?

Gilmar Desconzi - Acho que sim. No momento em que jovem enxergar que ele poder ter a renda, ou pode ter melhor renda e qualidade de vida no interior do que na cidade, isso é o que vai determinar a permanência deles ou até o retorno.

6. Vocês têm programas específicos pra juventude rural?

Gilmar Desconzi - Temos. A gente tem feito palestras, a gente tem feito cursos motivacionais, de autoconhecimento, de motivação, de lideranças. Um programa novo que o SENAR começou ano passado e a gente tem trabalhado em cima dos jovens nisso. Procurar formar turmas de jovens pra fazer esses cursos.

7. Como está sendo a receptividade?

Gilmar Desconzi - Está começando a rodar. No início foi mais devagar, mas agora eles estão começando a enxergar que é vantajoso pra eles. Que aquela questão de só ir pra cidade, não é só isso.

8. Tem uma ilusão em relação ao que é a vida na cidade?

Gilmar Desconzi - Tem uma ilusão e, às vezes, o poder ainda está concentrado no pai e o filho está ali, mas ele não tem salário, ele está participando junto. Então a gente tem tentado mostrar isso para o produtor rural também que ele tem que começar a dividir essa renda com o filho que está na propriedade senão realmente ele não vai ficar, vai embora. No momento em que ele conseguir um emprego ele vai ter o salário dele por mês e vai fazer a opção por isso.

9. Em muitas famílias os filhos são empregados não remunerados?

Gilmar Desconzi - Exatamente, uma mão de obra barata e precisa mudar isso. Precisa mudar senão não vai ter sucessão rural. Por outro lado a gente vê algumas propriedades com mais tecnologia em que o filho vai estudar, faz um curso superior e volta, mas volta num outro patamar, até porque a tecnologia está favorecendo isso. As máquinas são melhores de operar, requerem conhecimento mais aprofundado, senão não opera. A qualificação do meio rural. Hoje tem colheitadeiras com tecnologia muito grande, coisa que um simples colaborador, se ele não tiver qualificação, ele não consegue operar, ou tirar o melhor da máquina no momento da colheita ou do plantio também. Hoje já está se falando também bastante em agricultura de precisão, são todas máquinas com bastante tecnologia e se não tiver qualificação...

10. Por que os jovens saem do campo?

Gilmar Desconzi - Eu acho que ainda é renda, questão de renda. Está começando também a chegar a Internet no interior, mas ainda é pouco. Isso precisa avançar mais. No momento em que ele tiver toda essa comunicação, essa rede de comunicação na propriedade, isso vai ajudar também.

11. Por que as jovens rurais saem mais do que os homens?

Gilmar Desconzi - Eu acho que é porque elas estudam mais. Elas vão mais tempo estudando do que o jovem masculino. Elas se qualificam mais e acabam indo embora.

12. E essa questão do trabalho na agricultura ser considerado mais pesado, sofrido, também dificulta?

Gilmar Desconzi - Ainda é, mas já está melhorando bastante. Melhorou muito nos últimos dez anos. Hoje as máquinas que se têm disponíveis, os financiamentos que se têm pra aquisição dessas máquinas pra facilitar o trabalho no campo são grandes. Está se colocando bastante maquinário que está facilitando o trabalho. Se a gente comparar há dez, quinze anos atrás, na produção de leite, por exemplo, ordenhadeira balde ao pé era só o que tinha ou nem isso, muitos produtores não tinham nem isso. Hoje ordenhas canalizadas e com resfriadores, a maioria dos produtores já tem. O que está facilitando a mão de obra.

13. Sobre a questão das tecnologias da informação, pelo que vocês verificam a Internet ainda está muito devagar?

Gilmar Desconzi - Poucos locais têm uma Internet de qualidade que possa ser trabalhada. O SENAR já tinha os cursos de informática básica, de Excel, nós os reformulamos no ano passado e os dois são voltados pra gestão rural, tanto a informática básica como o Excel. E hoje nós temos instrutores nossos que levam esses cursos pra o produtor. Está ficando mais fácil hoje de fazer esses cursos porque várias localidades têm os computadores. O SENAR também montou cinco salas digitais no estado, São Sepé é uma que tem então a gente faz de quatro a cinco cursos todo o mês, só pra produtores rurais de informática. Coisa que três

anos atrás não se fazia nenhum curso. Então a gente está conseguindo capacitá-los na informática também.

14 - Quais os benefícios que essas tecnologias podem trazer pro meio rural?

Gilmar Desconzi - Tudo que vier formar o conhecimento para o produtor é essencial e o acesso à informação também. Eu acho que é a principal porque hoje não basta só tu produzires, tu tens que saber comercializar principalmente. E as coisas mudam muito rápido. Às vezes o agricultor fica um mês lá fora, sem ir pra cidade, sem ter acesso à informação, as coisas mudam totalmente. E ele tendo Internet, ele tendo acesso, ele sempre tem essas informações todo o dia. Produtos novos, mala direta, hoje as fumageiras também estão capacitando e levando informações pra seus produtores rurais. A Souza Cruz financia computadores pra seus produtores de tabaco, paga a metade e metade o produtor paga e o SENAR está dando a capacitação. As outras fumageiras também estão pensando nisso porque, às vezes, o técnico sair da cidade, ir lá à propriedade pra levar uma informação ao produtor, manda via internet. Muito mais rápido, facilita também.

15. Para a família rural, para o jovem, esse também é um meio importante?

Gilmar Desconzi - Com certeza porque hoje o jovem quer informação, ele precisa estar ligado, é celular, é internet, é tudo isso aí. Não fica mais longe. E até se sente excluído se não tiver numa rede de Orkut, Facebook, então ele está procurando isso também.

16. Gostaria que o senhor falasse um pouco mais sobre os cursos de gestão direcionados para as mulheres.

Gilmar Desconzi - A receptividade está boa. A gente vem fazendo vários cursos. Em São Sepé a gente montou duas turmas de dez, vinte mulheres foram capacitadas, terminou agora no mês passado. Tupanciretã a gente já fez, Candelária a gente já fez, Santa Maria nós estamos programando mais três turmas também. Então estamos montando várias turmas e essas mulheres já estão inseridas na gestão da propriedade principalmente na propriedade média pra grande. Mas o curso é voltado até pra pequena propriedade também, não tem tamanho, se adapta a qualquer uma delas.

17. Mas na agricultura familiar isso também se aplica? Por que muitas vezes a decisão ainda é só do homem?

Gilmar Desconzi - Hoje já está lado a lado. Os próprios sindicatos vêm trabalhando em cima disso também, da inclusão da mulher nas atividades. Então hoje nas reuniões, os próprios sindicatos têm representantes de mulheres e de jovens nas diretorias. Tanto no Sindicato dos Trabalhadores Rurais como nos Sindicatos Rurais. Então está havendo uma inserção maior.

18 - O que o senhor projeta como o futuro da agricultura familiar?

Gilmar Desconzi - Se não houver uma capacitação do jovem e ele não tiver essa garantia de renda, como ele enxerga que tem no meio urbano, realmente ele não vai ficar, ele vai embora. A tendência é essas propriedades irem desaparecendo como já está havendo. Se andar pelo interior hoje, tu vais ver propriedades abandonadas. Tem uma propriedade em Agudo que eu conheço, tem cinco casas na propriedade e só uma sendo habitada. Os outros já foram embora. Venderam pra esse que ficou que está absorvendo as propriedades familiares. Ele está ficando maior, isso é o que está acontecendo. Por outro lado, tem alguns profissionais liberais que estão adquirindo essas propriedades e estão começando a produzir também. Está havendo até uma inversão. Uma aplicação de recursos do meio urbano no meio rural na propriedade rural.

19. O ritmo de trabalho das mulheres rurais é muito acelerado. Como vocês veem a questão da tripla jornada de trabalho?

Gilmar Desconzi - Falta tempo tanto para o homem como para a mulher. A mulher ainda é mais sobrecarregada. Mas, como eu te falei, o maior público que participa dos nossos cursos ainda é feminino. Então, mesmo assim, ela ainda acha tempo pra buscar conhecimento. No último ano ficou bem claro isso pra nós no SENAR, o público feminino foi o que mais participou.

20. Esse público feminino é de alguma idade específica?

Gilmar Desconzi - Bastante variada, mas o público geral do SENAR é acima dos 40 anos, a maior parte. Têm jovens, tem de toda faixa etária.

21. Como os cursos são viabilizados?

Gilmar Desconzi - Todas as entidades que estão ligadas ao produtor rural a gente chama de parceiro do SENAR. No caso, sindicatos dos trabalhadores rurais, Emater, secretarias de agricultura, das prefeituras, associação de produtores, cooperativas, esses parceiros que são encarregados de identificar junto ao público rural qual curso que tem necessidade e solicitar ao sindicato rural, no caso aqui de Santa Maria ou da região que abrange o curso que eles querem. O sindicato rural encaminha essa demanda pro SENAR em Porto Alegre, o SENAR analisa, aprova ou não e disponibiliza o curso.

22. Eles são gratuitos?

Gilmar Desconzi - Totalmente gratuitos. Os cursos do SENAR não têm custo do curso em si. Às vezes tem algum custo do material que vai ser usado no curso, dependendo do curso.

23. Como o senhor avalia a relação das mulheres com as tecnologias de informação?

Gilmar Desconzi - É cedo pra gente fazer uma análise mais criteriosa, mas a receptividade dela tem sido maior. Às vezes ainda a decisão não está na mão dela, ela está procurando conhecimento justamente pra ter argumento pra isso. Porque às vezes o marido diz: isso não dá certo. Mas ela tendo conhecimento aí ela pode

argumentar: dá certo porque é assim que funciona. Antes ela não podia dizer nada. Não dá porque não dá. Então a gente vê que a busca por informação é muito boa.

24. Antes a fonte de informação era o marido?

Gilmar Desconzi - Acontecia, por exemplo, curso de manejo da ordenha e qualidade do leite, vinha o homem para o curso só que quem fazia a ordenha mesmo lá era a mulher, na grande maioria. Aí começamos a perguntar: mas quem faz a ordenha? É a mulher. Então manda ela para o curso. Porque às vezes ele não levava totalmente a informação que ele recebia no curso. E isso tem mudado bastante. Quando a mulher vem ela aplica. O homem ainda vai pensar se vai aplicar. Mas a mulher não. Ela chega em casa e faz. O homem, o que ele achava que era possível, ele fazia. Mas ela aplica mais.

25. Como é lidar com essa resistência?

Gilmar Desconzi - Eu atuo na região há seis anos e no SENAR desde 98. O grande problema hoje é a mobilização de grupos para fazer os treinamentos. Embora a gente faça mais de cinco mil cursos no estado por ano, é bastante difícil a mobilização, porque a gente precisa ter um número mínimo pra participar dos cursos. Às vezes é difícil juntar esse mínimo. Às vezes aquele que mais necessita de informação é o mais reacionário de vir ao curso. A gente identifica em várias comunidades: aquele público lá tinha que vir, fazer o treinamento pra mudar um pouco, aplicar um pouco a tecnologia, melhorar a renda dele. Esse não vem. O que a gente nota é que aquele que começa a ter um pouco de conhecimento, ele tem mais sede por aquisição de mais conhecimento ainda. Porque ele começa a ver que aquilo que ele aprendeu e colocou em prática começa a ter resultado.

26. Os cursos são muito variados?

Gilmar Desconzi - Hoje nós temos 170 cursos em agricultura, pecuária, prestação de serviços em todas as áreas. Variam de carga horária também e de quantidade de público. A gente dá preferência que os cursos sejam sempre no interior pra facilitar a participação do produtor rural. É mais fácil o nosso instrutor ir até a comunidade do que todos virem. Os instrutores viajam o estado todo. Às vezes se faz o curso na cidade, por opção às vezes do produtor, porque tem muitos produtores que moram na cidade e tem a propriedade lá fora. Mas a grande maioria é no interior mesmo. Todos os cursos vêm de demandas dos produtores. Nós fizemos reuniões com os parceiros que pedem os cursos a cada sessenta dias em cada sindicato rural. Então a gente discute quais os cursos que eles querem, se é um curso que o SENAR dispõe ou se é um curso que o SENAR precisa criar. Quando começa a haver demanda por aquele assunto que o SENAR ainda não atende a gente vão então atrás de montar o curso, ou atualizar o curso pra que ele tenha aquele assunto.

27. Na questão dos cursos de informática eles foram direcionados pra gestão da propriedade?

Gilmar Desconzi - Exatamente. A gente já trabalha com planilhas focadas na produção: soja, milho, pecuária de corte, leite, enfim a atividade que ele desenvolve.

Porque muitos programas, quando vai adquirir programas de gestão, eles são muito complexos, às vezes tem muita informação ali que não é utilizada. A gente tem três níveis de cursos de gestão: tem o básico, bem simples, entrada e saída, vamos dizer assim; depois tem outro que é gestão nível 1, aí aprofunda a questão de capital, depreciação de patrimônio e tudo mais; e um terceiro que seria o nível 2 que já entra na questão de softwares, de planilhas mais apropriadas. Mas com esses três cursos ele consegue montar a sua gestão na sua propriedade.

28. A gestão é uma realidade nas propriedades?

Gilmar Desconzi - Ela é muito inicial ainda. Tem produtor que nos diz que se calcula os custos não planta. Então não plante, porque se é pra ter prejuízo não plante. Então ainda tem muita coisa para a gente trabalhar. O caminho é longo ainda na questão da gestão, na profissionalização do produtor como um todo. Eu estava em um curso em Jacuizinho, lá perto de Salto do Jacuí, justamente conversando sobre isso com os produtores de leite: se tu não sabes quanto que a vaca produz de leite por dia, se tu não medes isto, como tu vais saber se a ração que tu vais dar pra ela é vantajosa ou não, se ela merece ter ração, se ela dá retorno comendo ração. Então tudo é uma questão de profissionalização, de controle, de gestão do negócio. Se não tiver isso, está no vento, uma hora dá lucro, uma hora dá prejuízo. Apesar de tudo o que se fala, mas às vezes o que se fala não chega lá naquele produtor, pequeno agricultor, de agricultura familiar, principalmente. A gente está vendo também a questão do endividamento da agricultura familiar, coisa que não tinha antigamente. Os programas são bons de aquisição de maquinário, até a gente vê propriedades que às vezes não precisavam trocar de trator, trocaram porque tinha o financiamento. Mas como é que tu vais pagar depois? Então não estão fazendo essa conta também. O endividamento está crescendo no meio rural por falta justamente de gestão do negócio. Se ele tivesse a gestão bem feita, ele ia ver se era necessário adquirir aquele novo equipamento.

29. Talvez entre aí a importância da mulher na gestão?

Gilmar Desconzi - Se a mulher assumir essa parte como em algumas propriedades já vimos, a propriedade está indo melhor. Porque eles estão começando a discutir isso em casa, coisa que antes não era nem discutida. Tem que ser realmente parceiros. Eu sempre digo que, se num curso a gente conseguir mudar a forma de eles pensarem, a coisa começa a andar, às vezes muito mais do que a técnica que estamos passando pra eles. Mas se começar a pensar diferente, aí vai embora. Aí ele busca mais informação e começa a aplicar corretamente e ver os resultados. Esse é o nosso trabalho. Levar essa informação. Não é fácil. O principal de tudo é enxergar que pode ter uma renda. A gente vê vários exemplos. O SENAR ano passado colocou na Expointer produtores que buscaram conhecimento através do SENAR de cursos e começaram a aplicar isso nas propriedades deles e transformaram as propriedades deles. Hoje são lucrativas, são eficientes. Então a gente está também buscando essas pessoas e cada vez mostrando para os outros produtores como se fossem unidades demonstrativas. Olha, lá tem esse produtor que buscou a informação, aplicou e hoje está produzindo bem, apesar de todo o mercado, das inseguranças, das oscilações que o mercado tem.

30. Como o SENAR verifica a possibilidade de atividades não agrícolas no meio rural?

Gilmar Desconzi - O que o produtor sabe fazer é produção agrícola. O que falta é a questão da gestão dele. Outras opções? Tem a questão do turismo rural, nós estamos fazendo várias turmas no estado, na minha região a gente fez várias e propriedades que estão somando o turismo rural. Não deixa a produção, até porque uma região em que nunca se falava em turismo e, de repente começa a falar em turismo, ele é lento, não é de uma hora pra outra que vai ter uma renda só do turismo. E nem é isso que o SENAR quer. A gente quer que ele continue fazendo a atividade dele e que abra a propriedade para o turismo e aí o jovem pode ficar, pode somar também, fazer a recepção, a mulher também muito mais do que o homem. Ou o homem também junto. Não quer dizer que tem que separar. Mas eu acho que todos na família podem juntar o turismo rural com a produção.